

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ASPECTOS DE UM TRICKSTER?

UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE LOKI NA EDDA EM PROSA E EDDA POÉTICA

GLEZIA ALVES DE MELO

JOÃO PESSOA, PB

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ASPECTOS DE UM TRICKSTER?

UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE LOKI NA EDDA EM PROSA E EDDA POÉTICA

GLEZIA ALVES DE MELO

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências das Religião da Universidade Federal da Paraíba como requisito para fazer título de Mestre em Ciências das Religiões. Linha de Pesquisa: Abordagens filosóficas, históricas e fenomenológicas das religiões.

JOÃO PESSOA, PB
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M528a Melo, Glezia Alves de.

Aspectos de um trickster? Um estudo comparativo sobre Loki na Edda em prosa e Edda poética / Glezia Alves de Melo. - João Pessoa, 2023.

162 f. : il.

Orientação: Jhonni Langer.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Mitologia nórdica - Loki. 2. Loki - Trickster. 3. Mitologia comparada. 4. Edda de Snorri. I. Langer, Jhonni. II. Título.

UFPB/BC

CDU 2-264(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

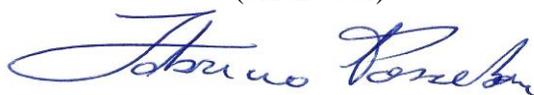
ASPECTOS DE UM TRICKSTER?
UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE LOKI NA EDDA EM PROSA E EDDA POÉTICA

GLEZIA ALVES DE MELO

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas:



Johnni Langer
(orientador)



Fabrício Possebon
(membro-interno PPGCR)

Documento assinado digitalmente



PATRICK ZANON GUZZO
Data: 02/08/2023 12:48:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Patrick Zanon Guzzo
(membro externo/UFF)



Leandro Vilar Oliveira
(membro externo/UFPB)

Aprovada em 28 de julho de 2023

*Ao meu avô,
José Alves de Melo,
meu amado beija-flor verde,
deixas saudades.*

AGRADECIMENTOS

Existem diversas pessoas a quem devo ser grata nesses dois anos intensamente árduos e desafiadores em minha caminhada... Foram dias, meses e anos de jornadas duplas, eu até diria triplas em busca de algo desejante para mim: o conhecimento. Então, para falar de gratidão começarei pela minha família: meu querido pai Jailson Alves de Melo, meu amado irmão Rully José Alves de Melo, meu amado filho Esdras e ao meu companheiro e super pai, Gabriel que se manteve bastante compreensivo e colaborativo nessa empreitada. Agradeço ao meu avô, José Alves de Melo, mesmo não estando mais entre nós, sei que os teus ensinamentos foram responsáveis pela minha teimosia, insistência e persistência em desatinar o que buscamos na vida, serei eternamente grata pela sua força e vigor de um verdadeiro nordestino.

Gostaria também de agradecer as minhas poucas e sinceras amigas as quais cultivo e permaneço fiel a todas elas. Primeiramente a minha amiga de alma Renata Luiza por sempre ser abrigo, carinho e proteção para mim em momentos ímpares. Agradeço também a Rafaela Barros, pois sem os seus incentivos as ideias não teriam florido tão rapidamente de maneira fluída, minha gratidão. Agradeço a Jorge Gomes, pois desde o início desse desafio nos unimos juntos e transmitimos forças recíprocas no desbravar dessa grande vontade em aprender um pouco mais. Agradeço também a Marília Bezerra, uma grande colega de trabalho e amiga a qual se mostrou compreensiva nesses dois anos em me incentivar a estudar e gerir o trabalho: sem sua compreensão e apoio não seria possível.

Agradeço também a uma grande amiga que ganhei do grupo NEVE, Thais de Matos Barbosa. Não tenha dúvidas, você foi uma grande luz que apareceu no meu caminho. Sou grata por todas as coisas aprendidas e pela boa e sincera amizade que estamos desenvolvendo. Agradeço também a Leandro Vilar, que me ajudou desde a qualificação até a defesa, uma pessoa simples, paciente, bondosa e detalhista. Sem os seus detalhes o que seria de mim?! Meu muitíssimo obrigado. Agradeço ao Victor Hugo Sampaio que desde do início me orientou e me enviou bibliografias para que a pesquisa caminhasse, além de sempre mostrar disposição para ajudar, minha gratidão Victor, és referencial para tantos de nossa área porque é possível a psicologia se movimentar por múltiplos caminhos. Somos prova viva. Agradeço a todos os colegas do grupo NEVE, graças a vocês encontrei diversos tesouros em meio a tantas leituras dos verbetes e artigos.

Agradeço ao meu orientador Johnni Langer, ele especialmente me amparou por todos esses dois anos me indicando possibilidades, incentivando, sugerindo e encontrando novas estratégias no decorrer da pesquisa. Johnni Langer é uma das pessoas mais brilhantes que já conheci em forma de um ser humano simples e com boa vontade para ajudar aqueles que se esforçam. Obrigada por ter sido um grande professor e pela confiança no meu trabalho. Agradeço à sua esposa, a professora Luciana de Campos, sempre me mostrou amizade, acolhimento, bondade e reciprocidade. Uma grande e admirável mulher de um coração imensurável.

ASPECTOS DE UM TRICKSTER?
UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE LOKI NA EDDA EM PROSA E EDDA
POÉTICA

RESUMO: Loki é considerado uma das figuras mais emblemáticas, caóticas e alegóricas nas narrativas do século XIII apresentando diversos desafios as suas possíveis compreensões no estudo em mitologia nórdica. O objetivo dessa pesquisa visou analisar as fontes primárias antigas (pré-cristãs) e compará-las com as fontes da *Edda* de Snorri com o objetivo de entender os mecanismos do mito transmitido na sociedade sobre a divindade do Loki pré-cristão em suas múltiplas variações: suas ações individuais e com os outros deuses dentro do mito, no objetivo de elencar os principais recortes mitológicos, histórico-culturais e no contexto da sociedade pré-cristã sobre as aproximações nas atitudes dessa divindade. Com isso, foram elencadas as aproximações das suas características dentro das fontes primárias e fomentá-las as análises mitográficas mais recentes, visando abranger como se sobrepõem os aspectos dos papéis desta figura mítica entre as fontes clássicas (*Eddas*) e os estudos contemporâneos (mitografias). Oferecendo como pressuposto, o material metodológico apresentando por Schjødt com as críticas essenciais e apontamentos sobre o mecanismo comparativo (qualitativo) dentro das análises das narrativas míticas de Loki. Sobretudo, especificadamente, utilizamos a metodologia do próprio autor da comparação em sua forma interna, portanto, Loki foi comparado com os elementos dentro da visão de mundo, ou seja, dentro do imaginário pré-cristão. Com isso, propomos uma demonstração da visualidade dos aspectos míticos pré-cristãos de sua divindade e algumas compreensões recentes sobre Loki sendo apresentados como elementos descritivos na análise comparativa ligando esses pontos dentro das relações com a sociedade sendo essa quem molda o mito.

Palavras-Chave: *Eddas*; Loki; Mitologia Nórdica; Mitologia Comparada e Trickster.

ASPECTS OF A TRICKSTER?

A COMPARATIVE STUDY ON LOKI IN THE PROSE EDDA AND POETIC EDDA

ABSTRACT: Loki is considered one of the most emblematic, chaotic and allegorical figures in 13th century narratives, presenting several challenges to its possible understandings in the study of Norse mythology. The objective of this research aimed to analyze the ancient (pre-Christian) primary sources and compare them with the sources of Snorri's Edda with the aim of understanding the mechanisms of the myth transmitted in society about the divinity of pre-Christian Loki in its multiple variations: his individual actions and with the other gods within the myth, with the aim of listing the main mythological, historical-cultural aspects and in the context of pre-Christian society about the similarities in the attitudes of this deity. With this, the approximations of his characteristics within the primary sources were listed and the most recent mythographic analyzes were encouraged, aiming to cover how aspects of the roles of this mythical figure overlap between the classical sources (*Eddas*) and contemporary studies (mythographies). Offering as a presupposition, the methodological material presented by Schjødt with the essential criticisms and notes on the comparative (qualitative) mechanism within the analyzes of Loki's mythical narratives. Above all, specifically, we used the methodology of the author of the comparison in its internal form, therefore, Loki was compared with the elements within the worldview, that is, within the pre-Christian imaginary. With this, we propose a demonstration of the visibility of the pre-Christian mythical aspects of his divinity and some recent understandings about Loki being presented as descriptive elements in the comparative analysis linking these points within the relationships with society, which shapes the myth.

Keywords: *Eddas*; Loki; Norse mythology; Comparative Mythology and Trickster.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1. AS LINGUAGENS RELIGIOSAS.....	11
1.1 As linguagens da história das religiões.....	13
1.2 Mitologia comparada.....	16
CAPÍTULO 2. OS NÓRDICOS E SEUS MITOS.....	21
2.1 Os escandinavos, seu espaço, tempo e cultura.....	21
2.2 Contextualizando a mitologia nórdica.....	27
2.3. Apresentação das fontes escritas da mitologia nórdica.....	32
2.4 As mitografias sobre Loki.....	41
2.5 Loki um trickster.....	48
CAPÍTULO 3. LOKI NAS FONTES LITERÁRIAS NÓRDICAS.....	53
3.1. Loki segundo a Edda Poética.....	53
3.2. Loki segundo a Edda em Prosa.....	81
3.3. Análise das fontes primárias.....	108
3.4. Trapaceiro.....	113
3.5. Sarcarmo.....	119
3.6. Comicidade.....	121
3.7. Fluidez de gênero e forma.....	122
3.8. Figura associada ao xamanismo.....	125
3.9. Gerador de ordem e caos.....	127
3.10. Amoralidade.....	134
3.11. Persuasão.....	136
3.12. Alimentação.....	138
3.13. Vingança.....	142
3.14. Castigo.....	145
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
5. REFERÊNCIAS.....	147

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Figura 1: Tabela 1. correspondente as narrativas por capítulo.....	108
Figura 2: Tabela 2. correspondentes as <i>Eddas</i> : Prosa e Poética	108
Figura 3: Gráfico 1. análise da <i>Edda</i> em Prosa.....	109
Figura 4: Gráfico 2. análise da <i>Edda</i> Poética.....	109
Figura 5: Gráfico 3. método comparativo.....	110

INTRODUÇÃO

Conforme fui me deparando com algumas leituras em mitologia nórdica, percebi o quanto o campo das religiões pré-cristãs Escandinavas me trazia questionamentos e dúvidas a respeito de uma figura que se mantém em ordem ambivalente, alegórica e emblemática: Loki, o suposto trickster da Mitologia Escandinava. Langer (2015, p. 281), retrata-o, como a figura mais enigmática e controversa em meio ao mundo nórdico. Loki é associado à figura do fogo (*lodurr*), chama (*logi*), é um gigante que vive entre os deuses Ases, sendo o seu pai Fárbauti e sua mãe Laufey ou Nál. É importante considerar que Loki possui uma natureza controversa: por muitas vezes nas fontes, ele é visto como um gigante, em outras vezes, ele é percebido como um deus que vive em Asgard com os outros Aesir indicando que as próprias fontes o descrevem como uma figura ambivalente e confusa.

Loki é um ser mitológico controverso, as fontes sobre sua origem familiar são dúbias, sendo descrito tanto como um gigante, quanto como um deus. Loki possui vários filhos como o lobo Fenrir, Hel, e a serpente Jormungand, os três gerados com a gigante Angrboda. Há também, Sigyn, sua esposa, que permanece fielmente ao seu lado, principalmente no seu castigo, com ela Loki possui dois filhos: Nari e Narfi. Em muitas das suas narrativas Loki é visto apenas como um trapaceiro trazendo problemas e desordem, mas também, organiza e colabora nas empreitadas conjuntamente aos Aesir, contemplando ainda mais sua significância liminar e circunspecta. surgem traços dentro das suas nuances que necessitam serem analisados a respeito de sua figura: ora gigante, ora deus, conhecido por ser a figura enigmática do panteão nórdico. (LINDOW, 2001, p. 216-217).

Diante de uma leitura analítica inaugural sobre Loki e seus desenvolvimentos nas fontes pré-cristãs do século XIII, objetivando conhecer as relações dos deuses e gigantes e suas associações com a ordem e o caos, não há uma simbolização de bem e mal, na inferência de proporcionar um contexto dicotômico, mas sobretudo, uma possibilidade de interrelação, elemento este, possibilitador de participação e vincularidade do deus Loki entre os Aesir.

A narrativas de Loki são encontradas na poesia e prosa literária no século XIII, funcionando como elemento basilar para as possíveis compreensões sobre ele, ora ajudando na proteção dos deuses (na reconstrução de Asgard) ora participando de sua destruição (na morte de Baldr e no Ragnarök). Portanto, a anuência de Loki como um dos Aesir e sua descendência dos gigantes (representantes, respectivamente da ordem e do caos) fazem do deus-gigante um considerável objeto de análise para tais concepções das religiosidades nórdicas pré-cristãs. Desse modo, delinea-se uma perspectiva das possibilidades contidas nas histórias intrépidas e na elaboração dos significados nas narrativas da

mitologia nórdica, deixando como principal meio de análise para esse estudo, as fontes da *Edda em Prosa e da Edda Poética*, tendo como principal objetivo qual caráter a figura de Loki apresenta. (PALAMIN, 2013, p. 1-12).

Reiteramos que esse é um primeiro contato da temática de Loki com o curso de Ciências Humanas e Ciências das Religiões no Brasil, foi pretendido nessa pesquisa, desenvolver um entendimento da figura mitológica de Loki nas fontes primárias do século XIII em consonância a uma compreensão do seu panorama mitológico com as análises teóricas correspondendo as mitografias clássicas sobre a deidade, enfocando principalmente os símbolos de uma figura ainda não desenvolvida como dissertação no campo de Ciências Humanas e Ciências das Religiões no Brasil.

Com o objetivo de colaborar com os estudos sobre Loki e desenvolver novas possibilidades sobre os estudos nórdicos no Brasil, com a expectativa que surjam novos trabalhos a esse respeito, propomos desenvolver análises no contexto histórico e nas narrativas que compõem as principais fontes sobre esse personagem. Nesse intuito partimos da seguinte problemática: Loki é considerado um ser puramente perverso? Ele possui as mesmas características e comportamentos nos mitos entre as fontes do século XIII? Ou estaria associado a novos aspectos dentro do conteúdo mítico pré-cristão?

Partindo dessa problemática, nosso objetivo geral foi abordar as fontes primárias da *Edda em Prosa e da Edda Poética* no intuito de identificar as características de trickster presentes em Loki e como elas se relacionam nas diferentes narrativas as quais ele se insere, procurando identificar se haveria padrões de comportamento para suas ações, ou se em cada mito analisado ele possuiria características independentes.

Dentre os objetivos específicos, num primeiro momento foi perscrutado uma análise diante dos aspectos de um trickster a Loki sendo apresentados alguns estudos a respeito dessa ligação. No segundo objetivo, analisamos quais seriam os símbolos associados a Loki: seus comportamentos, ações e paralelos. E como terceiro e último objetivo, traçamos um paralelo entre mito, religião e sociedade, procurando identificar se as ações de Loki poderiam ter algum reflexo a partir das crenças religiosas ou sociais.

Para realização desse estudo, recorremos a História das Religiões e a Mitologia Comparada, tendo como aporte metodológico o método comparado proposto pelo escandinavista Jens Peter Schjødt. O qual apontou que é necessário ter em mente que as visões de mundo sobre as religiões e os mitos são em muitas das vezes extremamente vinculadas as crenças monoteístas e a opinião de que os mitos seriam meras “histórias fantásticas”. (SCHJØDT, 2017, p. 18).

É importante ressaltar que essa pesquisa é a primeira sendo desenvolvida no campo das Ciências das Religiões e Ciências Sociais no que tange os estudos pesquisados no Brasil. Não existem trabalhos

de pesquisa sobre Loki nas Ciências Sociais e Religiosas em uma categoria nacional, os únicos estudos são delimitados a área de História previamente. Portanto torna-se um novo objetivo de possibilidades em buscas de estudo e pesquisa as ciências das religiões. Portanto, é imprescindível afirmar que existem pesquisas com o tema de Loki, entretanto, o gênero em questão, possui um cunho mais histórico, não tendo predominância religiosa. Diante dessa afirmativa, alguns pesquisadores desenvolveram artigos sobre Loki para uma possível iniciação de novos pesquisadores no interesse referente ao aesir como um trickster nórdico, em perspectiva aos estudos brasileiros nesses trabalhos são apresentadas riquezas materiais primordiais ao tema que abrange a mitologia nórdica. No entanto, suas pesquisas são do campo da história como relatamos anteriormente, pensando no campo das ciências das religiões principalmente, não existem trabalhos com a temática de Loki: Esse será o primeiro estudo a ser desenvolvido enquanto pesquisa acadêmica no campo de ciências das religiões.

Dessa forma a dissertação foi construída e organizada da seguinte forma. No primeiro capítulo, uma contextualização teórico-metodológica sobre a linguagem religiosa, a história das religiões e o método comparado de Schjødt para o estudo da religião e da mitologia. No segundo capítulo, apresentou-se alguns aspectos específicos sobre o contexto histórico-social da Era Viking explicitando os mitos se desenvolveram e se manteriam na sociedade pré-cristã. E no terceiro capítulo, foi feita a análise comparada das narrativas das *Eddas* específicas a Loki, em que apresentamos nossas respostas e considerações a problemática e objetivos apontados.

1. CAPÍTULO: AS LINGUAGENS RELIGIOSAS

A linguagem é elemento constitutivo no desenvolver de nossa evolução humana. Como existir sem haver comunicação? Existe essa possibilidade? A nossa ânsia em buscar a compreensão de quem somos, qual é nossa origem, para onde vamos é, sobretudo, um dos elementos integradores da existência humana. Sem eles, não haveria a busca pelos elementos religiosos, desde muito cedo, o homem busca compreender o sentido das coisas e, a partir disso, são feitas indagações há bastante tempo.

Portanto, sem a sutileza da linguagem não haveria religião. Com isso, elucidamos ainda em consonância a religião sua relação tensa com a linguagem, não é incomum, que os sujeitos religiosos descrevam eventos sobre suas experiências religiosas como sendo incomunicáveis. E, de fato, os fenômenos religiosos como o êxtase religioso, são acompanhados como limites da linguagem na sua apreensão. “A linguagem religiosa haverá um afastamento bem distanciado da vivência religiosa, uma fenda entre esses dois campos, pois, a linguagem em seu âmbito de valor, não possibilita a tradução propriamente dita da experiência, tornando-se assim, lugares ocupados e com significados, mas também com uma lacuna verossímil”. (NOGUEIRA, 2013, p. 443).

Ainda trazendo mais algumas percepções sobre a origem das linguagens religiosas, Brito (2013), reverbera um considerável hiato entre linguagem e experiência religiosa, uma se mantém distante da outra, a linguagem se torna impossibilitada na descrição propriamente dita do fenômeno. No entanto, essa linguagem que se mantém distanciada e perene, é a mesma que contracena com o viés da experiência religiosa, atribuindo a ele uma variabilidade de formas de expressões, como por exemplo: a forma oral, escrita, visual e até mesmo nos dias atuais as performances contemporâneas dos próprios ritos.

Diante dessa afirmativa, fica mais clarificado que as palavras têm uma dimensão simbólica, ou seja, há sobretudo, valor, sentido em sua inscrição. Boyd (2009), retoma que, a linguagem traria a dialógica entre as comunidades e como função reflexa, colaboração e benefícios aos públicos, que podem escolher qual poderia ser sua base além das possíveis ações do cotidiano, possibilitando solvência e troca social. Essa linguagem a qual está sendo evidenciada tem como objetivo a tarefa de relativizar, manter os sentidos para além do geral, desta forma, o indivíduo consegue sair de si mesmo e existir com o pertencimento naquilo ao qual foi simbólico para ele, através do campo da linguagem.

Entretanto, para definir a linguagem religiosa é necessário a explanação da conceituação do que seria religião em nosso universo contemporâneo. Em primeiro lugar, devemos elencar a natureza

do termo ‘religião’, o qual, advém da raiz latina que se desenvolve na Europa no final da Antiguidade até o século XIX. Esse termo, está atrelado a palavras do latim, como: ‘*religio*’, ‘*religare*’ e ‘*religionis*’. A partir do século XIX, a religião passa a ser compreendida como um sistema ou conjuntos de crenças de caráter sobrenatural, divino e transcendental, podendo ser estruturado ou não, podendo ser um saber revelado ou restrito a iniciados. No entanto, em boa parte do tempo, só era considerada religião, aquela que possuísse divindades, cleros, templos, livros sagrados, doutrina e dogma, se não houvessem essas qualidades, não poderia ser considerada a priori uma religião. Seria, portanto, apenas um pensamento mágico-religioso, no qual determinado povo ou pessoa acreditava como elemento de crença. (OLIVEIRA, 2020b).

Os conceitos atuais da definição de religião como um fenômeno social, cultural e psicológico, explicam a conexão das pessoas com o sagrado, apresentam doutrinas e crenças sobre o divino. Esses conceitos são imbuídos na Antropologia, Sociologia e Psicologia. Entretanto, existem também conceitos específicos a serem usados em caso de haver falta de definição ampla para contemplar formas desejáveis sobre a definição e a diversidade do que venha a ser religião. (OLIVEIRA, 2020b).

Do mesmo modo que havia religiões existentes no Cristianismo, ou no Islamismo, existiam as religiões pré-cristãs na Escandinávia, não havendo centralmente, um nome específico para esses tipos de formatações religiosas. Segundo o historiador da religião Jan Assmann, existiriam dois tipos de religiões, sendo essas: a religião primária e a religião secundária. O primeiro tipo, estaria conectado as memorizações por meio de performances rituais, tendo uma relação intensamente aproximada da cultura, sendo difícil distinguir, o que seria uma coisa e outra. Entretanto, o segundo tipo, se compreenderia a separação entre cultura e religião, pois, o sujeito pode fazer parte da cultura, sem que haja o compartilhamento das mesmas configurações religiosas, nas quais, os outros membros da sociedade assumem como escolha de dogma. (SCHJØDT, 2017).

Ainda sobre a afirmativa de Schjødt (2017), as religiões secundárias, estariam em caminho contrário a essa movimentação. Sabendo disso, é perceptível que as religiões primárias não teriam um dogma central relativo a suas crenças, porque não tendo uma centralidade de uma preferência religiosa, não haveria certamente, uma adesão de credo religioso único. Portanto, a Religião Nórdica Antiga, ficaria como sendo do escopo primário, levando em conta, a sua não polarização ou centralidade de uma determinada religião.

Deixando mais claro essa separação teórica, as religiões primárias não carregariam a necessidade de possuir dogmas relativos as suas crenças, não haveria sobretudo, autoridades centrais e abertura para várias nuances de dogmas, diferentemente das religiões secundárias. A sociedade pré-cristã, não possuía escritos canônicos, não havia desenvolvimento da escrita. Com isso, se torna bastante complexo falar em religião pré-cristã, pois, esses povos estavam imersos dentro de várias

tradições de credo, havendo assim, uma tradição discursiva de um conjunto incoerente de noções práticas que variavam de lugar a lugar, além de ser mutável no que se compreende cada noção de experiência para cada indivíduo. (SCHJØDT, 2017).

Schjødt (2017) continua expressando sobre o compartilhamento de experiências dentro de diversos sistemas de crenças, em diferentes culturas, ou dentro do espaço discursivo, não delimita limites. Este mesmo sistema de crenças se encontra, todavia, aberto a múltiplas interações entre outras pontes exteriores. O importante em estudar as formas de como esses elementos comparativos dentro de como o contexto religioso funciona, se enfoca em perceber as similitudes ou diferenciações dentro da religião pré-cristã. Por fim, é importante perceber que não há como compreendermos o mesmo tipo de sistemas de crenças em comum.

Os textos religiosos que provêm de uma tradição estão ligados ao fluxo proveniente dessas mesmas tradições. Essas comunidades religiosas têm em sua essência a autoridade, mesmo em sua forma divergente. Por outro lado, os outros tipos de fontes, estão relacionados aos documentos históricos-religiosos que predizem algo sobre essas religiões. Uma dessas fontes indiretas não tendo o valor puramente sagrado ou menos religioso – se incitam no âmbito de um grupo social estudado, trazendo conceitos concretos sobre os desenvolvimentos histórico-religiosos. (HOCK, 2010).

Os textos em suas formas orais, também são considerados sagrados. Pois, mesmo sendo transmitidos ao longo de suas tradições, estão em uma determinada fase dessas tradições. Esses textos encontram-se registrados nas religiões ágrafas. Sobretudo, são transmitidos por um conhecedor religioso, no qual, possui um tempo crucial nessa forma de levar o saber de um tempo para o outro. As tradições orais, não possuem um valor menos confiável do que a sociedade escrita. Todos os dois tipos precisarão de uma revisão do material, sendo oral ou não. Além de todas as modificações serão percebidas de forma parcial por uma forma comparativa de suas variáveis presentes.

Em consonância ao exposto, considera-se que “as expressões da religião são muitas e falam muitas linguagens, algumas, inclusive, às margens, como um pé na religião e outro na arte”. (BRITO, 2013, p. 439). Sobretudo, partir dessa afirmação, se faz necessário ressaltar os fatores do nosso campo enquanto pesquisa. Tanto no que se ouve, quanto na forma como ecoa um barulho que nos delimita, mas também, nesse barulho identificamos uma definição que se objetiva em não concentrar tudo em uma mesma linha, ela se alavanca para outros contextos sem delimitações.

O campo das Ciências das Religiões tem como objetivo compreender esses recursos linguísticos das mais variadas formas de expressões religiosas, desafiando assim, a investigação de como as linguagens podem estruturar as religiões. Deacon (2009), descreve como essas formas de expressão podem ser primárias ou superiores, coloca-se em um padrão emergente em sua constituição, pois, as

emoções são evoluídas e estupendas diante da experiência pessoal, tendo em vista, os aspectos mais dinâmicos da vida em sua espiritualidade.

Segundo Nogueira (2013) há também, uma problematização significativa e tenra da religião, ou seja, existe uma relação instável com a linguagem, pois esses, ensaios, são de cunho subjetivo, pessoal, intimamente vivenciados pelo sujeito apresentando paradigmas indizíveis. Alguns destes também, são vivenciados pelo êxtase religioso que se faz um limiar ainda tênue com a linguagem, devido a peculiaridade de como descrever tal experiência. É importante concluir dizendo que, tudo começa pela linguagem. Esta é a principal forma de comunicação entre os indivíduos, a comunicação une as dimensões através dos gestos e cotidianidades peculiares a cada sujeito.

Por fim, concluimos afirmando que, sem comparação, não se pode pensar em estudos em religião, até porque pensar em comparar, intenciona saber que a religião está imersa na cultura e que toda e qualquer unidade cultural é constantemente um trecho de uma unicidade maior. Além de sabermos que as cosmovisões religiosas estão atreladas a tradição e, portanto, delineiam as unidades sociais que por muito tempo, ficaram esquecidas, mas permanecem a moldar os espaços míticos e as suas estruturas rituais, em novos lugares, novos tempos e também previamente, com novas intenções.

1.1 As linguagens da história das religiões

As formas de entendimento sobre o conceito e a possível definição da história das religiões, começa a ser compreendida através dos delineamentos históricos internos de cada realidade social, ou seja, é necessário visualizar o particular como principal elemento na compreensão da sociedade para que assim seja compreendida a realidade social ampla. Toda e qualquer religião tem a condição de transmitir o interesse de alguma configuração em sua cultura sobre determinada doutrina de fé, costumes, tradições dentro de um determinado contexto religioso. O estudo em história das religiões apoia-se nas ciências paralelas como: sociologia, etnologia, entre outras. (HOCK, 2010).

O termo história da religião, pertence as fontes das histórias europeias por volta do século XVII, portanto, trazia à tona o desenvolvimento da história da religião judaico-cristã. Todas as demais religiões, estariam em esquemas geográficos, cultural-históricos, entre outros. Já no fim desse mesmo século, foi utilizado por religiões extra cristãs, além de ter seu termo técnico-científico, visando descrever como disciplina “Comparativa da Religião” ou “Ciência da Religião”, como nomes utilizados no século XX, até os dias atuais. Esse mesmo termo, explicita as descrições de religiões do passado, mas também, a história não é um período longo por assim dizer, porque a longitude temporal está para além das coisas retrógradas, continua-se descrevendo as constâncias, ou seja, o agora como tempo de investigação. Portanto, não é apenas o passado que passa a possuir valor crucial no campo

de história das religiões, sobretudo, é primordial lembrar que o presente é imprescindível nessa condição. (HOCK, 2010).

O estudo no mundo ocidental sobre as religiões tem com seu início meados do século XIX, tendo como base direcionais de abordagens teóricas a Antropologia, Etnologia, Filologia. O orientalista responsável por iniciar os estudos acerca da religião comparada foi Max Müller, conhecido por traduzir o *Upanishads*, texto sagrado da cultura Hindu. A teórica ainda reafirma que o século XIX é conhecido por demarcar as primeiras noções do cientificismo no polo ocidental como a teoria Darwiniana, publicado o livro em 1859, com o título de *Origem das Espécies*, com isso pressupõem que houve um rompimento no estabelecimento dos pensamentos religiosos (judaico-cristão), além de eventos históricos importantes nessa repartição como a Reforma Protestante (XVI), e o Iluminismo (XVIII). (BELLOTTI, 2011).

Sendo assim, a história das religiões tem como centralidade descrever a amplitude das religiões e todo o seu delineamento histórico. Em especial, a explicação da história religiosa pelo seu interesse para um determinado sistema de crenças, possuindo assim, uma configuração religiosa que se debruça em múltiplas formas de religião em um mesmo sistema. Enquanto isso, a história da religião particular, ou seja, aquela religião institucionalizada, abrange o desenvolvimento e a construção histórica da religião: essa ciência, tem como objetivo a autodescrição, ou seja, a apresentação entre as sentenças de fé – a diferenciação do discurso religioso e o científico religioso de formas individualizadas. (HOCK, 2010).

Outros fatores para pensarmos em compreender a religião como objeto científico nas suas causalidades históricas reportam-se a Revolução Francesa e o Período Napoleônico, movimentos históricos que marcam a secularização irreversível, inspirando a independência das colônias Hispânicas na América Central e do Sul, com essas consequências, a religião como instituição perde alguns privilégios e propriedades que provém do seu sistema educacional. Portanto, na esfera ocidental a religião perde um pouco do seu espaço, mantendo uma abertura maior a ciência, sendo esta percebida como movimento a pesquisa, sendo prescrutada e analisada em suas múltiplas formas de causalidade humana e natural. Com a tomada da dessacralização, a ciência passa a ter um terreno para iniciar seus questionamentos sobre a religião como objeto de pesquisa. Entretanto, alguns antropólogos da religião como Taylor e Eduard Burnett consideravam a religião. (BELLOTTI, 2011).

É cabível afirmar, que a história das religiões se preocupa com o contexto histórico, a partir de onde encontram-se as fontes que estão disponíveis para sua dinamização de informações – essas descrições não definem tudo em sua totalidade, entretanto, permanecem possibilitando interação entre fontes e aqueles que as buscam, sendo o pesquisador um construtor de informações. Além de tornar esse campo de estudos um lugar de questionamentos aos instrumentos, critérios, categorias e também

de sua “metalinguagem” na pesquisa. É, portanto, necessária reflexão e problematização das formas críticas. O papel de construtor será a todo o momento, a interação com as fontes religiosas questionado continuamente. (HOCK, 2010).

Com a virada do século XX, a Escola Italiana das Religiões afirmava que a fenomenologia da religião considerava o “sagrado” e o “profano” como um conceito real da sociedade humana. Seria, portanto, a “essência do homem religioso presente em todo e qualquer indivíduo”. Essa teoria continua a se desenvolver em torno de 1920 e 1950, conhecida pelo nome de abordagem histórico-cultural bastante legitimada entre os estudos científicos, sobretudo, em torno do período de 1970-1980, uma nova abordagem chamada nova história cultural aparece com as perspectivas da escola Italiana e possibilita uma nova problematização complexa a respeito desse conceito, discordando do nascimento da religião e associando-o ao contexto judaico-cristão, sendo reconhecido apenas com a cristianização iniciada após a queda Império Romano. (BELLOTTI, 2011, p. 21).

É importante considerar segundo Hock (2010), que as tradições religiosas fazem parte da tarefa do pesquisador ao passo que este deve se aproximar dessas fontes, mesmo havendo certo teor de desconfiança em sua total confiabilidade, pois, para toda e qualquer fonte, mesmo tento o seu teor de originalidade, também se carrega interações devido ao tempo e espaço que cada uma é atingida. Conforme esse pensamento, entende-se que cada fonte possui certa proporção de interpretação dos seus escritores, sugestionando, portanto, correlações mais amplas, parecendo distantes em suas tematizações e suas problematizações na história da religião.

Um outro conceito que também é discutido pela história da religião comparada, Hock (2010) aceita a pluralidade das culturas e suas formas em compreender a religião. Um dos traços primordiais seriam as crenças, nas quais tinham relação com os indivíduos historicamente determinados representando aspectos vitais e inegociáveis, estando suscetíveis e direcionados ao controle por cultos ou ritos, possuindo a função de proteção ao grupo nas circunstâncias maiores, além da função em controlar. Elas serviam para atribuir sentido à vida, a morte, aos seres humanos e sobre-humanos, tendo seu valor na cultura de determinada ordem humana. Essas crenças seriam, portanto, sujeitas por toda a atividade humana. As culturas por sua vez, seriam interdependentes diante de suas próprias religiões.

Ainda trazendo o conceito de Hock, ele descreve nas traduções a forma de interpretar o que os estudos em filologia expressam, não quer dizer que essas fontes são necessariamente corretas, sobretudo, como elas captam a dimensão profunda dos termos técnicos e religiosos. Esses nomes e seus termos, devem fidelizar com a maior precisão e aproximação a filologia, pois, com isso, o trabalho do historiador exprime um caráter sério e amplia os trabalhos desenvolvidos em ciências das religiões em interpretações histórico-religiosas. – “Sabendo também que, para cada língua existe

determinadas estruturas as quais, estão imbrincadas nas formas de expressões da religião e os modos imaginários dessas e suas cosmovisões”. (HOCK, 2010, p. 39-41).

Os escritos sagrados nas tradições orais, podem exprimir diversos tipos de formas em sua sacralidade, para isso, o nível de importância dessas transmissões deve ser considerado um dos mais elementares. Serão do mesmo modo, a proteção e a restrição. Os principais modos de compreender as formas de transmissão oral são: os mitos, as orações, os hinos sagrados, mas como algo não era apenas religioso, estando conectados também com os aspectos medicinais, mágicos e psicológicos. As fontes de pesquisa histórico-religiosa em sua forma oral, determinam o que é entendido em uma comunidade religiosa. Possibilitando que as perspectivas na sua forma individual tenham a dimensão a categoria dos textos religiosos, os quais, são prescritos, sendo considerados mais importantes até que existam menos fontes escritas desses. (HOCK, 2010).

Por fim, o historiador da religião deve se aproximar dessas fontes, não apenas na sua forma escrita, mas é primordial familiarizar-se com o seu ambiente, seus sons, suas imagens, seus atos, os seus odores e seus sabores. Fazer pesquisa em ciências das religiões, exige utilizar o corpo, mas também, a alma. Sobretudo, se aconselha utilizar os múltiplos sentidos humanos, pois os próprios praticantes em suas tradições religiosas, não escapam das suas experimentações, as fontes em si, constituem o escrito, mas suas experiências escapam a essas. É necessário um pouco mais de tato na busca por esses moldes de expressões. (HOCK, 2010).

1.2 Mitologia comparada

Quando se questiona o porquê em comparar, devemos entender a trajetória das fontes nas quais são consideradas “nativas”, ou seja, aquela na qual a sociedade vislumbrou e desenvolveu sua vida como sociedade pré-cristã em um determinado tempo histórico. Sabemos que todas as fontes encontradas possuem grande teor arqueológico, histórico, social e literário, principalmente a *Eddas* tanto a Snorra quanto a poética, mesmos suas prosas e poemas em sua intrínseca interpretação possuindo uma dificuldade na sua compreensão, sobretudo, a maioria dos mitos estavam contidos neles, dando uma melhor visualidade ao mundo pré-cristão. Em algumas vezes, ocorre problemas com a interpretação das fontes, seus artefatos ou até mesmo os locais individuais demonstrando complexidades para serem inseridos em um discurso religioso, possibilitando assim, mais um desafio

na metodologia apresentada. Muito embora, torna-se importante ressaltar que a arqueologia da religião possui áreas e subáreas especializadas para trabalhar na distinção desses materiais.

Temos as fontes consideradas originais como as fontes nórdicas as Sagas Islandesas e as *Eddas*, sendo escritas por pessoas pertencentes as outras culturas, seja geográfica ou historicamente, não sendo originária dos povos nórdicos. Entretanto, as fontes de teor Cristã Ocidental ou com teor religioso Oriental, como a religião mulçumana, são consideradas com seu conteúdo puramente distinto. Podemos considerar em parte, que algumas fontes escandinavas são consideradas estrangeiras, pois seus autores eram cristãos medievais e acabavam intercambiando os conteúdos de sua realidade cristã, com o que era percebido da religião estrangeira. (SCHJØDT, 2017, p. 61-78).

Todavia ao pensar nas formas de estruturas da linguagem, percebemos o quão é desafiador para o cientista da religião, sobretudo, trazemos como caminho central as ideias do escandinavista Frog, que tange algumas análises a respeito da conceituação do discurso mítico como principal condição de alinhamento e interação, no entendimento das estruturas das linguagens, tendo um sobressalto no mito como elemento primordial. Frog (2021, p. 348), retoma as principais formas na interpretação de como as regras do mito, mitologia e discurso mítico se interagem. Ele afirma de modo geral, que as definições desses termos, entretanto, eles se encaixam em três categorias possíveis ou estão em fusão entre eles. As definições segundo ele, são formadas pela ênfase nas abordagens específicas, como “estruturalista”, “psicológica”, “fenomenológica”, atuam em consonância com as respectivas combinações teóricas.

Segundo Schjødt (2017, p. 61-78) existem dois tipos de abordagens utilizadas no estudo da religião comparada: as comparações genéticas e as tipológicas¹. Enquanto as genéticas se baseiam em comparações no que tange sua etnografia, crenças, valores culturais e sociais aproximados, sejam eles, por meio de espaço ou tempo. As tipológicas estariam baseadas nas relações histórico-culturais em suas características previamente semelhantes. Vale lembrar que não existe um tipo de comparação que é considerada absoluta. Algumas mitologias que consideramos tipológicas podem ser genéticas, como o caso da mitologia Lauraziana². Caso fôssemos pensar em uma mitologia em um cunho tipológico, pensaríamos em culturas com teor de disparidade como a Chinesa e a Escandinava, estas, estão insistentemente separadas em território, cultura e crença. (SCHJØDT, 2017, p. 61-78).

¹ Os dois comparativismo podem ser rotulados de “tipológicos” e “genéticos”, a primeira categoria comparando culturas e religiões que não são historicamente relacionadas – que não têm relação política, econômica ou linguística. A segunda categoria, por outro lado, compara culturas e produtos culturais que de alguma forma estão historicamente relacionados em um desses níveis, como, por exemplo, os escandinavos, por um lado, e os sámi, outros povos germânicos, ou indo-europeus, por outro. (SCHJØDT, 2017, p. 1-2).

² O termo “Laurasiano” designa, aproximadamente, as mitologias do hemisfério norte, cujas semelhanças, segundo Witzel, são genéticas, enquanto as tradicionais a visão seria claramente que as semelhanças entre, digamos, as mitologias escandinava e chinesa deveriam ser classificadas como tipológicas. (SCHJØDT, 2017, p. 3).

Para compreendermos como pode ser feita a reconstrução das linhas de ligação entre as cosmovisões religiosas, precisaremos reconstruir as linhas de ligação entre elas. Portanto, se for uma comparação tipológica, será necessário fontes que não façam relação com a religiosidades escandinavas pré-cristãs, caso seja genética, esses modelos precisam ao menos manter uma originalidade e fidelidade em relação as fontes. Esse modelo é percebido como uma ferramenta cognitiva, sendo um filtro no qual perceberemos o mundo ao nosso redor no desenvolver dos nossos desafios, estes por sua vez não seguem uma ordem plena e parecerão modelos inconscientes. (SCHJØDT, 2017, p. 61-78).

Trazendo uma compreensão sobre o que seria mitologia, apresentamos uma conceituação de Langer (2015) aponta que mitologia seria uma conjuntura de narrativas acerca das divindades e seres sobrenaturais, sendo em sua essência oral, pertencentes a um tipo de religiosidade³, nesse caso, atribui-se as religiões pré-cristãs na Escandinávia e na Europa Setentrional. Toda mitologia possui uma tradição de um determinado povo, essas sociedades possuem elementos nos quais, são preservados e propagados no tempo e no espaço de diversas regiões.

Nogueira (2013) afirma que a habilidade narrativa é em suma a força básica da utilização da linguagem, a habilidade em definir e descrever os eventos e objetos, encontra-se no coração da linguagem. E afirma também que, o modo narrativo é o produto de excelência da linguagem e suas formas de modelização. E se a linguagem tem como mais importante produto a narrativa, o mito é a narrativa por excelência. Sobre isso, ele escreveu:

O mito está em um topo da pirâmide cognitiva em uma sociedade. Ele não apenas regula um comportamento e emoldura o conhecimento, mas também, delimita a percepção da realidade e canaliza as formas de pensamento dos seus aderentes. [...] o mito é o produto inevitável da habilidade narrativa e a suprema força organizadora da sociedade. (NOGUEIRA, 2013, p. 449-450).

Explanado brevemente essa noção sobre mito, daremos mais respaldo sobre a metodologia e considerações teóricas de Schjødt. Ele afirma que sem a existência de comparações, não se pode criar modelos necessários para dar sentido a vários tipos de informações das fontes, sem essas, as erudições permaneceriam como “modelos” caóticos, devendo serem compreendidos, como uma ferramenta cognitiva, que pode ser caracterizada como um filtro através do qual, percebe-se o mundo ao redor assim, todos os humanos, estudiosos e religiosos, no curso de suas lutas com a realidade, usam

³ Desde o iluminismo, o fenômeno religioso ocupou o interesse de acadêmicos. No século XVIII predominava a crença em uma essência universal do sentimento religioso, atrelada a ideia de uma natureza humana. A ideia de *homo religiosus* foi substrato fundamental dos estudos oitocentistas e de grande parte da fenomenologia. Procurando-se um sistema mais descritivo do que explicativo, buscando uma tipologia genérica das formas e práticas religiosas. A essência da religião era mais buscada do que a sua história. O modelo comparativo de Eliade buscava a essência dos fenômenos de crença, criando generalizações, regras a-históricas e interpretações racionalistas. (LANGER, 2020, p. 145-146).

modelos muitas das vezes inconsistentes, da mesma forma que, por exemplo, na gramática é para falantes nativos de uma determinada língua. Tais modelos fazem, portanto, parte da visão do mundo para cada indivíduo.

Para ele, essas definições se tornaram amplas devido a vastidão que tanto o mito, quanto a mitologia, com o passar do tempo, se transformaram em conceitos-chave e passaram também, por serem utensílios de uma vasta possibilidade de disciplinas ao longo do século XX. Com a elaboração desses estudos, essas abordagens tomam um caminho de maneira muito particular, apresentando-se múltiplas formas de categorias, interesses e as preocupações que cada disciplina apresenta em torno do seu conceito. (FROG, 2021, p. 349-350).

Schjødt (2016, p. 51-62) considera nos seus estudos comparativos como uma das características mais importantes na capacidade de perceber os aspectos relevantes daquela parte da realidade histórica que se pretende construir. É necessário afirmar também, que não existem modelos certos ou modelos errados, esses são feitos por um lado, para dar sentido e assim, classificar os elementos individuais dentro de uma realidade que de outra forma, pareceria caótica. Os modelos científicos interpretam uma parte escolhida da realidade, de acordo com o conhecimento prévio sobre o resto da realidade. A qualidade do modelo dependerá da utilidade para o nosso propósito. Nesse caso, a reconstrução da religiões escandinavas pré-cristãs.

Mas então, como deveríamos comparar com base na teoria do modelo comparativo proposto por Schjødt? Entretanto, se formos comparar o mito em pesquisas atuais, necessitaremos focar no contexto etnográfico, porque comparar a mitologia nórdica antiga estimula o pesquisador a utilizar comparações que são em princípio, da mesma natureza que outras mitologias genéticas. Para analisar os mitos em uma determinada sociedade, devemos obter como definição de “mito” sendo, entretanto, explícita ou implícita, informações de comparações entre o vasto número de narrativas, a fim de delimitar os diferentes tipos de narrativas. Pois o motivo central não se foca na comparação geral dessas fontes, mas quais seriam os motivos (razões) que aguçam a pesquisa para que ela seja realizada e como fazê-la. (SCHJØDT, 2017, p. 61-81).

Considerando como a pesquisa comparativa pode ser desenvolvida, discutiremos o valor de não totalidade no objeto estudado, mas sim, suas características individuais, a noção do discurso, ou seja, a noção do espaço entre os deuses e os fenômenos naturais como exemplo, em que devemos pensar nos membros da comunidade ou de sua cultura. (SCHJØDT, 2017, p. 61-81).

Dentro dos discursos sabemos que existem diversos tipos, entre eles encontraremos discursos associados a sexualidade, a guerra, a ética, a natureza e todos os tipos de fenômenos. Não dá certamente para sabermos o que foi dito literalmente nas narrativas pelos deuses, mas captamos a recepção do que nos foi transcrito no período religioso escandinavo pré-cristão sua reconstrução de

espaço discursivo, logo, o discurso é constituído pelas suas relações e as múltiplas fontes, além daquelas que não estão nas fontes, não podem ser construídas nas análises estruturais. Outro ponto importante existente são as relações que existem dentro de um determinado discurso, entre os elementos individuais. O discurso é constituído por certas relações que existem dentro de um determinado discurso e seus elementos individuais. Sendo também composto por certas relações estruturais sejam elas sociais ou puramente mitológicas. (SCHJØDT, 2017, p. 61-81).

Para entender alguns dos mecanismos gerais na relação entre religião e sociedade, Schjødt (2016, p. 51-62) leva em consideração vários tipos de teorias e de modelos sociológicos. Entretanto, estamos falando de uma reconstrução de uma religião histórica a partir de evidências que não nos permitem traçar um quadro completo, pois, em muitos casos, existem problematizações a respeito das fontes iniciais, restando somente fragmentos das crenças religiosas presentes em alguns mitos.

Langer (2018a) elenca a abordagem do finlandês Frog, com maior perspectiva teórico metodológica, sendo referência aos estudos dos mitos nórdicos, tendo como elemento de investigação a matriz simbólica no discurso mítico, tendo influências da semiótica e linguagem, Frog visualiza o mito como um fenômeno simbólico que advém da cultura e da imaginação cultural.

Langer (2018a) ainda reitera que a análise estrutural dos mitos se situa em uma projeção mais expandida, com a intenção de esmiuçar os determinantes psíquicos e ainda propõem uma assimilação entre as variantes sociais e linguísticas. Portanto, a definição dos mitos teria dois sentidos: uma a partir da narração (percebido com mais rapidez) e o outro em um sentido subjacente, não sendo previamente consciente, mesmo tendo a narração como análise primeva. Sendo este segundo, o elemento primordial que todo mitólogo deve priorizar em sua análise.

Mas como poderíamos comparar ⁴? podemos comparar com quase tudo. Se formos pensar na reconstrução da religião umas se assemelharão mais do que outras religiões escandinavas pré-cristãs. Por isso, começamos com a tendência ao valor das comparações genéticas elas são consideradas mais úteis em relação as tipológicas podendo serem benéficas para a reconstrução das religiões nórdicas antigas. Com a construção de modelos úteis sendo realizados adequadamente. Um adendo é que semelhança nesse ponto não é identidade. Sem comparação é quase impossível reconstruir qualquer

⁴ Momento durante a Idade do Ferro pré-romana e romana é possível distinguir entre “reis Freyr” e “reis Óðinn” como “reis da paz” e “reis da guerra”, respectivamente, que eventualmente se transformam em único governante responsável pelas duas principais áreas pelas quais um rei escandinavo era responsável, ou seja, o bem-estar da terra e o sucesso na guerra (Schjødt 2016, p. 73-79). As fontes indicam claramente que os sacrifícios humanos eram dados principalmente a Óðinn, o deus da guerra, enquanto as festas rituais para Freyr envolviam danças e canções obscenas. Não nos é dito diretamente sobre a promiscuidade sexual, mas em conexão com as danças ela poderia ser facilmente imaginada, como por exemplo, durante os sacrifícios em Uppsala, conforme relatado por Saxo, sobre a permanência de Starcatherus lá (As façanhas dos dinamarqueses 6, 5,10 – Gesta Danorum). Sabemos também que esses atributos estavam ligados ao deus da fertilidade, conforme relata Tácito a respeito do poderoso, e em Parte de Ögmund e parte de Gunnar, sobre Freyr. (Análise comparativa do autor). (SCHJØDT, 2017, p. 61-62).

coisa dentro das religiões comparadas escandinavas pré-cristãs. Todas elas são importantes (tipológicas, genéticas, implícitas e explícitas). (SCHJØDT, 2017, p. 45).

Segundo Schjødt (2017, p. 45-50) haja muitos detalhes que permanecem incompreensíveis ao estudo comparado, existe um grau possível de reconstrução dessas estruturas cruciais propondo a ideia de comparações com as quais devemos visualizar as informações necessárias e relacionar ao material de origem (as comparações genéticas). Enquanto as tipológicas, foram desacreditadas por muito tempo devido à falta de coerência metodológica de alguns pesquisadores, sempre tentando comparar por elementos individualizados. Portanto, devemos comparar os diversos tipos de estruturas e seus modelos qualificando as comparações genéticas que em muitas vezes, são semelhantes as religiões nórdicas pré-cristãs em questão, diferentemente das tipológicas. Sobretudo, as relações entre os tipos sociais e alguns tipos de religiões, podem colaborar a conectar as variabilidades de informações nas fontes nórdicas antigas gerando uma melhor compreensão da imagem da religião nórdica.

Frog (2021, p. 348-351) acentua que conforme os estudos do discurso mítico tomam espaço, haveria uma discussão a ser pensada: a mitologia e a religião estariam presumidamente no mesmo campo? Para ele, esses conceitos, acabam se embaraçando e são utilizados sem serem dissociados, mas a mitologia se refere a um sistema de símbolos que constrói entendimentos sobre o mundo e as interpretações de suas experiências, possibilitando nesse ponto, a criação de modelos para as ações, em contrapartida, as religiões ocupam os comportamentos, práticas e ideologias dentro das suas realidades sociais. A religião descreve registros e práticas, em que é realizada em sua movimentação transgeracional, havendo sobretudo, uma ou mais mitologias.

2. OS NÓRDICOS E SEUS MITOS

2.1 Os escandinavos, seu espaço, tempo e cultura

Em busca de uma compreensão acerca da mitologia nórdica é imprescindível entender o contexto histórico, cultural, local e social no qual os povos do norte estavam inseridos. Sabemos que a Era Viking foi um período que se estendeu do século VIII ao XI delimitando diversas interações e mudanças sociais e até religiosas entre os nórdicos. No objetivo em possibilitar uma compreensão do sistema de mitologia desses povos, torna-se primordial prescrutar quem eles foram, em qual tempo

eles viveram e como se desenvolviam suas tradições na sua sociedade, assim, tornar-se-á mais suscetível entender os mitos das religiões nórdicas pré-cristãs.

Podemos pensar o mito como um propiciador de respostas sobre as coisas e os seres. O mito é, simplesmente, a dramatização, enquanto os rituais são formas de se comunicar dentro da sociedade que o possui. Enquanto o mito tenta explicar, o rito obtém algo. Essas formas de narrações envolvidas nos rituais e por qualquer esfera religiosa se mantêm em uso até os dias de hoje. Nas diversas religiões são desenvolvidos cruzamentos com as esferas ritualísticas, mas no mesmo instante, cada uma possui uma performance própria. Os mitos permanecem vivos na sociedade devido a sua ressignificação, diferentemente de muitas religiões que acabam consumidas em seus formatos públicos. (LANGER, 2022, p. 125).

A partir dessa afirmativa, devemos entender como acontecia as formas de expressões de ritos e como as religiões eram delineadas no período pré-cristão. Entre algumas formas de reconstituição da cosmovisão nórdica, trazemos o exemplo do deus Loki intensamente relevante aos mitos pré-cristãos, entretanto, ele não possui ritos (ações e locais de culto) sua toponímia e os vestígios arqueológicos são previamente inexistentes na sociedade medieval. Mas na contemporaneidade Loki recebe formas de culto que compõem ressignificações na nossa atualidade. Odin também era um deus considerado muito lembrado nos ritos e o mais importante na mitologia, todavia nem todos os locais de cultos eram direcionados a ele nas ritualísticas outros deuses eram representantes dependendo do local, por exemplo podemos citar o deus Tyr sendo muito mais ritualizado nas cidades de Aarhus, Ribe e Hedeby na Dinamarca. (LANGER, 2023, p. 126).

As formas ritualísticas e crenças desenvolvidas na Escandinávia pré-cristã podem ser compreendidas em três níveis básicos: um ponto de vista geográfico, as crenças locais, regionais e suprarregionais. Essas formas de religiosidade eram realizadas pelos fazendeiros e suas famílias (a maior parte da população na Era Viking). Os ritos ocorriam nos rios, bosques, fazendas e bosques. O escopo maior dessas crenças e devoções eram os trolls, elfos, espíritos da natureza (*landvaettir*) e os anões. Essas entidades não possuem tantas referencias como as dos deuses, mas eram utilizadas para os enfrentamentos dos fazendeiros nas suas dificuldades no dia a dia nas fazendas. Já os cultos regionais ocorriam através da liderança de um determinado local e geralmente obedeciam às datas e aos calendários os seres mais conectados a esses rituais eram os deuses: Ull, Ullin, Forseti, Irpa, Týr e Porgerdr. Os rituais suprarregionais tinham um calendário específico seguido por eles, tendo como o culto os deuses com os aspectos panescandinavo, ou seja, aqueles mais conhecidos na ampla Escandinávia: Odin, Thor, Freyr, Njord, Freyja. Os locais eram enormes santuários como Lejre na Dinamarca, Uppsala e Uppåkra na Suécia. Nesses cultos haviam multidões de pessoas advindas de toda a Escandinávia. (LANGER, 2022, p. 128-129).

Entretanto, existem nomes medievais e étnicos dos nórdicos que são chamados de *wir-gefühl*, muitos desses nomes, eram utilizados por pessoas na região do báltico para se referir a eles como forasteiros, não a como eles viviam a si mesmos. Sendo considerados caminantes ou itinerantes os Finlandeses. Esse grupo linguístico conhecido como fênico ou fino-úgrico, entraram em contato com os agricultores germânicos: não exclusivamente finlandeses ou Sámis, mas apenas caçadores coletores entre eles, mas não todos eles. Os nomes se multiplicam e as distinções se consolidam no final da Idade Média não por causa do crescimento da consciência étnica, mas pelo simples fato dos forasteiros entrarem nos planos de fazer acordos comerciais com os nativos. (CHRISTIANSEN, 2006, p. 129-131).

A respeito das configurações religiosas na Era Viking podemos afirmar que nenhuma religião é um sistema homogêneo; ela é parte do cotidiano e da sobrevivência seja ela pela forma individual ou em grupo, tendo alternâncias de configurações religiosas. Nesse critério, devemos compreender os recortes sociais na vida e na fazenda; as configurações imbrincadas a caça e pesca. Diante da vastidão da área escandinava encontramos diversas variações e interferindo nas antigas configurações religiosas. As configurações nas fazendas eram compostas pelos fazendeiros e a aristocracia fornecendo a pecuária, caça e pesca. Esse grupo era composto por pessoas de diversas idades, gêneros e classes sociais. Os principais deuses cultuados eram: Thor, Freyr, Freyja, Njord e Ullr, deuses considerados associados à fertilidade. Enquanto os bandos guerreiros eram uma instituição denominada de *comitatus*. O centro desse grupo era o salão real ou aristocrático iniciado em fazendas entre o século IV e V. eles eram considerados a parte central do período da idade de ferro até a Era Viking. Os mitos de Odin e as narrativas heroicas estavam interligadas a esses salões onde eles se reuniam. Os rituais secretos de iniciação e os mitos de lobos e ursos faziam parte do contexto social. O deus referente para esses grupos era o deus Odin, sendo a maior referência cultuada pela aristocracia. (LANGER, 2022, p. 129-130).

Nas regiões subárticas até 1500 a 1700, os povos nativos dessa região tinham as trocas comerciais como meios de negociações com os nativos, essas trocas também ocorreriam com os Escandinavos no ano 1000. Os nórdicos na Idade Média conhecidos popularmente como Vikings, possuíam essas ações planejadas invadindo lugares pela Europa como bandos de guerra, chamados de dinamarqueses, vendedores de escravos ou compradores de armas. Os povos bálticos ou fínicos chamavam os povos nórdicos pré-cristãos de ‘remadores’, não de um grupo étnico, mas do território Escandinavo. Eles em um determinado momento se mudaram para a Rússia, (chamada nesse período de Rus) e formaram assentamentos e associações como de negociantes de peles e invasores, esse nome acompanhou por volta de 830 os oficiais e o clero em Constantinopla, além de incluírem em sua enciclopédia mental de nações gentias: eles eram conhecidos como r’us. Mas em 839 nórdicos ao chegarem as cortes francas sendo identificados como: Suecos, um grupo de invasores do mar Báltico

bem conhecidos no ocidente devido as empreitadas em Ansgar e Birka. (CHRISTIANSEN, 2006, p. 129-131).

As configurações religiosas as quais são expressas por uma unidade social encontram-se perto das fazendas e locais onde esses indivíduos viviam. Esse tipo de religiosidade ficou especificamente ritualizada aos seres sobrenaturais com os espíritos da terra (espíritos ancestrais) do que os deuses mais cultuados. Além das configurações religiosas acerca da caça e pesca que eram compostas pelos moradores da área litorânea da Escandinávia sendo mantida várias crenças que vão desde de equipamentos de caça até comportamentos de ritos envolvidos com magia, presságios, inveja, tabus e tradições. Eles mantinham um bom convívio com o outro mundo e os senhores da natureza (seres sobrenaturais) representando o elemento primordial dessas tradições (espíritos da terra) presentes no folclore Islandês. (LANGER, 2022, p. 130-131).

Langer (2018c, p. 706-700) afirma que o termo para a origem e significado da palavra viking é bastante polêmico e discutido pela historiografia contemporânea, ele é empregado genericamente com dois sentidos: étnico, enquanto sinônimo para habitante da Escandinávia durante a Era Viking, e ocupacional, referindo-se a ações náuticas efetuadas por alguns nórdicos. O debate a respeito do uso ainda se mantém com diversas perspectivas da escandinavística no seu uso popular, nas mídias e na própria arte.

A etimologia do termo é dividida em cinco hipóteses principais, dentre elas, a primeira traria relação com as pessoas da região de *Viken* (*Vík*, em nórdico antigo), no sudoeste da Noruega, significando ‘homens de *Viken*’. A segunda hipótese estaria relacionada com as pessoas que saíram da baía, enseada, dando a entender a forma como as pessoas embarcavam, nesse caso, em baías. A terceira hipótese estaria relacionada com a palavra *víkja* (mover, caminhar, trilhar); o viking teria então, significado de alguém ao se afastar de seu lar, o termo masculino a priori, seria o mais utilizado: *Víking*. A quarta hipótese traria o entendimento do inglês antigo *Wicing*, pessoa que visitou *wic*, uma contração da palavra *wic* e uma germanização latina da palavra *vicus* (porto, local, comércio). A ideia entra em conexão ao conhecimento que os guerreiros tinham sobre as diversas rotas de comércio na Europa Setentrional, visitados pelos piratas conhecidos como lugares de comércio a partir do século VIII. Ou seja, o termo sair à viking pode ter sido derivado dos locais onde os piratas estavam localizados ou protegidos antes de atacar os seus alvos. A quinta e última hipótese teria sido derivada da palavra *vika* (antigo sueco e feminina, unidade de distância náutica), pressupondo influências anteriores à Era Viking, apesar de ser utilizadas pela própria sociedade para se referir as pessoas que moram em outras regiões. Uma outra afirmação seria dos ‘remadores que trocam o turno’, esse conceito seria assim, baseado nas runas encontradas em remos na Groelândia, que mencionavam a constante substituição devido ao cansaço da atividade.

Em aspectos concernentes a localização territorial, Lindow (2001, p. 1-45) descreve o espaço territorial da Escandinávia, no qual, consiste nas ilhas dinamarquesas de baixa altitude e na península da Jutlândia e grande parte da península escandinava que em seu extremo norte é dividida em dois pela enorme cordilheira conhecida como “Quilha”. No lado leste, fica a Suécia com a sua suave costa para o Mar Báltico e uma grande quantidade de terras férteis, especialmente as partes centrais da Suécia, ao redor dos lagos Mälaren, Vännern e Vättern e para a oeste fica a Noruega, onde altas montanhas brotam da costa, protegida do Atlântico por uma série de pequenas ilhas.

No que tange o nome originário, Lindow (2002, p. 1-45) explica que a Escandinávia⁵ parece ser a forma latinizada de uma palavra alemã não atestada, *Scandinauja*. Essa palavra é um composto a segunda parte de que, ‘*auja*’, na qual significa “ilha”. O que a primeira parte significa tem sido infinitamente debatido. Parece conter a mesma raiz que o nome da parte sul de Suécia, Skane (Escânia), e pode, portanto, significar “ilha escaniana”.

As ilhas são territórios naturais, mas o mar circundante trouxe diversos perigos quanto riquezas. As ilhas pelo estreito de Kattegat permaneceram mais ou menos politicamente independentes, como comunidades bem defendidas enquanto a oeste dos navios de guerra dos reis da Jutlândia foram se anexando gradualmente aos reinos dinamarqueses. Os chefes noruegueses conhecidos como Jarls mantiveram o controle de milhares de ilha costeiras em algumas das quais pequenas comunidades do mar do norte se desenvolveram no período de migração como em Lofoten. (CHRISTIANSEN, 2006, p. 100-101).

Na historiografia clássica, o período da Era Viking em foi dividido em dois momentos: o primeiro ocorreria dos séculos VIII ao IX, tendo início com os saques, incursões mais hostis por parte dos nórdicos, pois, entre a Inglaterra e Irlanda havia meramente extensa povoação por grande parte da Era Viking. O mais elementar momento nessa dominação se deu em 870, com o início da colonização da Islândia; as incursões no Mediterrâneo a partir de 859, e também o estabelecimento do Principado de Kiev⁶ em 860. (LANGER, 2015d, p. 165-167).

⁵ Termo que designa uma região do norte europeu definida pela geografia, cujos contornos foram também elaborados por referenciais históricos e linguísticos. Alguns geógrafos a definem como a península montanhosa situada entre a Noruega e a Suécia, enquanto outros a conceituam baseando-se em reinos da Suécia, Noruega e Dinamarca. Devido ao alcance da colonização destes três países pela Europa Setentrional, o conceito da Escandinávia por vezes se confunde com o de povos nórdicos ou norte, fazendo com que a Islândia, ilhas de Faroé e Finlândia sejam integradas a região. (LANGER, 2015h, p. 226-229).

⁶ O principado com cidade homônima, foi durante muito tempo o principado e a cidade mais importantes do território que a historiografia hoje denomina como Rus. Localizada na base do rio Dniepre, na região florestal onde atualmente encontram o sul da Rússia e o nordeste da Ucrânia. A cidade foi fundada pelo lendário Kii, conforme está presente nas crônicas dos anos passados. Não há datação na crônica, mas segundo Jonathan Shepard, é possível que o território tenha sido povoado por volta do século VIII, compreendido pelos vestígios arqueológicos dos Eslavos. Sobretudo, os escandinavos passaram a ocupar esses locais no século IX, e lá se estabeleceram. (NEVES, 2018, 453-455).

O segundo período importante na Era Viking foi do século X ao XI, marcado pela grande união entre algumas dinastias governantes e ativas na Escandinávia e também a tênue aceitação, ainda distanciada do cristianismo por parte dos pagãos. Um dos reis mais conhecidos em detrimento de colonização por parte do território europeu foi o rei Canuto, o Grande⁷. Ele em suas mais elementares conquistas entre a Inglaterra, consolidou uma grande potência imperial no Mar do Norte.

No século XI, havia morrido o último rei viking em solo inglês. Essa descrição histórica ficou conhecida como fim da Era Viking. Diante dos três séculos que se seguiam, os escandinavos permaneciam em explorações por parte da costa do Oceano Atlântico indo até a Islândia e Groelândia. A dominação cristã entre os dinamarqueses, noruegueses, havendo assim, relações comerciais no Sudeste e nas planícies centrais de toda a Europa pela Ucrânia e Rússia. (MOOSBURGUER, 2011, p. 12-17).

Ao trazer o conceito de religião, ainda muito discutido por muitos estudiosos até aqui, podemos considerar que a Religião Nórdica Antiga passou por uma série de mudanças com o passar do seu desenvolvimento e hibridização. Sabemos também, nesse mesmo ponto de entendimento, sobretudo, que para estudar uma religião é necessário compreender o contexto no qual essa se faz presente, não apenas como algo transcendental e sem necessidade de descrições, porque descrever o contexto é sumamente imprescindível. Levantando essa afirmação em consonância as descrições sobre religião para Langer (2018a, p. 7-8), ressalva a conceituação na religião escandinava a seguinte questão:

Durante o século XIX, os primeiros estudos sobre a religiosidade nórdica antiga denominavam essa prática de “fé dos ases” ou “religião dos ases”, que mais tarde originou o termo moderno Asatru. Uma doutrina originada dos germanos antigos, cujo sistema religioso foi preservado pela *Edda Poética* e *Edda em Prosa*, sendo a fé e os costumes religiosos comuns aos todos os povos escandinavos e preservados nos manuscritos islandeses da Idade Média Central. Essa ideia de que as fontes mitológicas serviriam como principal base para os estudos da religião nórdica nortearam os estudos até pouco tempo atrás: mitos, contos, e tradições das Eddas formariam a base principal da fé escandinava pelo fato de conterem a noção de sagrado – uma categoria a priori, transcendente e pertencente ao espírito humano de qualquer época. (LANGER, 2018a, p. 8-9).

Segundo Ayoub (2020), o período de cristianização possui uma cosmovisão e ideologia que possibilita um teor de controle as dominâncias sociais, se esta teve grande parte de suas tomadas de poderes utilizando sua capacidade de religião unitária, composta por um culto, um deus e uma só instituição social, delineia a importância aos chefes locais como líderes sociais, mas não apenas, eles também eram líderes religiosos. No entanto, no mundo nórdico, para esse novo poder que se instaurou, houve uma simbologia de suas ideologias e práticas, teores de instabilidades, limitações

⁷ Knútr inn ríki foi rei da Dinamarca entre o período de 1018 até 1035, tendo também reinado na Noruega de 1028 até 1035, estado a frente do trono da Inglaterra de 1016 até os anos de 1035. (FERNANDES, 2018, p. 143-145).

pelo poder local (tendo em vista a demarcação da religião em um contexto de virilidade, pois, os reis utilizavam de sua religião). O cristianismo, portanto, exerceu um poder centralizado, integral, não admitindo algo diferente de sua configuração. A partir disso, começaram as mudanças na cultura nórdica pré-cristã.

Contudo, os povos nórdicos pré-cristãos no uso e adaptação de suas formas primitivas comunicação possuíam dificuldades na sua expansão das suas memórias que estavam contidas na sua oralidade, portanto, houve desafios no manutenção e preservação de suas fontes orais, pois boa parte das formas de expressões culturais desses povos se baseavam na oralidade, diminuindo a preservação das fontes escritas. Conseqüentemente a isso, diversos mitos, fontes e informações em seu tempo, impediam um processo de conservação escrita tornando-se quase impossibilitado. A oralidade era a principal forma de comunicação dos nórdicos, além disso, havia também, os vestígios arqueológicos, iconográficos e seus ritos, como principal teor de evidência na sua história. Se faz necessário lembrar nesse contexto, a forma da comunicação escrita que se desenvolvia advindas das adaptações dos povos germânicos no século V, as runas esculpidas nas inscrições rúnicas. (FAULKES, 1992, p. 1-11).

A Escandinávia através da Era Viking, foi para todos os efeitos, uma sociedade oral, na qual, quase todas as informações eram codificadas na memória mortal. Em vez disso, poderiam ser passados de uma memória para outra por meio de atos de fala. Alguns atos de fala foram formais por natureza, outros não. Entretanto, com discursos que os políticos adaptam para diferentes audiências, muitos conhecimentos antigos devem ter sido propensos a mudanças na linguagem oral e sua transmissão. Sem a autoridade de um documento escrito, não havia como comparar as versões de um texto e, portanto, não podemos supor que um texto registrado em uma fonte do século XIII passou inalterada através de séculos de transmissão oral. (LINDOW, 2002, p. 1-45).

2.2 Contextualizando a mitologia nórdica

Para prescrutar o mito é necessário descrever que a mitologia em sua gênese possibilita a responsabilidade de explicar ao homem eventos sobre o mundo, seu início e as possíveis repostas que delimitam a imanência de significados. Portanto, sabemos que o mito pode estar em constante construção e mudança com o passar do tempo, mas também, alguns elementos se fixam a sua tradição e cultura dentro dos contextos que compõem um esquema social. O horizonte determinado no diálogo

proposto, caminha em suas construções históricas, sociais, de tradições, performances políticas que aludem as concepções de cada período. Portanto, a sociedade reflete e molda a construção do que chamamos de mito abarcando suas dimensões circundantes em todas as convivências de costumes dentro de uma cultura, estando também dentro dos sistemas de contexto histórico-social em cada conjuntura humana.

Em detrimento das principais motivações da existência do mito, encontramos elementos que foram descritos e respondidos pelos indivíduos, pois, suas evidências encontram-se por sua vez, em elementos arqueológicos. As fontes primárias que se dão entre poema, prosa, sagas, que dão a história um movimento contínuo de memória. Esses elementos se desenvolvem nos mitos, trazendo respostas. O mito é um elemento que abrange definições e explicações que circundam o tempo histórico-social de uma tradição, seus ritos e também os sistemas imaginários sociais de um povo.

Por esses e tantos outros motivos, a elucidação do mito passou a ser compreendida e estudada através de várias fontes de grande teor significativo. Com seu advento, procurou-se descrições que se façam lógicas, passando a fazer sentido para uma determinada comunidade. O mito não se torna uma resposta ligeiramente inverossímil, como algumas teorias fenomenológicas o explicam. Ele é baseado em evidências que são o principal elemento de interesse a ser estudado por um historiador das religiões.

John Lindow (2002, p. 2-36), autor do livro *Handbook of Norse Mythology – o livro de mitologia nórdica*, nos permite pensar sobre a natureza do tempo mítico, na seguinte premissa: as religiões experimentam e codificam o tempo de múltiplas formas. Em sua progressão há um conjunto infundável de ciclos como processos degenerativos, sem uma ordem pré-estabelecida. Estamos acostumados em nossa forma de pensamentos a um sistema linear organizado, assim como a tradição judaico-cristã, em que percebemos uma clara e concisa sequência na criação do mundo através de um longo presente que conduz a um fim de uma história.

A ciência, em sua dinamização, nos demonstra esse pressuposto sobre o tempo de vida do sol, tendo um tempo estabelecido, entretanto, em um dado momento ele chegará ao seu desfecho. Sobretudo, como um sistema cíclico de compreender a forma e perceber as coisas é exatamente diferente, ou seja, todo final proporciona um novo início. Na mitologia nórdica existem desafios especiais porque muitas das fontes foram registradas por cristãos, cuja a configuração de pensamento possuía uma proporção de organizar os eventos de forma paulatina devido a tais influências. Toda e qualquer compilação escrita sobre as histórias narradas exigia uma cronologia essencialmente clara, por isso, a *Edda em Prosa* de Snorri Sturlusson, faz-se mais clara e atraente.

Sobretudo, existem fontes, conseqüentemente que não estiveram organizadas com a devida organização dos seus conteúdos: tanto na cosmogonia, quanto na cosmologia dos textos. A *Edda em*

Prosa é prescrita de forma mais lógica para os leitores modernos. Um dos poemas Éddicos mais famosos é o *Voluspá*, no qual, descreve semelhanças as crenças nórdicas tardias e as hibridizações de um período que já estava cristianizado e com bastantes tendências a uma nova religião, apresentando linearidade em suas narrativas.

Lindow (2002, p. 2-36), afirma um apontamento cosmológico importante na compreensão da mitologia nórdica, ele divide-a em tempos lineares: presente, passado e futuro mítico. Portanto, se consideram importantes para a compreensão da mitologia nórdica nessa ordem, apresentando tais características como os elementos cosmológicos vistos nas narrativas das Eddas e bastantes cruciais no entendimento de suas narrativas.

Na tentativa de explicar os termos cronológicos, entendemos que a mitologia escandinava possui uma ordenação na *Edda em Prosa* de Snorri, este, concedeu uma cronologia já que nos poemas éddicos essa cronologia não existe. Em resumo, o presente olha para o passado próximo, assim como o presente, olha diretamente para o futuro próximo. O trabalho criativo do passado é desfeito com o futuro próximo, mas essa relação é viciosa entre os deuses e os gigantes, permitindo assim, a criação do cosmos ao levar sua distribuição que se foi com um futuro distante, não estando presente em um passado distante, mas houve uma progressão no passado distante, ou seja, não havia cosmos. Para ele existiria um futuro distante contendo um mundo verde e com pássaros e campos férteis. (LINDOW, 2002, p. 39-45).

É necessário compreender as visões de mundo das religiões que são extremamente tradicionais, vinculadas a unidades culturais, que há um bom tempo deixaram de existir, porque essas continuam a moldar estruturas míticas e rituais em novos ambientes, e talvez em novas mídias e para novos propósitos. Quando aceitamos as visões pós-modernistas de que essas religiões não devem ser vistas como sistemas completos e coerentes, mas também, como grupos de discursos abertos, parecendo óbvio que as partes desses discursos religiosos ou míticos possam ser transmitidos provavelmente com uma espécie de transformações, uma vez que, estamos lidando com culturas orais por muitas gerações, apesar das migrações e no contato com as culturas e assim por diante. (SCHJØDT, 2017, p. 51-65).

John Lindow repercute, ainda, as conceituações das narrativas na mitologia, percebendo que em maior parte dos seus escritos, essas, apresentam condições diretivas e as cronologias em seus aspectos, sendo delineadas dentro das próprias regras que cada mitologia possui em seus códigos. Na mitologia nórdica, é apresentada uma considerável ordenação dessas narrativas em suas estrofes e contextualizações. Não existe uma exigência desses eventos dentro da mitologia de modo geral, portanto, sua necessidade de se encaixar nessa mesma ordem, não é uma regra previamente obrigatória. (LINDOW, 2002, p. 2-36).

Nessa tentativa de definição, pensamos principalmente nos elementos representativos ao afirmar o mito dentro de uma realidade cultural, de tradição e tempo histórico, todavia, é realizado um recorte desafiador em sua definição, pois, este é considerado mutável, diante da tradição, emicidade, linguagem, narrativas, nas toponímias e suas categorias simbólicas de signos propriamente estabelecidos em uma região, e em seu período. (LINDOW, 2002, p. 39-45).

Lindow (2002, p. 2-36) a compreensão geral do mito tem um diálogo cotidiano se referindo a algo que passa a ser contestado, ou seja, que não atribui valor de verdade expressando incerteza. Quando os historiadores da religião conceituavam o mito como sendo uma revelação do sagrado em palavras, a própria antropologia compreendia as narrativas relatando sobre a formação de alguns tipos de desenvolturas. Os personagens e suas histórias passaram a caracterizar uma profundidade no tempo dessas narrativas, tendo em torno de dois milênios ou até mais, além de que na representação de tais produções havia um valor imensamente simbólico para quem reproduzia tais elementos escritos.

Descrevendo e objetivando compreender a relevância sobre as fontes, Davidson (1993, p. 37-59), afirma fatores importantes na descrição das compreensões dos mitos nórdicos. São os mitos percebidos nos monumentos, envolvendo as imagens da poesia escáldica, preocupando-se em estudar as mortes dos reis e heróis. Entretanto, o próprio Odin permanece como uma figura evasiva em seu cavalo de oito patas, o Sleipnir⁸, além da vinda de Odin do mundo mortal, não traz garantias se de fato, seria ele ou um morto em homenageado em algumas estelas. Portanto, não há um caminho previamente simples para se pensar em estabelecer a identidade de figuras sobrenaturais nas primeiras artes iniciais.

Em um dos mais célebres conjuntos iconográficos da Europa Setentrional encontrados na religiões nórdicas pré-cristãs e sua relação íntima com a mitologia são vistas as cruces e lápides na Escandinávia, Inglaterra e Ilha de Man. Entre essas imagens, percebemos associações a eventos narrados nas *Eddas*, como o de Odin sendo devorado pelo lobo Fenrir e sua espada virada para baixo como sinal de derrota em inscrições nas Estelas de Gotland. É importante perceber que a memória dos mitos é mutável, ou seja, com o tempo demonstra ser um material pictórico limitado, pois com o passar do tempo, essas imagens ganham novas formas de serem interpretadas. (TURVILLE-PETRE, 1975, p. 1-35).

⁸ É o corcel de oito patas do deus Odin, descrito como o melhor de todos os cavalos, o mais rápido e mais resistente, capaz de ir pelo ar e viajar para mundos diferentes. Seu nome vem do nórdico antigo sleppa, que significa “deslizar” ou “escorregar suavemente”. As origens de Sleipnir são descritas no Gylfaginning (primeira parte da *Edda* de Snorri Sturluson). (LANGER, 2015t, p. 474-475).

2.3. Apresentação das fontes escritas da mitologia nórdica

As fontes escritas dos conteúdos em seus manuscritos nos mitos têm como objetivo a preservação das versões originais das histórias que ocorriam naquele período passado como uma forma de preservar a memória dessas fontes, o grande mérito dessas fontes em suma se voltava a preservação das fontes orais. Mas um ponto de debate sobre esse tema elenca a seguinte pergunta: até que ponto as fontes literárias medievais conservavam as fontes orais realmente? A poesia nórdica antiga presumivelmente é delimitada em dois conjuntos distintos: poesia éddica e poesia escáldica, essas fontes se sobrepõem. A poesia escáldica e a éddica tratam o mito de forma diferente, cada uma carrega consigo os seus próprios desafios interpretativos, mas cada uma se sobrepõem a outra, elas possuem uma forma estritamente única de como esses entendimentos narrados podem ser reinterpretadas, tornando-se assim, elementos peculiares em sua forma de escrita. (ABRAM, 2019, p. 121-174).

Turville-Petre (1975, p. 1-35) considera elementos importantes sobre os conteúdos das fontes -escritas são estritamente importantes para o paganismo setentrional, dando um lugar mais acentuado as fontes poéticas que são consideradas de múltiplas datações, mas que, infelizmente a preservação delas tem um teor pequeno em comparação às outras tradições. Os seus maiores arquivos escritos se encontram localizados na Islândia, com a sua datação do século XIII em diante. A composição original repercute as datações em que o poema foi escrito, a poesia escáldica foi composta entre o século IX e X, entretanto, foi preservada no século XIII. Enquanto alguns poemas éddicos são considerados como compostos no século XII e XIII. E o manuscrito de 1270, contém poemas que foram compostos em datas diferentes como o *Voluspá* datado do século X e o *Thrymskvida* do século XII e XIII.

Começando pela questão da poesia escáldica, explicamos que esse escopo era composto pelos escaldos⁹ (poetas), alguns atuavam como poetas de corte, trabalhando diretamente para reis e governantes, outros eram poetas viajantes e alguns compunham a poesia por gosto pessoal. No século X, as famosas métricas de cortes ou assim chamadas em nórdico antigo, “*Dróttkvætt*” eram conhecidas pelo termo de poesia complexa e altissimamente estilosa, que ficou popular no mar da Noruega, Dinamarca e territórios nos quais eram controlados por guerreiros nórdicos. É notório que

⁹ Poetas da era viking eram homens, mas também ocorrem registros de poetizas (*Skáldkonur*: mulher poeta). A técnica escáldica era transmitida nas gerações mais avançadas para os mais novas, por meio do oral e individualizado. O escaldo necessitava de uma excelente memória, grande conhecimento em mitologia e cosmogonia nórdica, linguagem refinada e uma oratória sofisticada. Eles também eram mestres nas runas, dedicando-se tanto ao aprendizado do alfabeto *Futhark*, sendo talhadores de sinais pétreos quanto à magia rúnica. (LANGER, 2015c, p. 166).

em alguns dos países como Noruega, Dinamarca, haviam guerreiros que selecionavam alguns dos poetas para declamar os mais sublimes elogios e feitos aos reis. Na Islândia, não havia piamente um mercado com essas fontes, mas eles eram considerados os melhores em exclamar os melhores poemas e declamações que todo o mundo nórdico pode ter ouvido e logo atravessaram os mares naquele tempo. (ABRAM, 2019, p. 121-174).

Portanto, John Lindow, afirma nessa perspectiva em se compreender a poesia escáldica:

A poesia escáldica é valiosa não apenas para a exposição direta dos temas mitológicos, mas também pela sua própria dicção. A principal característica estilística é o *Kenning*, uma substituição de duas ou mais partes para um substantivo. Kennings consistem em uma palavra base (por exemplo, “árvore”) é um modificador (“de batalha”). O que é uma “árvore de batalha”? Esta figura é na verdade, algo como um enigma. Porque ele se ergue alto em uma batalha, uma “árvore de batalha” é um guerreiro. O que é o “barulho das lanças”? Porque as batalhas são assuntos barulhentos, o “barulho das lanças” é a batalha. Kennings são conhecidos da poesia éddica e do verso das outras línguas germânicas mais antigas, mas assumiram uma importância especial na poesia skáldica porque Skáld como o modificador de uma palavra base para criar outra, por exemplo, “árvore do barulho das lanças” para guerreiro. (LINDOW, 2002, p. 32).

Lindow (2002) ainda afirma que a poesia escáldica era uma poética oral vistosa e ornamentada, que deve ter levado muito tempo para dominar a sociedade em sua forma de se apresentar; de fato, é claro, que uma certa quantidade de treinamento teria sido necessária apenas para entendê-lo como um membro da audiência. Isso é certamente possível que o conhecimento dos mitos tenha sobrevivido à conversão ao cristianismo por causa do valor que a Islândia cristã primitiva deu aos poemas escáldicos sobre reis e governantes.

Falando também um pouco dessas estruturas, é importante memorar que em suas qualidades e adjetivações complexas, tende-se a descobrir as ideias simples atrás de uma sintaxe envolvida com vocabulários pormenorizados que trazem estranhamento e pouca compreensão ao caso, códigos linguísticos e culturais que parecem complicados e dissimulados, derivando-se de uma métrica estrita, padrões de aliteração complexos, rima interna, acentos tônicos, não correspondendo propriamente a uma estrutura naturalizada e a língua nórdica antiga. Uma outra estrutura importante são os *kenningar*, os quais simbolizam a construção perifrástica (diminui-se para que se aumente) um tipo de ampliação do significado, como em várias partes que se substitui um nome ou uma ideia que foi expressa em uma linguagem complicada. Ele é propriamente a combinação de duas palavras, enquanto a segunda modifica o sentido da primeira, esta define o significado. (ABRAM, 2019, p.121-174).

Os exemplos que escolhi até agora são relativamente óbvios, mas os escaldos também fizeram kennings com base na narrativa, ou seja, nas lendas heroicas e nos mitos. Por exemplo, chamavam o ouro de “a tiara da deusa Sif”, o que só é compreensível se o leitor conhece o mito em que Loki corta o cabelo de Sif e manda os anões fazerem o cabelo dourado para substituí-lo. Kenningar podem ser úteis na datação dos mitos, pois um kenning que se apoia em mito, indica que aquele mito era conhecido pelo escaldo e sua audiência em uma determinada época. (LINDOW, 2002, p. 33, tradução nossa).

Larrington (2014, p. 29-55), afirma que no século XIII estiveram preservados a maioria dos versos, poemas mitológicos e heroicos, entretanto, considera que muitos desses são anteriores a conversão da Escandinávia datando o final do século X, desenvolvendo as escritas desses povos. É imprescindível considerar que os poemas mitológicos são considerados mais antigos do que os poemas heroicos, embora, alguns desses sejam associados aos poemas éddicos.

O início das produções Éddicas se dá ainda no século XIII, para designar os poemas presentes no *Codex Regius* (1270), em que foi novamente encontrado na Islândia, sendo de autoria anônima. Quando o *Codex Regius* ainda tinha sido descoberto pela população Islandesa, os versos estavam apenas relacionados aos mitos, dos 31 textos dos manuscritos, 21 contam histórias derivadas das antigas lendas sobre os heróis germânicos e 10 desses, tratam das realizações nórdicas. Os poemas mitológicos se encontram no início do manuscrito e a partir daí vão enveredando sua própria ordem para a lógica na construção dos versos.

A *Edda Poética*, afirma, Turville-Petre (1975, p. 1-35) é considerada o manuscrito mais longevo que preservava a maioria dos poemas de sua classe. Portanto, a mais precisa origem, se deriva da Islândia, onde foi escrita nas últimas duas décadas do século XIII, por volta do ano de 1270, sobretudo, ela se originou de um ou inúmeros manuscritos que foram perdidas naquele período. A poesia éddica se diferencia da escáldica em sua grande composição, nela sobretudo, é percebido três variantes, sendo todas elas aliterativas e rítmicas, suas sílabas não são estritamente contadas.

Essa poesia pode ser comparada ao gênero antigo de poesia Anglo-Saxônica e Germânica antiga. Entre os seus principais gêneros de contação, encontramos o mítico e o heroico. Entre eles, encontramos textos narrativos que se assimilam com os contos de heróis, entretanto, outros são didáticos e neles, há uma forma de se compreender o mundo dos deuses e dos homens, sua origem e seu fim.

O poema mais famoso escrito na *Edda Poética* é o *Voluspá* (Profecia da Vidente), no qual uma *volva*¹⁰ ou vidente é indagada pelo deus Odin formando imagens individualizadas dos mitos nórdicos, especialmente da criação e destruição do mundo. Esse poema revela o monólogo da vidente, no qual ela fala sobre passagens do passado, morte e renascimento dos deuses. Odin por não ter os

¹⁰ Mulheres que possuem a adivinhação, clarividência, descoberta de coisas perdidas e segredos, cura de doenças, controle do tempo, manipulação de venenos, maldição contra os indivíduos, insultos e ofensas. (LANGER, 2015q, p. 451).

devidos conhecimentos da volva, busca compreender sobre os mitos e suas das catástrofes no fim do mundo, narrando o começo de tudo, a origem dos homens, e por fim, conclui com a fatalidade inevitável do Ragnarök.¹¹

Larrington (2014, p. 11-29) descreve que a *Edda Poética* sendo considerada uma das obras escritas mais icônicas e importantes da literatura Escandinava. Ela compara a *Edda Poética* com outras obras famosas como o *Kalevalla*, as *Metamorfoses* de Ovídio, a *Teogonia* de Hesíodo ou até mesmo o *Mahabharata* dos indianos; sobretudo, pelo fato de transparecer um caráter generalista havendo humor, didática, verso, calamidade, drama maior e teor de lamúria copiosa.

Os poemas mitológicos que compõem a *Edda Poética* são em onze, desses, quatro são sobre a sabedoria do deus Odin, que disputava seus saberes com seus adversários, dentre eles: Voluspá (a profecia da volva), *Havámal* (os dizeres do mais alto, Vafthrudnismal (os dizeres de Vafthrudnir), *Grímnismál* (os dizeres de Grímir), entre as formas desses encontram-se diálogos, monólogos e narrativas. Os demais poemas são o *Skirnismal* (os dizeres de Skirnir), o *Harbardsljod* (a Canção de Hárbard), o *Hymiskvida* (o poema de Hymir), o *Lokasenna* (a discórdia de Loki), o *Thrymskvida* (poema ou canção de Thrym), o *Volundarkvida* (o poema de Volundr) e o *Álvismáll* (os dizeres do mais sábio). (ABRAM, 2019, p. 17-81).

A poesia éddica é composta por versos tradicionais e é desenvolvida em sua descrição pelo efeito estilístico da aliteração¹² considerada uma forma antiga e análoga da poesia oral germânica. É percebido pelo termo de “formulação” diante das repetições e variações de “blocos” de poesia que fazem utilização de métricas idênticas com palavras extremamente parecidas, podendo ser encaixadas ao contexto. A aliteração não é estrita a um verso remoto, é importante termos o reconhecimento dessa origem e sua evolução, não apenas, perceber o estado presente do texto. Esses poemas foram transmitidos de forma oral antes de serem colocados de forma escrita. (ABRAM, 2019, p. 40).

Abram (2019, p. 17-81) declara que a poesia éddica, termo cunhado pelo bispo erudito Islandês Brynjólfur Jónsson, no qual nomeou o livro de “*Edda de Saemund*” após ter percebido a aproximação desse códice com um manuscrito da *Edda em Prosa*.¹³ A poesia éddica era considerada a segunda categoria do verso nórdico antigo no qual descrevia os conteúdos mitológicos. Estes manuscritos estão em uma quantidade mínima e ocorrem nitidamente no período de pós-conversão.

¹¹ Significa: “consumação dos destinos dos poderes supremos”, e parece ter significado mais antigo que a outra forma Islandesa (crepúsculo dos poderes supremos) e se refere a uma série de acontecimentos que culminaria com a morte dos deuses nórdicos mais importantes e a destruição de parte do universo, após que algumas deidades e humanos sobreviveriam em uma nova ordem cósmica. A palavra só existe na poesia éddica, não ocorrendo em nenhuma outra fonte da Era Viking (793-1066 d.C.). (LANGER, 2015n, p. 391-395).

¹² Informa que a aliteração é uma figura de linguagem que consiste na repetição de fonemas consonantais ou sílabas, para remeter a um som e estabelecer efeitos sonoros específicos no texto. (ABRAM, 2019, p. 40).

¹³ Obra em nórdico antigo escrita 1220 pelo poeta e historiador islandês *Snorri Sturluson* (1179-1241), também denominada de *Edda jovem*, *Edda de Snorri* ou *Edda Maior*. (LANGER, 2015a, p. 143).

Além dessa fonte de compreensão do cenário da mitologia pré-cristã, encontraremos mais uma fonte, entretanto, não menos importante sobre os conteúdos míticos. Conhecida como: *Edda em Prosa*, cuja autoria é atribuída ao poeta islandês Snorri Sturluson (1179-1241) Escreveu a *Edda* por volta de 1220 d.C. O objetivo central de Snorri com essa produção literária se delimitava em preservar as fontes consideradas antigas sobre as realidades religiosas dos pagãos tendo como preservação todo e qualquer conteúdo mitológico para trazer facilidade e entendimento dos versos e poemas aos outros poetas mais jovens possibilitando o acesso desse conteúdo mítico e seu valor histórico acerca de como funcionava a realidade daquela sociedade.

A divisão da *Edda em Prosa* é dividida em quatro partes: *Gylfanning*, *Skaldskarpamál*, *Háttatal*, prólogo (enquadramento pseudo-histórico dos mitos). O tratamento da construção é bem parecido com a *Ynglinga saga* de Snorri. É afirmado que alguns leitores consideram a Snorra Edda como o ponto inicial e valioso nas estórias sobre o mito antigas, apresenta um trabalho com bastante dinamizações e possibilidades, trazendo compreensão e explicações, sobrevida aos mitos mesmo em meio a conversão da Escandinávia. (TURVILLE-PETRE, 1975, p. 1-35).

Abram (2019, p. 17-81) afirma que as sagas Islandesas¹⁴ são bastantes variadas em suas estruturas, vão desde de histórias amorosas, mitos heroicos, com conteúdo de escrita mais tenebrosa, até temas cheios de fantasia e com conteúdo em suas narrativas lúgubres, essas costumavam ser escritas pelos Islandeses em seu passado remotamente pagão. E reitera sobre as sagas, Langer (2015o, p. 441-442), coloca como um tipo de narrativa onde descreve a estória de uma família ou linhagem histórica da Islândia medieval, especialmente os efeitos guerreiros que tiveram lugar entre os anos de 874 e 1030. O termo da saga vem do verbo em Islandês *Segja*: “dizer, recontar”, e é uma exclusividade dessa região e do período medieval.

Turville-Petre (1975, p. 1-35) comenta que além das sagas de família, existem outras fontes que preservam certos conteúdos míticos dos nórdicos antes da cristianização, entre essas, estão as *fornaldar sogur* (as sagas lendárias). Elas se desenvolvem em meio ao século XIII, com influências sobre formas literárias estrangeiras, tendo como seus principais objetivos, os contos, as lendas e os poemas heroicos, entre outros. Algumas dessas estórias se iniciam nos assentamentos da Islândia, mas suas narrativas vão para depois da Era Viking e até remontam a um passado distante na época das migrações germânicas (séculos V a VII). Nessas narrativas existem temas fabulosos como dragões, gigantes, trolls, monstros, reis com espadas mágicas etc.

Turville-Petre (1975, p. 1-35) traz uma possível conceituação sobre as sagas de família, embora, ocupem poucos conteúdos sobre os detalhes religiosos antigos. No que tange as práticas

¹⁴ As sagas teriam uma grande afinidade com as epopeias (*Ilíada*, *a canção de Rolando* e o poema de *Mio Cid*), esses poemas seriam pautados na construção de uma identidade cultural com fundo histórico, mas diferenciando-se por serem narrativas prosaicas e não poéticas. (LANGER, 2015o, p. 441-442).

pagãs ela é bastante significativa, dentre essas formas ao conduzir esses comportamentos. É memorado o ato, por exemplo, em aspergir o recém-nascido com água, dar um nome no qual seja simbólico para aquela criança e oferecê-lo a um deus. Nessas sagas, há a descrição de templos, a forma na qual, se era administrado naquela época e as taxas devidas para a manutenção de um povo. Em dissemelhança com as eddas, o deus Thor seria o deus mais importante dos Islandeses e adjacente a ele, o deus Freyr presidiria o destino pessoal e inacessível.

Entretanto, existe também a teoria hipercrítica na qual possui uma visão mais cética sobre os conteúdos pré-cristãos das sagas Islandesas e dos mitos em suas análises construídas apresentando nesses temas, um tratamento considerado ficcional em sua totalidade e imaginário. Suas produções são determinadas por perspectivas cristãs aludidas nas práticas antigas e por esse motivo, são consideradas fontes diretas e indiretas da tradição antiga, refletindo na substituição ao cristianismo além de indicarem que a religião antiga se comunicou com o mundo sobrenatural. (LANGER, 2019, p. 17-20).

Algumas investigações na Escandinávia medieval apontam visualidades interdisciplinares e com multiperspectivismo estimando o caráter retórico e polêmico das narrativas. Essas fontes não passam de idealizações cristãs, como os estudos de Adam de Bremen e Rimbart. Os estudos cotidianos e histórico-sociais da época determinam em muitas dessas fontes a utilização de maneira ‘clínica’, ou seja, de uma forma mais individualizada (não possuindo nenhum tipo de fontes etnográfica ao paganismo e estimando uma visão de mundo “*crístocêntrica*” – “historiadores escravos dos textos”, retirando qualquer atributo referente ao contexto social da época pré-cristã. (LANGER, 2019, p. 17-20).

As formas devem ser utilizadas tanto empiricamente quanto teoricamente devem evidenciar os valores metodológicos nos quais são apresentados no comparativismo: estimando as diversidades de gêneros, sociedade e espacialidades. Todavia, devemos conduzir a religiosidade pré-cristã como unidades procedentes valorizando os elementos de reconstituição junto com os discursos das fontes. O termo utilizado nessa reconstrução de tradição é conhecido como “tradição vivida” aplicado ao estudo da religião nórdica antiga utilizado por arqueólogos e historiadores da religião, propondo que o delineamento social e material do mito seja prescrutado na vida cotidiana estando para além das questões verbais, artísticas e imagéticas encontradas na literatura medieval. (LANGER, 2019, p. 17-20).

As sagas de família são conhecidas pelo nome sagas dos Islandeses, portanto, essas narrativas ocorrem entre o século X e XI (Idade Média Central). As novas versões dessas sagas datam os séculos XVI e XVII. Essas sagas são consideradas prossimétricas, onde a prosa é intercambiada com a poesia, além de desenvolverem as falas dos personagens nas narrativas, um poema laudatório em homenagem

a algum personagem, isso ocorre para lembrar algum antepassado ou agradecer pelas conquistas e batalhas que estavam por vir. Todo o cenário envolvia as ilhas britânicas e a Escandinávia e suas expedições ocorriam em novos lugares. Os textos não possuíam uma memorização por esse motivo, as narrativas eram memorizadas facilmente pelo povo além da transmissão facilitada tendo em vista que eles não dominavam a escrita e disseminando para diversas pessoas. (CAMPOS, 2018, p. 37-40).

A classificação das sagas é baseada no critério de qualquer assunto ou cronologia, onde são desenvolvidas distinções entre ‘sagas de reis’, pois esse termo é utilizado na idade média. ‘A saga da Islândia’ é o subgênero no qual muitas vezes é denominado de saga de família em Inglês como esse grupo largamente oferta as ações das famílias na Islândia durante o período do assentamento Islandês até os tempos dos ‘Islandeses a conversão no ano 1000 ou um pouco depois. (ROSS, 2010, p. 37-38).

Langer (2015p, p. 443-444) retoma explicando que as sagas podem ser chamadas de um subgênero das sagas lendárias ou dos tempos antigos das terras nórdicas, sendo constituídas por um subgênero das sagas islandesas. O conceito de *fornaldar sogur* (Sagas Lendárias) foi criado pelo acadêmico dinamarquês C. Carl Rafin, na sua edição de fontes medievais durante a década de 1830, constituindo em torno de 25 sagas. Narrativas em forma de prosa sendo escritas em torno do XIV e XV, mantiveram uma relação estritamente estreita com a tradição éddica, incluindo uma relação direta com os mitos e folclore escandinavo, mas se aproximando muito mais da literatura continental que da mitologia.

A *fornaldar sogur* nasce em meio ao século XIV, com influências sobre formas literárias estrangeiras, tendo como seus principais objetivos os contos, as lendas e os poemas heroicos, entre outros. Portanto, não se utiliza da poesia escáldica, onde são mais elementares os versos éddicos nas histórias da mitologia. Algumas dessas histórias, remontam-se nos assentamentos da Islândia e suas histórias vão além da Era Viking até um passado remoto. As migrações germânicas (V e VII) nessas histórias existem contos com temas fabulosos como dragões que cospem fogo, heróis semi deuses, monstros, reis com espadas mágicas e até mesmo, os trolls. O mundo naquela época precisa desses processos que podem ser considerados mitológicos, para conseguir lidar com a vida. Havia na sociedade uma forma de transmissão do imaginário-social naquela época, onde as pessoas tentavam fugir das representações que envolviam a realidade. (ABRAM, 2019, p. 47).

Segundo Turville-Petre (1975, p. 1-35) existem outras fontes que retratam os conteúdos pré-cristãos os quais chamamos em inglês: ‘sagas heroicas’ e são consideravelmente diferentes, mas para a definição em palavras se tornaram mais simples. São estórias sobre os povos que vieram da Islândia antes do século IX. Os conteúdos são mínimos em história, sobretudo, em tradição sendo algumas mais antigas. Algumas levam heróis da Alta Idade Média, como Ermanaric Hrólf Krak, e outros

heróis vikings. Ragnar Lodbrok e os seus filhos. No mais, existem descrições do folclore medieval e diante desses conteúdos, os gêneros das narrativas acabam consubstanciados.

De acordo com Turville-Petre (1975, p. 1-35) reitera que na existência dessas formas escritas, as sagas lendárias¹⁵ podem ser mais antigas do que a segunda metade do século XIII. Muitas delas, se adaptam ao século XIV, com algumas ressalvas. A Saga *Sjeldange* é uma estória dos míticos lendários reis dinamarqueses, conhecida por Snorri, ele a compilou *Ynglinga saga*, - em alguns casos, a saga heroica passa a ser compilada. A *Saga de Siguro e seus vassallos* se denominava leiga sobre a figura de *Siguro e seus vassallos* preservada na *Edda Poética*. O mundo naquela época precisava desses processos de perguntas sobre a origem das coisas, portanto, a mitologia conseguia responder de forma mais louvável as questões sem respostas que causavam dúvidas e incertezas. Além de confortar e trazer formas de como esses indivíduos poderiam conseguir lidar e dar seguimento as suas vidas. Portanto, havia um tipo de substituição de ideias no pensamento humano da sociedade naquela época porque as pessoas tentavam fugir da representação realística para uma representação mais simbólica. (ABRAM, 2019, p. 48).

Conhecida com a mais importante das sagas islandesas nomeada como *Islendinga sogur* essas sagas eram histórias para o puro entretenimento aristocrático de um ponto de vista da recepção social, não sendo reflexos diretos de fatos históricos. Apesar de não serem consideradas realistas com as sagas dos bispos, contemporâneas e de famílias, as sagas lendárias possuem afinidade de muitos temas com estes outros subgêneros, com a incidência de magia e feitiçaria, mas as diferenças são estruturais. Enquanto os temas fantásticos (com a presença de monstros, situações fantásticas – metamorfoses, invencibilidade e etc.) são preponderantes nas *fornaldar sogur*, acontecimentos sobrenaturais ocorrem preferencialmente nas *Islendinga sogur*. (LANGER, 2015p, p. 443).

As sagas dos reis começam a ser escritas a partir da segunda metade do século XII tanto na Islândia como na Noruega sendo utilizadas para desenvolver as biografias dos reis. Elas constituem uma série de assuntos biográficos e semibiográficos porque são desenvolvidas as bibliografias dos reis da Noruega como a Saga de Sverrir ou A saga de Hákon entre os séculos IX e XIII. Essa evolução do subgênero está relacionada ao monastério beneditino de Thingeyrar sendo realizada a Saga do rei Olaf, o santo em 11700. (CAMPOS, 2018, p. 39-40).

Outro apontamento acerca da *Konungarssogur* relata que essas sagas estão sendo mais utilizadas pelo meio acadêmico como objetos de estudos entre vários pesquisadores na contextualização da Idade Média Escandinava. As sagas reais são consideradas um escopo do século

¹⁵ Alguns pesquisadores demonstram vínculo desse subgênero com a tradição heroica, mitológica, folclórica e literária tanto do continente quanto da própria Escandinávia, pelo fato de suas características fantásticas, as fornaldsogur foram relegadas para um segundo plano nos estudos escandinavísticos clássicos, sendo retomadas atualmente em investigações sobre ideologia e sociedade do mundo nórdico medieval. (LANGER, 2015p, p. 443).

XII ao XIII que possuem algumas conexões entre si. Os primeiros trabalhos que lançam a oralidade para os escritos da sociedade norueguesa são Saemundr Sígfusson, primeira enumeração a monarquia norueguesa, mencionada no poema *Nóregs konungatal*, parte do *Flatelyjarbók*, listando cerca de dez reis noruegueses. Os conteúdos se baseiam em sinopses de vidas dos reis, compilações de sagas e obras hagiográficas referentes a vida do santo Óláfr. É notório que essas obras tem relação com os poemas escaldos, compostos bem antes do início da escrita das sagas. Não se pode afirmar em qual momento ocorre a transição pontual, pois o processo é lento e amplo. A forma escrita e oral coexiste, sendo a poesia o modo oral de preservar a oralidade do povo nórdico. (MIRANDA, 2015a, p. 445-447).

As sagas dos bispos descrevem a estória dos homens que regeneram as sedes episcopais Islandesas entre o século XI e XVI, entretanto, as primeiras obras datam o século XIII. A forma como essa narrativa é desenvolvida é mais artificial em comparação as sagas de família. Os milagres que ocorriam entre os bispos eram vistos com o caráter estritamente comico, as disputas entre os pagãos e os bispos ou algum tipo de intriga onde os cristãos convenciam a sociedade que os cristãos eram melhores do que os pré-cristãos. Essas narrativas estão relacionadas a vida cotidiana na Islândia Medieval depois de sua conversão. Essas são tão conhecidas quantos as sagas lendárias e as sagas de família. Essas narrativas eram desenvolvidas devido as histórias que os bispos contavam após sua morte e assim, eram disseminadas na forma oral até serem compiladas. (CAMPOS, 2018, p. 40-41).

As sagas contemporâneas eram consideradas a forma “ctônica histórica da Islândia” e por essa razão, são consideradas como fontes históricas escritas. Tendo uma linha bastante direta, essas sagas descrevem os eventos e as pessoas que compunham aquelas sociedades. XII até 1260, sendo delimitadas em um período de cem anos. Sendo narrados acontecimentos do passado e correlacionando esses com os da época em que foi escrita a saga, *a saga de Sturlungar* é um exemplo primordial. Outras sagas consideradas importantes são as cavalheirescas, elas em resumo, foram escritas entre XIII e XIV, foram consideradas as versões dos romances nórdicos medievais: O rei Artur e os cavaleiros da Távola redonda entre outros envolvendo o tema arturiano. (CAMPOS, 2018, p. 41-42).

Conclui-se até aqui o pensamento sobreposto, sabemos que as fontes da mitologia nórdica pré-cristã, trazem um diverso escopo para o pensamento e possibilidades de perceber as tradições na Escandinávia. Essas fontes vão desde a Idade de Ferro até a Idade Média Tardia, sendo tipologias diversificadas como o exemplo de bens tumulares, poesia oral antiga e um pouco depois contos eruditos. Essas fontes também emergem uma historicidade da cultura pré-cristã que não pode ser deixada de lado. É presumível dizer que quanto mais recentes forem essas fontes, menores as chances de conseguir pensar e descrever seus mitos, pois são muito mais fragmentos de um sistema que

envolve crenças e narrativas nas quais expressam descrições das fontes antigas. (ABRAM, 2019, p. 55-56). Os mitos vão de um simples produto da religião nórdica pré-cristã e necessitam igualmente de um extenso processo de trocas religiosas e culturais tanto em transmissão textual e de interpretações quanto de formas de reinterpretação. As histórias que significam coisas diferentes para pessoas diferentes, sobretudo terão seu próprio modo de se desenvolver.

2.4 As mitografias sobre Loki

As mitografias em sua definição são textos baseados em leituras de estudiosos que buscam compreender, analisar e entender os significados simbólicos dentro dos textos com valor mitológico e sobre os diversos tipos figuras mitológicas enfocando as fontes antigas. Além de compreender como esses significados e símbolos estariam apresentados naquela cultura antiga e também em como eles se apresentam no seu tempo e sociedade atual diante das perspectivas contemporâneas. Nesse apanhado de leituras sobre os principais teóricos que pesquisam sobre a deidade, será realizada uma releitura sobre alguns estudiosos que investigaram a figura de Loki nas *Eddas* e como seu simbolismo, comportamento e conteúdo se delineiam pelas percepções de estudiosos.

Diante das mitografias desenvolvidas serão definidos alguns apontamentos e aproximações mais recentes, elencando conceituações e explicações a respeito dessa figura previamente conhecida por seu caráter previamente enigmático. Turville-Petre (1975, p. 1-35), descreve que existem interações dele com outras divindades mitológicas nas narrativas primárias, além de ser compreendido que essas fontes também, possam delimitar a compreensão pormenorizada de sua figura no que tange os ensaios contemporâneos em ligação com suas fontes primárias. O primeiro poema que contém conteúdo sobre a sua deidade é encontrado em uma narrativa escrita de um poema escaldado do século IX, escrito por Thjóðbólf de Hvin, considerado pessoa próxima a Haroldo Cabelo Belo. O *Haustlong*¹⁶ possui cerca de doze estrofes. Thjóðbólf delineou algumas contribuições descrevendo elementos importantes das histórias de Loki. Considerado com o nome:

¹⁶ “A duração do outono”, é nos termos de Simek & Pálsson, o título de um poema-escudo escáldico composto pelo escaldado norueguês Thjóðbólf ór Hvíni. De acordo com o autor, o título sugere que o poeta levou o período do outono para compor o poema. Este tem 20 estrofes, do tipo dróttkvaett “métrica de corte”, ele é considerado um subgênero dos poemas pictóricos, que descrevem o objeto em meio a narrativa lendária e mítica, muito parecidas com as narrativas eddicas. (VENANCIO, 2018, p. 362-365).

poema escudo ou *Haustlong*, descreve narrativas de eventos mitológicos que estão pintados em um escudo. Entre os principais personagens pintados nesse escudo, encontramos o gigante Thjazi, Loki e dois outros deuses: Hoenir e, evidentemente, Odin. A maioria dos poemas escaldos são bastantes difíceis de serem compreendidos. Não seria diferente com o *Haustlong*, mas, Snorri Sturlusson conseguiu recontar essas histórias em prosa simples. Ele conseguiu nos dar um padrão de visualidade em sua narrativa, pois ele desenvolve a descrição dos fatos, mediante os detalhes vislumbrados na arte do escudo.

Nessa análise, Turville-Petre (1975, p. 1-35), considera que é perceptível que Snorri emana detalhes interessantes as narrativas de Thjóðólf, mesmo ele dando uma imagem bastante translúcida sobre a divindade, os próprios *Kenningar* e outras possíveis formas simbólicas de compreendê-lo são bastante particulares diante das suas descrições. Loki é chamado de Loptr, significando ‘viajante do céu’, podendo presumir relação com o mastro que ele agarra do gigante na luta pela carne do boi, furtado por Thjazi e também com seu voo ao resgate de Idunna em Jotunheim. Ele também nesse poema (estrofe 5), é considerado filho de Fárbaúti, sendo este um gigante e talvez um atacante ou rival dos deuses. Ele está sempre na presença dos deuses, mesmo não tendo uma origem divina previamente definida (estrofe, 7). Thjóðólf, nesse poema emerge várias ações de perversas Loki, além do estupro de Idunna. Mas, no poema *Haustlong*, Loki não aparece apenas como o inimigo dos deuses. Ele é considerado quem traiu Idunna, mas também quem a trouxe de volta para Asgard, embora sob compulsão dos deuses (ameaça), além de ter sido ele quem causou a destruição do gigante. Dentre as várias narrativas sobre Loki tardias a Obra de Thjóðólf é considerada a mais tardia, mesmo sendo presumido que ele, tenha sido encontrado em fontes mais antigas no início do século X. Escaldos posteriores, fizeram alusão a Loki, mesmo sendo ocasionais, adicionaram características a imagem que foi fornecida por Thjóðólf. Dentre essas características haviam uma do islandês Elif Godrinarson, que viveu no final do século X. Ele compôs uma balada sobre o rei Hakon¹⁷ (f.995) e outra em alusão a Cristo, todas permanecem preservadas em pequenos fragmentos. (TURVILLE-PETRE, 1975, p. 1-35).

Um outro apontamento bastante preponderante sobre como Loki é vislumbrado em outros seres como, por exemplo, o trapaceiro é um protótipo do coringa no drama popular: nas tradições populares os versos descrevem o trapaceiro empunhando um bastão, ao invés de uma lança ou espada, ao ser colocada nesse bastão, é adicionada uma bexiga de porco na ponta do seu chicote. “É bastante difícil de aceitar que o pai da deusa do submundo, pai da serpente do mundo e de

¹⁷ Rei Hakon Haraldsson (920-960), irmão de Eirík Blooddax, geralmente descrito como “o bom”. (LANGER, 2015i, p. 229-230).

todos os tipos de monstros malignos, possa sempre estar tão despreocupado com as cons¹⁸equências dos eventos que o sucedem.” (TURVILLE-PETRE, 1975, p. 1-35).

Ele também considera, que toda a influência de Loki no sentido perversa, advém das tradições caucasianas, mas afirma que seja complicada demais para ser aceita, possivelmente teriam outros tipos de influências em bases pré-cristianizadas, nas quais, oferecessem tais propostas. Se pensarmos um outro exemplo disso, lembraremos de uma narrativa sobre o castigo encontrada na *Edda Poética – Lokasenna*, o final do episódio, narra a forma como Loki foi amarrado e preso em um arvoredos, como punição as suas ofensas intermináveis no salão de Aegir para com todos os deuses ali presentes. Nesse evento, sua forma de castigo seria diferente à mitologia nórdica, (os castigos na sociedade nórdica pré-cristã não traziam nenhuma influência cristã) e considera que este fato, tenha emanado influências cristianizadas de forma bastantes significativas. Se formos utilizar a comparação do deus Balder, conhecido entre os deuses como um ser bondoso, iluminado e intocável, percebemos que havia uma tendência ao assemelhá-lo a Cristo, entretanto, Loki seria a parte tenebrosa, bucólica e ácida, ao qual se pareceria com a figura do diabo.

Hilda Ellis Davidson (1993, p. 64-86) incrementa em seus estudos sobre os mitos entre as narrativas que compõem as aventuras de Loki o roubo dos tesouros dos gigantes e também sua recuperação, são elementos de teor piamente dual. Em algumas de suas narrativas e artimanhas, Loki ajuda a recuperar o martelo de Thor mesmo não sendo o agente causador do seu sumiço, além de estar transvestido de noiva (em forma de mulher) e controlar a situação de forma bastante argumentativa para benefício do próprio Thor, este, “transvestido de Freyja” imensamente possesso de ira, desejando destruir o gigante para obter seu martelo de volta em meio a uma situação bastante atípica e desconfortável para ele.

Em outros momentos narrados, Loki corta o cabelo de Sif (esposa de Thor) e quando todos percebem a situação causada, ele desenvolve uma situação de convencimento aos Filhos de Ivaldi, os anões e artesãos, que dão um jeito de desfazer o emblema: mais problemática sendo repercutida por ele. Em vista disso, se torna responsável por construir o navio de Freyr, e dar também, tanto a ele quanto a Freyja, um javali dourado. Loki consegue criar um anel gotejador para Draupnir, com o objetivo de aumentar suas riquezas mesmo ele perdendo e aposta, entretanto, Loki em mais uma situação, sai quase ileso, tendo sua boca costurada pelos anões. As mudanças de forma sobretudo, são causadas de forma central no seu conteúdo em diversas estórias, sejam elas as escritas em prosa ou em poesia, Loki muda de forma seja como salmão, mosca, foca, velha, égua, entre outros, em situações precisas, pois quando ele necessita organizar (ordem) ou desorganizar (caotizar) uma coisa ou situação, estabelece uma fisionomia para um determinado objetivo. Na morte de Baldr, por

exemplo, para evitar represálias, ele foge e se modifica em um salmão, devido ao medo da fúria dos deuses. Tempos depois no Ragnarok, na sua luta com Heimdall, ele se transforma em uma foca para se livrar da situação laboriosa no momento do confronto. (DAVIDSON, 1993, p. 64-86).

Um outro questionamento da autora, refere-se ao valor simbólico de Loki ao ser descrito por alguns estudiosos como: ladrão divino, demônio de fogo e água e uma figura ligada ao diabo cristão ou também como sendo uma aranha. Entre essas possibilidades a figura de trapaceiro é considerada a mais desenvolvida e aceita entre os estudos que compõem a comparação, apesar de ser uma interpretação questionável, Loki pode ser explicado como herói cultural e desenvolver um caráter previamente ambivalente, mesmo não o possuindo necessariamente. Ele sobretudo, está em duas nuances antagônicas de bem e mal, por que suas aventuras em determinadas situações, podem organizar e gerar o caos. Ele é considerado o último dos deuses, por ser uma figura catalizadora dos eventos de desordem. Na *Edda em prosa*, o seu papel negativo de gigante sobressai, enquanto na *Edda Poética*, seria exatamente o contrário. A influência ao castigo no qual Loki é submetido também está relacionado a cristianização que permeava na época. As narrativas tinham um cunho medieval e apocalíptico sobre o cativo do Diabo. (DAVIDSON, 1993, p. 64-86).

Lindow (2002, p. 39-45) complementa as compreensões aos aspectos míticos temporais sobre Loki possuírem em grande parte das narrativas o presente mítico (Odin e Hoenir, nas histórias de Thjazi e Andvari, acompanhando Thor na estória em Utgarda-Loki). Em uma versão da visita de Thor a Geirrod. Ele mantém a honestidade para com os Aesir, sobretudo, no futuro mítico (Ragnarok) ele age intempestivamente no desfavor desses deuses. Em algumas situações com os Aesir é deflagrada a culpa para ele, mesmo essa não o pertencendo, permanecendo em um lugar de culpabilidade inexistente, como por exemplo, na estória do mestre construtor da muralha ao redor de Asgard. Mas nessa história e em outras, ele está disposto a consertar as coisas e manter a harmonia. Algumas de suas características mais importantes sobre essa deidade, consideram sua figura associada a Loki que vive entre os deuses, mas chegará a lutar contra esses no Ragnarok, outra incompatibilidade a respeito de sua confiança.

Lindow (2002, p. 39-45) considera nas suas leituras que a intenção do deus Odin em obter a irmandade de sangue com Loki, teria como propósito a necessidade de evitar o conflito mortal no futuro mítico com a deidade. Portanto, Odin haveria fracassado em sua intencionalidade de pacto de paz. Nesse futuro mítico, as desenvolvuras atozes do gigante começam a incitar no seu início ao confronto com o deus Heimdall, e o roubo do Brisingamen, mesmo parecendo ser algo distante de ser percebido. O maior elemento dessa revolução do comportamento dessa divindade é desenvolvido no *Lokasenna* (a discórdia de Loki) quando ele desenvolve diversos insultos aos deuses e seus planos inacabados em planejar a morte de Balder, sendo o elemento mais instigador das iniciações de um

futuro mitológico bastante emblemático. A morte de Balder e as acusações feitas aos deuses no *Lokasenna*, exprimem os últimos estágios do presente mitológico e a partir desse, começamos a perceber as verdadeiras nuances dessa divindade demasiadamente alegórica.

Nos estágios do futuro mítico são encontradas narrativas nos trechos do *Voluspá*, descrevendo que Loki pilotará um navio com os mortos, os principais impugnadores dos deuses e do cosmo. Com isso, é importante reiterar que Loki é um inimigo dos deuses, não sendo perceptível no presente mítico devido a sua ambiguidade devido ao fato de ser considerado um Aesir, entretanto, quando o futuro mítico se apresenta no decorrer das estórias narradas, isso toma transparência. (LINDOW, 2002, p. 216-220).

Eldar Heide (2011, p. 2-45) complementa com uma nova forma de visualizar Loki dentro das narrativas contemplando aspectos relacionados a sociedade nórdica e tradição tardias pré-cristãs de locais específicos na Escandinávia. Eldar Heide é filólogo norueguês, desenvolve seus estudos em filologia nórdica, materiais míticos medievais e pós-medievais com as tradições tardias pré-cristãs (folclores), também desenvolveu um estudo sobre a influência de um outro estudioso conhecido como Celander (1911-1914), discutindo as tradições do continente Escandinavo que abrangem nomes como: Lokke – Luki – Luko e Loke, nas quais se aproximam com o material tardio ao nome da divindade do Loki. No seu objetivo de análise, é combinando o material tardio nórdico antigo, comparando Loki a um Vätte (espírito doméstico), e também a um Ash Lad (manipulador do fogo). Nas suas conceituações sobre Loki, ele o compara com fornecedores sobrenaturais das fazendas em que ambos teriam a aproximação a dominação do fogo, possibilitando a fertilidade das fazendas, além de manter a saúde dos povos que moravam nelas.

Para ele existiriam dois tipos de Loki: O mitológico, que estaria relacionado as narrativas dos mitos e o Vätte, este representando o espírito doméstico que sempre está vivendo sobre a lareira. Ele considera o Vätte como um ser presente em um local sob as lareiras nas fazendas. Esses espíritos auxiliares ajudariam os agricultores no trabalho agrícola, atraindo riquezas, boa saúde e fertilidades para as suas fazendas. Sobretudo, esta conceituação é visualizada nas tradições pré cristãs tardias datadas no século XI, ao passo que também, se percebia nas tradições medievais. Em uma reinterpretação sobre o a figura de Loki, afirmamos que existe um ser sobrenatural chamado de Ash Lad: um personagem dos contos populares que estaria sobreposto e associado ao Loki mitológico encontrado nas *Eddas*. Heide ainda complementa afirmando que existiriam três tipos de Vätte: um debaixo da lareira, outro junto a lareira e o último sendo o menininho da mamãe, que permanece junto da lareira de forma intensificada e bastante caprichoso por ser mimado. Portanto, haveria assim, ambivalência crucial na sua função representativa porque eles são considerados os fornecedores

sobrenaturais nas fazendas ou aquele que prega peças nos moradores da fazenda ocasionado a confusão. (HEIDE, 2011, p. 2-45).

Outro adendo importante sobre Loki é sua comparação a tradição *Sámi Noaidi* exemplificada aos olhares da estudiosa finlandesa Trinn Laidoner (2012, p. 59-81). Entretanto, antes de conceituar a tradição *Noaidi*, é necessário traçar uma modesta definição sobre os Sámis para um melhor entendimento de causa. O termo Sámi é utilizado para se referir a vários povos que possuíam traços linguísticos, genéticos, religiosos e culturais, mas que não são idênticos em nenhum desses aspectos. Se espalham por todo o território da Fenoescânia (Península Escandinava, Finlândia e a Península de Kola no Norte da Rússia. Ao mencionar a religião Sámi, não se fala em nenhuma prática de sistematização. Elas possuem sobretudo, traços dentro das variadas práticas religiosas dos povos Sámi, sendo considerada uma religião politeísta em sua fase pré-cristã.

Os *noaidi* são considerados xamãs responsáveis pela comunidade humana e o mundo sobrenatural que os envolvia com o mundo dos espíritos, os ancestrais da comunidade, deuses e também com os mortos. Eles possuíam o poder de visualizar os diferentes mundos superiores e os inferiores onde esses seres habitavam e assim, viajava com a ajuda de sua principal ferramenta para essas viagens: o tambor. Além disso, eles possuíam o cuidado integral com a saúde da comunidade e com os aconselhamentos dentro daquela sociedade, tantos as preocupações que envolviam o estado físico, quanto as tensões espirituais. Os *noaidi* eram protetores das renas, estimuladores da caça principal fonte de subsistência do seu povo. Eles garantiam a renovação do rebanho e a perpetuação do modo de vida Sámi. (PRICE, 2002, p. 249-256).

A autora e estudiosa finlandesa Laidoner (2012, p. 59-81) propõe uma análise crucialmente mais expansiva quando se pensa em território e tradição, em seus estudos ela foca em comparar os Jotnar (gigantes) com as localidades da Finlândia e Sámi, discutindo “Loki-Noaidi”, visualizando-o como um xamã, nas performances xamânicas, nas viagens da jornada da alma, entre outras características. Para ela, a transformação de Loki em uma égua, teria aproximações a figura de um xamã que havia parido um potro que tinha oito patas, semelhante ao Sleipnir. Para Triin Laidoner, não apenas haveria Loki discutido e analisado por Snorri, mas sobretudo, haveriam possibilidades de aproximações a tradições existentes como os “*Noiadevuohta*”, sendo um tipo de xamã da tradição Sámi e sua figura ambivalente de trickster. Reitera também que Loki teria o simbolismo do voo e do ar nas suas qualidades potenciais, considerando que nessa mesma tradição, haveriam a aproximações do *noaidi* ao trickster uma figura dual. Essa mesma autora considera que Loki conseguiu sobreviver mesmo sem necessitar previamente do material tardio pré-cristão, pois, ele incorporou elementos estabelecidos em outras tipologias de tradições, ressaltando principalmente a área finlandesa e a área Sámi.

Ainda complementando sua aproximação aos xamãs eles são considerados especialistas religiosos, possuidores das técnicas e conhecimentos necessários para se comunicarem com o mundo e com outros seres sobrenaturais. Eles possuíam a qualidade de entrar em um estado de transe, assim, mentalizavam suas preces e sacrifícios tendo comunicação com o mundo espiritual. Quando entravam nesse movimento espiritual, eles traziam mensagens, avisos e presságios do mundo no qual eles pertenciam e até mesmo, dos mundos paralelos. (PRICE, 2002, p. 249-256).

Outros pontos relevantes trazidos por Laidoner (2012, p. 59-81) podem sugerir fatores já esperados nas abordagens de estudos das religiões tardias pré-cristãs, Loki desempenhou nesses escritos a função de diabo cristão, assim como outros teóricos também descrevem nessas mesmas abordagens. A autora pressupõe que Loki era mais familiar para as pessoas que viviam ao norte da Escandinávia, entretanto, diante do seu caráter estrangeiro (sendo considerado um jotnar) ele estaria associado as crenças e tradições dos Sámis um sujeito que não tem uma morada física em Asgard e viaja regularmente entre um mundo e outro. Isso nos lembra os episódios de êxtase dos *noaidi* possuindo um comportamento viajante em suas idas a outros mundos sobrenaturais, assimilando a sua figura como gigante, em algumas vezes, a um Aesir. Diante dessas quebras de sua localização espacial nos parece compreensivo o seu não pertencimento a um mesmo território, ou seja, ele não possuiria meramente um lar e nem um histórico cultural, sendo um viajante entre a terra dos deuses e gigantes.

As características de viagem da alma, ambiguidades, oposições cósmicas são fatores previamente estabelecidos na tradição dos *noaidi*, as ambivalências de gênero também são elementos que necessitam ser ressignificados, possuindo por sua vez, características femininas e masculinas. Os *noaidi*, tinham a capacidade de mudar de forma, solucionar e causar problemas ligando Loki como um ladrão e portador dos objetos valiosos em conexão com essa tradição. Os gigantes também representariam as múltiplas tribos sámis e como simbologia central nessa tradição, a rena, por exemplo, poderia ser representada como elemento primordial, faria uma alusão ao cavalo do mundo Sámi, tendo como representação o espírito votivo mais poderoso dos *noaidi*, o gigante associado ao ar (vento), ligado ao xamã *noaidi* aéreo. (LAIDONER, 2012, p. 59-81).

Em relação a mudança de forma, Price (2002, p. 249-256) afirma que o xamã poderia mudar de aparência e se transmutar em um animal (urso, lobo, renas e peixe) assumindo assim, formas da natureza com rajadas de vento com suas cerimônias coletivas, entretanto, eram dominadas por ele em que a comunidade presenciava toda a desenvoltura da ritualística. Eles são os responsáveis por passar os conhecimentos adiante e coletivizar toda e qualquer sabedoria aquela tradição religiosa, além de transmitir suas visões mitológicas contemplando seu papel de poeta mitológico.

São os *noaidi* os responsáveis pela cura de enfermidades, por possuir o dom da adivinhação, ou seja, eles sabiam qual era o tempo propício para a caça, a pesca e o resgate de objetos perdidos. Além de todas essas características, eram conectados com o mundo sobrenatural em forma de deuses, animais e seres de outro mundo, devido ao elemento primordial que eles possuíam: o transe.¹⁹ Por fim, vale ressaltar que nenhuma religião existe ou atua de forma isolada, pois suas crenças e os seus sistemas religiosos estão frequentemente no intercâmbio com as religiões dos povos vizinhos, sejam eles Finlandeses, Estonianos, Bálticos, Noruegueses e Suecos. Portanto, é delimitada uma perspectiva intercultural no que se refere o contexto dessa tradição. (PRICE, 2002, p. 249-256).

2.5 Loki, um trickster

Em diversas narrativas o conceito de Trickster está associado a Loki. Todavia, é necessário apontar que Loki encontra-se em algumas situações narradas com um significado ainda muito dúbio, estranho e difícil de ser definido. Portanto, em alguns apontamentos Loki possui alguns nomes: Logi (chama), Loptr, ás, trickster (interpretação de mitólogos), entre outros. Reforçando as alta variabilidade de nomes aludidos a suas representações míticas e seu grau enigmático e questionador nas narrativas das *Eddas*. Entretanto, não só as fontes primárias datadas do período medieval pré-cristão expressam seu grau de ambiguidade: os estudos clássicos e recentes das mitografias expressam o mesmo sentido de sua figura com características bastantes contraditórias. Temos aqui, o objetivo de manter essas descrições, para que assim, Loki ganhe melhores compreensões ao seu respeito mítico e como a explicação dos seus mitos estariam aludidas ao pensamento histórico-social dos povos nórdicos.

Hilda Davidson (1993, p. 64-86) em seus estudos em mitografia, apontam para um lado negativo sobre sua figura que predomina na *Edda de Snorri*, ao contrário da *Edda Poética*, além de direcionar a procedência pela morte de Balder para uma versão inteiramente tardia com possíveis influências cristãs, envolvendo a punição de Loki ao cativo do diabo devido as narrativas apocalípticas. A autora Stefanie Von Schnurbein em um artigo publicado na revista *History of*

¹⁹ Canções específicas, ritmo era extremamente importante. Uma melodia monótona, junto com a batida dos tambores, levava o noaidi ao êxtase. (tambor oval – os desenhos no tambor favoreciam um mapa cognitivo para o xamã: ele acessaria outros mundos. (Price, 2002, p. 249-256).

Religions (história das religiões) em 2000, compara o caráter de imortalidade do deus Balder ligado a Sigurd, possuindo em ambos os casos perda da perpetuidade devido a um objeto letal específico como elemento de “perda de poder” os idealizadores das respectivas mortes são Hogni e Loki como seus aspectos ambivalentes abaixo a autora descreve:

Siguror/Siegfried é uma figura heróica que irradia uma inocência bastante semelhante à de Baldr. Ambos são verdadeiramente invulneráveis. Cada uma de suas mortes é causada por um objeto, ou no caso de Sigurd, por uma pessoa que não está ligada ao herói por nenhum juramento de fidelidade; no caso de Baldr, pelo visco; na casa de Siguro, pelo cunhado. Nas histórias de Baldr e Sigurdr, há uma figura ambivalente cujo conselho custa ao herói a vida. Para Sigurðr, esta figura é Hogni/Hagen; para Baldr, é claro, é Loki. (SCHNURBEIN, 2015, p. 117-118, tradução nossa).

Outro ponto de investigação teórica é sua figura relacionada ao herói cultural e destacadamente ao trickster Norte-Americano, descreveremos uma breve conceituação a esse respeito afirmando que nas mais relevantes tradições na América do Norte, Jan De Vries (1933, p. 258-269) explica que o trickster é visto como um ser sobrenatural ou atípico, que prega peças em uma determinada comunidade, não apenas em seres humanos, mas também, em animais.

O trickster pode ser a vítima de uma situação, ou até mesmo motivador de uma sugestiva intriga. Portanto, existe uma consideração teórica enquanto o mito do herói cultural e em muitas de suas narrativas percebe-se o envolvimento do humor, sagacidade e irreverência, mesmo não mudando as opiniões múltiplas sobre esse ser, suas atitudes vão do solucionador ao que causa desordem. Conhecido por ser escravo em um tronco de madeira em contos das tradições indígenas heterogêneas, em suas artimanhas, ele se esconde e acaba conseguindo comer o peixe desejado. Nesse mesmo pedaço, ele mesmo pratica a enganação e conseqüentemente acaba sendo enganado. (DE VRIES, 1933, p. 258-269).

Entre os diversos tipos de mitos que existem o trickster é considerado um dos mitos com maior abrangência e distribuição, além de ser conhecido entre uma variabilidade de culturas. Conhecido por estar entre as mais antigas tradições e também entre as histórias que delimitam o ser humano em sua forma inicial. É notório considerar que ele permanece intacto, expressando ao mito em sua forma de conteúdo, uma permanência sem alterações consideráveis. (RADIN, 1956, 64-104).

Para Hynes e Doty (1993, p. 33-46) existe uma grande problemática em sua conceituação na figura do malandro, devido a sua ampla gama de traços e características. Ele é um ser mítico paradoxal entre todos os personagens sendo, portanto, uma combinação de atributos, e em nossa distinção, é

visto claramente como algo que deixa dúvidas. Ele pode ser considerado um trickster possuindo diversas formas devido às suas tipologias abrangentes nas narrativas: palhaço, bobo, brincalhão, iniciado e a denominação mais conhecida e clássica: o herói cultural. Em uma das mais primordiais tradições mitológicas das fontes sobre o trickster, se permeiam entre a população dos indígenas norte-americanos, tendo como principais características o seu papel dual expresso: criação-destruição, doação-negação, sua incontinência com o impulso, múltiplas formas de gêneros, entre outros.

Pelo fato do trickster possuir narrativas sobre os seus feitos, algumas das mais coesas dentre as que já foram nomeadas, existem também, um papel principal na ordem do início do mundo, conquistando os seres monstruosos e se transformando, tendo o poder do roubo do fogo, sol e luz do dia, possui o poder de restauração após o caos, além dos questionamentos referentes às suas ações, por serem boas ou ruins, exatamente por isso, existem indagações referente às concepções religiosas que possam explicar se ele seria realmente tão intolerável. (DE VRIES, 1933, p. 258-269).

Portanto, notamos que a forma comportamental das atitudes intempestivas do trickster, levam-no a expressar a falta de consciência entre o bem e o mal, mesmo sendo ele o responsável pelas consequências que essa divindade causa. Nesse raciocínio, há uma falta de consciência pelos valores morais e sociais, ficando forçadamente refém dos seus próprios desejos e impulsos. (RADIN, 1956, p. 63-104).

A respeito do termo que se assemelha às suas características, ele teria a significação da imagem mítica do herói cultural, sendo visto como um ser intermediário, ou seja, estaria fazendo uma ponte entre os deuses e os homens, passando por um processo de evolução que o leva desde suas atitudes piamente súbitas, até um comportamento de superação e resolutividade na cultura. A figura mítica do trickster, não é tão venerada, sendo na maioria das narrativas, representada como um animal, e em tradições progressas, com uma ligeira representação de um xamã, chefe, profeta ou herói. (DE VRIES, 1933, p. 258-269).

Um dos maiores focos encontrados nas culturas permeadas por suas narrativas é o humor. Mesmo na cultura aborígine norte-americana, é algo bastante elementar nesse ser mitológico. Suas atitudes são cercadas de risos, palhaçadas, sejam das suas ações ou da forma como elas são feitas. O funcionamento dessas ações é conhecido pelo nome de função mitopoética, ou seja, os próprios embates nos quais os indivíduos têm consigo e com o mundo deles, como foram lançados sem suas permissões e sem seus ímpetos. A figura do malandro é consideravelmente significativa, mesmo diante da sua natureza de problemas e suas formulações, pois, diante de várias culturas e suas configurações históricas, haverá uma maneira de entender os seus comportamentos. (RADIN, 1956, p. 63-104).

De Vries (1933, p. 258-269) salienta que o trickster representaria uma figura universal, em que os elementos dispersos no conhecimento popular se conectam, gerando assim, o símbolo de herói cultural entre os norte-americanos e com as demais culturas, ele poderia ser um animal e/ou ser humano, no qual, não necessariamente possuiria uma relação com as representações religiosas, mesmo havendo na literatura, um caráter bastante típico.

Além disso, é visto também o compartilhamento de suas características com os animais entre esses é costumeiro pensar, em formas fixas da fauna norte americana como: o coiote, a lebre, o corvo e a aranha. Entretanto, não é visto que o trickster possua apenas formas fixas, devido a sua aparência muito mais rudimentar. (RADIN, 1956, p. 63-104).

É importante afirmar, que todos os conteúdos a respeito da categoria do herói cultural, não devem seguir uma significação de importância única. O conteúdo imaginário dos indivíduos mediante as suas respectivas narrativas sobre: sucessos e derrotas, os bens culturais conseguidos, o estoque das tradições aumentaram constantemente, entre outros. Ser um herói cultural para o trickster é algo que não é tão importante em provar nesse conceito, porque desde seu início, esses elementos estão presentes nas perguntas iniciais sobre o seu mito. Faz-se importante perceber qual é a distinção de cada parte integrante e de suas complexas concepções sobre o trickster. (DE VRIES, 1933, p. 258-269).

De Vries (1933, p. 258-269) também complementa afirmando que o herói cultural não é considerado um deus, mas apenas um ser sobrenatural. Entre suas principais formas o trickster é caracterizado por ser o mediador entre os homens e os deuses, não tendo uma importância exclusiva previamente. Sua concepção se mantém em menor relevância, a partir do momento que começa a organizar as coisas no mundo e no cosmos. Sendo assim, sua participação está em todos os elementos cósmicos contraditórios aparentes. Seguindo seu pensamento ele afirma:

A visão dualista do mundo e de seus fenômenos é tão evidente que se impõe à mente primitiva. Mas as formas nas quais essa concepção fundamental é realizada são amplamente diferentes. Quando ocorre uma dissociação entre dois seres diferentes, mais comumente considerados como gêmeos, o desenvolvimento leva a resultados bem diferentes do que quando o herói cultural e o trapaceiro estão unidos na mesma pessoa. Portanto, podemos esperar encontrar no último estágio da evolução histórica a seres tão diferentes como, por exemplo, um benevolente herói cultural quase indistinguível do Deus Supremo, um demiurgo fortemente oposto aos poderes celestiais, um mensageiro e mediador entre deus e o homem, uma espécie de demônio contrapondo-se ao criador de todas as maneiras possíveis, um mero trapaceiro que é apenas o herói de histórias cômicas e não esquecer uma figura tão complicada como o Heilbringer dos indígenas norte-americanos, em muitos casos, é extremamente difícil apontar o tipo de herói cultural como a forma original de uma divindade em uma religião que

teve um desenvolvimento rico e variado. (DE VRIES, 1933, p. 265, tradução nossa).

Tratando-se de uma comparação conceitual, a divindade pagã conhecida como o Loki pré-cristão, em suas principais características pode ser lembrado como sendo aproximado aos aspectos da figura do trickster: O humor sendo visto em ambas as narrativas, as atitudes de trapaceiro ou ladrão, conectam e aproximam as características e atitudes sagazes dessas representações de identidade, além de das mutações em outros tipos de animais, no caso de Loki, possuindo a aparência em outras pessoas ou divindades (como no caso de se transformar em mulher e transvestir Thor de noiva ao mesmo tempo). Essas ações e formas deliberadamente cheias de artimanhas ocorrem de maneira astuta, ardilosa, imprudente causando consequências nas quais ele mesmo é o responsável por fazê-las ou desfazê-las, como no caso do roubo do Brísingamen da deusa Freyja, tentando assim, arrumar a situação. Portanto, Loki é considerado o “pregador de peças dos deuses”, mas também, em consonância, “aquele que repara os atos de sua própria astúcia”. Em diversas tradições esses tipos de ações são vistos nas narrativas do trickster. (DE VRIES, 1933, p. 258-269).

Os lugares nas narrativas em que Loki desenvolve suas ações (comportamentos) é confuso devido aos recortes de suas passagens e a dificuldade de sua interpretação. Para afirmar a exatidão do seu papel nessas passagens é um desafio primordial devido ao ponto em que são expressos os conteúdos associados a confiança do seu papel nas *Eddas*: sendo considerado um deus Às entre os deuses, e como consequência disso, permanece entre os Aesir em Asgard. Por outro lado, ele possui conexões de parentesco com a deusa Hel e com os variados tipos de monstros maléficos nas narrativas. Loki encontra-se com os deuses superiores, entretanto, também é vislumbrado entre os gigantes nas narrativas, ou seja, consequentemente está entre em ambos os lados. Loki assim como o trickster assume um papel como um fenômeno religioso que precisa ser compreendido pela sua ampla complexidade mítica de explicação.

Diante das influências cristãs temos um sugestivo desafio para compreender com o seguinte questionamento: qual deveria ser o Loki pré-cristão encontrando nas fontes do século X? Até onde o imaginário pré-cristão dele permaneceu realmente fiel a essas informações tardias? E as informações concernentes ao trickster se ligam em alguma instância a ele? A respeito de trazer uma nova possibilidade de aproximações e entendimentos a essas arguições, sugerindo e possibilitando uma compreensão do Loki pré-cristão e suas possíveis características contidas nas narrativas da *Edda* em Prosa e Poética, captando assim, um esclarecimento melhor esclarecido sobre uma figura pouco compreendida e difícil de interpretação.

3. LOKI NAS FONTES LITERÁRIAS NÓRDICAS

3.1 Loki segundo a Edda Poética

Voluspá

Voluspá 31-34, século XIII.

31. Eu vi Baldr,
o sacrifício ensanguentado,
a criança de Odin,
o destino ocultado;
estava ali maduro
acima da planície
esguio e muito belo
o Visco.

32. Se fez daquele caule
que era de aspecto esguio
uma perigosa flecha nociva,
Hod passou a atirar;
era irmão de Baldr
o nascido prematuro,
aquele filho de Odin passou a
matar com uma noite de idade.

33. Ele não lavou as mãos
nem penteou a cabeça,
até que trouxe diante da pira
o adversário de Baldr;
enquanto Frigg chorou
em Fensalir
sofrimento no Valhalla.
Queres saber mais – e o que?

34. Um prisioneiro ela viu prostrado
debaixo do arvoredado do caldeirão,

uma figura traiçoeira
o distinto Loki;
lá senta Sigyn,
não conseguindo de seu
marido o prazer.
Queres saber mais – e o que?
(MIRANDA, 2018, p. 195-197).

Contexto histórico cultural: o poema Voluspá, é encontrado no manuscrito *Codex Regius* do século XVIII, datado de cerca de 1270. Conhecido como um dos poemas da *Edda Poética* mais conhecidos, ele é composto por 66 estrofes, que descrevem um monólogo de uma vidente que é ressuscitada dos mortos por Odin, com esse evento, a vidente traz informações sobre o passado, presente e futuro dos deuses. Odin, o pai dos mortos e deus supremo, possibilita alguns questionamentos a respeito do que ele não acessa em sua sabedoria sobre tais acontecimentos e seus saberes, além das consequências ao seu povo. Sendo assim, a vidente acaba descrevendo diversos elementos importantes sobre as inferências nas situações da criação e da destruição do mundo dos deuses. (Langer, 2015s, p. 555-557).

Análise: Em maior precisão, focamos nas estrofes que englobam Loki, tendo em vista, a concentração dos detalhes para sua compreensão nas narrativas do século XIII, iniciaremos, descrevendo os respectivos episódios mais marcantes nas estrofes: 32, 33, 34 e 35, essas narrativas, englobam a morte do deus Baldr e a responsabilização de sua morte a Hod, sua perda é inesperadamente não suportada pelos deuses. Em um segundo momento, não fica claro, mas há uma correlação a Loki nesse trecho, é percebido que ele está sendo castigado pelos deuses e que Sigyn, já não poderá sentir-se feliz após essa circunstância. A vidente (volva) considera-o como uma figura aproximada ao mal. É delineada a morte do deus Baldr ao sofrimento de sua mãe, Frigg, e seus lamentos juntamente com todo o povo Aesir, com a perda do tão protegido e intocado deus conhecido como Balder.

Nesses aspectos compreendemos sua figura relacionada ao castigo além de sofrer as culpabilizações referentes a morte de Baldr, estimando assim seu caráter perverso, entretanto, ele nesse recorte é visualizado nos elementos concernentes a vingança dos deuses passando pela punição devido as suas ações.

Voluspá 47- 49, século XIII:

47. Agora Garmr ladra alto
perante Gnipahellir,
o grilhão vai arrebentar
e o lobo escapará.
Muito conhecimento ela sabe
mais à frente eu vejo
pelo Ragnarøk
violento dos deuses da batalha.

48. Hrymr dirige do Leste,
se protege com o escudo à frente,
se contorce Jormungandr
em fúria de gigante;
a serpente fustiga as ondas,
e a águia guincha,
bico pálido despedaça corpo,
Naglfar se liberta.

49. Um barco vem do Leste,
dali virá de Múspell
as hostes pelo mar,
e Loki o pilota;
vão os filhos do monstro
todos com o saqueador,
eles vão com o irmão de
Býleistr em viagem.
(MIRANDA, 2018, p. 200-201).

Análise: Hrymr é considerado um gigante que lidera o barco de Naglfar. Nessa narrativa, é percebido que a serpente desperta o barco para que ele tome o caminho ao leste, juntamente com todos os demais gigantes. A partir disso, aproxima-se o início da batalha entre os gigantes e os deuses, conhecido como Ragnarök, Hrymr transportará segundo a vidente, legiões de gigantes para o campo de batalha a fim de confrontar os deuses na batalha final. A informação mais importante nesse contexto é o “controle de Loki” na tomada de decisão, nesse quesito, ele exerce um poder de liderança sendo o responsável por um outro navio, o qual ele lidera e controla todos os gigantes que ali se encontram com ele. Estes são responsáveis pela imersão no confronto do fim do mundo. Os gigantes virão de Múspellheimr e não de Jotunheim, ambas sendo terras onde vivem gigantes, mas a escolha de uma pela outra é extremamente intrigante, se percebemos o poema cita Surtr o senhor de Múspellheimr.

Voluspá 51-53, século XIII:

51. Surtr vai do Sul
 com a ruína dos galhos,
 reluz da espada
 o Sol dos deuses dos mortos;
 penhascos colapsam,
 e as bruxas vagueiam,
 os homens andam no caminho de Hel,
 e o céu despedaça.

52. Então vem de Hlínar
 à tona o segundo pesar,
 quando Odin vai
 ao ataque contra o lobo,
 e o matador de Beli
 reluzente contra Surtr;
 Então vai de Frigg
 o amor tombar.

53. Então vem o grande
 filho do Pai da Vitória,
 Vídar, matar
 a besta da carniça;
 levou ele ao filho de Hvedrung
 a mão para enfiar
 a espada até o coração;
 assim está o pai vingado.
 (MIRANDA, 2018, p. 201-202).

Análise: Nesse trecho, compreende-se que o “matador de Beli”, é o deus Freyr que ajuda Odin a lutarem juntos contra o lobo Fenrir e Surt (o guardião de Muspell, o reino do fogo), Frigg se entristece com mais confrontos entre os dois reinos. Aqui também é percebido nesse confronto, que Odin perderá a batalha. Vidar, filho de Odin, também entra na confrontação e luta com o lobo derrotando-o. Ele enfia a espada no coração do lobo Fenrir, considerado filho de Loki, apunhala-o com o golpe fatal. Pois, nesse momento, o deus Odin, mesmo após sua derrota é vingado por seu filho Vidar.

Logo depois se fala na estrofe [53] sobre Jord (giganta fêmea, personificada como sendo a terra, considerada mãe de Thor) que é citado no poema: “o menino glorioso de Hlodyn”, este é o deus Thor, ele também se vingará pela morte do seu pai, o deus Odin, contra as impunidades sofridas. Portanto, Thor luta contra a serpente (filho do deus Loki), eles se confrontam em um ataque mortal. O número 9, considerado simbólico no mundo nórdico, é associado a nove passos dados por Thor, “a criança de Fiorgyn”, portanto, nesse combate, contudo, a serpente não tem vergonha alguma em relação ao confronto com o deus Thor. A seguir algumas consequências são percebidas na estrofe 54: “o sol de repente fica escuro e o mar toma conta de toda a terra, as estrelas desaparecem no céu, o vapor da luta fica imerso nas chamas intensamente quentes ao redor e tudo fica acima do céu. Nesse final é compreendido que a luta acaba com a deflagração de ambos, tanto Thor quanto a serpente, não são percebidas nenhuma sobrevivência de um deles.

Lokasenna

Lokasenna 1-5, século XIII:

Loki voltou e encontrou Eldir do lado de fora; Loki cumprimentou-o:

1. “Diga-me, Eldir, antes de dar um passo
à frente,
sobre o que os filhos dos deuses da vitória aqui dentro
falam enquanto bebem cerveja.’

Eldir disse:

2. Eles discutem suas armas e sua prontidão para a guerra,
os filhos dos deuses da vitória;
entre os Aesir e elfos que estão lá dentro,
ninguém tem uma palavra amigável para você.’

Loki disse:

3. ‘Eu irei, nos salões de Aegir
para dar uma olhada naquela festa;
brigas e conflitos eu trarei para os filhos de Aesir
e assim misturarei seu hidromel com malícia.’

Eldir disse:

4. ‘Você sabe, se você entrar nos salões de Aegir

para dar uma olhada naquele banquete,
se houver acusação e escândalo, você derramará sobre os deuses leais,
eles vão limpar isso de você.’

Loki disse:

5. ‘Você sabe, Eldir, que se você e eu
lidarmos com palavras ofensivas,
serei rico em minhas respostas
quando você falar demais.’

(LARRINGTON, 2014, p. 81, tradução nossa).

Contexto histórico Cultural: o sarcasmo de Loki ou *Lokasenna*²⁰ é um poema mitológico da *Edda Poética*, encontra-se unicamente no Codex Régius, manuscrito de 1270 sendo compilado em alguns dos poemas Éddicos. Possui 65 estrofes em versos alternativos, a maioria em métrica de canto, mas outros na métrica de feitiços, utilizados em momentos significativos.

Em uma exuberante cerimônia entre os deuses no salão de Aegir, ocorre uma discórdia generalizada entre os Aesir e Loki. Ao ser deposto da festa, após a morte de Fimafengr e os inúmeros insultos deliberados entre os deuses, o exceto ao deus Thor, pois ele ainda não havia chegado. Loki insiste imediatamente em sua entrada mesmo que forçada na comemoração, força Odin a disponibilizar um lugar para ele juntar-se aos outros, não sendo possível tal pedido, Loki difama cada um dos deuses com palavras insolentes e profanas. Por esse motivo, o poema é conhecido como *Lokasenna* “a briga de Loki” ou “O sarcasmo de Loki”, devido as suas palavras inflamáveis que surgem em todo o delineamento dos versos com os convidados no salão de Aegir. Nenhum deles escapa dos seus julgamentos, entretanto, quando Thor retorna e entra em cena com seu martelo, Loki muda sua postura, permanecendo em silêncio mediante as possíveis consequências que podem aparecer e acaba partindo do salão. O poema é estruturado em duas estrofes de insulto, rebatidas pelas vítimas em suas próprias defesas; o verso seguinte descreve as falas do deus que foi insultado. Ele apoia a próxima vítima e ataca Loki rebatendo as ofensas. Esses diálogos possuem características de crítica dual e sugestionam alguns fundamentos próximos aos deuses como seres humanos, apresentando nas situações cotidianas e problemáticas parecidas, diferentemente do que é percebido nos deuses, pois há uma separação entre esses fenômenos. De forma que os atributos humanos não são cabíveis aos deuses, eles por sua vez, predizem franqueza. Portanto, os deuses são venerados pela sua autoridade e poder. Esse poema tem um contraste com a moral severa da nova religião que se

²⁰ “O sarcasmo de Loki” é um poema mitológico da *Edda Poética* que se encontra no *Codex Regius* de 1270. Possui 65 estrofes e versos aliterativos, a grande maioria em métrica de canto, mas alguns em métrica de feitiço, utilizados em momentos significativos. (POILVEZ, 2015a, p. 278-280).

concentrava entre os povos nórdicos. Podemos considerar também, elementos de zombaria com a religião pagã, ocasionados pelos ideais religiosos ríspidos da cristianização instaurada naquele período em questão. Olhando também pelo lado burlesco, devemos considerar que o poema tem um conteúdo de entretenimento piadista, engraçado desenvolvido pela tradição oral e também a tradição escrita, assim como o poema *Thrymskvida*, não apenas considerando os elementos de insulto à religião pagã. (LARRINGTON, 2014, p. 80).

Análise: Nesse primeiro momento, Loki retorna da floresta após ter assassinado Fimafengr, o servo de Aegir, nesse primeiro encontro com Eldir, percebe-se uma insistência de Loki para entrar no salão e compreender o que ocorre lá dentro. Na estrofe 1, ele pergunta: “sobre o que os filhos dos deuses da vitória aqui dentro/ falam enquanto bebem cerveja?” No decorrer da pergunta, Eldir descreve para Loki os planos dos Aesir sobre estarem prontos para a guerra e retoma dizendo que nenhum deles incluindo os elfos, não teriam nada de amigável para ele. Trazendo um adendo sobre a ação dos elfos em todo o poema compreende-se que nenhum deles possui qualquer ação, ou seja, permanecem passivos em todo o momento de instabilidade ocasionada. Após essa afirmativa, ele esclarece que irá fazer uma discórdia entre os Aesir e afirma que a celebração acabará em desordem, a partir do momento que descreve que “misturará o hidromel com malícia”. Nesse ponto é vista sua persuasão ao indicar em um futuro próximo suas discórdias para com os deuses, além de evidenciar o holofote trazido com todas as suas ações e verbalizações ofensivas para com os deuses.

Lokasenna 6-15, século XIII:

Depois Loki foi para o corredor. E quando os que estavam dentro viram quem havia entrado, todos se calaram.

Loki disse:

6. ‘Com sede venho a este salão,
percorri um longo caminho,
para pedir aos Aesir que eles me dessem
um gole de hidromel magnífico.’

7. ‘Por que vocês estão tão calados, deuses cheios de orgulho,
que não conseguem falar?
designa-me um lugar para sentar no banquete,
ou diga-me para ir embora!’

Bragi disse:

8. ‘Um lugar para se sentar no banquete
que os Aesir nunca atribuíram a você,
pois o Aesir sabe para quem eles devem
fornecer seu banquete potente.’

Loki disse:

9. ‘Você se lembra, Odin, quando em tempos passados
nós misturamos nosso sangue?
Você disse que nunca beberia cerveja
a menos que fosse trazida para nós dois.’

Odin disse:

10. ‘Levante-se então, Vidar, e deixe o pai do lobo
sentar-se no banquete,
para que Loki não fale palavras de censura
para nós no salão de Aegir.’

Então, Vidar se levantou e serviu uma bebida para Loki, e antes de beber, ele brindou ao Aesir.

11. ‘Salve o Aesir, salve o Asynior
e todos os deuses mais sagrados!
exceto por aquele deus que se senta mais adiante,
Bragi, nos bancos.’

Bragi disse:

12. ‘Um cavalo e uma espada eu te darei de minhas posses,
e te recompensarei com um anel também,
então você não retribua a Aesir com ódio;
não deixe os deuses exasperados com você!’

13. ‘Tantos cavalos e braceletes você sempre
terá a falta, Bragi;
dos Aesir e do Elfos estão aqui,
você é o mais cauteloso da guerra
e o mais tímido em atirar.’

Bragi:

14. ‘Eu sei se estivesse do lado de fora, assim como agora estou dentro
Do salão de Aegir,
sua cabeça eu estaria segurando em minhas mãos;
eu veria isso como uma recompensa por suas mentiras.’

Loki:

15. ‘Você é corajoso, em seu lugar, mas não fará isso!
Bragi o enfeite de banco!’

Você vai e luta, se você está tão furioso,
o homem verdadeiramente ousado não pensa duas vezes!’
(LARRINGTON, 2014, p. 82-83, tradução nossa).

Análise: A partir dessa estrofe, Loki mais uma vez pede para entrar no salão e poder partilhar da bebida com os outros deuses, no entanto, todos permanecem em silêncio, delineando um movimento de não aceitação no salão. Bragi, o deus da poesia e esposo de Iduna, afirma a Loki que ele é inaceitável nessa celebração, pontua dizendo, que os “Aesir sabem quem devem receber”, excluindo o mesmo nessa ocasião. Se sentindo excluído, ele simplesmente impulsiona como artimanha, o juramento de sangue que fez com Odin, como prova legítima para sua estadia no salão, deixando o próprio Odin refém do pacto anteriormente contemplado, ao ponto que pede para Vidar, seu filho, ceder o seu lugar para Loki. Odin permanece estando cativo de qualquer atitude que possa vir prejudicar a reunião dos deuses. A partir disso, Loki adentra no salão e brinda a todos, mas tem a mesma postura que Bragi, excluindo-o de sua gloriosa satisfação. Em toda a dialógica, ambos devolvem xingamentos, fragilidades e até mesmo o desejo de morte, como é descrito por Vidar: Coagindo Loki ao dizer que se não estivesse dentro do salão, “arrancaria sua cabeça e ainda contempla descrevendo que sua cabeça teria o valor de um troféu pelas suas mentiras.” Por fim, Loki ofende Bragi, chamando de “enfeite de banco”, no qual significa um *Kenning*²¹ para mulher, ou seja, Bragi teria uma postura frágil e passiva, apresentando incapacidade em suas ações no salão.

Lokasenna, 16-24, século XIII:

Idunna disse:

16. ‘Eu imploro a você, Bragi, que os laços de parentesco sejam mantidos
entre as crianças e aqueles que são adotados,
"então você não deve falar palavras de culpa para Loki
no salão de Aegir.’

Loki disse:

17. ‘Fique calada, Idunna, eu declaro que de todas as mulheres
Você é a mais louca por homens,
desde que você envolveu seus braços, lavados brilhantemente,
em torno do assassino de seu irmão.’

²¹ *Kenning* é uma figura de linguagem que possui função de metáfora e metonímia.

Idunna disse:

18. ‘Não estou falando palavras de culpa para Loki no salão de Aegir; estou acalmando Bragi, tornando-o falador com cerveja; Não quero que vocês dois homens zangados briguem.’

Gefion disse:

19. ‘Por que vocês dois Aesir deveriam lutar aqui com palavras ofensivas? não é sabido de Loki que ele gosta de uma piada e todos os deuses o amam?’

Loki disse:

20. ‘Faça silêncio Gefion, vou contar isto, com o seu espírito foi seduzida; o menino branco te deu uma joia e você colocou suas pernas sobre ele’

Odin disse:

21. ‘Você está louco, Loki, e fora de si, quando deixa Gefion com raiva de você, pois acho que ela conhece o destino do mundo, tão claramente quanto eu mesmo.’

Loki disse:

22. ‘Fique calado, Odin, você nunca poderia distribuir a fortuna da guerra entre os homens; muitas vezes você deu o que não deveria ter dado, vitória, para os fracos de coração.’

Odin disse:

23. ‘Você sabe, se eu dei o que não deveria ter dado, vitória, para os fracos de coração, oito invernos ainda, e você era, sob a terra, uma vaca leiteira e uma mulher, e lá você tinha filhos, e isso eu pensei a marca de um pervertido.’

Loki disse:

24. ‘Mas você, dizem, praticou *seid* em Samsey,
 e você toca o tambor como fazem as videntes,
 a semelhança de um mago você viajou pela humanidade,
 e isso eu pensei que era a marca registrada de um pervertido.’
 (LARRINGTON, 2014, p. 83-85, tradução nossa).

Análise: Nessas estrofes, Idunna pede que seja considerada a importância da irmandade concedida entre os deuses “que sejam preservados entre crianças e adotados”, além de tentar destituir toda a culpa inveterada a Loki por suas mentiras. Mais uma vez, ele a julga descrevendo que ela é “louca por homens”. Há uma evidência repetida críticas sexuais propostas por Loki, nos seus julgamentos ofensivos até aqui, o sobressalto maior se delineia para todas as mulheres que estão no salão. Em sequência, a deusa Idunna relata que a bebida pode estar deixando todos os deuses ainda mais à vontade para dizer o que pensam, tentando amortecer a situação menos apreensiva. Além disso, Gefion pactua com as ideias de Idunna, promovendo uma estratégia de considerar o bom humor e as brincadeiras de Loki em evidência, sendo estas adoradas por todos que estão na celebração. Repetidamente há mais uma ofensa com conteúdo sexual. Odin, por sua vez, não suporta as investidas bruscas de Loki a Gefion e fala do valor e do conhecimento que a deusa possui, assim como ele, seu objetivo parece delimitar a respeito de Loki por suas falas cortantes. Loki ofende mais uma vez o deus da sabedoria, dizendo que ele foi injusto, pois, concedeu vitórias a pessoas que não mereciam, mas Odin discorda e impacta-o, lembrando do episódio em que ele na construção das muralhas de Asgard se transforma em uma égua para atrair o cavalo Svadilfari, com o objetivo de atrasar a construção. Loki mais uma vez não aceita tais ofensas, julgando-o por praticar magia e apresentar características tão femininas quanto as dele. Por isso, é percebido que ambos delineiam características femininas à perversidade: no primeiro caso, ele se transforma em uma égua e no segundo quando Odin pratica a magia do Seidr, um tipo de prática mágica pagã associada às mulheres, Loki afirma em consonância a isso, que Odin toca o tambor na performance mágica feminina considerada algo puramente delicado para um deus com a virilidade tão conhecida.

Lokasenna, 25-52, século XIII:

Frigg disse:

25. ‘Os destinos que você conheceu
 nunca devem ser contados na frente das pessoas,
 o que vocês dois Aesir sofreram em tempos passados;
 os vivos devem manter distância dos assuntos antigos.’

Loki disse:

26. 'Fique quieta, Frigg, você é filha de Fiorgyn e sempre foi louca por homens: Ve e Vili, esposa de Vidrir, você tomou os dois em seus braços.'

Frigg disse:

27. 'Você sabe que se eu tivesse aqui no salão de Aegir um menino como meu filho Baldr, você não fugiria dos filhos de Aesir; haveria uma luta furiosa contra você.'

Loki disse:

28. 'Frigg, você quer que eu fale mais sobre minhas maldades; pois eu fiz com que você nunca mais veja Baldr cavalgando para os corredores.'

Freyja disse:

29. 'Louco é você, Loki, quando avalia seus atos feios e odiosos; Frigg conhece, eu acho, todo o destino, embora ela mesma não fale.'

Loki disse:

30. 'Fique quieta, Freyja, eu sei tudo sobre você; você não está livre de falhas: dos Aesir e dos elfos, que estão aqui, cada um foi seu amante.'

Freyja disse:

31. Falsa é a sua língua, acho que logo ele cantará desastre para você; os Aesir estão furiosos com você, e o Asynior, você irá para casa desconcertado."

Loki disse:

32. 'Fique em silêncio, Freyja, você é uma bruxa e muito imbuída de malícia, você estava com seu irmão, todos os deuses alegres o surpreenderam e então, Freyja, você peidou."

Niord disse:

33. 'Isso é inofensivo, se uma mulher tem marido, ou um amante, ou um de cada; o que é surpreendente é que um deus pervertido vem aqui e ele deu à luz filhos!'

Loki disse:

34. 'Njord, permaneça quieto, você foi enviado daqui para o leste como refém dos deuses; as filhas de Hymir usaram você como um mijão e mijou na sua boca.'

Niord disse:

35. 'Esse foi o meu consolo, quando eu, de longe, fui enviado como refém dos deuses, que eu gerei aquele filho, a quem ninguém odeia e é considerado o protetor do Aesir.'

Loki disse:

36. 'Pare agora, Niord, mantenha alguma moderação! Eu não vou mais manter isso em segredo com sua irmã você teve aquele filho, embora isso não seja pior do que se poderia esperar.'

Tyr disse:

37. 'Freyr é o melhor de todos os cavaleiros ousados nas cortes do Aesir; ele não faz nenhuma garota chorar nem a esposa de nenhum homem, e liberta cada homem do cativo.'

Loki disse:

38. 'Cale-se, Tyr, você nunca poderia lidar diretamente entre duas pessoas; sua mão direita, devo salientar, é aquela que Fenrir arrancou de você.'

Tyr disse:

39. 'Perdi uma mão, mas você perdeu o famoso lobo; o mal traz dor para nós dois; não é agradável para o lobo, que deve esperar algemado pelo crepúsculo dos deuses.'

Loki disse:

40. 'Fique calado, Tyr, aconteceu que sua esposa teve um filho comigo; nem um pedaço de pano nem um centavo você já teve para este ferimento, seu miserável.'

Freyr disse:

41. 'Vejo um lobo deitado diante da foz de um rio, até que os Poderes sejam dilacerados; em seguida, você será amarrado - a menos que caia em silêncio - ferreiro do mal!'

Loki disse:

42. 'Com ouro você comprou a filha de Gymir
e então você deu sua espada;
mas quando os filhos de Muspell cavalgarem sobre Myrkwood,
você não sabe então, miserável, como lutará'

Byggeir disse:

43. 'Você sabe, se eu tivesse a linhagem de Freyr,
e uma morada tão abençoada, menor que a medula eu teria esmagado aquele corvo odioso
e mutilado todos os seus membros em pedaços.'

Loki disse:

44. 'O que é aquela criaturinha que vejo abanando o
rabo e abocanhando as coisas rapidamente?
aos ouvidos de Freyr você sempre
é encontrado e tagarela sob os rebolos'

Byggvir disse:

45. 'Byggvir eu sou chamado, e dizem que estou ocupado
por todos os deuses e homens;
portanto, estou orgulhoso aqui com os filhos de Odin
todos bebendo cerveja juntos.'

Loki disse:

46. 'Fique calado, Byggvir, você nunca poderia
repartir a comida entre os homens;
e na palha do banco eles nunca podem te encontrar
quando os homens vão lutar.'

Heimdall disse:

47. 'Você está bêbado, Loki, de modo que está fora de si,
por que não para de falar?
Pois beber demais afeta todo homem,
então ele não percebe sua tagarelice.'

Loki disse:

48. 'Fique em silêncio, Heimdall, para você em dias passados
uma vida odiosa foi decretada:
umas costas sujas você deve sempre ter
e vigiar como guarda dos deuses.'

Skadi disse:

49. 'Você é alegre, Loki; você não vai brincar por muito tempo
com o rabo abanando livremente,
pois na beira de uma rocha, com as entranhas de seu filho gelado,
os deuses o amarrarão.'

Loki disse:

50. ‘Você sabe, se na beira de uma rocha, com as entranhas do meu filho gelado,
os deuses devem me amarrar,
antes de mais nada eu estava no assassinato
quando capturamos Thiazi’

Skadi disse:

51. ‘Sabe, se antes de mais nada você estava no assassinato
quando capturou Thjazi,
de meus santuários e prados
sempre compartilharão conselhos frios para você.’

Loki disse:

52. ‘Mais gentil em sua fala, você foi com o filho de Laufey
quando me convidou para sua cama;
devemos mencionar essas coisas quando avaliamos
nossos atos vergonhosos.’

(LARRINGTON, 2014, p.85-89, tradução nossa).

Análise: Frigg, pede para que os assuntos do passado nos quais Loki e Odin²² estão vivenciando, sejam deixados no passado, mas ele continua a julgar as deusas por comportamentos sexualizados, nesse caso, sugere que Frigg tenha se deitado com todos os irmãos de Odin. Ela lembra da morte do seu filho Balder²³ e culpa-o, descrevendo que ele não escaparia. Nesse trecho, é percebido que Loki assume a responsabilidade pela morte do deus Balder dizendo que “sua maldade foi não ter deixado Balder andar pelos corredores.” Freyja sinaliza a ele que algo bastante aterrorizador irá acontecer a ele, caso ele não cesse com as loucuras proferidas. A insistência no seu discurso em perceber o quanto culpa o comportamento das mulheres com teor sexualizado é bastante presente em todo o texto. Há defesas de Njord²⁴ para com sua filha, que chegam até Freyr e Tyr, todos tentando encontrar um ponto comum de defesa contra as investidas de Loki. Nesse caso, ele está sempre fazendo piadas sobre as vulnerabilidades deles (Njord levado como refém, Tyr que perdeu uma de

²³ Balder: segundo as *Eddas*, Balder é o deus da raça dos Ases, sendo o segundo filho de Odin com Frigg, vive no palácio em Breidablek (Grande Esplendor), com sua esposa Nanna, com quem tem um filho chamado Forserti. Considerado o melhor de todos os deuses, o mais belo, cuja face é tão iluminada que resplandece e brilha. É o mais sábio, eloquente e piedoso, sendo tão imaculado que nada de impuro pode ingressar onde a divindade habita. (MALTARO, 2015a, p. 53).

²⁴ Njord: Deus dos mares, um dos vanes, pai de Freyr e Freyja. Foi casado com a gigante Skadi.

suas mãos para o filho de Loki, o lobo Fenrir²⁵ e Freyr de ter sido traído por Loki com sua esposa e assim terem tido um filho. Ressalta ainda mais que Freyr “comprou a filha de Gimir”, Gerda, a filha do gigante das montanhas, trocando-a pela sua espada, Loki por fim, ameaça novamente dizendo que “os filhos de Muspell”, ou seja, os gigantes cavalgaram até o bosque chamado de *Myrkwood*, subtendendo um acontecimento previamente futuro, sobre o quanto Freyr irá lutar.

Por fim Heimdall²⁶ pede que aquela situação calorosa se abrande, mas Loki o nomeia de “Costas Sujas”. Skadi²⁷ aconselha que Loki cesse com o seu comportamento piamente disruptivo, mas ele continua e aflige Skadi descrevendo o assassinato do seu pai, Thjálfi em meio a propor mais discórdias, constrangimentos e aborrecimentos entre os deuses.

Lokasenna, 54-65, século XIII:

Então Sif foi adiante e serviu hidromel para Loki em uma taça de cristal e disse:

53. ‘Bem-vindo, agora, Loki, e pegue a taça de cristal
cheia de hidromel antigo,
você deveria admitir, dos filhos de Aesir,
que somente Sif é inocente.’

Ele pegou o chifre e bebeu:

Sif disse:

54. ‘Você seria o único, se fosse assim,
era cauteloso e relutante com um homem;
Eu conheço um— e acho que conheço—
um amante além de Thor,
e aquele era o malévolo Loki.’

²⁵ Fenrir: Filho de Loki e inimigo dos deuses, filho de Loki com a gigante Angrboda. Para Régis Boyer o significado do seu nome tem relação com “pântano”, relacionado com a palavra nórdica fen. Suas principais referências mitológicas: Voluspá 40,44,49,51,56,58; Grímnismál 19,39,44; Gylfaginning 11,33,37,49,50; Lokasenna 38. Entre outros. (LANGER, 2015u, 178-179).

²⁶ Heimdallr: Considerado o guardião dos deuses e da ponte Bifröst. Dentre as características principais dessa deidade, destacam-se sua beleza, estatura avantajada, cabelos e dentes feitos do mais puro ouro. As Eddas ressaltam ainda que o deus está sempre alerta e vigilante sendo extremamente perspicaz, possuindo a capacidade de enxergar a grandes distâncias tanto durante o dia quanto a noite, também tem uma audição tão apurada que é capaz de ouvir a grama e a lã das ovelhas crescendo e necessita dormir menos que um pássaro. Heimdallr vive em uma montanha perto da ponte Bifröst “Monte do Céu”, seu cavalo se chama Gulltop “Crimas de Ouro”, munido da espada Höfud “Cabeça de Homem” e da trombeta Gjallarhorn “Corno Clamoroso”, protege a ponte contra a chegada dos invasores. Há uma origem dúbia quanto à sua familiaridade entre os Vanes, mas é considerado um Aesir. (MAUTARO, 2015b, p. 238-240).

²⁷Skadi: a gigante e esposa de Njord, incluída, posteriormente à sua união com o deus entre os Aesir. No Skáldskarpamál, Snorri nos conta que após a morte de seu pai – o gigante Thjazi – perlas mãos dos deuses, Skadi vai para Asgard, armada para a guerra, em busca de vingança pelo assassinato. Chegando à morada dos deuses, eles lhe oferecem um acordo de reparação. Skadi poderia escolher um dos deuses como esposo, mas deveria fazer tal escolha baseada somente nos pés dos deuses. Sem poder ver as faces dos deuses, ela ao escolher, pensa que os pés, fossem os dos deuses Balder, mas eram os pés de Njord. Ela toma-o como esposo. (PALAMIN, 2015b, p. 470-471).

Beyla disse:

55. 'Toda a cordilheira treme; acho que Thor deve estar voltando de casa; ele trará paz para aquele que aqui fala mal de todos os deuses e homens.'

Loki disse:

56. 'Cale-se, Beyla, você é a esposa de Byggvir e muito imbuído com malícia; desgraça pior não aconteceu entre os filhos dos Aesir, sua leiteira suja de esterco.'

Então Thor chegou e disse:

57. 'Fique em silêncio, criatura perversa, meu poderoso martelo Miöllnir o privará da fala; sua pedra no ombro eu cortarei seu pescoço, e então sua vida terá acabado.'

Loki disse:

58 'O filho da Terra agora entrou; Por que você está tão furioso, Thor? Mas você não terá coragem quando tiver que lutar contra o lobo, quando ele engolir Odin inteiro.'

Thor disse:

59. 'Cala-te, criatura perversa, meu poderoso martelo Mjöllnir te privará da fala; vou jogá-lo nas estradas para o leste, depois ninguém nunca mais o verá'

Loki disse:

60. 'Suas viagens orientais você nunca deve se relacionar com as pessoas já que no polegar de uma luva você se encolheu, seu herói! E então você não parecia Thor.'

Thor disse:

61. 'Cala-te, criatura perversa, meu poderoso martelo Mjöllnir te privará da fala; com minha mão direita eu vou bater em você, como assassino de Hrungrnir, para que todos os seus ossos se quebrem.'

Loki disse:

62 'Pretendo viver ainda por um bom tempo, embora você me ameace com um martelo; tiras de couro fortes que você pensou que Skrymir tinha, e você não conseguiu pegar a comida,

e você morreu de fome, ileso, mas com fome.’

Thor disse:

63. ‘Cale-se, criatura perversa, meu poderoso martelo Mjöllnir irá privá-lo da fala;
O assassino de Hrungrnir irá mandá-lo para o inferno, abaixo do portão de cadáveres.’

Loki disse:

64. ‘Eu falei diante dos Aesir, falei diante dos filhos dos Aesir o que meu espírito me incitou,
mas somente por você eu sairei,
pois sei que você ataca.’

65. ‘Ale você preparou, Aegir, mas você nunca mais preparará um banquete;
todos os seus pertences que estão aqui dentro—
que as chamas brinquem sobre eles, e
suas costas sejam queimadas!’
(LARRINGTON, 2014, p. 90-91, tradução nossa).

Análise: Nesse trecho, a esposa de Thor, Sif²⁸, a deusa pertencente à família dos Ases, serve uma taça contendo um bom hidromel para Loki, na tentativa de sair ileso das agressões verbais que estavam acontecendo. Em seu discurso, Sif declara que Loki poderia afirmar sua inocência perante tantas palavras ríspidas e petulantes que ali se diziam por ele. Retrata que Loki poderia ser bondoso, justo e até mesmo amigável, comparando-o às ações de seu esposo Thor. Nesse sentido, se vislumbra um teor de ligação entre sua saída incólume das discórdias até então causadas, Sif parece elogiar e agradá-lo, no objetivo de não ser atingida, (e consegue no final). Logo depois, Beyla a serva de Freyr e Freyja, avisa a todos que Thor estaria retornando ao salão ao notar os tremores nos montes, delineia confortavelmente acreditando que Thor estando entre os Aesir, conseqüentemente, traria a paz sobre eles e todas as inúmeras ameaças infundáveis acabariam. Nessa passagem, Thor retorna e pede para que Loki se silencie, chama-o insistentemente de criatura perversa e ameaça-o durante todo o seu discurso de forma insistentemente agressiva, inclusive, afirma que vai jogá-lo nas terras ao leste, estas são conhecidas como sendo as terras dos gigantes, e assim, fará a mesma coisa que fez ao gigante Hrungrnir, o qual foi assassinado por Thor. Vale ressaltar que antes de sua morte, Hrungrnir se envolveu em uma aposta com Odin, no qual Odin apostou sua cabeça em seu cavalo, Sleipnir, sendo

²⁸ Sif: Deusa pertencente à família dos Ases, esposa de Thor e madrasta de Magni e Módi, é mãe do deus Ullr, enteado de Thor. Sif é citada em poucas fontes Hymiskvida 3,150 e 34, Hárbarðsljóð 48, Thrymskvida 24, Gylfaginning 30; e Skáldskaparmál 4,14, 22 e 33. (LANGER, 2015e, p. 459-460).

mais rápido do que o corcel Gullfaxi de Hrungnir. Após a corrida, no qual Sleipnir foi vitorioso, Hrungnir foi convidado ao Valhala²⁹ e lá, acabou por ficar bêbado e abusado. Depois de ficarem cansados daquilo, os deuses convocaram Thor para que lutasse com Hrungnir e o derrotasse.

Portanto nessas estrofes, Thor na tentativa de coibir Loki, ameaça-o: “irei quebrar os seus ossos com meu martelo”, em mais uma de tantas tentativas de controlar as inflamações causadas por todo o momento no salão. Loki por sua vez, permanece com sua intemperividade e desordem, descrevendo os atos infortúnios ocorridos na passagem *Gylfaginning*, em uma aventura conjunta de Thor³⁰, Thjálfi Loki e Roskva, irmã de Thjálfi, ao encontrarem o gigante Skrymir, indo com ele à Útgard. Desafios são organizados pelo gigante Utgarda-Loki No final do *Lokasenna*, Loki se escondeu na cachoeira de Franangr, em forma de salmão. Lá, os Aesir o pegaram. Seu filho Narfi se transformou em um lobo e matou Nari. Após isso, ele foi amarrado com as entranhas de seu filho Nari. Skadi³¹ pegou uma cobra venenosa e a prendeu ao rosto de Loki; o seu ardiloso veneno escorria pelo rosto dele inflamando-o por todos os lugares. Sigyn³², a esposa de Loki, sentou-se lá e segurou uma bacia sob o veneno para proteger o rosto do seu amado. Sobretudo, quando a bacia estava cheia, ela levava o veneno para fora, na tentativa de esvaziar o recipiente; enquanto isso, o veneno caía de forma incontrolável sobre a face do gigante. Então, ele se contorceu com tanta violência que toda a terra tremeu; esses tremores de dor agonizante ao seu castigo, agora são chamados de terremotos.

Thrymskvida (A canção de Thrym)

Thrymskvida, 1-10, século XIII:

²⁹ Valhalla: conhecido pelo nome Valhöll (Salão dos mortos), é o termo para designar a moradia do deus Odin em Asgard, onde os guerreiros mortos em batalha são recebidos. As principais fontes literárias sobre o Valhalla são: *Grímnismál* 8-10, 18-26; *Vafthrúdnismál* 41; *Gylfaginning* 37-40; entre outros. (LANGER, 2015r, p. 532).

³⁰ Thor Deus Germânico do trovão, o mais forte dos deuses ases e deidade matadora de gigantes. O mais importante deus para o paganismo escandinavo e a figura da mitologia mais popular até os nossos dias. Seu nome provém do antigo Pórr e Punna, do germânico *Punor* e do protogermanico *PunraR*, todos originalmente significando trovão. Também denominado nas fontes escandinavas de Vingthórr (Thor das batalhas), Hlórrídi (o grande deus temporal) e Ása-thorr (o deus Thor). As principais fontes literárias são: *Thrymskvida* 1-32; *Hárbardsljód* 1-60; *Hymiskvida* 1-39; *Völuspá* 56; *Alvíssmál* 6; *Lokasenna* 54; *Grímnismál* 4; *Gylfaginning* 20,43 e 50; *Skáldskaparmál* 4,17 e 18; entre outros. (LANGER, 2015f, P. 496-495).

³² Sigyn: esposa de Loki, teve dois filhos chamados de Narfi e Vali. (LANGER, 2015l, p. 281).

1. Furioso ficou Vingthor
quando acordou
e seu martelo
não encontrou,
a barba ele sacudiu,
os cabelos mexiam-se para os lados;
o filho de Jord o procurou
às apalpadelas ao seu redor.

2. E antes de tudo
disse essas palavras:
"Ouve Loki, pois
aquilo que agora digo
não é sabido
nem na terra e nem no céu":
"Meu martelo foi roubado!"

3. Foram à linda
campina de Freyja,
e antes de tudo disse essas palavras:
"Freyja, me emprestarias
teu traje de penas,
se assim eu puder
meu martelo resgatar?
Freyja respondeu":

4. "Com ele poderia te presentear
mesmo se fosse de ouro
e a ti entregá-lo mesmo se fosse de prata."

5. E Loki pôs-se a voar,
- o traje de penas zuniu -
partindo da morada dos Aesir
e chegando
na terra dos gigantes.

6. Thrym, o senhor dos gigantes,
sentado na colina,
prendia seus cachorros
com correntes de ouro
e de seus cavalos as crinas alisava.
Thrym perguntou:

7. "Como estão os Aesir?
Como estão os Elfos?
Por que vens sozinho a Jotunheim?"
Loki respondeu:

"Terrível está para os Aesir
 Terrível está para os Elfos.
 Escondeste o martelo de Hlórrithi?"
 Thrym respondeu:

8. "Escondi o martelo de Hlórrithi,
 está a oito milhas
 abaixo da terra,
 lá ninguém jamais
 poderá alcançá-lo,
 exceto se me entregares
 a mão de Freyja."

9. E Loki pôs-se a voar,
 o traje de couro zuniu -
 partindo da terra dos gigantes
 e chegando
 na morada dos Aesir;
 E no meio do jardim
 com Thor se encontrou,
 que disse antes de tudo
 essas palavras:

10. "Obtivesse sucesso
 em sua árdua empreitada?
 Pronuncia em pormenor
 as notícias pelos ares;
 sempre os que sentam
 estórias esquecem
 e os que deitam
 mentiras proferem."
 (VENÂNCIO, 2015, p. 510-512).

Contexto histórico cultural: o poema *Éddico*, conhecido como *Thrymskvida* (a canção de Thrym), é encontrado no manuscrito *Codex Régius*. Nesse poema, é delineada a história de Thor e do roubo do seu martelo pelo gigante Thrym. A data de composição do poema seria entre o século XII e XIII, mesmo sendo apontada por alguns estudiosos no século X. Essa narrativa é bastante popular no folclore, sendo feitos diversos versos incluindo a datação do século XVII na forma de rímur. O poema delinea a audiência social da Islândia Medieval, em relação as representações das divindades em momentos de humilhação e também da recuperação da honra.

O poema *Thrymskvida* é um poema consistente com o restante da mitologia nórdica, sendo pouco alterado no período oral/semiletrado até receber a primeira versão manuscrita, esse poema

encontrava-se na oralidade dos povos nórdicos no período pagão. É importante considerar que a oralidade não é algo totalmente puro ou inocente, em que o poeta é visto como interlocutor funcionando previamente, para o interesse de um determinado público, seja o oral ou o escrito modificando-se plenamente: nem a fala, nem a escrita são autônomas do contexto social onde foram geradas.

A narrativa é delineada na ação de Thor ao se vestir de mulher após o roubo do seu poderoso martelo o que nos leva a perceber diversas interpretações a respeito do poema com a transição religiosa que ocorria na época. Diante das variabilidades nas possíveis formas de pensamento sobre o poema ser considerado pagão ou não devido a sua não inscrição *Edda* de Snorri, chegaram até a suspeitarem que o islandês, Snorri, pudesse ter transcrito o poema como sendo de sua própria autoria, após o século XII. (VENÂNCIO, 2015, p. 503-510).

Análise: Em um primeiro momento do poema, o deus Thor fica extremamente furioso com o desaparecimento do seu *Mjöllnir*³³, "A barba ele sacudiu, os cabelos mexiam-se para todos lados." Tateando no escuro, em meio a sua confusão por ter perdido seu objeto de supremo valor. Ele busca seu martelo de forma insistentemente incansável. Ainda em segredo entre todos os Aesir e os outros mundos, ele resolve partilhar uma confidência com Loki, em uma esperança na resolução e deliberação do problema. Assim, Thor e Loki vão até o lar de Freyja e perguntam se ela poderia emprestar seu traje de penas voadoras, ela sem titubear, empresta o traje com bastante confiança. Loki se transveste no traje, voando até a casa do gigante Thrym, que pergunta a Loki o porquê de o gigante ir até lá sozinho. Contudo, após Loki relatar como os deuses em Asgard se encontravam bastantes preocupados com o desaparecimento de algo tão importante. Thrym, por sua vez, assume que possui o martelo de Thor, tendo mantido estrategicamente bastante escondido a oito milhas no submundo e que ninguém o deteria na sua trapaça, entretanto, se trouxessem Freyja para casar-se com ele, de imediato devolveria sem nenhuma tentativa forçada. Ao retornar para Asgard, o deus Thor pergunta para ele se ocorreu sucesso na empreitada, Loki responde que sim, mas infelizmente, descreve para Thor sobre o roubo do martelo por Thrym, e sua proposta indecente pela mão de Freyja. Uma fala consideravelmente interessante associada a Thor nessa narrativa pressupõem a recebe a notícia com a chegada Loki em Asgard e como todos os deuses se impõem (se comportam) com o sumiço do martelo perdido: "os que se sentam esquecem das histórias, os que se deitam mentiras proferem". Na

³³ Para Régis Boyer, *Mjöllnir*, significa triturador, mas sua etimologia é polêmica. Para Rudolf Simek o termo vem de protonórdico *melluniar*, e tem relação com o antigo eslávico *mlunuji* e o russo *molnija*, significando relâmpago. Outras explicações partem da relação com o nórdico antigo *mjoll* (neve nova) como o Islandês *mjalli* (branco), significando desta forma, um relâmpago brilhante. As principais fontes literárias sobre o martelo de Thor são: *Hymiskvida* 36; *Thrymskvida* 1-32; *Gylfaginning* 21,42,44,53; *Skáldskaparmál* 17,33; *Gesta Danorum* III 73. (LANGER, 2015g p. 301).

estrofe 10, é percebido na fala do deus Thor, como estava o comportamento das pessoas com o sumiço do Mjollnir, nesse caso, Loki permaneceu como elemento positivo, ajudando-o de forma ativa, sobrevoando da terra dos deuses até a terra dos gigantes com o traje de Freyja, ao tentar ajudá-lo a resolver o conflito. Portanto, nesse ponto é notório vislumbrar o teor positivo de Loki ao ajudar Thor em sua empreitada em busca do seu martelo. Nessa narrativa não fica claro, mas Loki não age de forma maliciosa ou interesseira, apenas utiliza de suas artimanhas verbais (enganando Thrym extremamente bem com sua astúcia e sagacidade) com o intuito de trapacear o gigante e conseguir o Mjollnir de Thor.

Thrymskvida, 11-20, século XIII:

11. “Saí muito bem
Na árdua empreitada;
Thrym, o senhor dos gigantes,
Está com teu martelo;
Ninguém poderá
Jamais alcançá-lo,
Exceto se com ele
Freyja contrair matrimônio”.

12. Foram ter
com a linda Freyja
e antes de tudo,
disse essas palavras:
"Veste-te, Freyja, com o véu de noiva,
nós dois devemos partir
para Jotunheim."

13. Furiosa ficou Freyja
que bufava ferozmente,
estremecendo, então,
todo o salão dos Aesir,
fazendo que dela escapasse
o grande colar de Brísing:
"Tu sabes que serei
a mais ávida por homens
se contigo partir
para Jotunheim."

14. Depressa todos os Aesir
foram para o Thing
e todas as Asynjor
estavam em discussão,

os poderosos deuses
discutiam como Hlórrithi
teria o martelo em mãos.

15. Então disse Heimdall,
o mais alvo dos Aesir,
que bem sabia o futuro
como aqueles, os Vanir:
"Pois vistamos Thor
com o véu de noiva,
e que ele se enfeite com
grande colar de Brísing."

16. "Deixemos ao lado dele
as chaves tinir.
e o vestido de noiva
sobre os joelhos cair
Adornemos o peito
com largas pedras preciosas,
e a cabeça, jeitosamente,
com um belo toucado."

17. E então disse Thor,
o mais forte dos deuses:
"De infame me chamarão
se eu permitir que
com o véu de noiva me vistam!"

18. E então disse Loki,
o filho de Laufey:
"Cala-te, Thor,
com tuas palavras.
Logo os gigantes
Asgard irão habitar
caso tu teu martelo
não resgatares."

19. Então vestiram Thor
com o véu da noiva,
enfeitou-se com o grande
colar de Brísing,
deixaram ao lado dele
as chaves tinir
e o vestido de noiva
sobre o joelho cair,
adornavam o peito
com largas pedras preciosas

e a cabeça, jeitosamente,
com um belo toucado.

20. E então disse Loki,
o filho de Laufey,
"Irei contigo como criada,
nós duas partiremos para Jotunheim.
(VENÂNCIO, 2015, p. 512-518).

Análise: O gigante e o deus vão em busca do martelo, pois só conseguirão ele de volta, caso seja consumado o casamento proposto por Thyrm com a deusa Freyja. Thor pede para Freyja se vestir de noiva, sobretudo, ela não gosta da proposta indecente do gigante, ficando extremamente enraivecida com a situação. Sua reação ao susto gera nela um comportamento tão frenético de raiva no salão dos deuses, que o seu Brisingamen³⁴ sai do seu pescoço. Além de dizer a Thor na estrofe 13: “serei a mulher que mais possuirá homens caso tal evento aconteça.” É percebido nesse trecho a existência crucial e um teor de submissão feminina quanto às decisões importantes tomadas. No próprio poema delineado no Lokasenna, Freyja já tinha um teor representativo de ser uma deusa promíscua, segundo Loki, ela teria tido relações com diversos deuses do Aesir e inclusive seu próprio irmão, causando assim, um imaginário de que a deusa tenha um caráter de teor indecente. Além disso, os deuses tentam compreender como o gigante pode ter conseguido pegar o martelo do deus no desaparecimento dele.

Heimdall, o deus mais límpido na visão dos deuses, sabendo dos eventos que estão ligados ao futuro, sugestiona a importância no travestimento do deus Thor, como uma estratégia imprescindível na retomada do seu martelo. Ele sugere que Thor deveria usar os bens pessoais da deusa Freyja, incluindo o seu Brisingamen e outros acessórios. Nesse trecho, é visto que Thor é um deus puramente masculinizado, viril, sem nenhum tipo de característica que leve a associá-lo ao delicado. Portanto, aceitar que tais acessórios femininos fossem a ele ofertados, mesmo em uma forma estratégica, faz com que seja compreendido como um insulto de extrema relevância nas condições sociais da época.

Na estrofe 17: "De infame me chamarão/ se eu permitir que / com o véu de noiva me vistam!" Portanto, delineamos etimologicamente o significado da palavra infame como algo no qual o indivíduo se torna algo ou alguém desonrado, um sujeito repugnante que possui uma má fama, uma pessoa que descumpra as normas sociais vigentes, praticando atos condenáveis do ponto de vista moral e ético. É importante ressaltar o sobressalto nesses aspectos devido às características nas atitudes de Loki, pois, é nitidamente perceptível sua naturalidade em se travestir de criada e ir com

³⁴ Colar utilizado pela deusa Freyja.

Thor para a terra dos gigantes, ele faz questão de estar com trajes femininos, seja pela suas características de mudança, seja pelo seu papel feminino em algumas descrições narrativas, ou também, pelo simples desejo de apoiar o deus Thor na empreitada que estão passando, mesmo que houvesse algum tipo de evento de pretensão maliciosa sua parte.

Sabemos que o Trickster tem suas habilidades em se transformar, ou seja, através do seu objetivo em transformar-se, conseguindo estabelecer qualquer tipo de animal e/ou pessoa. Ele também é visto como um ser mediador e salvador e até mesmo causador de problemas, o viés das estruturas sociais mantêm-se em uma determinada oposição onde se concentram em sustentar as regras de uma determinada cultura. Entre tantas formas de encontrar as prováveis mutações (animal-pessoa), citamos como exemplo: o Gaio Azul, o corvo, o coitote, a raposa, o lebre, a aranha, o coelho, aranha, tartaruga e mink. As figuras que representam o trickster como anti-herói são: o palhaço, o herói da cultura, o demiurgo, o pícaro, o vigarista, o velhote, entre outros. Todas essas, estão de uma maneira direta ou indireta inseridas no caráter na linguagem cultural, simbólica e imaginária do trickster. (DE VRIES, 1933, p. 254-265).

Thrymskvida, 11-20, século XIII:

21. Rapidamente foram os bodes
levados para a casa,
atrelados nas correias,
tinham que correr em disparada.
Penhascos se romperam,
a terra queimou-se em chamas,
o filho de Odin viajava para Jotunheim.

22. E então disse Thrym,
o senhor dos gigantes:
"Levantai, gigantes,
e forrai os bancos com palha,
para o matrimônio trazem-me Freya,
filha de Njord
de Nóatún.

23. Para o jardim vão
vacas de chifres dourados,
bois cor de piche,
para o leite dos gigantes.
tesouros tenho aos montes,
colares tenho aos montes,

apenas Freyja parece-me
que falta para possuir.

24. Lá eles chegaram
no princípio da noite,
e para os gigantes
cervejas foram trazidas.
sozinho Thor devorou um boi,
oito salmões,
todas as sobremesas,
destinadas às mulheres;
o consorte de Sif bebeu
três joeiras de hidromel.

25. Então disse Thrym,
o senhor dos gigantes:
"Onde já se viu uma noiva
de mordida mais ávida?
eu nunca vi uma noiva
de mordida mais larga,
nem uma donzela que bebesse
Mais hidromel do que essa."

26. Ao lado sentava-se
a astuta criada,
que tinha respostas
na ponta da língua:
"Tão ansiosa estava Freyja
em chegar a Jotunheim
que nada comeu por oito noites."

27. Inclinou a cabeça abaixo do véu
pois desejava beijá-la,
mas saltou para trás até o fundo do salão:
"Por que está Freyja
Por que com olhos tão encolerizados?
Parece-me que os olhos dela
queimam-se em chamas."

28. Ao lado sentava-se
a astuta criada,
que tinha as respostas na ponta da língua:
"Tão ansiosa estava Freyja
em chegar a Jotunheim
que nada dormiu por oito noites."

29. Então apareceu

a infeliz irmã dos gigantes
 que se atreveu a pedir o dote de casamento:
 "Com os anéis vermelhos de tua mão,
 deves me presentear,
 se quiseres ganhar
 meu amor,
 meu amor,
 e todo o meu apreço."

30. E então disse Thrym,
 o senhor dos gigantes:
 "Trazei aqui o martelo para consagrar a noiva,
 colocai o martelo
 no colo da donzela,
 consagrai-nos
 pela mão de Vár."

31. O coração de Hlórrithi
 sorriu dentro do peito quando o enfurecido
 o martelo avistou, Thrym,
 o senhor dos gigantes foi o primeiro que matou,
 e toda a linhagem do gigante
 exterminou.

32. Matou a velha irmã
 dos gigantes
 que pediu
 o dote de casamento;
 ela recebeu pancadas
 ao invés dos schillings,
 e um golpe do martelo
 ao invés do monte de anéis;
 (E assim, o filho de Odin
 seu martelo recuperou).
 (VENÂNCIO, 2015, p. 515-518).

Análise: Em meio a viagem, Thor e Loki vão pujantes e enérgicos à fazenda de Thrym. Tudo flamejava com a intensidade deles na empreitada da retomada do Mjollnir. Enquanto isso, Thrym estava a preparar tudo, levando em consideração o valor simbólico que a deusa Freyja tinha para ele. Ela estava vindo até sua morada a caminho para casar-se com ele. É descrito o seguinte *Kenning* na estrofe 22: “Para o matrimônio trazem-me Freya, filha de Njord / de Nóatún.” É exaltado o pai de Freyja, falado e conhecido sobre ele como deus do mar e nome do seu salão chamado de Nóatún, citado no Grímnismál. Essa última palavra é entendida como o receptáculo de navio. Todas essas

características são atribuídas ao deus Njord, intensificando o significado do quão Freyja é valiosa para o gigante.

Sobretudo, o gigante começa perceber alguns elementos comportamentais diferentes na sua suposta “noiva”, (a qual não é Freyja, mas sim, Thor disfarçado). O banquete começa acabar rapidamente e o gigante fica admirado com tal atitude, tanto no que ela comeu, quanto no que bebeu exacerbadamente. A criada estava perto da “noiva”, ligeiramente articulada em suas táticas para tornar aquele momento ainda mais real possível. Em uma das falas da “criada” (Loki disfarçado), respondia a Thrym de forma extremamente tática a situação nas estrofes 26 e 28: "Tão ansiosa estava Freyja /em chegar a Jotunheim /que nada comeu por oito noites." Em um outro momento quando o gigante pergunta sobre a raiva no olhar da “noiva” a “criada” responde: "Tão ansiosa estava Freyja /em chegar a Jotunheim/que nada dormiu por oito noites." Por fim, Thrym pede para que a união seja consumada ordenando que seja debruçado o martelo no colo da “noiva. A partir daí, Hlórrithi (o deus Thor), se enche de glória ao pegar o seu martelo e destruir o gigante Thrym, sua irmã e toda a raça de gigantes que ali estavam.

Sabemos que existem diversas passagens onde os gigantes acabam entrando em brincadeiras, atos de ludibriar, competir com os deuses e sempre tentar derrotá-los, entre outros eventos. Os gigantes parecem querer ou possuem o controle do caos e das situações de ordenar o que está desordenado, em várias passagens é percebido esse controle sobre suas ações. Nesses delineamentos ocorridos no *Thrymskvida*, Loki atua como o que traz ordem ao caos, ou pelo menos, tenta buscá-la na tentativa da recuperação do martelo de Thor, além disso, é captado nas suas atitudes, a entrega dos seus segredos e preocupações a Loki, oferecendo ao gigante bastante espaço em sua confiança na resolução dos problemas na trama do mito.

3.2 Loki segundo a Edda em Prosa

Gylfaginning

Snorri Sturluson, *Gylfaginning* 19-20, 1220 d.C.

“Então falou Gangleri: Quais são os Aesir que os homens devem acreditar? Alto disse: 'Existem doze Aesir cuja natureza é divina.' Então falou tão alto quanto: 'Não menos santos são os Ásynjur, nem seu poder é menor. Então falou o Terceiro: 'Odin é o mais alto e o mais antigo dos Aesir. Ele governa todas as coisas, e por mais poderosos que sejam os outros deuses, No entanto, todos eles se submetem a ele como filhos de seu pai. Frigg é dele esposa, e ela conhece o destino dos homens, embora não profetize, como diz aqui que o próprio Odin falou com o Ás chamado Loki:

"Você está louco, Loki, e fora de si; por que você não vai ficar em silêncio, Loki? Todos os destinos que Frigg conhece, embora ela mesma não pronuncie."

“Odin é chamado de Pai de Todos, pois ele é o pai de todos os deuses. Ele também é chamado o pai de todos [pai dos mortos], já que todos aqueles que morrem em batalha são seus filhos adotivos. Ele atribui-lhes lugares em Valhalla e Vingolf, e eles são então conhecidos como Einherjar.” (FAULKES, 1995, p. 21, tradução nossa).

Contexto Histórico Cultural: Conhecida como ‘As alucinações de Gylfi’, em nórdico: *Gylfaginning*, é compreendida como sendo a primeira parte da *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson³⁵ (desconsiderando o prólogo), que foi objetivada para representar um manual de mitologia para jovens poetas islandeses durante a época na qual Snorri desenvolvia seus trabalhos, provavelmente tendo como datação o ano de 1220 d. C, nesse período, foi percebido que muitas metáforas, poemas e narrativas estavam desmemoriadas pela comunidade. O conteúdo encontrado no *Gylfaginning*, descreve o início dos tempos até a renovação do mundo. Em seu corpo escrito, há uma conversação entre os deuses e o rei sueco Gylfi, o qual se disfarça com o nome de Gangleri, seguindo para Asgard e anseia pelo conhecimento sobre os mitos dos deuses. (Langer, 2015a, p. 143-145).

Análise: Nessa primeira descrição da prosa, encontramos a primeira aparição de Loki no *Gylfaginning*. Aqui, ele é acusado como louco, além de ser contido pelo pai de todos os homens para que silencie suas palavras mediante a Frigg, a esposa de Odin, e repreende-o por suscitá-las a deusa. É importante ressaltar, nesse mesmo ponto, que Odin é considerado o pai de todos os deuses, inclusive aqueles que morrem em batalha. A importância de ser considerado 'o pai de todos', onde todos transmitem respeito e reverência a sua poderosa divindade, considerada entre os Aesir, extremamente suprema. Entretanto, todas as aparições de Loki no *Gylfaginning* foram descritas como formas de comparação sobre a divindade e se esta, possui caráter malévolo, perverso e também se possui características de transformação assim como o trickster. Nessa primeira instância da prosa, é percebido que ele se desenvolve com performance audaciosa e malfeitora.

³⁵ Famoso Godi islandês que viveu entre 1179-1241 e a quem acreditam a compilação das obras de caráter mitológico e a compilação de diversas sagas, inclusive o conjunto de narrativas dos reis noruegueses, o *Heimskringla*. Snorri nasceu na Islândia, estudou em um importante centro intelectual localizado no sul da Islândia chamado de Oddi. Herdou do seu sogro a posição de chefia islandesa. (MIRANDA, 2015b, p. 476-478).

Snorri Sturluson, *Gylfaginning*: 27-34, 1220 d.C.

“Aquele também é considerado entre os Aesir a quem alguns chamam de caluniador do Aesir e criador de enganos e a desgraça de todos os deuses e homens. Seu nome é Loki ou Lopt, filho do gigante Farbauti. Laufey ou Nal é sua mãe. Byleist e Hellindi são seus irmãos. Loki é agradável e bonito na aparência, mal no caráter, muito caprichoso no comportamento. Ele possuía em maior grau do que outros tipos de aprendizado, que é chamado de astúcia e truques para todos os propósitos. Ele estava sempre colocando os Aesir em uma enrascada completa e muitas vezes os livrava por meio de trapaças. Sigyn é o nome de sua esposa, Nari ou Narfi, seu filho. E Loki teve outros descendentes também. Havia uma gigante chamada Angrboda na Terra dos Gigantes. Com ela Loki teve três filhos. O primeiro era o lobo Fenrir, a segunda, a serpente do mundo (isto é, a serpente de Midgard), e a terceira, sua filha com o nome de Hel. E quando os deuses perceberam que esses três irmãos estavam sendo criados na terra dos gigantes, os deuses traçaram profecias afirmando que desses irmãos grandes travessuras e desastres surgiriam para eles, então, todos sentiram que o mal era esperado deles, para começar por causa da natureza de sua mãe, mas ainda pior, por causa de seu pai.” (FAULKES, 1995, p. 26, tradução nossa).

Snorri Sturluson, *Gylfaginning*: 34, 1220 d.C.

“Então o Pai de Todos enviou os deuses para pegar os filhos e trazê-los para ele. E quando eles chegaram a ele, ele jogou a serpente naquele mar profundo que circunda todas as terras, e esta serpente cresceu tanto que se deitou no meio do oceano, circundando todas as terras e mordendo sua própria cauda. Hel ele jogou em Niflheimr e deu a ela autoridade sobre nove mundos, de modo que ela tem que administrar comida e alojamento para aqueles que são enviados a ela, ou seja, aqueles que morrem de doença ou velhice. Ela tem grandes mansões lá e suas paredes são excepcionalmente altas e os portões grandes. Seu salão é chamado Eliudnir, seu prato Fome, sua faca Fome, a serva Ganglati, servo Ganglot, sua soleira onde você entra Pedra de tropeço, sua cama doente, suas cortinas Fardo brilhante. Ela é meio negra e meio cor de carne - Portanto, ela é facilmente reconhecível - e um tanto abatida e de aparência feroz.” (FAULKES, 1995, p. 28-29, tradução nossa).

Análise: nesse segundo ponto, o gigante Loki, é descrito por Snorri, possuindo características como: caluniador dos deuses, criador de enganos e aquele que atrai tudo o que é ofensivo para os deuses, ou seja, o próprio revés. Loki é filho do gigante Farbauti, além de ser belo em sua aparência e malevolente na sua integridade. Em sua inteligência, possuía bastante sagacidade em grande teor de artimanhas, em suas ações e para todo e qualquer tipo de objetivo necessário. Ainda nesse ponto, é considerado que Loki tinha a desenvoltura de colocar os outros deuses em apuros, mas também, de protegê-los com suas múltiplas formas de se safar nos momentos de impasse. Tais características podem ser bem interligadas ao trickster em que apresentam a dualidade em suas ações de suas trapaças dentre as narrativas em sua alusão. Além disso, Loki é responsável pela paternidade de três filhos considerados malignos em todas as narrativas. A primeira se chama Hel, a que gerencia os mortos no

submundo, logo depois, a serpente de Midgard, uma das causas do Ragnarök e da luta com Thor, e por último, mas não menos importante, o lobo Fenrir, sendo este, o culpado pela perda fatal da mão do corajoso Aesir, chamado Týr. Os filhos de Loki foram criados na terra dos gigantes, mas segundo a percepção dos deuses, eles iriam expandir as artimanhas e as fatalidades entre os deuses. Assim, eles sentiam o quão devastador seria as ações quando fossem executadas pelos filhos do gigante. É discutida a natureza de sua mãe, como sendo malévola, mas o teor considerável de sua perversidade advém da sua filiação paterna com o gigante Farbauti.

No *Gylfaginning* [34], há o resgate dos filhos de Loki ao pai de todos e ele dá a cada um deles uma atribuição de onde devem permanecer. O primeiro filho é a serpente, Odin joga-a no mar, esta, deita no meio do mar e circunda todas as terras, a partir disso, a serpente morde sua própria cauda. Estima-se aqui, o tamanho em extensão da serpente onde circunda todo o mundo. Logo depois, Hel a outra filha de Loki é jogada em Niflheimr (o submundo de gelo e névoa), Odin acaba dando autoridade para que Hel controle os nove mundos, ela passa a dar comida pra aqueles que após a morte chegam em sua morada, seja pela doença ou velhice. O nome do seu salão é Eliudnir, as características descritas por Snorri no que tange Hel são bastante negativas, como por exemplo, é citado a fome e doença como elementos que tornam os indivíduos impossibilitados e desajustados. Ela também possui dois servos: Ganglati e Ganglot. Na descrição do autor, sua aparência parece bastante confusa, ora parecendo negra, ora parecendo vermelha ‘cor de carne’. Na realidade, o autor nesse quesito, explica as características físicas atribuídas a Hel como sendo uma parte humana e outra parte cadavérica, não tendo relação direta com a cor de sua pele. Mas mesmo apresentando tais características, o semblante dela é visualmente fácil de ser percebido como sendo a possuidora do submundo. Por fim, há uma certa contradição sobre seu semblante, pois o autor a coloca como abatida e logo mais retoma salientando sua aparência feroz. O que possibilita uma dualidade no perfil imagético dela.

Snorri Sturluson, *Gylfaginning*: 34, 1220 d.C. ‘Fenrir, o filho de Loki’

“Os Aesir criaram o lobo em casa, e foi apenas Tyr quem teve coragem de se aproximar do lobo e dar-lhe comida. E quando os deuses viram o quanto ele crescia a cada dia, e todas as profecias predizem que estava destinado a causar-lhes danos, então os Aesir adotaram este plano, que eles fizeram um grilhão muito forte que eles chamaram de Leyding e o trouxeram para o lobo. Sugeriu que ele deveria tentar sua força com o grilhão. O lobo decidiu que não estava além de suas forças e deixou que fizessem o que quisessem com ele. No primeiro chute que o lobo deu, esse grilhão quebrou. Assim, ele se livrou de Leyding. Em seguida, os Aesir fizeram um segundo grilhão duas vezes mais forte que eles chamaram de Dromi, e pediram ao lobo novamente para tentar este grilhão e declararam que ele alcançaria grande fama por sua força se tais poderosas peças de engenharia não pudessem segurá-lo. O lobo pensou consigo mesmo que esse grilhão era muito forte, mas também que sua força havia crescido desde que quebrou Leyding. Ocorreu-lhe que teria de correr alguns riscos se quisesse alcançar a fama e permitiu que o grilhão fosse colocado sobre ele. E quando os Aesir

declararam que estavam prontos, o lobo se sacudiu e derrubou o grilhão no chão e se esforçou com força, chutou com os pés, quebrou o grilhão de forma que os fragmentos.” (FAULKES, 1995, p. 27-29, tradução nossa).

Análise: O lobo Fenrir é conhecido como sendo um dos filhos do gigante Loki. Ele foi concebido na união dele com uma giganta conhecida como Angrboda. Os Aesir acabaram domesticando o lobo e dando-lhe comida em seu próprio lar, no entanto o deus Týr, foi o único que conseguiu encarar o lobo. Sabe-se que Fenrir é responsável pela luta com Týr, filho do deus Odin, conhecido por sua força estonteante e imbatível em batalha. Diante de uma aposta entre os deuses, o lobo Fenrir consegue quebrar o grilhão extremamente resistente, o qual é chamado de Leyding, mas, diante de sua ruptura, os Aesir desenvolvem um novo grilhão chamado de Dromi, considerado mais forte do que o primeiro. Portanto, a fama que provavelmente viria para ele, caso pudesse conseguir efetivar a destruição do grilhão, faz com que Fenrir mantenha o acordo, e conseqüentemente despedace-o por inteiro.

Snorri Sturluson, *Gylfaginning*: 42, 42-3, 1220 d.C. ‘A construção de Asgard e a Origem de Sleipnir’.

“Então falou Gangleri: "De quem é o cavalo Sleipnir? E o que há para contar sobre ele? Alto disse: Você não conhece detalhes de Sleipnir e não está familiarizado com as circunstâncias de sua origem?! Mas você achará que vale a pena ouvir isso. Foi bem no início do assentamento dos deuses, quando os deuses estabeleceram Midgard e construíram Valhalla, chegou lá um certo construtor e se ofereceu para construir uma fortificação em três estações tão boa que seria confiável e segura contra a montanha. – Gigantes de fogo e gigantes do gelo, mesmo que eles devam vir sobre Midgard. E ele estipulou como pagamento que deveria ter Freyja como sua esposa, e desejava ter o sol e a lua. Então os Aesir entraram em discussão e realizaram uma conferência e este acordo foi feito com o construtor de que ele receberia o que exigia se conseguisse construir a fortificação em um inverno, mas no primeiro dia do verão se houvesse algo inacabado em a fortificação, então ele deve perder seu pagamento. Ele não deveria receber ajuda de ninguém com o trabalho.”

[...]

“E quando eles lhe contaram esses termos, então ele pediu que permitissem que ele tivesse a ajuda de seu garanhão chamado Svadilfari. E foi Loki o responsável por isso ser concedido a ele. Começou a trabalhar no primeiro dia de inverno para construir a fortificação e, à noite, carregou pedras com o garanhão. E o Aesir pensaram que seria uma grande maravilha que pedras enormes este garanhão transportava e o garanhão realizou o dobro da força que o construtor realizou. Mas em seu acordo houve poderosas testemunhas invocadas e muitos juramentos, pois os gigantes não achavam seguro estar entre os Aesir sem uma garantia de segurança se Thor voltasse para casa, mas na época ele havia partido para as partes orientais. para derrotar os trolls. E com o passar do inverno, a construção da fortificação avançou rapidamente e era tão alta e forte que não podia ser invadida.”

[...]

“E quando faltavam três dias para o verão, ele quase havia chegado à entrada da fortificação. Então os deuses tomaram seus lugares em seus assentos de julgamento e tentaram pensar no que fazer e perguntaram uns aos outros quem tinha sido o responsável pela decisão de casar Freyja com a Terra dos Gigantes e estragar o céu e o céu tirando o sol e a lua e dando-os a gigantes. E todos concordaram que ele deve ter sido o responsável por esta decisão, o responsável pelo maior mal, Loki Laufeyjarson, e declarou que mereceria uma morte maligna se não encontrasse um esquema pelo qual o construtor perderia seu pagamento, e eles se ofereceram para atacar Loki. E ele, temeroso, jurou que faria as coisas para que o construtor perdesse seu pagamento, custe o que custasse para fazê-lo. E na mesma noite, quando o construtor partiu para a pedra com seu garanhão Svadilfari saiu correndo de uma certa floresta uma égua até o garanhão e relinchou para ele.

[...]

“E quando o garanhão percebeu que tipo de cavalo era, ficou frenético e rasgou o equipamento e correu em direção à égua, e ela foi para a floresta e o construtor atrás deles, tentando pegar o garanhão, e esses cavalos correram por todos os lados a noite e o trabalho de construção foi adiado para aquela noite. No dia seguinte, não foi feita tanta construção como antes. E quando o construtor percebeu que a obra não seria concluída, o construtor ficou furioso. Mas quando os Aesir viram com certeza que era um gigante da montanha que eles tinham lá, então os juramentos foram desconsiderados e eles chamaram Thor e ele veio em um instante e a próxima coisa foi que Miollnir foi erguido no alto. Então ele pagou o salário do construtor e não foi o sol e a lua, em vez disso, ele o impediu de viver na Terra dos Gigantes e deu o primeiro golpe de modo que seu crânio foi quebrado em fragmentos e o mandou para baixo de Niflhel. Mas Loki teve tais relações com Svadilfari que um pouco mais tarde ele deu à luz um potro. Era cinza e tinha oito pernas, e este é o melhor cavalo entre deuses e homens.” (FAULKES, 1995, p. 35-36, tradução nossa).

Análise: o rei Gylfi, disfarçado pelo nome de Gangleri, pergunta qual seria a origem do cavalo Sleipnir. Nessa resposta conta-se a estória mítica, perscrutando desde o início do assentamento dos deuses, ou seja, no desenvolvimento dos salões do Valhala. Um certo dia, havia chegado um construtor que ofereceu ajuda na construção de uma fortificação que protegesse os deuses dos gigantes da montanha em apenas três estações. O construtor tinha como proposta de recebimento pelo seu trabalho a deusa Freyja, o sol e a lua pela empreitada. Portanto, em uma conferência entre os deuses o acordo foi considerado, no entanto, se não terminassem até o primeiro dia do verão, ele teria apenas um inverno para terminar toda a obra, ele perderia sua parte do acordo. Assim, o construtor pediu para que um suposto garanhão o ajudasse. Sendo assim, o gigante Loki considera e permite. Um pouco depois, começa uma discordância com o acordo que os Aesir pactuaram com o construtor, sugerindo que, seria absurda tal proposta pois, seria uma perda terrível para os gigantes. Todos os Aesir concordam que tal acordo seria algo puramente impensável, atribuindo assim, consequentemente, a culpa a toda a trajetória do acordo a Loki com Laufeyjarson, declarando que ele merecia uma morte maligna e cruel, caso ele não encontrasse uma forma de não efetuar o pagamento a construtor. Logo, os Aesir ofereceram-se para atacar Loki. Mas o medo do gigante foi tão devastador, que ele propôs fazer qualquer tipo de trapaça para que o construtor perdesse sua parte no acordo. Portanto, chegando mais um dia de trabalho do construtor com seu garanhão, sai de dentro

da floresta (Loki transvestido de égua) relinchando para o garanhão, que se solta do seu equipamento e corre em disparada da égua. Naquela noite, o construtor tentou resgatar seu garanhão para continuar o trabalho, mas houve insucesso na sua busca. O ritmo da construção diminuiu nos últimos dias do acordo e os Aesir de forma astuta descobrem a verdadeira identidade do construtor, ele não passava de um gigante. Thor chegando do Leste, se aproxima com seu Mjölnir e bane o gigante dali com um golpe mortal no seu crânio, mandando-o para Niflheimr. Um adendo importante é que o garanhão continua entre os Aesir e mantém as relações com a égua (Loki), um tempo depois, a égua, por sua vez, dá à luz a um potro de oito patas, sendo considerado o mais veloz cavalo entre os deuses e homens, esse cavalo é um presente de Loki para Odin.

Snorri Sturluson, *Gylfaginning*: 43-4, 44-5, 1220 d.C. ‘A viagem e a competição na terra dos gigantes.’

“O começo deste negócio é que Thor partiu com suas cabras e carruagem e com ele o Ás chamado Loki. À noite, eles chegaram à casa de um camponês e receberam hospedagem por uma noite lá. Durante a noite, Thor levou suas cabras e abateu os dois. Depois disso, eles foram esfolados e colocados na panela. Quando estava cozido, Thor sentou-se para sua refeição noturna, ele e seu companheiro. Thor convidou o camponês e sua esposa e suas crianças para compartilhar a refeição com ele. O filho do fazendeiro se chamava Thjálfí, sua filha, Roskva. Então Thor colocou as peles de cabra do outro lado do fogo e instruiu o camponês e sua família a jogar os ossos nas peles de cabra. Thjálfí, o filho do camponês, percebeu que o osso do presunto estava quebrado.”

[...]

“Não há necessidade de fazer uma longa história sobre isso, todos podem imaginar o quão apavorado o camponês deve ter ficado quando viu Thor fazendo suas sobranceiras caírem sobre os olhos; quanto ao que podia ser visto dos próprios olhos, ele pensou que desmaiaria só de vê-los. Thor cerrou as mãos na haste do martelo de modo que os nós dos dedos ficaram brancos, e o camponês fez como se poderia esperar, e toda a sua casa clamou fervorosamente, implorou por graça, ofereceu-se para expiar com todos os seus bens. E quando ele viu o terror deles, então sua ira o deixou e ele se acalmou e aceitou deles em acordo seus filhos Thjálfí e Roskva, e eles então se tornaram servos de Thor e o atenderam desde então. Ele deixou as cabras para trás e começou sua jornada para o leste, para a Terra dos Gigantes e todo o caminho até o mar, e então ele cruzou o grande mar profundo. E quando chegou à terra, desembarcou e com ele Loki, Thjálfí e Roskva. Ao caminharem um pouco se depararam com uma imensa floresta. Eles caminharam o dia todo até escurecer. Thjálfí foi o mais rápido dos corredores. Ele carregava a mochila de Thor, mas não havia muitos lugares para se hospedar.”

[...]

“Quando escureceu, eles procuraram um lugar para passar a noite e chegaram a um prédio muito grande. Havia uma entrada em uma extremidade e ocupava toda a largura do edifício. Aqui eles procuraram alojamentos noturnos para si mesmos. Mas à meia-noite houve um grande terremoto, o chão tremeu sob eles e o prédio tremeu. Então Thor se levantou e chamou seus companheiros e eles procuraram ao redor e encontraram uma câmara lateral no lado direito no meio do prédio e entraram.” (FAULKES, 1995, p.37-38, tradução nossa).

Snorri Sturluson, *Gylfaginning*: 46, 1220, d.C. ‘A competição’

“Viu um grande salão e foi até ele. A porta estava aberta. Eles entraram e viram muitas pessoas em dois bancos, a maioria de bom tamanho. Em seguida, eles se apresentaram ao rei, Utgarda-Loki, e se dirigiram a ele, mas ele demorou a se virar para eles e mostrou os dentes em um sorriso e disse:

-As notícias viajam lentamente por longas distâncias. Mas estou errado em pensar que este companheirinho é Thor? Você deve ser maior do que parece para mim. E quais são os feitos que seu grupo pensa que pode realizar? Ninguém pode ficar aqui conosco se não tiver alguma arte ou habilidade em que seja superior à maioria das pessoas." Então aquele que estava na retaguarda da festa, que era Loki, disse: "Conheço uma façanha que estou bastante preparado para tentar, que não há ninguém aqui dentro que possa comer sua comida mais rápido do que eu." Então Utgarda-Loki respondeu: "Isso é uma façanha se você pode realizá-la, e devemos tentar essas façanhas" - gritou do banco que alguém chamado Logi deveria sair para o chão e competir com Loki.”

[...]

“Em seguida, uma bandeja foi trazida para o chão do salão e cheia de carne. Loki sentou-se em uma extremidade e Logi na outra, e cada um comeu o mais rápido que pôde e eles se encontraram no meio da trincheira. Loki então comeu toda a carne dos ossos, mas Logi também comeu toda a carne e os ossos também e também a trincheira, e parecia a todos agora que Loki havia perdido a competição. Então Utgarda-Loki perguntou o que aquele jovem poderia fazer, e Thjálfi disse que tentaria fazer algum tipo de corrida com qualquer um que Utgarda-Loki apresentasse. Ele disse, Utgarda-Loki, que esta foi uma boa façanha e declarou que ele realmente teria que ser bom em correr se quisesse alcançar esta façanha, Loki se levantou e saiu, e havia um bom curso lá para e ainda assim ele disse que logo iria colocá-lo à prova.” (FAULKES, 1995, p. 41, tradução nossa).

Snorri Sturluson, *Gylfaginning*: 47, 47-8, 1220, d.C. ‘A revelação do segredo de Utgard-Loki’.

“O mesmo aconteceu com os jogos em que você competiu com meus homens. O primeiro foi aquele em que Loki se envolveu. Ele estava com muita fome e comia rápido, mas aquele que é chamado de Logi [chama], era fogo selvagem e queimou a trincheira tão rapidamente quanto a carne.

Utgard-Loki, assume para Thor que todas as competições foram ganhas com feitiços, até o momento no qual sua cabeça é atingida. E também quando ele tenta levantar o gato.

outros para que você não tenha nenhum poder sobre mim". E quando Thor ouviu este discurso, ele pegou seu martelo e o balançou no ar, mas quando ele estava prestes a derrubá-lo, ele descobriu que não podia ver Utgarda-Loki em nenhum lugar. E então ele voltou para o castelo, com a intenção de destruir o castelo. Então tudo o que ele viu foi uma vasta e bela paisagem aberta, mas nenhum castelo. Então ele voltou e seguiu seu caminho até voltar para Thrudvangar. Mas o fato é que ele então decidiu buscar uma oportunidade para um encontro entre ele e a serpente de Midgard, como ocorreu mais tarde. Agora eu acho que não há ninguém que possa lhe dar um relato mais verdadeiro desta expedição de Thor.

'Então Gangleri falou: 'Muito poderoso é Utgarda-Loki, e ele usa muitos truques e magia. É claro que ele é poderoso quando tem homens em seus seguidores que têm grande poder. Mas Thor nunca se vingou disso?'

[...]

“Alto respondeu: 'Não é segredo, mesmo entre aqueles que não sabem, Thor conseguiu reparação por esta expedição que acaba de ser relatada e não ficou em casa muito tempo antes de partir em sua jornada tão apressadamente que ele tinha com ele sem carruagem e sem bodes e sem companhia. Ele atravessou Midgard tendo assumido a aparência de um menino e chegou uma noite ao cair da noite na casa de um certo gigante; seu nome era Hymir. Thor ficou lá como convidado durante a noite. E ao amanhecer Hymir se levantou e se vestiu e se preparou para remar para pescar no mar. E Thor saltou e logo estava pronto e pediu a Hymir para deixá-lo remar para o mar com ele. Mas Hymir disse que não haveria muita vantagem em tê-lo junto desde pequeno e apenas um jovem. Você vai ficar com frio se eu ficar fora tanto tempo e tanto quanto estou acostumado.”

[...]

“Mas Thor disse que não precisava hesitar em remar da costa, pois não era certo se seria ele quem primeiro imploraria para remar de volta e Thor ficou zangado com o gigante de modo que ele estava a ponto de deixar o martelo cair sobre ele imediatamente, mas ele decidiu se conter, pois, planejava tentar sua força em outro lugar. Ele perguntou a Hymir o que eles deveriam usar como isca, mas Hymir disse a ele para pegar sua própria isca. Então Thor foi até onde ele podia ver um certo rebanho de bois pertencente a Hymir. ele pegou seu grande machado.” (Tradução nossa: FAULKES, 1995, p. 45-47).

Análise: Nesse mito é relatado a viagem do deus Thor faz ao leste com seus bodes e com o Loki entre os deuses. Nessa viagem eles se acomodam na casa de um camponês no qual possui dois filhos, Thjálfi e Roskva. Durante a noite, Thor decide assar suas cabras, mas aconselha a todos que assim que comerem jogassem os ossos nas peles das cabras que se encontravam ao lado do fogo. O filho do camponês, Thjálfi, percebe que um dos ossos está quebrado, escutando aquilo, Thor fica extremamente furioso e segura seu martelo com bastante raiva e firmeza. Os donos da casa ficaram amedrontados e clamaram por piedade, vendo o tamanho do desconforto, Thor acaba se acalmando e aceita como acordo a servidão dos dois filhos do camponês. Sendo assim, Thor deixa as cabras para trás e começa sua caminhada a terra de gigantes, onde cruza o mar profundo. Lá desembarcaram Thor, Loki, Thjálfi e Roskva, encontram uma entrada enorme e logo depois um terremoto considerável onde todo o prédio se estremece, eles adentram pela entrada lateral. Ao chegarem se apresentam ao rei e ele logo delinea que só ficaria no seu salão aquele ser que tivesse algum tipo de habilidade superior, sem isso seria apenas considerado um ser comum. A partir daí começa uma competição entre eles e os escolhidos pelo rei. Aqui iremos focar na competição na qual Loki disputa com Logi, escolhido como opositor de Loki na competição. Loki afirma que é o ser que tem a habilidade de comer mais rápido que ninguém seria capaz de vencê-lo. Com isso, o rei sugere que Logi sente-se ao chão com ele, e assim, inicia a competição entre eles. Loki come a carne dos ossos, mas Logi não come somente a carne dos ossos, come os ossos e a trincheira entre eles de comida. Nessa aventura, não é encontrado malignidade com o gigante, apenas puramente teor de competição e um tom considerável da sua oralidade em comer rapidamente. Na última parte, o rei Utgard-Loki, assume que todas as competições que ocorreram naquela noite, foram ganhos com feitiços – um adendo a competição entre Logi (o gigante) e Loki – ele afirma que Logi é uma chama que queima a trincheira

tão rapidamente quanto queima a carne. Nesse trecho, é importante afirmar a habilidade dos Jotnar em possuir de qualidades especiais como magia e a capacidade de desenvolver feitiços, obtendo assim, na maioria das suas empreitadas o controle de diversas situações para os seus próprios benefícios, o rei Utgarda-Loki, não aceita nesse ponto perder a competição, utilizando da magia como forma de trapaça.

Snorri Sturluson, *Gylfaginning*: 49, 1220, d.C. ‘A morte de Baldr.’

“Então falou Gangleri: Algum evento maior ocorreu entre os Aesir? Foi uma façanha muito grande que Thor conseguiu nesta expedição.”

“High respondeu: Há eventos a serem relatados que teriam sido considerados mais significativos pelos Aesir a atirar pedras nele. Mas o que quer que eles tenham feito, ele saiu ileso, e todos eles pensaram que isso era uma grande glória. Mas quando Loki Laufeyjarson viu isso, ele não gostou de Baldr estar ileso. Ele foi para Fensalir para Frigg e mudou sua aparência para a de uma mulher. Então Frigg perguntou a esta mulher se ela sabia o que os Aesir estavam fazendo na assembleia. Ela disse que todos estavam atirando em Baldr e, além disso, que ele estava ileso. Então disse a Frigg: Armas e madeira não vão machucar Baldr. Eu recebi juramento de todos eles.”

“Então a mulher perguntou: Todas as coisas juraram não prejudicar Baldr? Então Frigg respondeu: Lá cresce um broto de uma árvore a oeste de Valhala. Chama-se visco.

Imediatamente a mulher desapareceu. E Loki pegou o visco e o arrancou e foi para a assembleia. Hod estava parado no limite do círculo de pessoas, pois ele era cego. Então Loki disse a ele:

Por que você não está atirando em Baldr? Ele respondeu: Porque não consigo ver onde Baldr está e, em segundo lugar, porque não tenho arma.”

“Então disse Loki: Siga o exemplo de outras pessoas e honre Baldr como outras pessoas. Vou direcioná-lo para onde ele está. Atire nele com este bastão. Hod pegou o visco e atirou em Baldr na direção de Loki. O míssil voou através dele e ele caiu morto no chão, e este foi o ato mais infeliz já feito entre deuses e homens. Quando Baldr caiu, então todas as línguas dos Aesir falharam, assim como suas mãos para levantá-lo, e todos eles se entreolharam e foram todos unânimes em relação àquele que havia feito a ação. Mas ninguém poderia se vingar, era um lugar de tal santuário.”

“Quando o Aesir tentou falar, o que aconteceu primeiro foi que o choro saiu, de modo que ninguém poderia contar a outro em palavras sobre sua dor. Mas foi Odin quem sofreu mais esse ferimento, pois tinha a melhor ideia da grande privação e perda que a morte de Baldr causaria aos Aesir. E quando os deuses voltaram a si, então Frigg falou, e perguntou quem havia entre os Esir que desejava ganhar todo o seu amor e favor e estava disposto a cavalgar a estrada para Hel e tentar encontrar Baldr, e oferecer Hel. um resgate se ela deixasse Baldr voltar para Asgard. Hermod, o Ousado, filho de Odin, é o nome de quem empreendeu esta jornada. Então o cavalo de Odin, Sleipnir, foi trazido e levado adiante e Hermod montou neste cavalo e partiu galopando. Então os Aesir pegaram o corpo de Baldr e o levaram para o mar. Hringhorni era o nome do navio de Balder. Era o maior de todos os navios. Este o Aesir planejou lançar e realizar o funeral de Balder. Mas o navio se recusou a se mover. Então eles enviaram para Giantland para uma gigante chamada Hyrrokkin. E

quando ela chegou, montando um lobo e usando víboras como rédeas, ela desmontou de seu corcel, e Odin convocou quatro berserks para cuidar da montaria, e eles não conseguiram segurá-la sem derrubá-la. Então Hyrrokkin foi até a proa do barco e empurrou-o para fora com o primeiro toque, de modo que a chama voou dos rolos e todas as terras tremeram.”

“Então Thor ficou com raiva e agarrou seu martelo e estava prestes a esmagar a cabeça dela até que todos os deuses implorassem por graça para ela. Então o corpo de Baldr foi levado para o navio e, quando a filha de sua esposa Nanna viu isso, ela desmaiou de tristeza e morreu. Ela foi carregada para a pira e foi incendiada. Então Thor parou e consagrou a pira com Miöllnir. Mas um certo anão correu na frente de seus pés. Seu nome era lit. Thor o chutou com o pé e o jogou no fogo e ele foi queimado. Esta queima foi assistida por seres de muitos tipos diferentes: primeiro para contar sobre Odin, que com ele foram Frigg e Valquírias e de Hermed e seus corvos, enquanto Freyr dirigia uma carruagem com um javali chamado Gullinbursti ou Slidrugtanni. Mas Heimdall montou um cavalo chamado Gulltopp, e Freyia seus gatos. Veio também uma grande companhia de gigantes do gelo e gigantes da montanha. Odin colocou na pira um bracelete de ouro chamado Draupnir. Posteriormente, teve a propriedade de que, a cada nona noite, pingasse oito anéis de ouro do mesmo peso. O cavalo de Baldr foi levado para a pira com todos os seus arreios.”

“Mas há o que dizer de Hermod que ele cavalgou por nove noites por vales escuros e profundos, de modo que não viu nada até chegar ao rio Gioll e cavalgar até a ponte Gioll. É coberto com ouro brilhante. Há uma donzela guardando a ponte chamada Modgud. Ela perguntou-lhe seu nome e linhagem e disse que outro dia havia passado pela ponte cinco batalhões de mortos. "Mas a ponte não ressoa menos sob você, e você não tem a cor de um homem morto. Por que você está cavalgando aqui na estrada para Hel?" Ele respondeu: "Eu devo cavalgar até Hel para procurar Baldr. Mas você já viu alguma coisa de Baldr na estrada para Hel? "E ela disse que Baldr tinha cavalgado lá pela ponte Gioll, "mas para baixo e para o norte fica a estrada para Hel." Então Hermod cavalgou até chegar aos portões de Hel. Então ele desmontou o cavalo e apertou sua cilha, montou e o esporeou. O cavalo saltou com tanta força e por cima do portão que não chegou nem perto. Então Hermod cavalgou até o salão e desmontou de seu cavalo, entrou no salão, viu sentado ali no assento de honra seu irmão Balder; e Hermod passou a noite ali. Pela manhã, Hermod implorou a Hel que Baldr pudesse cavalgar para casa com ele e disse que grande choro havia entre os Esir. Mas Hel disse que deve ser testado se Baldr era tão amado quanto as pessoas disseram da seguinte maneira para vestir isso "E se todas as coisas no mundo, vivas e mortas, chorarem por ele, então ele voltará para os Aesir, mas será mantido com Hel se qualquer objeto ou recusa chorar." Então Hermod se levantou e Baldr saiu com ele do salão e pegou o anel Draupnir e o enviou a Odin como lembrança, e Nanna enviou a Frigg um manto de linho e outros presentes também; para Fulla um anel de dedo. Então Hermod cavalgou de volta em seu caminho e veio para Asgard e contou todas as novidades que tinha visto e ouvido.” (FAULKES, 1995, p.48-50, tradução nossa).

Análise: nesse mito é perguntado por Gangleri se mais algum evento significativo ocorreu entre os deuses. Alto responde que a pessoa que causou tal circunstância saiu ileso. Logo depois, é falado na que tal evento fosse glorioso, mas o gigante Loki não aceita e não aprova o deus Baldr permanecer ileso, assim, ele vai a Fensalir (o local onde a deusa Frigg habita), chegando lá, ele muda mais uma vez sua aparência: dessa vez, Loki transforma-se em uma mulher, e utilizando do seu disfarce pergunta a Frigg se ela estava ciente do que ocorria com seu filho em Asgard. Ela afirma dizendo que armas e madeira não podem feri-lo, pois, todas essas coisas, haviam jurado proteção

constate a Baldr. Logo depois, A mulher pergunta se alguma coisa poderia ser capaz de fazer mal ao deus, ela diz que sim, uma planta a oeste dali, conhecida pelo nome de o visco.

A travestilidade de Loki encerra-se no fim daquela conversa, ele pega o visco e vai para a assembleia com os outros deuses. Aqui, parece que Loki já tinha Hod (irmão do deus Balder), em mente na sua estratégia de matar Balder. Chegando lá, vai em direção ao Hod e pergunta porque ele não está honrando o deus assim como os outros, ele delineia seu ponto fraco (cegueira), entretanto, é percebido que Loki vê da fragilidade Hod, uma oportunidade para conseguir o que ele já planeja. Sendo assim, ele mira o deus Hod na direção correta, ele por sua vez, percebe o sucesso do tiro, juntamente com a arma mortal planejada. Baldr cai imediatamente. A partir daí, todo o salão se mantém perceptivelmente infelizes com a situação devastada e não esperada. Tudo se manteve inerte, as palavras, mãos para levantá-lo. Todos sabiam da ação que traria a maior consequência entre os deuses (privação e perda) e segundo o pai dos deuses não haveria tristeza maior. Mas, nenhum ato de vingança poderia acontecer naquele lugar considerado sagrado. No desespero maior, Frigg sugere dar todo o seu amor para aquele que conseguir resgatá-lo das estradas de Hel, o filho de Odin, chamado Hermod, vai com Sleipnir até Niflheimr. A tragédia foi tão tocante que até o barco do deus Balder Hringhorni se manteve paralisado, chamaram uma gigante (Hyrrokkin³⁶), a qual conseguiu empurrá-lo, mesmo trazendo tremores após a movimentação do maior navio entre os deuses. O corpo do deus Balder é levado à pira, lá ele é queimado juntamente com o corpo de sua esposa, que desmaiou de tanta tristeza e morre após a fatalidade que ocorreu com seu esposo, sendo também, queimada na pira. Nove noites se passam e Hermod cavalga até Hel, passa pelo rio Gioll e ao encontrar-se com Hel³⁷, ela afirma que todas as coisas (vivas e mortas) precisarão chorar por ele, se alguém se recusar, ele não retornará. Por fim, Balder manda para Odin o Draupnir, seu anel. Sua esposa Nanna, envia para sua mãe, Nep, um manto de linho e um anel para Fulla (confidente de Frigg). Após isso, Hermod volta a Asgard.

Snorri Sturluson, *Gylfaginning*: 49-51, 1220, d.C. ‘O castigo de Loki e o Ragnarök’

“Depois disso, o Esir enviou todos os mensageiros do mundo para solicitar que Baldr fosse retirado de Hel. E todos fizeram isso, as pessoas e os animais e a terra e as pedras e as árvores e todo metal, assim como você deve ter visto que essas coisas choram quando saem da geada e entram no calor. Quando os enviados estavam viajando de volta tendo cumprido bem sua missão, eles encontraram em uma certa caverna uma gigante sentada. Ela disse que seu nome era obrigado. Eles

³⁶ Giganta descrita na Edda de Snorri, que surgiu durante o funeral de Balder. (LANGER, 2015k, p. 262-263).

³⁷ Nome do reino dos mortos na mitologia germano-escandinava e personificação literária da deusa do submundo, filha de Loki. (LANGER, 2015j, p. 242-243).

a mandaram chorar Baldr fora de Hel. Ela disse: "Obrigado chorará lágrimas secas pelo enterro de Baldr. Nada de bom eu consegui do filho do velho, morto ou vivo. Deixe Hel segurar o que ela tem."

"Presume-se que este foi Loki Laufeyjarson, que fez mais mal entre os Aesir." Então, Gangleri falou: "Foi uma grande conquista de Loki quando ele fez com que Baldr fosse morto, e também que ele não foi redimido de Hel. Mas ele foi punido por isso?"

"Alto disse: 'Ele foi recompensado por isso de tal maneira que não o esquecerá tão cedo. Os deuses ficaram tão zangados com ele quanto se poderia esperar, ele fugiu e se escondeu em uma certa montanha, construiu uma casa lá com quatro portas para que pudesse ver a casa em todas as direções. Mas durante o dia ele frequentemente se transformava na forma de um salmão e se escondia em um lugar chamado cachoeira Franangr. Então ele ponderou que tipo de dispositivo os Aesir provavelmente inventaram para pegá-lo na cachoeira.'

"E, estando sentado em casa, pegou um fio de linho e amarrou nele nós, como desde então se faz uma rede. Um fogo estava queimando na frente dele. Então ele notou que os Aesir estavam apenas a uma curta distância dele, e Odin tinha visto onde ele estava de Hlidskialf. Ele imediatamente pulou e caiu no rio, jogando a rede no fogo. E quando os Aesir chegaram à casa, o primeiro a entrar foi o mais sábio de todos, chamado Kvasir. E quando ele viu no fogo a forma nas cinzas onde a rede havia queimado, ele percebeu que deveria ser um dispositivo para pescar e disse aos Aesir. Depois disso, eles foram e fizeram uma rede igual à que viram nas cinzas que Loki havia feito. E quando terminou, os Aesir foram até o rio e jogaram-no na cachoeira. Thor segurou uma ponta e todos os Aesir seguraram a outra e eles arrastaram a rede."

"Mas Loki foi na frente e se deitou entre duas pedras. Eles arrastaram a rede sobre ele e perceberam que havia algo vivo ali e foram uma segunda vez até a cachoeira e jogaram a rede e a amarraram com tanto peso que nada poderia passar por baixo. Então Loki passou na frente da rede e, quando viu que era apenas um curto caminho até o mar, saltou por cima da rede e deslizou para dentro da cachoeira. Desta vez os Aesir viram para onde ele foi, voltaram para a cachoeira e dividiram seu grupo em dois grupos, e Thor vadeou pelo meio do rio e assim avançaram em direção ao mar. E quando Loki viu que havia duas alternativas - era um perigo mortal correr para o mar, mas também era pular novamente por cima da rede e foi isso que ele fez - saltou o mais rápido que pôde por cima da rede. Thor agarrou-o, e colocou a mão em volta dele."

"Assim, ele escorregou em sua mão, de forma que a mão ficou presa na cauda. E é por isso que o salmão afunila em direção à cauda. Agora Loki foi capturado sem quartel e levado para uma certa caverna. Então eles pegaram três lajes de pedra e as colocaram na borda e abriram um buraco em cada laje. Então os filhos de Loki, Vali e Nari ou Narfi, foram buscados. O Aesir transformou Vali na forma de um lobo e ele rasgou seu irmão Narfi em pedaços. Então os Aesir pegaram suas entranhas e amarraram Loki com elas nas três pedras - uma sob seus ombros, uma sob seus lombos, a terceira sob a parte de trás de seus joelhos, e essas amarras se transformaram em ferro. Então, Skadi pegou uma cobra venenosa e a colocou sobre ele para que o veneno escorresse da cobra em seu rosto, mas sua esposa, Sigyn está ao lado dele segurando uma bacia sob as gotas de veneno, mas enquanto a bacia está cheia ela vai e derrama o veneno, mas enquanto isso o veneno pinga no rosto dele. Então ele se afasta com tanta força que toda a terra treme. Isso é o que você chama de terremoto. Lá ele ficará acorrentado até o Ragnarök."

"Então falou Gangleri: "Que informação há para ser dada? sobre Ragnarök? Nunca ouvi falar disso antes." Alto disse: "Há muitas coisas importantes a serem ditas sobre isso. Antes de mais nada, virá um inverno chamado inverno poderoso ou misterioso. Então a neve cairá de todas as direções, haverá então grandes geadas e ventos cortantes. O sol não fará nada bom. Haverá três desses invernos juntos e nenhum verão entre eles. Mas antes disso virão três outros invernos durante os quais haverá

grandes batalhas em todo o mundo. Então os irmãos se matarão por ganância e ninguém terá misericórdia de pai ou filho ao matar ou quebrar os tabus do parentesco.” Assim diz no *Voluspá*:

“Irmãos vão lutar e se matar, primos vão quebrar os laços de seu relacionamento. Será duro para os heróis, muita depravação, era dos machados, era das espadas, escudos partidos, era dos ventos, era dos lobos, até que o mundo fosse arruinado.”

“Então acontecerá algo que será considerado um evento muito significativo, o lobo engolirá o sol e as pessoas pensarão que isso é um grande desastre. Então o outro lobo pegará a lua e também causará muitos danos. As estrelas desaparecerão do céu. Então acontecerá outro evento, toda a terra e as montanhas tremerão tanto que as árvores serão arrancadas da terra e as montanhas cairão, e todos os grilhões e amarras se romperão. Então o lobo Fenrir ficará livre. Então o oceano vai subir para as terras porque a serpente de Midgard vai voar em uma fúria gigante e fazer o seu caminho para a praia. Então também acontecerá que Naglfar será solto de suas amarras, o navio desse nome. É feito de pregos de pessoas mortas, e vale a pena tomar cuidado para que ninguém morra com unhas não aparadas, pois tal pessoa contribui com muito material para o navio Naglfar, que deuses e homens desejam que leve muito tempo para terminar. E nesta inundação Naglfar será carregado. Há um gigante chamado Hrym que será o capitão de Naglfar.”

“Mas o lobo Fenrir estará com a boca aberta e sua mandíbula superior estará contra o céu e a inferior contra a terra. Ficaria mais aberto se houvesse espaço. Chamas queimarão de seus olhos e narinas. A serpente de Midgard cuspirá tanto veneno que se espalhará por todo o céu e mar, e será muito terrível, e estará do lado do lobo. Em meio a essa turbulência, o céu se abrirá e dele cavalgarão os filhos de Muspell. Surt cavalgará na frente, e tanto na frente quanto atrás dele haverá fogo ardente. Sua espada será muito boa. A luz brilhará mais intensamente do que o sol. E quando eles passarem por cima da ponte Bifrost ele vai quebrar, como foi dito acima. Os rapazes de Muspell avançarão para o campo chamado Vigrid. Então também chegará lá o lobo Fenrir e a serpente de Midgard. A essa altura, Loki também terá chegado a Hrym e com ele todos os gigantes do gelo, mas com Loki estará todo o povo de Hel. Mas os filhos de Muspell terão sua própria matriz de barle: será muito brilhante. O campo Vigrid fica a cem léguas em cada direção.”

[...]

“E quando esses eventos acontecerem, Heimdal se levantará e soprará poderosamente a Gjallarhorn e despertará todos os deuses e ali, reunirá um parlamento. Então Odin cavalgará até o poço de Mímir e o consultará por contra própria em nome do seu povo. As cinzas da Yggdrasil tremerão e nada será destemido no céu ou na terra. Os Aesir vestirão seus trajes de guerra, assim como todos os Einheriar, e avançarão para o campo de batalha. Odin cavalgará na frente com seu elmo dourado, cota de malha fina e sua lança, chamada Gungnir. Ele irá até Fenriswolf, e Thor avançará ao seu lado e será incapaz de ajudá-lo porque ele terá suas mãos ocupadas lutando contra a serpente de Midgard. Freyr lutará contra Surt e haverá um duro conflito antes que Freyr caia. A causa de sua morte será que ele ficará sem a boa espada que deu a Skirnir. Então também terá libertado o cachorro Garm, que está preso na frente de Gnipahellir. Esta é a criatura mais maligna. Ele terá uma batalha com Tyr e cada um será a morte do outro. Thor vencerá a serpente de Midgard e se afastará nove passos dela. Então cairá no chão morto pelo veneno que a serpente cuspiu nele. O lobo engolirá Odin. Essa será a causa de sua morte. Imediatamente após Vidar avançar, ele pisará com o pé na mandíbula inferior do lobo. Neste pé terá um sapato para o qual o material vem sendo recolhido desde sempre: são os restos que as pessoas cortam dos sapatos na biqueira e no calcanhar. Portanto, qualquer pessoa que se preocupe em dar assistência aos Aesir deve jogar fora essas peças odinicas. Com uma mão ele agarrará a mandíbula superior do lobo e rasgará sua boca e isso causará a morte do lobo. Loki terá uma batalha com Heimdall e eles causarão a morte um do outro. Surt lançará fogo sobre a terra e queimará o mundo inteiro.”

Assim é relatado na *Voluspá*: “Heimdall soa alto, seu chifre está alto. Odin fala com a cabeça de Mímir. O freixo Yggdrasil treme enquanto se ergue, a árvore ancestral geme e o gigante se liberta.” (FAULKES, 1995, p. 51-54, tradução nossa).

Análise: após todo o desastre ocasionado com a morte de Baldr, os Aesir decidiram clamar pelos mundos para que todos pudessem chorar por Baldr, pois, assim ele sairia de lá. Saindo da geada e entrando o calor, nesta viagem, encontram uma gigante com o nome de obrigado, ela considerou que choraria lágrimas secas por Baldr, porque nada havia conseguido dele, e ainda acentuou dizendo que Hel deveria possuí-lo, dando ainda mais poder ao domínio da deusa do submundo. O rei Gylfi pergunta a Alto se Loki foi castigado por tal audácia de tamanha magnitude. O alto acentua dizendo que sim, que ele sofreu um castigo tão relevante que não irá esquecê-lo por um bom tempo. Todavia, o gigante Loki, deixa todos os deuses no extremo grau de raiva e desaprovação com tal artimanha. Depois disso, Loki se afasta dos deuses e se esconde em uma determinada montanha onde construiu uma casa com quatro direções. Sabemos que Loki é puramente caprichoso em suas artimanhas, portanto a casa com tantas direções já serviria como tática de fuga caso fosse necessário. Vale também ressaltar que nesse momento na sua fuga de Asgard, Loki começa a se transformar repentinamente em salmão, como uma forma de manter-se disfarçado e esquivar-se, caso alguém apareça por onde ele estava. Ele em forma de salmão, se escondida em uma cachoeira chamada Franangr, entretanto, para ele não era suficiente, ele precisa tentar compreender as formas como os Aesir poderiam capturá-lo. Ele provavelmente em sua astúcia, já presumia que os deuses não o permitiriam safar-se dessa vez com tamanha consequência ocasionada. Ele desenvolveu uma rede de pesca como um tipo de armadilha que poderia pegá-lo (possivelmente para saber como ele poderia escapar mais uma vez). Diante do fogo a sua frente, percebe que os deuses estão à sua espreita, Odin o vislumbra do seu trono mágico, Hlidskjalf em Valaskjálf (morada do deus Odin). Consequentemente, Loki pula no rio e arremessa a rede ao fogo. Ao chegar Kvasir, deus responsável pela paz entre os clãs Aesir e Vanir, ele percebe que entre as chamas ao chão tem um tipo de rede e conta aos Aesir tal notícia. Eles copiam a rede para servir de armadilha para capturá-lo. Entretanto, ao confeccionarem a rede, começa a maratona para a pesca ao gigante Loki que está transfigurado em salmão. Nas primeiras tentativas de Loki, ele consegue escapar da rede de pesca (se esconde entre as pedras, pula a rede, tenta esquivar-se para o mar), mas Thor e os deuses dificultam sua passagem colocando firmeza na amarradura da rede, impedindo assim, uma possível flexibilidade a Loki. Ele em suas últimas tentativas, nada até a parte interna da cachoeira, mas o grupo de deuses se divide uns em direção a água doce, próximo a cachoeira, outros em direção ao mar. Entretanto, quando ele percebe que as alternativas geraram um perigo mortal, ele tenta mais uma vez pular por cima da rede e a tentativa é extremamente fracassada. Thor agarra-o e coloca a mão circundando o salmão, escorrega um pouco, mas ele o segura com

firmeza pela calda. (Segundo Snorri, devido a esse mito, o salmão possui a cauda afunilada, essa seria a causa primordial).

Após sua captura, Loki é levado para uma certa caverna com o número simbólico de três no imaginário nórdico (as três lajes de pedras, onde ocorre seu castigo). Após abrirem os buracos na laje, os Aesir continuam a busca no objetivo de capturar os filhos de Loki (Nari, Narfi ou Vali). Sendo assim, Vali se transforma em lobo e despedaça seu irmão, Narfi. Os deuses pegam suas entranhas e amarram em três partes no corpo de Loki (ombros, lombo e joelhos), logo depois as entranhas se transformam em ferro. E lá, sua esposa, Sigyn, ameniza o sofrimento dele como forma de tamponar o castigo, sua punição chega a causar tremores devido a sua dor, sendo relatado por Snorri como sendo a origem dos terremotos associadas a esses castigos do gigante. Essa mesma narrativa em prosa também é vislumbrada no mito do poema *Lokasenna*.

Snorri Sturluson, *Gylfaginning*: 51-2, 1220, d.C.

“O que há com o Aesir? O que há com os elfos? Toda a Terra dos Gigantes ressoa. Os Aesir estão no conselho. Anões gemem diante de portais de pedra, frequentadores de paredes de pedra. Já conhece você, ou o quê?

Hrym dirige ao leste segurando seu escudo diante dele, a serpente de Midgard se contorce em uma raiva gigante. A serpente agita as ondas, a águia guinchará de alegria, empalidece sombriamente rasga cadáveres, Naglfar está solto. Um barco vem ao leste, do outro lado do mar virão as tropas de Muspell com Loki no leme. Toda aquela ninhada monstruosa está lá com o lobo. Na companhia deles está o irmão de Byleist. E Surt viaja ao sul com o bastão destruidor [fogo]. Brilha em sua espada o sol dos deuses dos mortos. Penhascos rochosos quebram e esposas de trolls estão no exterior, heróis trilham a estrada de Hel e o céu se divide. Para eles, então, a segunda tristeza de Hlin acontece quando Odin vai para luta contra o lobo e o brilhante matador de Beli contra Surt. Lá deve cair o deleite de Frigg. O filho de Odin vai lutar contra o lobo, Vidar em seu caminho contra a fera matadora. Com a mão ele deixa sua lâmina perfurar o coração do filho de Hvedrung. Assim é seu pai vingado. Vai o grande filho de Hlodyn, morrendo, para a serpente que não se envergonha. Todos os heróis devem deixar o mundo quando o protetor de Midgard atacar com ira. O sol escurecerá, a terra afundará o mar. Do céu desaparecem mais estrelas brilhantes. O vapor surge e o [fogo] mais quente da vida, chamas altas tremeluzem contra o próprio céu.” (FAULKES, 1995, p. 55, tradução nossa).

Análise: Concluindo alguns eventos mitológicos baseados no Ragnarök, percebemos que Hrym é um gigante que vem do Leste, liderando o Naglfar, ou seja, o navio feito das unhas das mãos e das unhas dos pés dos mortos. O gigante irá transportá-lo para o campo de batalha, chamado de Vigrid, a fim de confrontar os deuses na batalha final. Jormungand se agita no mar, propiciando ainda mais movimentos marítimos ao confronto imediato, a águia vislumbra feliz e destrói ainda mais os

cadáveres ao chão. Um contraponto ao navio Naglfar, se delineia em um navio que em alguns relatos encontrados no *Voluspá*, deixa a perceber que liderança é do gigante Loki e não do gigante Hrym, ficando essa informação pretensiosamente confusa. Inclusive, Loki exerce uma postura de liderança nessa narrativa final, ele vindo do Leste com seu navio cheio dos filhos de Múspell para a batalha. Outro ponto é que o próprio lobo Fenrir está aliado aos gigantes e ao seu pai, Hvedrung, além de Byleist, o irmão do gigante Loki. Surt viaja com a sua arma mortal incendiada pelo fogo, o céu dividiu-se e muitos heróis tomaram a estrada de Hel. Aqui também é descrito o envolvimento do deus Odin na batalha e sua morte ocasionada pelo lobo, mas, seu filho Vidar, irá vingá-lo. O matador de Beli (o deus Freyr), luta contra Surtr, um gigante que leva uma atenção especial no confronto contra os Aesir, seu elemento na luta é a sua espada flamejante e tentará vencê-lo. O filho de Hlodyn (deusa Jörd, uma gigante), também lutará contra a serpente e a partir do momento do confronto, todos se afastam diante da intensidade dessa batalha. No final, é percebido que tudo ficará tão escuro que não se poderá enxergar e a terra afundará o mar. O brilho das estrelas desaparecerá e o fogo tomará conta de tudo com o vapor originado na batalha terrível e tudo isso destruirá o que está acima deles, o céu.

Skáldskaparmál

Edda em Prosa: Skáldskaparmál [56], século XIII:

“Havia uma pessoa cujo nome era Aegir ou Hler. Ele morava em uma ilha que agora é chamada de Hlesey. Ele era muito habilidoso na magia. Ele partiu para visitar Asgard e quando os Aesir tomaram conhecimento de seus movimentos, ele foi muito bem recebido, embora muitas coisas tivessem aparências enganosas. E à noite, quando eles estavam prestes a começar a beber, Odin trouxe espadas para o salão e elas eram tão brilhantes que a luz brilhava delas, e nenhuma outra luz foi usada enquanto eles se sentavam para beber. Então, os Aesir instituíram seu banquete e doze Aesir que seriam juízes tomaram seus lugares em seus tronos e seus nomes são os seguintes: Thor, Njord, Freyr, Tyr, Heimdall, Bragi, Vidar, Vali, Ull, Hoenir, Forseti, Loki; da mesma forma as Asyniur, Frigga, Freya, Gefiun, Idunn, Gerd, Sigyn, Fulla, Nanna. Tudo ali parecia magnífico de se olhar. Os painéis de parede estavam todos pendurados com escudos esplêndidos. Havia também hidromel forte lá e grandes quantidades foram consumidas. A pessoa sentada ao lado de Aegir era Bragi, e eles beberam

e conversaram juntos. Bragi relatou a Aegir muitos eventos nos quais os Aesir estiveram envolvidos.” (FAULKES, 1987, p. 59, tradução nossa).

Contexto Histórico e Cultural: o *Skáldskaparmál* é conhecido como sendo a segunda parte da *Edda em Prosa* escrito por Snorri Sturluson (1179-1241), tem sua datação correspondente ao século XIII. Essa parte também foi nomeada como a linguagem da poesia na qual conta-se algumas passagens sobre heróis humanos principalmente baseados nos poemas antigos direcionados ao mito e explica como compreender essas formas de entendimento das configurações desses discursos da poesia antiga que eram principalmente utilizados pelos escaldos. Esses escritos contêm especialmente compreensões sistemáticas acerca da mitologia nórdica e lendas encontradas em qualquer lugar na idade média. A *Edda* pode ser suplementada pelos poemas como: *Inglínga saga* (a primeira parte do *Heimskringla* escrita por Snorri Sturluson) e a *Gesta Danorum* (história dos Daneses) por Saxo Grammaticus livro escrito em latim, idioma erudito da época já que as sagas e as *Eddas* foram escritas em Islandês medieval. Embora algumas histórias mitológicas, especialmente histórias heroicas, também contam sobre as sagas mito-heroicas da Islândia e Noruega, como a *Volsunga Saga*. (FAULKES, 1995, p. 59).

Análise: Nesse primeiro ponto do *Skáldskaparmál*, Aegir³⁸ ou Hler, é considerado o deus ou gigante dos mares no qual morava em uma ilha chamada de Hlesey. Ele foi visitar os Aesir trazendo bastante animação e festejo para todo o panteão. Nessa visita, todos os Aesir prepararam um banquete para Aegir, eles estavam comemorando sua chegada. Com isso, os deuses tomam seus assentos em seus tronos onde utilizam de sua posição superior para se fazer julgar causas. Dentre os doze deuses considerados aptos a ocuparem esses lugares, encontramos o deus Loki assim como Thor, Bragi, Njord, Freyr, Tyr, Heimdall, Bragi, Vidar, Vali, Ull, Hoenir e Forseti. Todos esses são juízes assim bem como Loki, nesse ponto, fica plausível afirmar sua aproximação e ligação com o termo utilizado por Snorri como o deus Às, pertencente ao panteão dos deuses nórdicos.

Edda em Prosa: Skáldskaparmál [56-7], século XIII:

³⁸ O deus do mar adquire o seu nome do substantivo *Aegir* – em nórdico antigo, oceano ou mar, usado na poesia escáldica, isto é, estamos ante a personificação do mar. Aegir também é identificado como um Jotunn, especificamente como o gigante do mar Hlér, que habitou a ilha que agora se chama Hlésey, e que estava profundamente versado na magia negra, o que é confirmado por diferentes metáforas ou kenningar. No entanto, outros acreditam que Aegir era um dos deuses primordiais, antecipando a existência de Aesir (Ases), os Vanir (Vanes), Jotnar (gigantes), álfar (elfos), e dvengar (anões). (ROCHA, 2015, p. 18-19).

“Começou seu relato onde três Aesir partiram - Odin e Loki e Hoenir - e cruzaram montanhas e regiões selvagens e era difícil encontrar comida. E quando eles desceram a um certo vale, viram um rebanho de bois e pegaram um dos bois e o colocaram em um forno de terra. E quando pensaram que devia estar cozido abriram o forno de terra e não estava cozido. E uma segunda vez, quando abriram o forno depois de algum tempo, ainda não estava cozido. Então eles discutiram entre si qual poderia ser o motivo. Então eles ouviram alguém falando no carvalho acima deles, dizendo que aquele que estava sentado ali alegou ser o responsável pelo forno não cozinhar. Eles olharam para cima e era uma águia sentada ali, e não era pequena.”

Então disse a águia:

- Se você me conceder minha fartura de boi, então o forno vai cozinhar.

“Eles concordaram com isso. Em seguida, deixou-se cair da árvore e sentou-se no forno e, para começar, guardou imediatamente as duas pernas e as duas patas do boi. Então Loki ficou com raiva e agarrou um grande poste e o balançou com toda a sua força e o dirigiu no corpo de águia. A águia se afastou com o golpe e voou. Em seguida, o mastro foi preso ao corpo da águia e as mãos de Loki na outra ponta. A águia voou tão alto que os pés de Loki bateram contra as pedras, cascalho e árvores, e seus braços, ele pensou, seriam arrancados de seus ombros. Ele gritou e implorou sinceramente à águia por uma trégua, mas ela disse que Loki nunca se libertaria a menos que ele jurasse solenemente fazer com que Idunna ³⁹saísse de Asgard com suas maçãs. Loki aceitou. Então ele se libertou e foi até seus companheiros. E nada mais digno de nota foi dito para o momento de sua expedição até que eles chegassem em casa. Mas na hora combinada, Loki atraiu Idunna através de Asgard para uma certa floresta, dizendo que ele havia encontrado algumas maçãs que ela achava que valeriam a pena ter, e disse que ela deveria trazer suas maçãs com ela e compará-las com estas. Então o gigante Thiassi chegou em forma de águia e arrebatou Idunna e voou com ela para sua casa em Trymheimr.”

[...]

“Mas os Aesir foram gravemente afetados pelo desaparecimento de Idunna e logo ficaram grisalhos e velhos. Então os Aesir realizaram um parlamento e perguntaram uns aos outros qual era a última coisa que se sabia sobre Idunna, e a última que se viu foi que ela havia saído de Asgard com Loki. Então, Loki foi preso e levado ao parlamento e foi ameaçado de morte ou tortura. Cheio de terror, ele disse que iria em busca de Idunna na Terra dos Gigantes se Freyia lhe emprestasse uma

³⁹ Idunna: deusa e protetora das maçãs da juventude e esposa do deus Bragi. Ela guarda as maçãs dentro de um cesto e essas, alimentam os deuses para se tornarem jovens novamente. (PALAMIN, 2015^a, p. 264-266).

fantasia de falcão que ela possuía. E quando ele adquiriu a forma de falcão, ele voou para o norte, para a Terra dos Gigantes, e um dia chegou ao gigante Thiassi; ele estava no mar em um barco, mas Idunna estava em casa sozinha. Loki transformou-a na forma de uma noz e a segurou em suas garras e voou o mais rápido que pôde. Quando Thiassi chegou em casa e descobriu que Idunna não estava lá, ele ganhou sua forma de águia e voou atrás de Loki e causou uma tempestade com seu voo. E quando os Aesir viram o falcão voando com a noz e onde a águia estava voando, eles saíram sob Asgard e trouxeram para lá cargas de aparas de madeira, e quando o falcão voou sobre a fortificação, ele se deixou cair pela parede da fortificação. Então os Aesir atearam fogo às aparas de madeira e a águia não conseguiu parar quando errou o falcão. Então, as penas da águia pegaram fogo e seu voo terminou. Então os Aesir estavam por perto e mataram o gigante Thiassi dentro dos muros de Asgard, e essa matança é muito conhecida.” (FAULKES, 1995, p. 59-60, tradução nossa).

Análise: Nesse segundo parte da *Edda em Prosa*, é visto um recorte importante como uma das passagens mais emblemáticas de Loki nas suas empreitadas perante a tomada de poder e sobrevivência dos deuses em Asgard. Primeiramente, ele juntamente com Odin e Hoenir se aventuram por uma floresta a caminho da terra dos gigantes, no entanto, no final da noite eles tentam cozinhar um boi, mas não conseguem, pois o gigante encontra-se em cima do carvalho e está disfarçado de águia impedindo o cozimento do boi. Com isso, ele propõe que o fogo só cozinhe algo para matar a fome de ambos, caso ele possua o que ele quer. Nesse caso, seu desejo era possuir a deusa Idunna como sua prisioneira na terra dos gigantes. Loki nessa passagem, resolve aceitar a proposta do gigante após uma luta entre a águia, que estava sobrevoando o céu ao segurar um mastro para não cair de tamanha altura e se partir ao meio por ser puxado, entretanto, ele acaba criando um estratagema para 'sequestrar a deusa', Thjazi compele-o ao sequestro da deusa, pois a desejava. Loki neste momento, não age de forma malévola, mas sim devido a repreensão do deus. Ao levá-la a floresta, ele a seduz com sua manipulação dialógica ao convencê-la de que existem maçãs especiais por lá. Idunna acredita que ao chegar lá existirão maçãs tão especiais quanto as que ela tinha: nota-se aqui também, um grau de ambição da deusa nessa empreitada.

À vista disso, vendo a vulnerabilidade e solidude de Idunna, Thjazi em forma de águia voa com a deusa para a terra dos gigantes, levando-a. Os Aesir percebem a falta imediata de Idunna, pois eles começam a perder a vitalidade e força, causando grande insatisfação entre eles. Com isso, os Aesir coadunam que Loki esteja envolvido com o desaparecimento e resolveram prendê-lo. Loki monta um novo plano para voltar a Trymheimr (terra dos gigantes) ele com sua astúcia percebe que existe uma forma de enganar Thjazi e tomar a deusa para os Aesir, então, ele utiliza da magia e transforma Idunna em uma noz, além de possibilitar seu transporte de volta a Asgard através do voo

e pela fantasia de penas da deusa Freyja, ou também, de um possível poder mágico ao voar (assim bem como a transformação da deusa Idunna). Loki segue para Asgard são e salvo com Idunna e o gigante tenta retomar a posse da deusa, mas o fim de Thjazi não termina bem: ele morre queimado assim que tenta entrar em Asgard.

Edda em Prosa: Skaldskaparmal, [56-7], século XIII:

“Mas Skadi, filha do gigante Thjazi, pegou capacete e cota de malha e todas as armas de guerra e foi para Asgard para vingar seu pai. Mas os Aesir ofereceram a ela expiação e compensação. O primeiro item era que ela deveria escolher um marido dentre os Aesir e decidir pelos pés e não ver mais nada dele”. Então, ela viu os pés de uma pessoa que eram excepcionalmente bonitos e disse:

-Eu escolho aquele; pode haver pouca coisa feia em Baldr. Mas era Njord de Noatun.

Também estava em seus termos de acordo que os Aesir deveriam fazer algo que ela achava que eles não seriam capazes, que era fazê-la rir. Então Loki fez o seguinte: amarrou uma corda em volta da barba de um certo bode e a outra ponta em volta de seus testículos, e eles se puxaram para frente e para trás e ambos gritaram alto. Então Loki se deixou cair no colo de Skadi, e ela riu. Então a expiação com ela por parte dos Aesir foi completa. Diz-se que Odin, como compensação por ela, fez isso: ele pegou os olhos de Thjazi e os jogou para o céu e deles fez duas estrelas. Então falou Aegir: Thjazi me parece ter sido muito.” (FAULKES, 1995, p. 61, tradução nossa).

Análise: Loki e os Aesir após a morte de Thjazi tem como consequência e repercussão a vingança de Skadi pela morte do seu pai, os deuses escolhem Loki como a melhor figura para fazer humor e desfazer o ódio de represália da gigante, ocasionando o riso como uma maneira de quebrar sua ira perante os deuses, além disso, ofereceu a ela um dos deuses nórdicos para que ela pudesse casar-se. A gigante Skadi desejava casar com o deus Baldr, mas pela beleza dos pés (os quais ela escolheu e considerou os mais belos, acabou escolhendo o deus Njord de Noatun). Em uma brincadeira com a cabra, Loki amarra a corda entre eles e causa uma situação de tamanha graça entre os Aesir e a gigante. Após isso, Loki se debruça no colo da deusa e ela passa a rir copiosamente. Nesse trecho, é visto que Loki toma a notoriedade da situação e ocasiona uma situação de humor excessivo, quebrando o ódio da gigante Skadi, fazendo-a esquecer de vingar a morte do seu pai e

como compensação, Odin faz dos olhos de Thjazi duas estrelas. Sabemos que o trickster possui características que estão ligadas ao humor, à comicidade, ao sarcasmo e ao vexatório, aproximando desses mesmos aspectos as narrativas e desenvolvimentos de Loki. Nesse mito Loki não apenas transmite suas características cômicas, mas também o lado comico ligado ao vulgar pois ele fica despido nessa cena e amarra seus testículos a barba do bode, haveria possíveis simbolismos associados a virilidade e luxúria, estando refletidos na exposição de seus órgãos sexuais e seu comportamento desprezioso com a exposição de seu corpo.

Edda em Prosa: Skáldskaparmál, [8-16], século XIII:

“Como Loki deve ser referido? Chamando-o filho de Farbauti e Laufey, de Nal, irmão de Byleist e Helblindi, pai de Vanargand, ou seja, o lobo Fenrir, e Jormungand, ou seja, a serpente Midgard, e parente e pai de Hel e Nari e Ali, irmão, camarada e companheiro de mesa de Odin e de Aegir, visitante de Geirrod e ornamento de caixão, ladrão de gigantes, da cabra, do Brisingamen e das maçãs de Idunna, parente de Sleipnir, marido de Sigyn, inimigo dos deuses, destruidor de cabelo de Sif, criador de travessuras, o astuto As, acusador e trapaceiro dos deuses, planejador da morte de Baldr, o amarrado, o brigão com Heimdall e Skadi.” (FAULKES, 1995, p. 76-77, tradução nossa).

Análise: Aqui nesse ponto, Aegir o deus dos mares pergunta a Bragi, o deus da poesia, como Loki deve ser referido com isso. É percebido descrições bastantes negativas sobre suas ações, não considerando as ações positivas nesse ponto. Loki é chamado de ladrão de objetos importantes e ladrão das maçãs, e também sequestrador da deusa Idunna. É também culpado central pelo corte do cabelo de Sif, acusado da morte de Balder e responsável por ocasionar brigas inerentes com Heimdall e Skadi. Além disso, advém nas suas narrativas, elementos negativos de suas travessuras e inquietações entre os Aesir, inclusive evidencia-se nesse recorte, seu castigo pois ele é conhecido também como o amarrado, ou seja, aquele que precisa ser contido ou punido para permanecer em pura quietude. A *Edda em Prosa* apresenta um perfil de personalidade de Loki bastante negativizado em relação a *Edda Poética*, na qual identifica elementos positivos e até solucionadores das proposições encontradas entre os deuses na relação com Loki.

Edda em Prosa: Skáldskaparmál, [17-18- 18], século XIII:

“Então Bragi respondeu: A história de como Thor foi para a terra do gigante Geirrod merece um tratamento detalhado. Naquela ocasião, ele não tinha o martelo Mjollnir ou o cinturão do poder ou as luvas de ferro, e isso foi obra de Loki. Ele foi com Loki, pois ele havia saído voando uma vez para se divertir com a forma de falcão de Frigg, que por curiosidade, voou para as cortes do gigante Geirrod e viu lá um grande salão, ele desceu e olhou pela janela. Mas o gigante Geirrod olhou para ele e ordenou que o pássaro fosse capturado e levado até ele. A pessoa enviada com dificuldade subiu na parede do corredor, de tão alta que era; Loki ficou satisfeito por ter causado problemas para alcançá-lo e planejou atrasar o voo até que o homem tivesse realizado toda a difícil subida. Mas quando o sujeito veio até ele, ele bateu as asas e saltou com força para cima, e descobriu que seus pés estavam presos. Loki foi capturado lá e levado ao gigante Geirrod.

E quando ele viu seus olhos, ele teve a sensação de que deveria ser uma pessoa e exigiu que ele respondesse, mas Loki permaneceu em silêncio. Então Geirrod trancou Loki em um baú e o deixou passar fome por três meses. E quando Geirrod o levou para fora e exigiu que ele falasse, Loki disse quem ele era, e para redimir sua vida ele fez juramentos a Geirrod de que faria Thor vir aos tribunais de Geirrod sem ele, trazendo seu martelo ou cinto de força. Thor passou a noite com uma gigante chamada Grid. Ela era a mãe de Vidar, o silencioso. Ela contou a Thor a verdade sobre Geirrod, que ele era um gigante astuto e difícil de lidar. Ela emprestou a ele um cinto de poder e algumas manoplas de ferro dela, e seu cajado, chamado de mastro de Grid. Então Thor se aproximou do rio chamado Vimur, o maior de todos os rios. Então ele afivelou o cinto de força e pressionou o mastro de Grid no lado afastado da corrente, enquanto Loki se segurava sob o cinto de força.

E quando Thor chegou ao meio do rio, o rio subiu tanto que passou por cima de seus ombros. Então Thor falou isso: "Não se levante agora, Vimur, já que desejo te levar até as cortes dos gigantes. Saiba que se você se levantar, a força do ás em mim se elevará tão alto quanto o céu."

Então Thor viu em uma certa fenda que a filha de Geirrod, Gialp, estava montada no rio e ela estava fazendo com que ele subisse. Então Thor pegou uma grande pedra do rio e atirou nela e disse: "Em sua saída deve haver um rio."

Ele não errou o que pretendia, e naquele momento ele se viu perto da margem e conseguiu agarrar uma espécie de sorveira brava e assim escalou para fora do rio. Daí, vem o ditado de que a salvação de Thor é uma sorveira. E quando Thor chegou à casa de Geirrod, ele e seu companheiro foram primeiramente conduzidos a um abrigo de cabras como seu alojamento, e lá dentro havia um único assento para se sentar e foi Thor quem se sentou nele. Então ele percebeu que o assento estava subindo sob ele em direção ao teto. Ele empurrou o mastro de Grid para as vigas e pressionou-se com força no assento. Então houve um grande estalo acompanhado de um grande grito. Sob o assento estavam as filhas de Geirrod, Gialp e Greip, ele quebrou as costas de ambas. Então o gigante Geirrod

chamou Thor ao salão para os jogos. Havia grandes fogueiras ao longo do salão. E quando Thor entrou no salão oposto para Geirrod, ele pegou com pinças um pedaço brilhante de ferro derretido e o jogou em Thor, e com as manoplas de ferro Thor pegou e ergueu o pedaço derretido no ar, enquanto Geirrod correu para o abrigo de um pilar de ferro para proteção.” (FAULKES, 1995, p. 81-82, tradução nossa).

Análise: Loki aqui nesse trecho possui um papel em ser sequestrado e aprisionado por Geirrod, segundo o mito, ele está em forma de ave (devido ao traje de Freyja), o autor considera que ele se divertia ao voar, portanto, a liberdade inclusiva no simbolismo do voo pode ser considerada como elemento ligado à sua figura. Diante do interrogatório prévio de Geirrod, percebemos que Loki se mantém quieto, calado e nada colaborativo nas investidas de Geirrod e assim acaba ficando preso por três meses trancado e com fome (aqui vale ressaltar o elemento do número três em associação à Mitologia nórdica). Mas Loki não consegue suportar ficar preso por tanto tempo previamente, tendo a ideia de prejudicar o deus Thor, dando fim a alguns objetos considerados importantes para sua força e autonomia. Todavia, Loki é vítima e acaba sendo resgatado por Thor, mesmo sabendo que ele tem o poder de se desvencilhar com sua astúcia de várias artimanhas, ele torna-se dependente do deus Thor, pois ele quem toma a liderança e a proteção nesse recorte da narrativa. portanto, temos um lado frágil, subalterno, oprimido nesse mito, apresentando assim, uma ideia contraposta às qualidades exprimidas nas diligências de Loki ao escapar com seus ardis dos seus dilemas.

Edda em Prosa: Skáldskaparmál, [32-3], século XIII:

“Por que o ouro é chamado de fogo de Aegir? A origem disso é esta história: Aegir, como foi contado antes, foi como hóspede para Ásgard, e quando estava para voltar para casa, convidou Odin e todos os Aesir para visitá-lo após um intervalo de três meses. Empreendendo esta jornada estavam primeiramente Odin e Niord, Freyr, Tyr, Bragi, Vidar, Loki, e então Asyniur, Frigg, Freyia, Gefiun, Skadi, Idunn, Sif. Thor não estava lá; ele estava nas partes orientais matando trolls. E quando os deuses tomaram seus lugares, Aegir trouxe ouro brilhante para o meio do salão que iluminou e iluminou o salão como fogo, e isso foi usado como luzes em seu banquete, assim como no Val-hall havia espadas em seu lugar. de fogo.

Então, Loki discutiu com todos os deuses de lá e matou um escravo de Aegir chamado Fimafeng. O nome de outro de seus escravos é Eldir. Ran é o nome da esposa de Aegir, e os nomes de suas nove filhas são como foi escrito acima. Nesta festa tudo se serviu, tanto a comida como a

cerveja e todos os utensílios necessários para a festa. Então, o Esir descobriu que Ran tinha uma rede na qual ela pegava todos que iam para o mar. Portanto, esta é a história da origem do ouro sendo chamado de fogo ou luz ou brilho de Aegir, Ran ou filhas de Aegir, e de tais kennings a prática agora desenvolvida de chamar ouro de fogo do mar e de todos os termos para isso, desde Aegir e os nomes de Ran também são termos para mar e, portanto, o ouro agora é chamado de fogo de lagos ou rios e de todos os nomes de rios. Mas aconteceu com esses termos e kennings como com outros, que os poetas mais recentes compuseram imitando os poetas antigos, como as coisas estavam em seus poemas, e depois estenderam-se em áreas que o lago está para o mar e o rio para o lago, e fluir para o rio.” (FAULKES, 1995, p. 95, tradução nossa).

Análise: Esse trecho é um resumo do poema *Lokasenna*, podemos afirmar que Snorri teve conhecimento sobre este poema contido na *Edda Poética*. Nessa narrativa ocorre uma reunião dos deuses e das Asynjur no salão de Aegir, era uma comemoração importante para os deuses, pois o salão estava cheio de ouro reluzente para iluminar o banquete oferecido a todos eles. Nesse ponto é crucial delimitar que Loki causa a morte de Fimafengr, um servo que se encontrava ali no salão. Além disso, ocorre grande discórdia de Loki com todos os deuses e as Asynjur, sem exceções. Julgamentos sem nenhum filtro moral por parte dele e sem nenhuma culpabilização. Ele simplesmente julga, oprime, fala de segredos entre os deuses, causa a cena entre todos. Nessa parte em especial é explicada a origem do termo ouro e o porquê que é chamado de “fogo de Aegir”, é explicado que a esposa de Aegir a deusa Ran tinha uma rede que tudo o que ia para o mar era pego por ela, daí então, ouro estaria associado ao mar. Sendo conhecido como fogo, luz, lago ou rio ou brilho de Aegir, Ran ou as filhas de Aegir sendo nove, número simbólico para os deuses.

Edda em Prosa: Skáldskaparmál, [34-5, 35-6], século XIII:

“Por que o ouro é chamado de folhagem ou folhas de Glasir? Em Asgard, nas portas do Valhala. há uma árvore chamada Glasir, e toda a sua folhagem é de ouro vermelho, como neste verso onde diz que Glasir está com folha dourada diante dos salões de Sigtyr [Odin]. Essa é a árvore mais bonita entre os deuses e os homens. Por que o ouro é chamado de cabelo de Sif? Loki Laufeyjarson fez isso por amor ao mal: ele cortou todo o cabelo de Sif. E quando Thor descobriu, ele pegou Loki e ia quebrar cada um de seus ossos até que ele jurou que conseguiria elfos negros para fazer um cabelo de ouro para Sif que cresceria como qualquer outro cabelo.

Depois disso, Loki foi até alguns anões chamados filhos de Ivaldi, e eles fizeram a cabeça de cabelo e Skidbladnir e a lança pertencente a Odin chamada Gungnir. Então Loki apostou sua cabeça com um anão chamado Brokk sobre se seu irmão Eitri que conseguiria fazer três coisas preciosas tão boas quanto essas. E quando chegaram na oficina, Eitri colocou um couro de porco na forja e mandou Brokk soprar e não parar até tirar da forja o que tinha colocado. Uma mosca pousou no braço deste e mordiscou, mas ele continuou soprando como antes até que o ferreiro tirou seu trabalho da forja, e era um javali e suas cerdas eram de ouro. Em seguida, ele colocou ouro na forja e disse a Brokk para soprar e não parar de soprar antes de voltar; ele saiu.

E então a mosca veio e pousou em seu pescoço e mordiscou com o dobro da força, mas ele continuou soprando até que o ferreiro tirou da forja um anel de ouro chamado Draupnir. Então, ele colocou ferro na forja e disse a ele para soprar e disse que não daria certo se houvesse uma pausa no sopro. Então, a mosca pousou entre seus olhos e mordiscou suas pálpebras, e quando o sangue escorria em seus olhos para que ele não pudesse ver, ele a agarrou com a mão o mais rápido que pôde enquanto o fole estava descendo e varreu o voar para longe. E então o ferreiro voltou, dizendo que quase tudo na forja foi arruinado.

Então ele pegou um martelo da forja, entregou todas as coisas preciosas a seu irmão Brokk e disse-lhe para levá-las a Asgard e cumprir a aposta. E quando ele e Loki produziram as coisas preciosas, os Esir tomaram seus lugares em seus assentos de julgamento e a decisão proferida por Odin, Thor Freyr seria definitiva. Então Loki deu a lança Gungnir para Odin, a cabeça de cabelo que seria de Sif para Thor, e Skidbladnir para Freyr, e anunciou as características de todas as coisas preciosas, que a lança nunca parava em seu golpe, o cabelo estava enraizado em a carne assim que chegou à cabeça de Sif, e Skidbladnir teve um bom vento assim que sua vela foi içada, onde quer que fosse pretendida e pudesse ser dobrada como um pano e colocada no bolso, se desejado.

Então Brokk trouxe suas coisas preciosas. Ele deu o anel para Odin e disse que a cada nona noite pingaram dele oito anéis iguais a ele em peso. Para Freyr, ele deu o javali e disse que ele podia correr pelo céu e pelo mar de noite e de dia mais rápido do que qualquer cavalo, e nunca ficava tão escuro da noite ou em mundos de escuridão que não brilhava o suficiente onde quer que fosse tanta luz derramada de suas cerdas.

Então ele deu a Thor o martelo e disse que seria capaz de golpear com a força que quisesse, qualquer que fosse o alvo, e o martelo não falharia, e se ele o jogasse em alguma coisa, nunca erraria, e nunca voaria tão longe que não voltaria para sua mão e, se ele quisesse, era tão pequeno que poderia ser guardado dentro da camisa. Mas tinha esse defeito que a ponta do cabo era meio curta. A decisão deles foi que o martelo era a melhor de todas as coisas preciosas e fornecia a maior defesa contra os

gigantes do gelo, e eles decretaram que o anão havia ganhado à estaca. Então Loki se ofereceu para resgatar sua cabeça; o anão disse que não havia chance disso. Pegue-me, então, disse Loki.

Mas quando Brokk tentou pegá-lo, ele estava fora de alcance. Loki tinha alguns sapatos com os quais podia correr pelo céu e pelo mar. Então o anão disse a Thor para pegá-lo, e ele o fez. Então o anão ia cortar a cabeça de Loki, mas Loki disse que a cabeça era dele, mas não o pescoço. Então o anão pegou uma tanga e uma faca e tentou fazer buracos nos lábios de Loki e ia costurar sua boca, mas a faca não cortava. Então ele disse que seria melhor se seu irmão Awl estivesse lá, e assim que ele falou seu nome, o furador estava lá e perfurou os lábios. Ele costurou os lábios e rasgou as bordas. A tanga com a qual a boca de Loki foi costurada se chama Vartari.” (FAULKES, 1995, p. 96-97, tradução nossa).

Análise: Nesse mito, o ouro estaria associado a uma grande árvore chamada Glasir, que estaria no Valhala sendo uma espécie de coloração dourada avermelhada, possivelmente ouro envelhecido, além de ser a árvore mais bela já vista. Sobretudo, aqui é descrita a maldade intensificada pelo autor à Loki, essa forma de amor a maldade tem relação ao corte do cabelo da deusa Sif, esposa do deus Thor. Ela perde seus longos cabelos pela maldade desejada de Loki, assim definida pelo autor. Thor em defesa ameaça-o dizendo que quebraria seus ossos se não houvesse como ele retroceder ao ato perverso. Mas Loki com suas artimanhas consegue uma solução para as consequências geradas. Por fim, com a ajuda dos elfos negros, tenta trazer o cabelo de Sif de volta.

Todavia, foi dada continuidade ao episódio de Loki com os filhos de Ivaldi abordando a retomada do cabelo de Sif (sua recuperação). Loki se reúne com os anões e juntos produzem objetos considerados valiosos pelos deuses, com isso, ele com sua ousadia sugere aos anões Brokk uma aposta de sua cabeça pela do seu irmão Eitri, eles aceitam e desenvolvem objetos tão valiosos quantos os construídos por Loki. A partir disso, eles constroem o javali de Freyr e o Draupnir o anel mágico de Odin. Por fim após várias picadas de uma mosca (Loki disfarçado) que atrapalhava a construção dos objetos (picando Brokk no braço, pescoço e por último em seu olho, o qual chegou a sangrar intensamente) conseguem fazer o Mjollnir, mesmo com a ponta dele encurtada, porque havia tido as travessuras da mosca e os olhos do anão, não se encontravam sadios para finalizar a obra perfeita do martelo. Com isso, os anões sentem que foram lesados na aposta, mas encaram a aposta e vão até a morada dos deuses com os objetos preciosos. Ao chegarem lá, os objetos construídos por Loki são entregues a Odin (a Lança), Freyr (Skidbladnir) e a Sif (Capacete de Cabelo de Thor). Brokk então, entrega os seus objetos aos deuses: o Javali dourado entrega ao deus Freyr, o Draupnir (o anel), entregam a Odin e o Martelo (Mjollnir) é dado ao deus Thor. Por fim, esses objetos como totalidade são considerados valiosos, mas em consonância ao julgamento dos deuses o Mjollnir foi considerado

o objeto mais elementar e poderoso, pois poderia proteger os deuses dos gigantes de gelo. Por fim, a aposta de Loki com os filhos de Ivaldi é perdida, tendo ele que entregar sua cabeça para os anões. Entretanto ele em suas artimanhas e astúcia foge com seus sapatos voadores para longe, mas Thor pega-o, ele diz que apostou a sua cabeça e não seu pescoço e assim os anões não podem decapitá-lo. Como consequência disso, a aposta precisa ser cumprida, então o anão Brokk tem a ideia de chamar seu irmão Awl, o furador, ele consegue furar a boca de Loki e rasgar suas bordas completando a aposta como forma de justiça.

Concluindo essa análise, Loki na narrativa inicia seu comportamento transmitindo astúcia e muita travessura ao cortar o cabelo da deusa Sif, como punição a essas brincadeiras, ele se rende a criação dos tesouros dos deuses como uma forma de diminuir o atrito pelas consequências não imaginadas e também para evitar sua morte. Loki não concorda em bajular os deuses, por esse motivo ele prejudica as obras dos objetos preciosos feitos pelos anões. Logo, existe uma ação de Loki ser geradora de bonanças para amortecer sua relação com os deuses, inclusive essa é uma característica muito prevalente no Trickster. Loki no final da decisão dos deuses não concorda com a forma como o castigo será realizado e não o aceita. Com isso, sua boca é costurada por um anão conhecido como “o furador”, o único capaz de propiciar os furos na boca de Loki. Portanto, ter a boca costurada teria relação com sua lábia traiçoeira, inflamada e incontida de Loki agir em suas ações. Uma forma de conter aquilo que não deve ser dito. Além de ter relação com as picadas da mosca, pois estas ocorrem pela ordem oral ao atrapalhar a criação dos tesouros dos anões.

Além disso, Loki possui um perfil de audácia e não teme o medo pelas consequências, ele age em competitividade, aposta, perde e desafia seja lá quem for: nesse caso especialmente os anões que possuem poderes mágicos e são seres considerados poderosos na mitologia nórdica. Loki possui instinto de sobrevivência ao escapar dos anões e não ser punido pela perda de sua vida, consequentemente ele é capturado apenas pelo deus Thor, para passar pela penalização por ele atribuída (de forma diferente), desde o início, pois ele foi o criador da aposta.

Edda em Prosa: Skáldskaparmál, [37-9, 39-40], século XIII:

“Qual é a razão para o ouro ser chamado de pagamento em lontra? Diz-se que quando os Aesir foram explorar o mundo inteiro - Odin e Loki e Hoenir - Chegaram a um certo rio e seguiram o rio até uma certa cachoeira, e perto da cachoeira havia uma lontra e ela havia pegado um salmão na cachoeira e comia de olhos semicerrados. Então Loki pegou uma pedra e jogou na lontra e acertou sua cabeça. Então, Loki ficou triunfante com sua captura, que ele conseguiu em uma lontra e salmão.

Então eles pegaram o salmão e a lontra e os levaram consigo, então chegaram a uma certa fazenda e entraram. O fazendeiro que morava lá se chamava Hreidmar. Ele era uma pessoa de grande poder e era habilidoso na magia. O Esir perguntou se eles poderiam passar a noite lá e disse que eles tinham muitas provisões com eles e mostraram ao fazendeiro sua captura. E quando Hreidmar viu a lontra, ele chamou seus filhos Fafnir e Regin e disse que seu irmão Otter havia sido morto e também quem havia feito isso.

Agora a família foi até os Aesir, e os fez prisioneiros e os amarrou, e então revelou sobre a lontra, que ele era filho de Hreidmar. O Esir ofereceu um resgate por suas vidas, tanta riqueza quanto o próprio Hreidmar desejava decidir e esses termos foram acordados entre eles e confirmados com juramentos. Então, a lontra foi esfolada. Hreidmar pegou a pele de lontra e anunciou a eles que deveriam encher a pele com ouro vermelho e depois cobri-la inteiramente, e esses seriam os termos de seu acordo.

Então Odin enviou Loki para o mundo dos elfos negros e ele encontrou um anão chamado Andvari. Ele era um peixe em um lago, e todos tinham em sua caverna. E quando eles entraram na caverna, o anão trouxe todo o ouro que ele tinha, e isso era uma quantidade substancial de riqueza. Então, o anão enfiou debaixo do braço um pequeno anel de ouro. Mas Loki viu e disse a ele para entregar o anel. O anão pediu que ele não tirasse o anel dele, dizendo que ele poderia multiplicar a riqueza para si mesmo com o anel se o guardasse. Loki disse que o anão não ia ficar com um centavo e pegou o anel dele e saiu, e o anão declarou que este anel deveria ser a destruição mortal de quem o possuísse. Loki disse que estava feliz por isso ser assim, e que teria poder para continuar válido, esse pronunciamento, na medida em que ele o levaria aos ouvidos de quem tomasse posse do anel. Ele voltou para a casa de Hreidmar e mostrou o ouro a Odin.

E quando Odin viu o anel, achou-o bonito e retirou-o do tesouro, e começou a pagar o ouro a Hreidmar. Este então encheu a pele de lontra o mais que pôde e a levantou quando estava cheia. Odin foi até ele e começou a cobrir a pele com o ouro. Ele disse a Hreidmar para ver se a pele estava totalmente coberta, e Hreidmar olhou e examinou de perto e viu um bigode e disse que deveria estar coberto, caso contrário, seria o fim de qualquer acordo entre eles. Odin tirou o anel e cobriu o bigode e declarou que agora eles estavam isentos do pagamento da lontra.

E quando Odin pegou sua lança e Loki seus sapatos e eles não precisavam mais ter medo, então Loki declarou que deveria permanecer válido o que Andvari havia declarado, que o anel e o ouro deveriam ser a morte daquele que possuía, e isso foi posteriormente cumprido. Agora foi dito por que o ouro é chamado de pagamento de lontra ou pagamento forçado dos Aesir ou desacordo em metal. O que mais há para contar sobre o ouro? Hreidmar então pegou ouro como expiação por seu

filho, e Fafnir e Regin exigiram algo dele para si mesmos em expiação por seu irmão.” (FAULKES, 1995, p. 99-100, tradução nossa).

Análise: Nesse último mito, encontramos as motivações que levam o ouro ser chamado de pagamento em lontra ou pagamento forçado pelos Aesir e como Loki está intrinsecamente envolvido nesse recorte. Em um certo rio estava Loki, o deus Odin e Hoenir, eles encontram um salmão e uma lontra próximos a uma cachoeira, Loki pegou uma pedra e arremessou na lontra, capturando-a juntamente com um salmão. Após isso, ambos se deparam com um fazendeiro habilidoso na magia chamado Hreidmar. Os filhos de Hreidmar (Fafnir e Regin) suspeitam que um dos Aesir haviam matado a lontra, o qual era o seu irmão Otter, sendo morto injustamente. Com isso, os três são feitos de prisioneiros como castigo, mas eles propõem a Hreidmar que todas as riquezas passariam a ser dele caso eles fossem soltos e saíssem ilesos. Ele propõe que a pele da lontra após ser esfolada seja coberta por outro de forma inteira, assim o acordo de perdão seria mantido entre eles.

Como consequência desse acordo, Loki viaja ao submundo mandado por Odin, chegando lá, encontra com um anão que possui o nome de Andvari (transformado em peixe num lago) o qual tinha bastante ouro escondido. Mas ao sair do submundo Loki percebe que o anão coloca debaixo do braço um anão bastante valioso que deixa Loki bastante incomodado, ele pede ao anão o anel, sobretudo ele se nega e afirma que o anel conseguiria multiplicar riquezas e causar a destruição mortal de quem o fosse possuí-lo. Loki se considera feliz pelas afirmações do anão e retorna para a casa de Hreidmar e mostra o ouro a Odin. Eles se reúnem e enchem a lontra com o ouro, uma parte que ficou em falta (bigode), é preenchida com o anel deixando-os isentos de qualquer pagamento a Hreidmar e aos seus filhos. Loki e Odin vão embora, cada um com seus objetos preciosos (Odin lança e Loki os sapatos voadores).

Loki no final dessa aventura considera que a maldição do anão Andvari necessita ser cumprida, trazendo como evento a consequência da morte daquele que estivesse possuindo o anel. Por esse motivo, o ouro foi chamado de pagamento forçado ou pagamento pela lontra. É perceptível nesse recorte a ação de Loki em toda a narrativa de forma atuante, corajosa e astuta. Loki nunca se encontra inerte no seu comportamento, pois mata a lontra, viaja para o submundo para conseguir soluções em detrimento da punição oferecida pelos filhos e Hreidmar e retorna com o ouro para que causasse um viés de solução diante do pagamento, pelo filho de Hreidmar morto, Otter. Mas no fim, ele retoma lembrando da maldição dita pelo anão e prevalece está como castigo em torno daqueles que queriam puni-lo.

3.3. Análise das Fontes Primárias:

Apresentamos nesse momento, as análises encontradas dentro do método comparativo (Shojdth) utilizado como principal foco à metodologia aplicada para esta pesquisa delimitando em especial, as fontes primárias como elementos primordiais. Portanto, foi trazido como principal pressuposto as características de Loki entre as narrativas vislumbradas da *Edda em prosa* e *Edda poética*:

Tabela 1: correspondente as narrativas por capítulo

Características	<i>Voluspá</i>	<i>Lokasenna</i>	<i>Thrymskvida</i>	<i>Gylfaginning</i>	<i>Skaldskarpamal</i>
Trapaceiro	2			7	9
Sarcasmo		7			1
Comicidade		1			1
Fluidez de gênero ou forma		2		5	3
Xamã			2		3
Ordem		3	8	1	11
Caos	2	4		7	2
Astúcia	1	2	6	2	5
Amoralidade		11		1	
Castigo	1	2		3	5

Alimentação		2	2	5	2
Vingança	1	20		7	8

Fonte: do próprio autor

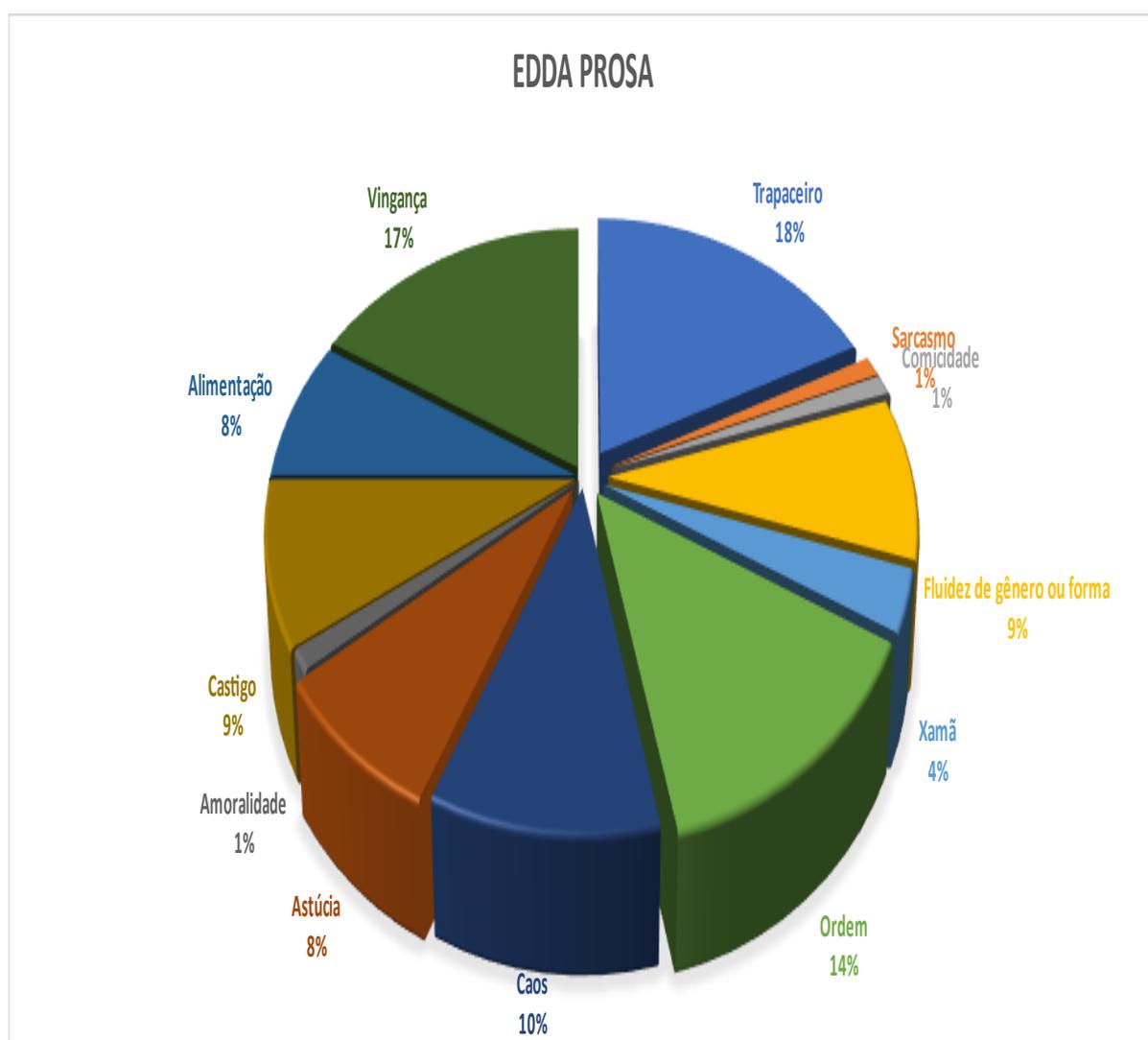
Tabela 2: correspondente as *Eddas*:

Características de Loki	<i>Edda poética</i>	<i>Edda em prosa</i>
Trapaça	2	16
Sarcasmo	7	1
Comicidade	1	1
Fluidez de gênero ou forma	2	3
Xamã	2	3
Ordem	11	12
Caos	6	9
Astúcia	9	7
Amoralidade	11	1
Castigo	3	8
Alimentação	4	7
Vingança	21	15

Fonte: do próprio autor

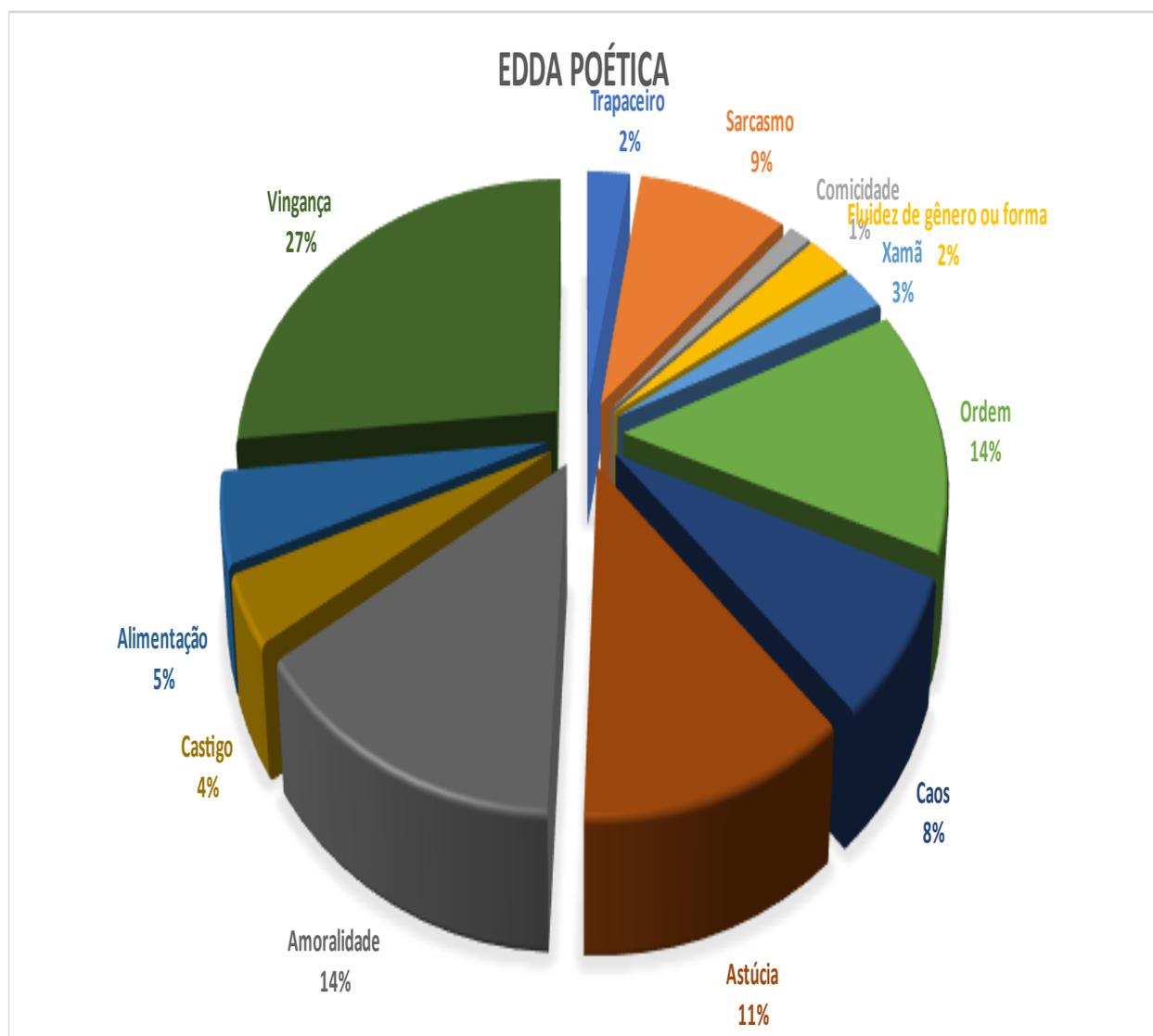
Nesse segundo gráfico estão representados os valores percentuais (quantitativos) e as principais aparições qualitativas de Loki correspondentes à *Edda em Prosa*:

Gráfico 1: Análise comparativa na *Edda em Prosa*



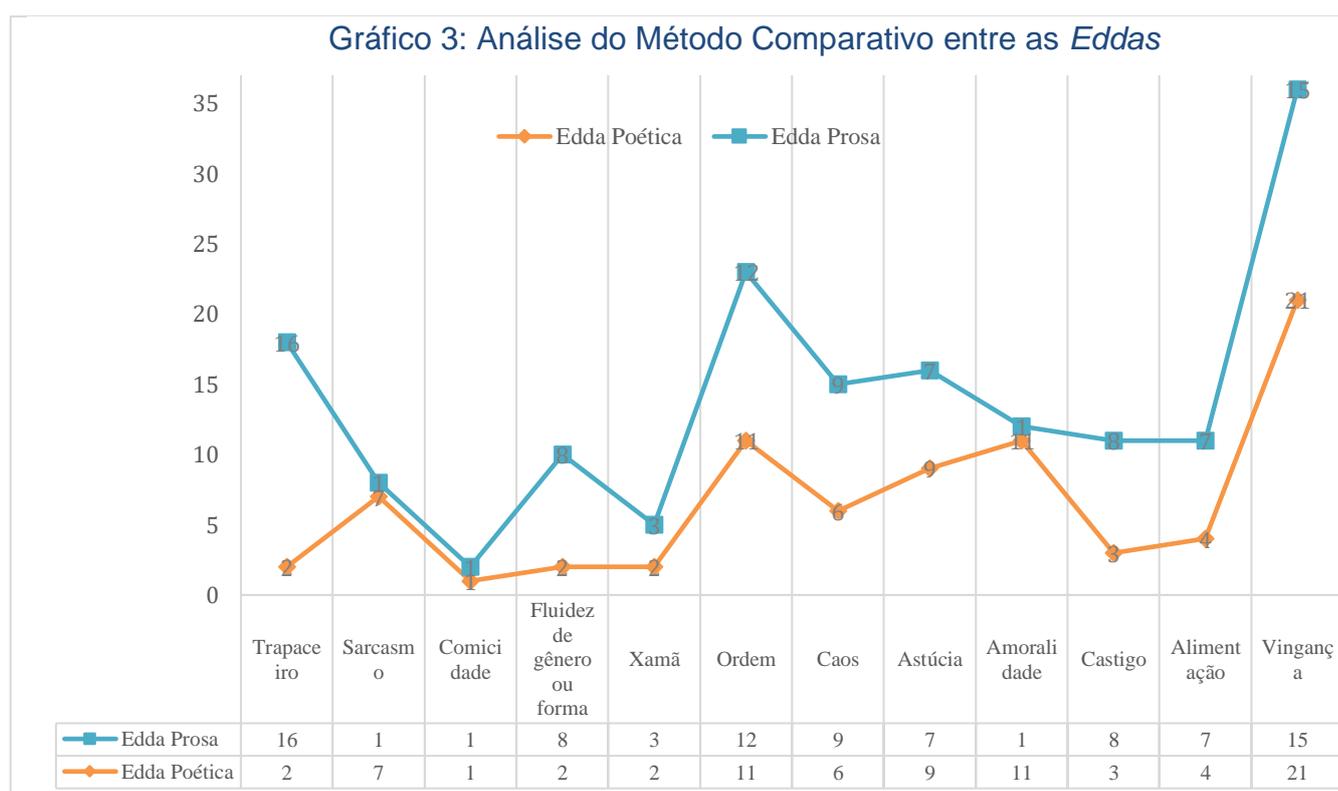
Nesse segundo gráfico, por sua vez, estão representados os valores percentuais (quantitativos) as principais aparições qualitativas de Loki correspondentes à *Edda Poética*:

Gráfico 2: análise comparativa na *Edda Poética*:



Fonte: do próprio autor

Nesse terceiro e último gráfico, foram representadas as narrativas na forma comparativa entre as *Eddas* e suas características na forma percentual, ou seja, quantitativa apresentando assim, as aproximações e distanciamentos entre os atributos de Loki concernentes as análises das fontes primárias.



Fonte: do próprio autor

3.4 Trapaceiro

No início das análises propostas, começaremos descrevendo as características de Loki de acordo com os resultados encontrados na análise comparativa. Como primeira categorização, será

discutida as passagens em que Loki apresenta traços de uma figura trapaceira, ou seja, um sujeito burlão e fraudador ao que compromete a estabilização e ordem na sua relação com os deuses.

Nas mais relevantes tradições na América do norte o trickster é visto como um ser sobrenatural e atípico. Sendo o pregador de peças em um determinado cotidiano humano e animal. Eles podem ser vítimas ou motivadores do caos conhecido como o herói da cultura, encontramos humor, inteligência e irreverência em suas ações: solucionando e problematizando diversos contextos por onde os trapaceiros perpassam. (DE VRIES, 1933, 254-255).

Consideramos a falta de consciência do trickster entre o bem e o mal, ele é o responsável pelas consequências devido as suas causalidades. Diante de sua falta de consciência ao que tange os valores sociais (a falta da moralidade), sendo forçado a ser refém de sua autossatisfação e seus impulsos. (RADIN, 1956, p. 3-54).

Entretanto, faremos uma breve compreensão sobre a figura do trapaceiro na qual é estudada Hynes e Doty (1993, p. 1-13) explicando que o trapaceiro pode ser identificado em várias culturas exprimindo uma vastidão de complexidades universais onde todos os malandros parecem falar a mesma voz ou em sociedades individuais, pois dois deles podem estar articulando mensagens como o mesmo resultado devido as suas manifestações culturais. Deixando a entender que os aspectos de uma figura trapaceira podem ser identificados em várias culturas diferentes. Portanto, as características encontradas no trickster são semelhantes em várias sociedades e visa a compreensão de suas funções sociais comparativas, mecanismos psicológicos, traços literários, relações dos sistemas religiosos e as transformações rituais.

Entretanto, a representação de Loki como uma figura do mal advém do final da Era Viking (Séc. XI), seu lado perverso, ruim e malfeitor é introduzido pela cristianização que ocorre entre os povos do norte. Por isso, é importante ressaltar que no final da mitologia nórdica, o Loki das *Eddas* é percebido como uma figura maligna, mas no final da Era Viking segundo a autora, o deus Thor era o principal adversário de Cristo, sendo considerado uma figura que delineia um caráter maquiavélico, portanto, Loki não era considerado perverso, malvado, trapaceiro ou até mesmo associado a figura do Diabo. Entretanto, evidências iconográficas apontam a representação de Loki como Satã em Kirkby Stephen, século X, Inglaterra. (HOWARD, 2016, p. 2-12).

A primeira aparição da aproximação caráter trapaceiro a figura de Loki encontra-se na *Edda Poética, Voluspá* estrofes: [34] e [49] Nessas aparições seu caráter é definido como uma figura traiçoeira e distinta ao ser castigado debaixo de um arvoredado. Nessa passagem fica notório a apresentação da figura de Loki como trapaceiro, pois ele é memorado em meio a sua fragilidade maior na qual envolve o seu castigo intimado pelos deuses. Na passagem seguinte, é narrada a vingança de Loki ao lado dos filhos de Múspell em um barco que vem da direção leste, ou seja, Loki está aliado

aos gigantes na luta contra os deuses, além de estar com seus filhos ajudando-os na tomada de poder dos deuses. Nesse mito, Loki também é definido como saqueador (não é dito diretamente o que ele teria saqueado), mas sabemos que os trapaceiros possuem o roubo como uma nuance intimamente presente no modo de agir diante das situações geradoras de autossatisfação e resolução de conflitos.

As demais aparições de sua figura aproximadas ao caráter embusteiro encontram-se no *Gylfaginning* [27-34] “aquele que é também considerado entre os Aesir caluniador e criador de enganos e desgraça dos deuses e homens.” Nessa passagem Loki está conectado com as mentiras, equívocos e infortúnios entre adjetivações ofertadas a ele pelos deuses, sendo aproximações imbrincadas as características de um trapaceiro diante do seu caráter extremamente ligado aos prejuízos, mentiras e trapaças.

No *Gylfaginning*: [42, 42-3] “E quando eles contaram esses termos, então pediu que permitissem que ele tivesse ajuda do seu ganhão, chamado Svadilfari. Sendo Loki o responsável por isso.” “O gigante pede como recompensa o sol, à lua além da deusa Freyja como uma segunda recompensa. Os Aesir desconfiam e culpam Loki pelo acordo. Nesse ponto, é percebida a ação de Loki em toda a empreitada. Ele não só permite com que o cavalo ajude o gigante (sabemos que o cavalo é o possuidor do vigor na construção das paredes de Asgard tendo um valor elementar na aposta sugerida e aceita inicialmente por todos). No entanto, os Aesir ao percebem uma perda sem precedentes, ou seja, a aposta é um golpe, acusam Loki pela astúcia e artimanha em ajudar o gigante e antes que a aposta seja imediatamente concretizada, assume seu ardil em prever um futuro próximo e possibilitar ao gigante um ganho inestimável além de uma perda considerável para os deuses, intensificando ainda mais seu caráter embusteiro.

Outro ponto é a virada de Loki ao saber dos prejuízos que serão sofridos caso ele ajude o construtor a terminar a obra. Com isso, ele muda e passa agora a ajudar os Aesir em atrapalhar e prejudicar o construtor no final da obra. “E quando o ganhão percebeu que tipo de cavalo era, ficou frenético e rasgou o equipamento e correu em direção a égua. Ele foi para a floresta e o construtor atrás deles tentando pegar o ganhão. Esses cavalos correram por toda a noite atrapalhando o andamento da obra.” Concluímos nesse ponto as engenhosidades de Loki através de sua trapaça, atraiu o cavalo com sua fluidez de gênero e forma com o objetivo de conseguir comprometer o andamento da obra. Loki destituiu a finalização da obra e a onipotência do cavalo Svadilfari retirando o ganho do construtor, mas diante de sua astúcia e uso de suas trapaças, ele consegue assumir o controle da situação em ajudar os Aesir para se safar dos castigos impostos a ele.

No que se refere a morte do deus Balder e sua relação e responsabilização direcionada a figura de Loki, fica compreendido do *Gylfaginning*: [49] algumas das ações trapaceiras de Loki no desastre entre os Aesir. Ele coaduna Hod dizendo: “vou direcioná-lo para onde está Balder.” A morte de Balder

é um dos episódios mais alegóricos no que se compreende situações ocasionadoras de desordem, simplesmente porque essa perda ocasionou aos Aesir o maior mal entre todos os outros: a morte de um deus imortal. Trazendo à tona a fragilidade, mortalidade e impotência dos deuses e delimitam as situações vivenciadas pelos Ases nas quais eles não podem mudar. Loki nesse ponto da estória é visto como um ser ardiloso e perverso que planeja de forma inteligente como dar fim a vida de Balder. Não sabemos até que ponto teria relação com apenas a vingança (essa será explicitada nas características que concentram os recortes dentro das narrativas de Loki) ou se haveria teor de inveja pela notoriedade que Balder tinha em detrimento dos outros deuses. Loki em meio a essa narrativa, incomoda-se com tal preciosidade e poder intocado do deus e só se torna satisfeito após descobrir como pode acabar com toda essa notoriedade: é presumido que ele que teria essa noção de ser notado em suas necessidades e ao ver Balder sendo notado isso o incomodava.

Loki utiliza de suas artimanhas para cessar a vida do deus considerado intocado. Mesmo sabendo que o deus da luz possui um caráter simbólico de uma divindade extremamente boa, admirada, bela e sábia entre os deuses. Loki planeja matar o deus Balder com o objetivo de minar ou dissolver a autoridade e papel dos deuses, ou seja, o poder considerado soberano não seria previamente eterno, mas sim, parcial. O conteúdo da causa da morte pelo visco é desconhecido pela sua letalidade aos deuses. O motivo da existência do visco, seria, portanto, para delinear a função de mortalidade aos deuses, pois, Balder passa ser considerado venerado por sua imortalidade diante de todas as coisas que acabaram jurando não o ferir, entretanto, o visco em seu conteúdo, possibilita a limitação temporal da vida. (Howard, 2016, p. 2-12).

No *Gylfaginning*: [49-51] fazendo ligação com o *Lokasenna* na *Edda Poética*, retratando sua fuga após a discussão com os deuses. Com isso é trazida a discórdia provocada por ele no salão de Aegir, sendo compreendida sua fuga e esconderijo em uma montanha, construindo lá uma casa com quatro paredes para que ele pudesse ver todas as direções. Aqui delimita-se mais uma característica de trapaceiro associada a fuga e sua inteligência ao criar uma casa com saídas para facilitar suas esquivas em meio as armadilhas que ele com sua percepção astuta já imaginava que fossem ocorrer.

Outros pontos sobre suas características de trapaceiro encontram-se no *Skáldskarpamál*: [8-16] Loki é definido por ter um caráter astuto, ser criador de travessuras, ser conhecido como o astuto às, acusador e trapaceiro dos deuses, planejador da morte de Balder e o brigão com Heimdall e Skadi. No episódio do rapto da deusa Idunna encontrado no *Skáldskarpamál*: [56-7] Loki apresenta um caráter bastante ardiloso e estratégico porque no momento em que foi combinado com o gigante Thjazi a posse da deusa Idunna devido ao castigo no qual Loki não se submeteria a pagar como fuga, ele conseguiu dissuadi-la e levá-la para uma determinada floresta e despistá-la dos olhares dos deuses, intensificando seu pacto com o gigante e ocasionando a inaptidão física e a retirada de poder dos

deuses. Como consequência disso, o gigante Thjazi chegou em forma de águia e arrebatou Idunna e voou com ela para sua casa em Trymheimr. Nesse mesmo ponto, os deuses em um parlamento sentem a falta da deusa Idunna de Asgard e se reúnem para culpar quem poderia ter levado a deusa embora dali. Nesse instante é delimitado a culpa mais uma vez a figura de Loki porque ele havia sido o último ao sair de Asgard com a deusa.

Em relação a suas aventuras com Thor na terra dos gigantes é contado a inexistência de suas manoplas de ferro e isso havia sido obra de Loki. No *Skáldskarpamál*: [17, 18-18] Loki ao voar para a terra de Geirrod com o traje de Freyja é aprisionado pelo gigante, este tem a proposta de libertá-lo com a condição de que Thor seja trazido para ele como pagamento pela sua liberdade. Loki aceita a proposta para se manter livre levando Thor seu o cinto e o Mjollnir

Nesse ponto é perceptível mais uma vez o caráter burlesco e astuto de Loki ao concordar com qualquer proposta para se safar das situações que trazem prejuízos a sua pessoa. Por sorte, Thor encontra uma gigante que “contou a Thor a verdade sobre Geirrod, que ele era um gigante astuto e difícil de lidar. Ela emprestou a ele um cinto de poder e algumas manoplas de ferro dela e seu cajado, chamado de mastro de Grid. Então Thor se aproximou do rio chamado Vimur, o maior de todos os rios. Então ele afivelou o cinto de força e pressionou o mastro de Grid no lado afastado da corrente, enquanto Loki se segurava sob o cinto de força.” Vemos nesse trecho que Loki não apenas tenta se safar de sua empreitada com o gigante, mas logo depois se alia a Thor no objetivo de não sofrer represálias perante o deus, ou seja, ele possibilita manter o conforto em seu favor.

Outro episódio no *Skáldskarpamál*: [34-5] [35-6] encontra traços de uma figura trapaceira ao cortar o cabelo da deusa Sif. Loki com medo da punição do deus Thor ao dizer que quebraria os seus ossos, decide se reunir com os filhos de Ivaldi para restituir integralmente o cabelo de Sif e ainda levaria outros objetos preciosos (Skidbladnir e a lança Gungnir) como uma forma de amenizar a situação ocasionada por sua brincadeira maldosa e sem noção de limites. Com isso, Loki se transforma em uma mosca (característica de transformação na qual o trapaceiro possui) e começa a atrapalhar as obras dos filhos de Ivaldi. Como forma de trapaça Loki mordisca Eitri no braço, no pescoço e por fim suas pálpebras (o sangue escorria pelos seus olhos e prejudicava sua visualidade) comprometendo drasticamente a confecção da última peça e considerada a mais valiosa para os deuses o Mjollnir: este saiu com a ponta encurtada e isso é culpa de Loki. A mosca ao ver que tudo na forja havia sido arruinado voou para longe. Por fim, os objetos são aceitos por Odin, mas diante da aposta Loki perde. Com isso, não aceita o castigo de perder sua cabeça para os anões “eu apostei minha cabeça e não meu pescoço.” É visto aqui a legítima perspicácia para safar-se da derrota aos anões, portanto ele utiliza das suas astúcias encontradas também no trickster em momentos de autodefesa.

O mito é transmitido no cotidiano da sociedade, portanto, o corte do cabelo da deusa Sif ocasionado por Loki, remete algumas questões importantes ligadas aos costumes do cotidiano da Era Viking porque o mito é um reflexo da sociedade onde estão os aspectos cotidianos contidos nesses povos. Os cabelos na Era Viking podiam ser utilizados simplesmente para seduzir, arrumados para agradar aos deuses e como proteção para infortúnios. Eles também demonstravam *status* social, ou seja, as posições sociais de cada indivíduo, o estado civil, o serviço religioso e a utilização da magia. Os cabelos longos estiveram ligados a virilidade, a força e a liberdade. Os cabelos soltos geralmente expressavam o caráter de sedução e um padrão de beleza muito estimado na Era Viking. (CAMPOS, 2018, p. 51-52).

Ainda sobre as aparências e os costumes, devemos considerar que os cabelos femininos compridos deixados soltos eram utilizados especialmente pelas mulheres solteiras, sem necessidade de ocultá-los sob lenços ou toucas, acessórios que eram evidência de matrimônio. Algumas mulheres trançavam seus cabelos e depois faziam um nó triplo, o *valknut*, ou nó dos mortos e envolviam toda a cabeça em uma espécie de touca. As tramas capilares envolviam algum tipo de demonstração da condição social e das práticas mágico-religiosas. (CAMPOS, 2018, p. 53).

Devido a influência da deusa Sif por possuir longos cabelos, podemos considerar sua influência social, virilidade e até mesmo aspectos de sedução estimados por qualquer mulher na Era Viking. Com isso, sabemos que Loki faz o corte no cabelo de Sif primeiramente em pura necessidade de brincadeira, entretanto, ele poderia querer ter os cabelos da deusa com o objetivo de possuir essas características na quais encontramos no cotidiano: influência, poder, status e até mesmo liberdade (sedução), tendo em vista que o mesmo sempre foi repreendido por seus atos sexuais não aceitos entre os deuses.

No episódio do *Skáldskarpamál* com a narrativa no mito acerca do pagamento pela lontra [37-9] e [39-40] Loki disse ao anão para entregar o anel. Mas o “anão pediu que ele não tirasse o anel dele, dizendo que ele poderia multiplicar a riqueza para si mesmo com o anel se o guardasse. Loki disse que o anão não ia ficar com um centavo e pegou o anel dele e saiu.” Loki sabia o valor elementar do anel e não deixou com que o anão ficasse com ele, pois sabia que o anel poderia ajudá-los a reparar a morte do filho de Ivaldi, então, decide levá-lo mesmo com todos os alertas do anão até mesmo quando ele disse que o anel poderia trazer algo ruim para eles. Ele assume as consequências de levá-lo para Odin. Nesse viés, percebemos que Loki mais uma vez assume uma característica trapaceira e ousada ao roubar o anel e trazê-lo mesmo sem o consentimento do anão.

Entrando, na aproximação com as duas *Eddas*, encontramos características bastantes aproximadas no viés de uma figura trapaceira, estando ligadas ao roubo, deboche, necessidade de competir, planejamento de fuga ao safar-se de uma situação perigosa ou que cause castigo ou morte,

planejamento ao eliminar alguém que o incomoda (aqueles que pode derrotar), sequestro de bens primordiais ou pessoas conjecturadas pelo seu valor ou poder, entre outros. Portanto, em toda a análise percebe o seu plano futuro está ligado à sua performance estratégica ao lidar com as oposições, ou seja, resolver as situações de problemáticas e fazê-las ficarem ao seu favor. Com isso, Loki passa a atuar de uma forma que gere autossatisfação, sendo uma das características contidas no trapaceiro possibilitando mais uma qualidade a configuração de sua figura alegórica.

Concluindo sobre a análise qualitativa, conseguimos perceber que o caráter do trapaceiro é quase que perceptível na *Edda em Prosa: Gylfaginning*: [27,34]; [42-42-3]; [49]; [49-51]; *Skáldskarpamál*: [8-16]; [17, 18-18]; [34,5]; [35,6] e [56,7]. Notando que os aspectos de trapaceio sobressaem expressamente na edda em prosa deixando a *Edda Poética* com poucas influências sendo possivelmente um indicativo nítido de influência cristã. Snorri descreve Loki com teor embusteiro, impostor e ardiloso em todas as narrações descritas nas narrativas, mas na *Edda em Prosa* é trazido indícios superiores se formos comparar com a *Edda Poética* onde essas características são intimamente mínimas.

3.5. Sarcasmo

O sarcasmo em sua definição é uma forma expressiva de afrontar e ofender uma situação ou pessoa. A palavra advém do grego *sarkasmós* que significa zombaria, gozação e deboche. A aspereza incisiva no discurso mantém os padrões de ridicularizar e manter um padrão verbal hostil.

Diante disso, cabe ressaltar que em suas primeiras aparições nas narrativas a figura de Loki utiliza em seu discurso o sarcasmo e ridiculariza os deuses através de “ferir pela fala”. São encontrados recortes majoritariamente na *Edda Poética, Lokasenna* [34] com sua ironia a Njord ao dizer que ele veio do Leste como refém dos deuses e que as mulheres (Filhas de Hymir) utilizaram de Njord para suas mais íntimas necessidades utilizando-o como um depósito de urina, portanto, se faz importante ressaltar o comportamento mordaz de Loki devido a postura do próprio Njord ao não permitir Loki falar no salão de Aegir, intensificando ainda mais suas ações de tom provocador e ofensivo. Nesse ponto, Loki utiliza do menosprezo para envergonhar Njord a partir de sua diminuição ao deus.

No *Lokasenna*: [38] o deus Tyr também é referido por Loki como alguém insignificante e impotente devido a perda de sua mão, pois havia sido arrancada pelo lobo Fenrir. É acentuado nesse trecho, o aproveitamento de Loki pela vulnerabilidade de Týr ao utilizar seu sarcasmo dizendo que a

perda de sua mão afetava sua capacidade de conviver socialmente com as pessoas tornando-o impossibilitado. No verso do *Lokasenna*: [44] Loki também minimiza o comportamento do servo de Freyr, Byggvir ao dizer de forma sarcástica: “o que é aquela criaturinha que vejo abanado o rabo e abocanhado as coisas rapidamente? Aos ouvidos de Freyr você sempre é encontrado tagarela aos rebolos.” Assume nesse ponto mais um teor zombaria de sua figura e expressando algumas fragilidades de quem esteve ou está afetado por alguma coisa. E retoma dizendo no *Lokasenna*: [46] “fique calado Byggvir. Você nunca poderia repartir a comida entre os homens; e na palha do banco eles nunca podem te encontrar quando os homens vão lutar. Não sabemos até que ponto Loki retrata o próprio Byggvir, mas nesse trecho é percebido um teor considerado de humilhação no qual ele joga como forma de conseguir o silêncio e freio para que ele continue a chamar a atenção entre os deuses no salão.

No *Lokasenna*: [60] Loki faz mais acusações com teor de ironia ao mencionar Thor por ser bem inferior em poder quando viajaram para a terra dos gigantes. Loki acusa Thor de não se relacionar com as pessoas e trata isso como forma de zombaria ao dizer que ele havia encolhido no polegar das luvas do gigante Skrymir nas suas empreitadas juntamente com Thor, Thjálfi e Roskva. É reforçada sua fragilidade nesse recorte, ele chama Thor de “Herói”, minimizando suas qualidades de vigor e vitória ao dizer que ele não parecia Thor. Na estrofe [62] após ser ameaçado pela maioria dos deuses no *Lokasenna*, assume que irá viver por bastante tempo e relata o temor pelo martelo de Thor, mas de forma ardilosa, fala das tiras de couro de Skrymir e elas não serviram efetivamente para prender o lobo. Nesse recorte, Loki destila o fracasso nessa empreitada por parte dos deuses e faz uma tremenda zombaria ao tentar atingir Thor. Ele também fala do insucesso ao não conseguiu comida, trazendo como consequência a fome. Thor sai ileso, mas sentia muita fome estando interligada a fragilidade do deus. Sabemos que o deus Thor é considerado muito poderoso e sua alimentação era primordial para estabilizar sua vitalidade e força no enfrentamento das suas problemáticas, entretanto em toda a narrativa, há o uso do sarcasmo como forma de inferiorizar o deus considerado vigoroso entre os outros deuses.

Em um outro trecho do *Lokasenna*: [48] Loki manda o deus Heimdallr ficar em silêncio ao dizer que o trabalho dele está associado com castigo. Chama-o de costas sujas e terá como punição ser o guarda de Asgard para sempre, não tendo sua liberdade por completo como os outros deuses. A vida de Heimdallr nesse sarcasmo está associada à sua impossibilidade de decidir por si mesmo e os deuses tomam partido da sua vida. Loki nesse trecho retrata coisas sobre Heimdallr na intenção de prejudicá-lo e culpá-lo pela sua guarda eterna aos deuses mais em um viés de sarcasmo, pois ele intensifica a dívida e sua não liberdade, ele utiliza da humilhação para atingir o deus.

Em conclusão a análise qualitativa, a prevalência do sarcasmo se faz mais perceptível na *Edda Poética à Edda em Prosa*, vale ressaltar que o poema com maior concentração de ideias e falas sarcásticas é o *Lokasenna*: [38]; [44]; [46]; [60]; [62]. majoritariamente descrito na análise acima. Podemos considerar que no *Lokasenna* sua figura tinha uma influência majoritária ao sarcasmo e ao holofote intensificado.

3.6. Comicidade

Um outro ponto muito debatido nas pesquisas no que tange a figura burlesca de Loki se refere ao seu caráter humorístico no qual leva em algumas passagens a ser associado como alguém que desempenha como maior papel o foco em quebrar situações avessas proporcionando uma legítima sensação de causar risos e desarmar a raiva das pessoas. Em uma das passagens do *Lokasenna* [19] Gefion defende Loki ao dizer que nenhum Aesir deveria buscar qualquer tipo de rivalidade com ele, pois suas palavras eram consideradas inofensivas naquele contexto e os deuses estavam a par sobre tal evidencia: “Sabiam que Loki gostava de uma piada e que todos os Aesir o amam por ser assim.” Portanto, o caráter cômico de Loki deve ser ressaltado mesmo em uma passagem que enfoca a discórdia entre os deuses é visto que seu papel humorístico é lembrado.

No *Skáldskarpamál*: [56-7] Loki ganha um papel principal de humor ao fazer a deusa Skadi em meio a uma vingança pela morte do seu pai morrer. “Também estava em seus termos do acordo que os Aesir deveriam fazer algo que ela achava que eles não seriam capazes, que era fazê-la rir. Então Loki fez o seguinte: amarrou uma corda em volta da barba de uma certa cabra e a outra ponta em volta de seus testículos, e eles se puxaram para frente e para trás e ambos gritaram alto. Então, Loki se deixou cair no colo de Skadi, e ela riu. Então a expiação com ela por parte dos Aesir foi completa. Diz-se que Odin, como compensação por ela, fez isso: ele pegou os olhos de Thiassi e os jogou para o céu e deles fez duas estrelas.”

No que tange não apenas humor mais as características de gênero são fundamentais para o cumprimento de mais uma condição: a deusa Skadi e sua exigência de que os deuses a façam rir. Loki consegue isso com um ato que coloca sua sexualidade duvidosa e identidade de gênero sob uma luz grotesca: ele amarra uma ponta de uma corda na barba de uma cabra e a outra em seus testículos. Um cabo de guerra estridente faz com que os dois se arrastem pela sala, balindo e gritando. Skadi finalmente começa a rir quando Loki perde o equilíbrio e cai no colo dela. (SCHNURBEIN, 2015, p. 104-124).

Afirma Schnurbein (2015, p. 104-124) a barba presa a uma ponta da corda é aqui um falso símbolo de masculinidade, o que devemos fazer com os órgãos genitais presos na outra ponta? Seriam, entretanto, a redução de seu status social, pois a possível alusão ao motivo da castração aqui analisado era um castigo infligido prioritariamente a escravos. De qualquer modo, é claro que Loki, como castigo e recompensa pela desordem que ameaça introduzir no sistema conjugal dos deuses, sofre um rebaixamento de sua masculinidade e de sua sexualidade.

A única opção de Loki para se salvar do perigo é por meio de auto humilhação como o homem *ragr* - uma forma de degradação que novamente funciona em benefício dos deuses. Parece que é precisamente essa característica, sua natureza de trapo, que o torna suspeito para os deuses - e para Snorri - desde o início. Pode até ser totalmente plausível deduzir desse episódio que a eloquência de Loki e sua habilidade de dar bons conselhos seja exatamente o que os deuses acham tão perturbador e consideram "não masculino". (SCHNURBEIN, 2015, p. 104-124).

Concluimos nesse ponto que é dada a entrega do total e autonomia dos deuses a Loki no objetivo de desarmar Skadi e frear sua desejante vingança inflamada aos deuses. Ele não se oprime pelo ato cômico, sua intenção é causar o riso e chamar a atenção de todos, mas principalmente causar humor na deusa por meio de sua auto humilhação conjuntamente a um animal e não a um deus, gigante.

Com isso, Loki não só ganha a confiança da deusa deitando em seu colo, mas consegue notoriedade ao criar toda a cena jocosa que causa o riso de todos eles, além de quebrar o ódio de vingança de Skadi. Além de trazer elementos questionadores sobre sua sexualidade fluida mesmo por meio de uma cena que é considerada vergonhosa e não esperada. Entretanto para ele pareceu um ato bastante naturalizado e fácil de lidar. As características correspondentes ao Loki cômico encontram-se equiparadas nas *Eddas* deixando seu caráter humorístico nivelado em ambas as literaturas.

3.7. Fluidez de Gênero ou Forma

O comportamento sexual nórdico na Escandinávia Medieval possuía um padrão duplo, tanto antes quanto depois da cristianização. A sexualidade masculina poderia ser exercida livremente, desde que com homens e mulheres adequadamente disponíveis (geralmente com alto *status* social), enquanto a sexualidade feminina era vista como posse da sua família e sempre que possível, controlada. Mas isso não quer dizer que a sexualidade das mulheres não tivesse importância. Na Era

Viking o sexo era considerado central para o casamento e o fracasso de um homem em corresponder às expectativas sexuais de sua esposa era motivo de divórcio. (Langer, 2018b, p. 631).

Na sociedade medieval a homossexualidade feminina e masculina, o incesto e a bestialidade (zoofilia) eram considerados ofensas altamente passíveis de punição. As difamações sexuais eram chamadas de *ergi*. Não há relatos nas sagas Islandesas de mulheres homossexuais, mas os códigos de leis religiosas (Stock. Perg. 4to no. 15), datado do final do século XVIII, proíbe práticas com severas penitências, como a homossexualidade masculina e o sexo com animais. As difamações sexuais *ergi* não se referiam a mulheres fazerem sexo umas com as outras, não fazia parte do imaginário social delas. Ele era mais utilizado no contexto da ninfomania e entre os homens *ergi* significava efeminado, indicando fraqueza e covardia. Esse termo também indicava a ruptura da sua virilidade masculina e também estava associada a velhice. (Langer, 2018b, p. 637).

Um dos modos mais conhecidos de difamação sexual era o *Nid*, ele indicava conteúdos presentes na literatura e nos códigos de leis. Na *Njáls saga* 123, o personagem Flosi foi acusado de passar por atos sexuais imorais de troll. Mas sua acusação recaí sobre um homem violado pelo ato sexual masculino (na metáfora da difamação). Os termos *arg/ragr*: perversão sexual (passar por penetração anal); ter aproximação a feitiçaria e por último ser covarde e efeminado. (Langer, 2018b, p. 637-638).

Diante desse contexto na sociedade nórdica traremos elementos que definem traços de fluidez que estão associados a mudanças repentinas que ocorrem abruptamente entre um gênero ou uma forma (mudança de sexo ou transforma-se em um animal) tendo um objetivo para aquele que está sob mudança imediata. Fazendo referência a figura de Loki, percebemos que existem diversas passagens em ambas as *Eddas* sobre essas alterações repentinas e planejadas em momentos cruciais na esperança de gerar ordem ou até mesmo caos entre deuses, gigantes, elfos e anões. Entre essas mudanças Loki está associado a figura mitológica efeminada, pervertida sexualmente consigo e com os outros, além de suas aproximações a magia.

Afirmamos diante das palavras de Wolf (2020, p. 106-113) a figura de Loki rejeita a noção binária de sexo: ele não se considera nem sendo masculino, nem sendo feminino. Alternativamente, eles podem receber características de ambos os sexos. É visto que sua figura aparece na mitologia nórdica como sendo capaz de se transformar para macho ou fêmea e mudar de uma forma para outra em determinado momento.

Portanto, as capacidades mágicas de Loki, especialmente suas habilidades de mudança de forma e gênero, consigna-o a uma posição liminar entre opostos fundamentais. Esses atributos fazem de Loki o "intermediário por excelência" - uma função que o torna indispensável para os deuses, mas

ao mesmo tempo leva à sua morte. Loki torna-se assim o expoente da deterioração qualitativa que é o destino do mundo. (SCHNURBEIN, 2015, p. 104-124).

A primeira aparição de Loki aproximada a fluidez ou mudança de forma encontra-se na *Edda Poética, Voluspá*: [52], [53] sendo delineada a luta entre os deuses e gigantes remetendo ao grande caos entre os seus filhos: Fenrir e Jormungand contra duas figuras importantes: Odin e Thor. Ambos são destruídos concomitantemente. O lobo matará Odin e Vidarr matará Fenrir como vingança. Thor terá uma luta com Jormungand e como consequência disso, ambos cairão. Não sabemos certamente qual a forma que esses monstros nasceram, mas dentro da narrativa tanto Fenrir quanto Jormungand são filhos da gigante Angrboda podendo ter gestado os monstros, mas não sabemos até que ponto essas formações dessas entidades pertenceram apenas a gigante diante dos traços de fluidez nos quais Loki é ligeiramente conectado. Por esse motivo, cabe ressaltar que sua fluidez nesse ponto está relacionada a geração dos seus filhos como fontes de sua possibilidade de gerar seres monstruosos e poderosos.

Em uma outra passagem na *Edda Poética, Lokasenna*: [33] o deus Njord compele os deuses ao ouvirem sobre o evento de transformação de Loki em uma égua e a sua sedução ao cavalo do construtor como forma de atrasar a obra. Nesse ponto é trazido à tona sua fluidez ao ter filhos como uma égua: nota-se centralmente a relação de Loki ao feminino, ou seja, ele dá à luz ao Sleipnir sendo elemento crucialmente ligado a características de uma mulher. Isso é discutido entre os deuses no salão de Aegir.

Complementando a fluidez de Loki se estende na *Edda em Prosa, Gylfaginning* estão entre os versos: [42], [42-3] e [49] Loki com medo pelo que pudesse acontecer com ele (castigo dado pelos Aesir) “jurou que faria as coisas necessárias para que o construtor perdesse seu pagamento custe o que custasse: transformou-se em uma égua no objetivo de seduzir o cavalo.” “Loki teve relações com Svadilsfari que um pouco mais tarde deu à luz a um potro. Era cinza e tinha oito pernas.” Loki transformasse em égua na intenção de seduzir o cavalo e prejudicar o construtor legitimando sua fluidez do masculino para o feminino.

Portanto, afirma Schnurbein (2015, p. 104-124) Ressaltando sua fluidez e objetivando compreender as motivações da construção do muro de Asgard sua figura é bastante ambivalente porque, por um lado, é para ser construído para proteger contra os gigantes; por outro lado, é necessário um gigante para construí-lo. Loki não é principalmente um malfeitor, mas sim, uma figura que se vê ameaçada por deuses e gigantes. Delineando nesse ponto não somente apenas sua fluidez, mas seu caráter previamente ambivalente.

No *Gylfaginning*, Loki se transveste em uma gigante e tenta descobrir com Frigg se haveria alguma coisa que poderia matar o deus Balder com sua astúcia ele não apenas descobre como consegue convencer o deus Hod a atirar e matá-lo. Após o ato fatal, Loki se transveste em uma gigante

com o nome de “obrigado” na qual recusa-se a chorar pelo retorno de Balder de Hel. Loki nessa passagem além de ter a mudança de gênero utiliza de sua audácia em não fazer aquilo que todos estavam fazendo porque age de forma contrária intensificando a desordem e desestabilização dos deuses. Cabe ressaltar que sua fluidez é motivada. Ele não se transforma sem motivações pertinentes, existe um objetivo central para ele nessa transformação.

Como modelo de interpretação, poder-se-ia tomar como ponto de partida a cristianização dos nórdicos, onde esse sistema foi gradualmente reconstruído com a crescente invasão do cristianismo. A feminilidade assumiu contornos mais definidos e, assim, distanciada da masculinidade. Portanto, masculinidade agora parecia menos ameaçada e a "suavidade" tornou-se mais aceitável nos homens. Alguém poderia tentar incorporar essa transformação em uma teoria da função de Loki na Edda em Prosa, poderia ser atribuída a influências cristãs. De acordo com este paradigma. Baldr é visto como uma prefiguração de Cristo e Loki como a personificação do demônio cristão. (SCHNURBEIN, 2015, p. 104-124).

Sobretudo, Loki não age maliciosamente, mas, em vez disso, está tentando ajudar a sociedade, reformando-a. Sua crítica à sociedade aqui é clara; que permaneceu estagnado por muito tempo e precisa continuar em seu ciclo. Além de mudar seu gênero, sua aparência, sua espécie e a ordem social. Provavelmente, seja uma tentativa de mudar os valores da sociedade. Como a mudança às vezes leva tempo, especialmente quando se trata de normas sociais inerentemente arraigadas na sociedade. (WOLF, 2015, 106-113).

Um outro recorte na *Edda Poética, Thrymskvida*: [20] encontramos Loki em sua crucial transmutação em serva para ajudar o deus Thor na sua empreitada em busca do seu martelo em Jotunheim e tomá-lo do gigante Thrym. “Irei contigo como criada, nós duas partiremos para Jotunheim.” Loki nesse contorno, busca ir ao lado do deus Thor transfigurado em uma mulher. A narrativa deixa clara a existência de uma serva e não de Loki transvestido, por isso, admitimos nesse contexto sua fluidez imediata pois Loki foi como uma mulher, não fazendo questão em parecer feminina diferentemente de Thor.

A capacidade de Loki e sua disposição desavergonhada de quebrar a fronteira do sexo binário parecem ter o propósito subjacente de comentar sobre ideais culturais fixos sobre o que é masculino e o que é feminino. Além de apenas devido ao intelecto astuto de Loki e ao disfarce feminino que a verdadeira identidade de Thor permaneceu em segredo por tempo suficiente para que eles pudessem recuperar o Mjollnir. Se Loki não tivesse mudado de sexo, Odin não teria seu cavalo e Thor poderia muito bem não ter recuperado seu martelo, dois elementos significativos na mitologia nórdica. Acentuando a relação nome de Loki associado à sua mãe Laufey é visto sua aproximação com o lado feminino. (WOLF, 2020, p. 106-113).

No *Skáldskarpamál*: [8-16], [34-5], [35-6], [56-7] ocorrem novamente outros episódios de mudanças formas conectando Loki pelo seu parentesco com Sleipnir, ligando-o a uma mosca quando ele compete com os filhos do sábio Ivaldi e atrapalha na elaboração dos tesouros para os deuses que estavam sendo feitos em uma forja. Loki em forma de mosca pica os olhos de Eitri e prejudica a obra e logo após isso, voa para longe. Outra característica importante no que envolve mudança de forma é vista quando ele ao ir para terra dos gigantes voa para resgatar Idunna e a transforma em uma noz. Nesse ponto, a fluidez parte dele em transferência para uma deusa como uma forma de trapacear Thjazi e consegue trazer a deusa para Asgard. Nesses recortes podemos perceber que todas as transformações de Loki pressupõem um tipo de objetivo em todas elas não há uma transformação sem uma intenção: Loki utiliza da sua capacidade de fluidez no momento necessário para ele ou para aqueles que precisam de sua ajuda. Em nenhum caso é previamente sem uma motivação de circunstância.

Na análise qualitativa percebemos o teor de fluidez de gênero ou forma mais prevalentes na *Edda em Prosa* se comparada à *Edda Poética*. Determinando as influências de Loki aludindo principalmente mudanças repentinas na sua sexualidade como: forma e performances femininas sendo essas vistas principalmente na literatura de Snorri. Não sabemos se essas mudanças fluidas no seu gênero são enfocadas por Snorri como forma de profanar os mitos pré-cristãos, mas existe um teor mais evidente previamente na *Edda em Prosa* ao que tange alteração de gênero ou forma.

3.8. Figura associada ao Xamanismo

Em algumas leituras correspondentes a mitografias recentes é visto Loki com traços de uma figura xamânica da tradição Sámi⁴⁰ *noaidi*, ou seja, um tipo de xamã o qual está dentro dos contextos

⁴⁰ Em algumas sagas islandesas, os noruegueses que visitam Jotunheim viajam para o norte. Noções de trigo, frio extremo, fome e longa escuridão invernal são associadas, nesses relatos nórdicos, ao norte. Esse ponto geográfico mítico é, também, o lar dos *sámi* e *fínicos*: vistos pelos nórdicos (e tratados nas sagas) como diferentes. Se tomarmos o escopo temporal da Era-Viking e do período de conversão ao cristianismo (800-1300 d.C.), vê-se que entre esses povos que habitavam a Fenoescânia houve uma simbiose cultural pautada no comércio, mas também em atritos (principalmente saques) e intercâmbios religiosos. Enquanto um produto de autoria cristã do século XIII, as sagas enfatizam o caráter estranho e negativo dos povos do norte: uma vez que são considerados como um grupo marginal pelas elites cristãs nórdicas, os *finnar* pertencem ao grupo do outro. Tendo em vista o contexto de produção cristã das sagas, classificar os *finnar* como um grupo que vivia entre o mundo conhecido e civilizado e a periferia desconhecida é um encaixe perfeito, visto que na dicotomia cosmovisão cristã. Não há espaço para pagãos, logo, eles deveriam ser convertidos. Portanto, seria muito simplista reunir o contato entre os nórdicos e *finnar* a partir da dicotomia caçador-coletor nômade versus nórdico e agricultor sedentário, como feita pelas sagas. A relação simbiótica dos povos que circulavam a Fenoescânia nos parece ter variado, por linhas tênues, na medida que a cristianização dos reinos nórdicos toma espaço – marcada tanto pelas vias positivas (como o comércio) quanto por conflitos e relações desiguais. (MENINI, 2018, p. 621-625).

míticos, da tradição e sociais ligados a esse sistema de crença. O xamã é considerado como conselheiro de uma comunidade, desempenhando o papel de cuidado, sabedoria, proteção, é responsável pela viagem ou voo para outros mundos e também na desenvoltura de previsões acerca do futuro. Diante dessas características, Loki demonstra aspectos correspondentes a esse tipo de xamã, pois estaria conectado a magia, ao voo xamânico sendo o responsável na ida em diversos mundos e também possuir traços conectados ao vento, mas não apenas se restringe a esses traços.

Uma outra ligação importante aos *Noaidi*, afirma Laidoner (2012, p. 59-82) pode ser sugerida no papel amplamente aceito e discutido sobre ele ser um herói cultural ou um trapaceiro. Ele estaria aproximado aos *noaidi* (território Sámi da Finlândia) conectado aos gigantes sendo considerado como um “estrangeiro” em detrimento de sua mutação em égua ao seduzir o cavalo do construtor, essa passagem estaria ligada a narrativa báltica de uma égua que pertencia a uma mulher xamã porque ela havia tido um cavalo de oito pernas aproximando as informações míticas. Portanto, essa estória se conecta adequadamente a do Sleipnir dando respaldo a conexão de Loki com os cavalos e como uma figura pertencente a outras tradições.

Loki é considerado uma figura extremamente dual: em momentos tem sua origem de gigante, em outras é considerado um ás por ter um pacto de sangue com Odin, portanto ele tem uma característica ambígua. As suas características de trickster estão nas versões mais antigas de sua figura traçando paralelos com a cultura Sámi. Loki desenvolve um personagem considerado mutável ganhando seu espaço de forma independente nos mitos da Escandinávia. Nessa conexão de heranças encontram-se os *noaidi* ligado à tradição do trickster, seres fronteiriços com a tradição Sámi e Nórdica, contemplando assim, seu caráter curioso. É importante ressaltar a existência de Loki em toda a Escandinávia mesmo em meio a cristianização e suas narrativas fizeram com que ele sobrevivesse não apenas em um território isoladamente, mas em todo um grande escopo de lugares e consequentemente de tradições múltiplas em meio ao tempo. (LAIDONER, 2012, p. 59-82).

As primeiras menções a Loki como uma figura xamânica são encontradas na *Edda Poética*, *Thrymskvida*: [5], [9] ao ser narrado o voo de Loki as cortes do gigante Geirrod, nesse trecho Loki desempenha um papel positivo ao ajudar o deus Thor encontrar seu martelo. A capacidade de voo a Jotunheim e logo depois seu retorno para Asgard comprovam a autonomia de sua ação ao ir e voltar de um mundo para o outro sem que isso seja interrompido por ninguém além dele mesmo. É notório afirmar que Loki desempenha essa função sendo um resoluto em corrigir problemas. Com isso, cabe interligá-lo ao xamã aéreo o qual possui características interessante e parecidas nas suas viagens indo de um mundo para o outro contribuindo com a comunidade em se comunicar com outros mundos tendo como principal ação a resolução de alguma coisa.

Um outro trecho importante a respeito do voo fortemente conectado a figura de Loki encontra-se com maior teor na *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson, *Skáldskarpamál*: [17-18] e [56-7] “Loki então adquiriu a forma de falcão e voou para o norte, onde estava a terra dos gigantes.” “E foi com ele Loki, pois ele havia saído uma vez para se divertir em forma de falcão de Frigg, voando para as cortes de Geirrod. “Loki tinha alguns sapatos com os quais podia correr pelo céu e pelo mar.” Nas passagens na prosa ficam notórias suas deliberações associadas ao voo e sua pretensão em está entre mundos totalmente antagônicos, pois os deuses e gigantes não possuíam essa autonomia de transitar entre um mundo e outro, mas Loki teria essa função. Os sapatos voadores também são outro elemento associado ao voo dando ainda mais respaldo sobre sua qualidade alada.

Por mais que Loki nunca monte Sleipnir pelo ar ou sobre a terra, seu próprio meio de viagem não é menos espetacular, ou seja, com as asas emprestadas ou na sua mutação em pássaro, voa para a terra dos gigantes em busca da deusa Idunna. Nesse ponto, é importante frisar as ações que ocorriam com as almas viajantes das figuras *noaidi* que podiam se transformar e voar pelo ar como pássaros uma habilidade que é enfatizada em vários relatos iniciais. Loki parece ser o destinatário mais proeminente dessa habilidade, embora os meios usados para ajudá-lo a voar diferem. (LAIDONER, 2012, p. 59-82).

Nessa última citação advinda do *Skáldskarpamál* retrata a aventura de Loki e os filhos de Ivaldi mediante aos presentes para os deuses. Após perder a aposta feita com os filhos de Ivaldi em relação aos objetos valiosos Loki aposta sua cabeça, mas não cumpre com o acordo e tenta fugir a todo custo, entretanto, Brokk, um dos filhos de Ivaldi pede a Thor que o impeça, mas antes disso, Loki reage com tamanha trapaça ao utilizar seus sapatos e com grande astúcia foge. Um tempo depois é pego por Thor sendo encurralado e tendo como castigo a boca costurada pelo irmão de um dos anões chamado o furador.

Nesse último trecho, Loki utiliza do voo para seu próprio benefício ligando-o também as suas características de trapaceiro ao se safar de situações emblemáticas e adversas concernentes à competição. Entretanto, Loki não apenas utiliza do traje voador da deusa Freyja, ele também possui sapatos voadores que o conectam mais uma vez a figura xamânica do *noaidi* reforçando seu caráter de viajante em mundos paralelos. A respeito do furo em sua boca como punição existem alguns apontamentos que retratam na costura da boca uma forma de Loki conter suas palavras devido a sua “língua afiada” sendo vista como um simbolismo para a dominação e influência permitindo o status na sociedade, ou seja, essa seria uma forma de reduzir sua indução verbal entre os deuses já que ele esbanjava essa qualidade de maneira intempestiva e descontrolada.

Diante da análise qualitativa é visto que as características imbrincadas ao xamã *noaidi* estão mais prevalentes na *Edda em Prosa* do que na *Edda Poética*, mas essa diferença é quase que mínima, indicando que as fontes estão previamente equiparadas.

3.9. Gerador de Ordem e Caos

Como propósito de ilustrar uma das passagens mais marcantes nas narrativas que envolvem a figura de Loki, encontramos o principal elemento que compõem com vasto teor suas aparições nas *Eddas*: a sua dualidade incessantemente emblemática. Em todas as passagens das leituras da *Edda em Prosa e Poética*, a figura de Loki é percebida como geradora de estabilização e em outros momentos de desestabilização, encontrando força entre esses elementos principalmente porque os valores das análises encontram-se quase que iguais em ambas as narrativas.

Em alusão a sua dualidade, trazemos as contribuições de Wolf (2020, p. 106-113) ao contemplar os aspectos de liminaridade ou de personalidade liminar "pessoa no limiar" são necessariamente ambíguos, pois essa condição e essas pessoas se agregam ou escapam na rede de classificações que normalmente localizam estados e posições no espaço cultural. Entidades liminares não estão nem aqui nem lá; eles estão no meio e entre as posições atribuídas e organizadas por lei, costume, convenção e cerimonial.

Complementando Wolf (2020, p. 106-113) as figuras liminares são consideradas temporariamente indefinidas, além da perda de interesse na estrutura social normativa. Elas estão mortas para o mundo social, mas vivas para o mundo antissocial. A totalidade dessas ações tornam-se um modelo ao conflito de Loki com a ordem social, ou seja, entre as relações que ele possui com os Aesir.

Estimamos descrever as narrativas míticas em que Loki permanece na organização e na desordem porque na *Edda em Prosa* essas posições são mais abrangentes do que da *Edda Poética*. Citaremos algumas partes importantes como descrição dessas características. As passagens mais emblemáticas de Loki no que corresponde primeiramente ao caos ocorrem no *Voluspá* [49] quando Loki está sob o controle do barco que vem do Leste e o lidera os gigantes de Múspell ao evento do Ragnarök.

Outras passagens importantes sobre o caos encontram-se em sua maioria no *Lokasenna*: [28], [34], [39], [42], [48], [58]. Respectivamente Loki relembra a todos no salão de Aegir que o deus Balder nunca mais andará pelos corredores de Asgard ficando aprisionado no salão de Hel. Ele expõe as fraquezas de Bragi por ser levado pelas filhas de Hymir sendo considerado frágil por Loki (sabemos que um deus não poderia possuir características femininas sensíveis podendo está relacionada a fraqueza gerando vergonha e derrota). Nesse ponto, Loki utiliza disso para atingir Bragi e incomodá-lo, mas isso não acaba por aqui. Outro deus afetado pelas acusações de Loki geradoras de caos chama-se Tyr, Loki acusa-o de ter perdido sua mão, por esse motivo ele terá que esperar até o Ragnarök para que a vingança seja estabelecida. Sabemos que o lobo está predestinado a causar danos imensuráveis aos deuses mesmo possuindo um grilhão extremamente forte e a coragem do deus Týr não foram suficientes para impedir que o lobo arrancasse sua mão. Com isso, Loki inflama a todos os deuses gerando um intenso caos, outros deuses atingidos são: Heimdall castigado pelos deuses e acusado por possuir as costas sujas, acusa-o de traição, a deusa Skadi é acusada pelo assassinato de Thjazi, também ligado a traição. Nesse ponto, a *Edda Poética* é notada as passagens de Loki como uma figura caótica e instável expressando seu caráter previamente negativo. Em todas as acusações percebemos os teores de confusão, julgamento e humilhação dele para com os deuses.

Howard (2016, p. 2-12) afirma que o seu caráter deve ser considerado multifacetado para as interpretações unilaterais. Ressaltando que o mal como julgamento moral é uma ideia abstrata, Loki não é interessado, nem se preocupa com essas ideias. O foco central dele em suas ações é em corrigir situações práticas (naturais e sociais), em vez de consequências boas ou más, ou seja, seus atos avaliados. Sua figura está fora de tais configurações e nos permite refletir sobre elas, seu único propósito é buscar uma forma de desmascarar as injustiças escondidas por trás da conformidade moral e social, além de provocar a reflexão e até mesmo a reavaliação dos mecanismos de controle, natural e social. Nesse ponto de análise, Loki estaria apenas colocando os segredos dos deuses em cheque para todos soubessem que não existe ninguém sem defeitos ou erros atribuindo essas adjetivações explícitas para causar o efeito de realidade e justiça social.

No *Gylfaginning* as passagens nas quais contém o teor correlacionado ao caos se encontram nas estrofes: [27], [34], [49-51]. Nessas passagens Loki está entre os Aesir, ou seja, pertencente ao convívio dos deuses, mesmo sem ser exatamente um Aesir expressando seu caráter de mediador entre deuses e gigantes. Cabe ressaltar nesse trecho sua conexão as desgraças de todos os deuses e homens, portanto esse recorte trata diretamente da desordem e do caos gerados, ou seja, Loki apresenta um caráter negativo nas narrativas. Loki é lembrado como filho de um gigante, tornando mais um elemento propiciador de desarmonia categórica entre os deuses. A morte de Balder é em suma, um dos momentos mais marcantes no que envolve o papel de Loki ao caos porque ele planeja a morte do deus e não permite que Balder retorne dos portões de Hel, ele não chora pela morte de Balder,

portanto, todos choraram menos a gigante com o nome de Tokk. Loki ao estar transvestido ocasiona o caos entre os deuses ao matar Balder e não permite seu retorno do submundo.

Schnurbein (2015, p. 104-124) acentua que seria preciso concluir sobre essas problemáticas representavam exigências sociais pertinentes o suficiente para merecer um posicionamento proeminente no contexto do fim do mundo. Evidências para apoiar esta tese podem ser encontradas em dois incidentes envolvendo Loki: primeiro, o visco, Loki por sua vez, faz da planta uma arma letal e a entrega a Hod, que sem saber, desfere o tiro na intenção de atirar no deus Balder, assim como em todos os outros deuses. Infortunadamente, o tiro é planejado e mata Baldr. Em segundo lugar, o Loki de Snorri frustra o plano de contornar a morte de Balder pela segunda vez, quando ele se transforma em uma velha para impedir o retorno de Baldr do submundo. (WOLF, 2016, p. 106-113).

Nos critérios correspondentes ao caos, encontramos no *Skáldskarpamál* seções: [8-16], [17-18], [32-3], [34-5], [35-6], [37-9], [39-40], [56-7] passagens considerando Loki como ocasionador do caos e desarmonia. Entre essas narrativas é visto conteúdos ligados ao desaparecimento da deusa Idunna ensejando a velhice e enfraquecimento da virilidade dos deuses. Outro recorte está direcionado a sua maldade ao cortar o cabelo da deusa Sif e irritar o deus Thor, provavelmente sua tentativa de tomar algo considerado admirado, sedutor e viril diante do que os cabelos femininos simbolizam no cotidiano. Loki também capta mais uma situação emblemática causando discórdia e impacto entre os Aesir porque em um determinado episódio ele não controla sua raiva e acaba causando discórdia tirando a vida de um servo chamado Fimafeng. Portanto essa narrativa corresponde a *Edda poética* e ocorre em meio ao lugar onde os deuses festejavam e legitimam sua maldade, falta de piedade e de freio ao impulso. Tanto na *Edda em Prosa* quanto na *Edda Poética* existem o caráter de caos entre a morte desse servo, as outras passagens são encontradas apenas na *Edda em Prosa* indicando o teor de caos previamente mais notório.

O caos também é ocasionado quando Loki arruína a forja dos anões impedindo a construção dos presentes ‘cruciais’ na aposta feita entre ele e Brokk aos deuses. Por fim, no episódio do anel de Andvari, Loki mata a lontra (filho de Hreidmar, chamado Otter) em uma de suas aventuras com Odin e Hoenir em busca de alimento e se abrigam na casa de um conhecedor da magia chamado Hreidmar. Ele os acolhe e pretende fazer provisões (algo sobre o futuro) mas seus filhos chamados Fafnir e Regin ao verem a lontra morta, junto de um salmão avisam ao pai que Loki havia matado o irmão. A partir disso, começa mais um recorte de desestabilização, pois os deuses precisarão recompensar Hreidmar pela lontra morta (seu filho) e motivando em mais uma situação de balbúrdia entre os Aesir e os anões. Essas aparições sobre sua desordem são encontradas principalmente na *Edda em Prosa* indicando sua negatividade nas narrativas escritas por Snorri.

Entretanto, qualquer tipo de dualidade é delimitado por dois lados e ambos fazem do todo uma real importância, sobretudo anteriormente foi explicitado as características de desestabilização da figura de Loki, mas na continuidade desses extremos encontra-se outro componente importante: a estabilização. As primeiras aparições correspondentes a ordem nas passagens de Loki encontram-se nas seções do *Lokasenna*: [6], [7], [9], e [64]. Nota-se nessas passagens sua chegada ao salão de Aegir com características de bondade e cortesia para com os deuses, Loki exprime seu cansaço e ainda elogia o hidromel na celebração, mas o deus Bragi não aceita as suas palavras dizendo que ele não seria aceito entre eles, como consequência, os deuses ficam em silêncio deixando Loki esperando uma resposta, ou seja, causam dúvidas a respeito de sua presença no salão.

Entretanto, Loki rememora sobre a falta dessas respostas dos Aesir (os deuses o ignoram na maior parte da narrativa) e ressalta o pacto de sangue que ambos fazem deixando a entender que existe um débito dos Aesir com ele, e por isso todos devem aceitá-lo de qualquer maneira ressaltando seu viés de ordem, mas também de caos pois ele utiliza do pacto como um aproveitamento para ter o poder de falar tudo o que seja de sua intenção. Existe um motivo não especificado sobre a camaradagem de ambos porque é ocasionada hipoteticamente referente a uma possível dívida na qual Odin tem, todavia, essas incumbências estão subentendidas nas narrativas e também há a possibilidade de ordem, entretanto é percebido indução por parte de Loki a Odin para obter sua notoriedade entre eles.

No *Thrymskvida* seções: [5], [7], [9], [11], [12], [20], [26], [27] e [31-32]. Encontramos diversos paralelos concernentes a figura de Loki ligada a estabilização. Em todo o poema do *Thrymskvida*, Loki mantém um papel extremamente positivo, colaborativo e amigo próximo do deus Thor no momento de puro desespero e inquietação ao perder seu martelo para o gigante Thrym. Thor assim que perde seu martelo, pensa em pedir ajuda primeiramente a Loki e ele de imediato se coloca à disposição para ajudá-lo. Ao voar para a terra dos gigantes e compreender o que poderia ter causado o desaparecimento do martelo, percebe-se ações vitais sobre a ordem e estabilização dos deuses. Loki aconselha Thor a se transvestir de noiva e volta com respostas sobre seu martelo e com quem ele está, além de se disfarçar de serva (transforma-se em uma mulher) e colabora incansavelmente por meio de sua astúcia ao ajudar Thor transvestido a enganar e eliminar o gigante Thrym e sua irmã que pede os anéis da noiva transvestida.

Outro evento importante sobre estabilidade entre os deuses é encontrado nas seções do *Gylfaginning*: [42], [42-3]. A construção das paredes de Asgard tem a presença direta de Loki ao encontrar um construtor (gigante) e um cavalo (Svadilfari) o qual tem papel primordial de trabalho incansável e produtivo. Nesse ponto, Loki demonstra uma performance positiva na execução e

construção muros de Asgard ocasionando a segurança necessária entre os deuses intensificando seu caráter positivo.

Nas seções contidas no *Skáldskarpamál*: [56], [56-7], [8-16], [32-3], [37-9], [39-40]. Respectivamente encontramos menções a Loki ocasionando ordem e harmonia entre os deuses, o primeiro ponto a ser referenciado é lembrando quando Aegir convida os Aesir para uma festa e todos eles estão em seus tronos, inclusive Loki está entre um desses tronos sendo pertencente assim como os outros deuses pela legitimidade de um Aesir. Nesse ponto Loki se mantém entre os Aesir deixando mais íntima sua ligação aos deuses e estimulando sua ordem. Um outro recorte ocorre no episódio do resgate a deusa Idunna porque ele também mantém papel de ordem mesmo em meio ao seu medo de ser castigado pelos deuses, pois ele voa até a terra dos gigante e transforma Idunna em noz e a retira da posse de Thiazi.

Trazendo mais alusões a esse episódio como positivas e ordenadoras a figura de Loki a autora Schnurbein (2015, p. 117-118), faz a seguinte presunção: será apenas maldade ou existiria descuido? Loki sobrepõem aos deuses riscos de perdas substanciais: no roubo de Idunna, seu comportamento de fato leva os deuses à beira da “falsa reciprocidade” identificada como tabu. Com a perda da deusa e de suas maçãs da eterna juventude - objetos identificados como símbolos do poder vivificante da união sexual - a própria honra masculina e o domínio dos deuses estão ameaçados, ao mesmo tempo, Loki é sempre aquele que desvia o perigo.

Por esses motivos, em um momento a falsa reciprocidade de Loki pode ser considerada benéfica diante de sua ação em perder algo para ganhar depois. Essa situação ocorre nas artimanhas de ganhar Idunna para o gigante, mas logo mais devolvê-la e assim possibilitar a morte do gigante pelos deuses. Não podemos negar que sua figura colaborou mesmo parecendo confusa sua participação no sequestro induzido pelo gigante. (SCHNURBEIN, 2015, p. 117-118).

Outro elemento importante de pacto entre os deuses ocorre quando ele desenvolve os presentes preciosos após o corte do cabelo da deusa Sif, mesmo sendo uma compensação pelo mal ocasionado aos deuses, Loki promete conseguir um cabelo igual para Sif, com o incentivo de Loki os anões constroem o Skidbladnir para o deus Freyr e a lança Gungnir para Odin. No episódio de Hreidmar, Loki assume a resolutividade ao viajar a mando de Odin para conversar com os anões possuidores de muito ouro em uma resolução de conflito entre os anões e os deuses. Loki logo fala com um anão chamado Andvari (estava transformado em um peixe) para fazer o pagamento a Hreidmar pela perda de seu filho Otter. Loki também mantém um teor extremamente colaborativo nessas narrativas ajudando Odin nessa empreitada e ainda consegue através de sua astúcia equilibrar a ordem através desse pagamento, fazendo com que Hreidmar enchesse a pele da lontra e Odin a cobrisse com ouro, por fim, derreteram o anel para cobrir um bigode da lontra que estava sem ouro complementando a

riqueza de Hreidmar, estando eles isentos de qualquer pagamento para os anões. Portanto, tudo isso só conseguiu ser resolvido graças a Loki e nesse ponto é percebida toda sua ação em posicionamento a favor dos deuses legitimando seu caráter positivo e colaborativo.

Não deixamos de notar as ambivalências entre a ordem e o caos entre ambas as literaturas, porém no *Gylfaginning*: [27], [34], [49-51]; *Skáldskarpamál*: [8-16], [17-18], [32-3], [34-5], [35-6], [37-9], [39-40], [56-7]. Todavia, o ás está sempre associado as desgraças, infortúnios e lamentações entre os deuses, o sequestrador de Idunna, aquele que provocou o fracasso da forja dos anões, além de citá-lo como ocasionador da morte do deus Balder, intensificando o seu caráter pertinente ao caos pertencente à sua figura. Loki é descrito também, como um gigante, mas apenas mora com eles. Ele não é um deus. Fica notório que as narrativas encontradas na *Edda em Prosa* tratam Loki com teor intimamente mais negativo se formos comparar ao caos encontrado na *Edda Poética* em que ocorre de forma discreta. Podemos afirmar que esse caráter negativo pode ter sofrido influências da Cristianização reforçando as concepções negativas dessa deidade. Por fim, os quesitos referentes à ordem em ambas as literaturas são vistos com igualdade entre as passagens indicando um padrão.

3.10 Amoralidade

Desse modo, outra característica extremamente contundente à figura de Loki está relacionada com seu estado amoral, ou seja, Loki não se importa com o que os deuses ou os gigantes pensam sobre ele, levando a ser considerada sua capacidade de suportar e insultar qualquer um desses deuses sem que seja percebido algum tipo de teor moral de culpa, tristeza ou freio em meio as suas ações. Sua amoralidade pode ser definida em dois tipos: ações amorais com os outros e ações amorais consigo mesmo, não trazendo em nenhum momento preocupações de culpabilização sobre o que é aceito ou não aceito em sociedade.

Todavia, Wolf (2020, p. 2-12), conceitua as figuras liminares como temporariamente indefinidas, além da estrutura social normativa. Elas estão mortas para o mundo social, mas vivas para o mundo antissocial. A concentração central dos conteúdos das ações amorais ocorre principalmente no poema da *Edda Poética: Lokasenna*, em que é criado um modelo ao conflito de Loki com a ordem social, ou seja, entre as relações conflituosas que ele mantém com os Aesir em quase toda a narrativa. Nesse poema, Loki interrompe o banquete para o qual não foi convidado, mas também, insulta todos os presentes assim que consegue um assento, mantendo no poema bastantes falas amorais para tomar a cena e conseguir o holofote de todos.

As primeiras aparições correspondentes aos traços de amoralidade estão contidas nas seções especialmente na *Edda Poética – Lokasenna*: [10], [17], [20], [26], [29], [30], [32], [36], [40], [47] e [52]. Em todo os trechos estão envolvidos diversos tipos de acusações e julgamentos proferidos dele para com os deuses e alguns ousadamente devolvidos pelos deuses a ele. Dentre as primeiras evitações de impulsos advindos dele encontramos Odin ao tentar evitar um conflito inicial entre ele e Vidar, com isso há uma consciência de Odin ao tentar conter as censuras de Loki que já estavam a ser planejadas por ele. No verso [3] do *Lokasenna*, Loki já deixa claro seu objetivo central com os Aesir ao dizer: “Brigas e conflitos eu trarei para os filhos de Aesir e assim misturarei seu hidromel com malícia”. Os desígnios de Loki eram bastantes transparentes, ele tinha como objetivo causar algum tipo de malignidade entre os deuses por meio de sua astúcia e capacidade de argumentação, deixando os deuses sem respostas ou defesas para seu ato.

Dentre as acusações maldosas no discurso encontrado na discussão de Loki com os Aesir, encontramos as primeiras querelas conectadas as Asyniur: Frigg é acusada de ser louca por deuses e elfos, além de ser esposa de Vidar, além de ser acusada de possuir relações com Vili e Vê. Freyja é julgada por ser imbuída de malícia. Gefion por ser uma mulher que se vende fácil. Skadi por possuir atos libidinosos com o próprio Loki. Idunna é julgada por ser leviana e assassina do seu próprio irmão. Em seguida, os deuses são acusados de diversas circunstâncias amorais: incesto, loucura, possuírem mulheres infiéis, inclusive Loki assume a Týr que teve um filho com sua esposa a qual não sabemos quem seja, entre outras acusações amorais.

Vale ressaltar que na sociedade nórdica antiga qualquer tipo de adultério praticado principalmente por mulheres era considerado pela lei um crime extremamente grave até mais que a fornicação. Mas só ocorria de forma insistente naquela época. O adultério era cometido por homens e por mulheres, mas as mulheres eram arduamente punidas e com maior severidade principalmente após a conversão. (LANGER, 2018b, p. 632).

Entretanto, as uniões informais e a tolerância de múltiplas companhias sexuais por concubinação eram comuns naquela época. Essas práticas continuaram após a cristianização especialmente na Noruega causando problemas nos sucessores dinásticos. A sexualidade dos povos nórdicos era constituída de vários parceiros. (LANGER, 2018b, p. 637).

Na *Edda em Prosa*, o único trecho encontrado sobre a amoralidade nas suas ações verbais encontra-se no *Gylfaginning*: [19-20] que faz conexão com o *Lokasenna* da *Edda Poética*. Nesse recorte, Loki é repreendido pelo deus Odin ao ser chamado de louco e acusar a deusa Frigg pedindo que Loki se contenha e tome consciência sobre a importância da Asyniur entre eles porque o conhecimento do futuro e suas consequências são elementos respeitados pelo pai dos deuses. Por esse motivo, Loki deve segurar os seus impulsos e mostrar certo teor de respeito. Cabe ressaltar nesse

ponto, a falta de culpabilidade ou responsabilidade pelo que é proferido em seus atos, havendo sua contenção apenas quando Thor chega das terras orientais. A amoralidade na ação de Loki não compromete em nada sua forma de agir com os deuses, na realidade ele não pensa no que seja certo ou errado em sua fala. Desenvolvendo assim, ações extremamente impulsivas nas suas palavras. Loki simplesmente age sem prever as consequências no que está falando deixando a entender a amoralidade em cena em lidar com os outros e consigo mesmo, mas estimando satisfazer suas necessidades de atenção para si.

Concluimos que ao afirmar que essa análise comparativa trouxeram as características de amoralidade sendo encontradas principalmente na *Edda Poética* se comparada à *Edda em Prosa*, expressando maior influência nessa literatura. Talvez o caráter de amoralidade não tenha sido prevalente na *Edda em Prosa*, devido a existência desses principais aspectos serem previamente encontrados nas seções do *Lokasenna*: [10], [17], [20], [26], [29], [30], [32], [36], [40], [47] e [52]. Em que ele utiliza do seu principal holofote para coagir, humilhar, sexualizar, ameaçar os deuses no salão de Aegir.

3.11. Persuasão

Persuadir está intimamente ligado com a convicção de fazer alguém acreditar naquilo que o próprio indivíduo acredita, ou seja, fazer com que alguém acredite ou aceite uma determinada opinião, ideia ou até mesmo gerar mudança do entendimento sobre uma circunstância. Essa característica concentra-se em algumas performances de Loki, pois em vários recortes nas histórias, ele consegue exprimir esse traço ligeiramente próprio a ele porque essa característica está intimamente interligada e só é percebida na sua figura.

Portanto Howard (2016, p. 2-12), afirma que Loki desestrutura a linguagem e cria novas realidades, criando afirmações verdadeiras, constituindo formas de significado, não é necessário que sua figura mitológica seja aplicada à conotação abstrata de cada modelo. A essência do modelo, pode ser considerada parte da ganância enquanto destroem vários tipos de sistemas. O modelo de Loki tem um foco na natureza e na sociedade no sentido em que a destruição de um sistema leva ao ponto zero, a partir do qual, o agora é natural, sendo também criador de novas realidades. Essa figura age sozinha e nunca sob quaisquer autoridades estabelecidas, mas as suas próprias. Sendo o modo ante estabelecido em todos os sentidos da palavra.

A primeira passagem no que envolve persuadir alguém ou uma circunstância é vislumbrada na *Edda Poética, Lokasenna*. No início do poema: [1] Loki pergunta a Eldir do que os Aesir estão conversando dentro do salão de Aegir e tenta convencer para obter alguma resposta, mas não consegue o que planeja. No verso: [4] ele argumenta a Eldir sobre como ele lidará com o tratamento dos deuses, dará aquilo que receber, sendo variado nas suas palavras, Loki usa o termo rico para se referir ao seu poder de convencimento das coisas, deixando Eldir quieto. Com isso, devemos considerar seu caráter persuasivo e astuto já no início das estrofes da sua querela no salão de Aegir na tentativa de compreender o que poderia estar ocorrendo antes mesmo de sua chegada a qual sempre foi um sentimento de mau augúrio para os deuses.

No *Thrymskvida*: [5], [11], [12], [27], [31] e [32]. Ao voar para Jotunheim Loki pergunta a Thrym pelo martelo de Thor (o grande deus do temporal), afirmando sobre como os elfos e deuses estão em desespero. Loki cria uma forma de persuadir a resposta do gigante pelo meio do desespero. Com isso, retorna com respostas sobre o martelo para Asgard, legitimando seu intenso convencimento para com o gigante, e assim, consegue tramar a viagem de Thor a terra dos gigantes. Mas sua persuasão não acaba por aí. Loki convence Thor de ir transvestido porque assim o gigante perderia as chances de ganhá-lo (devido ao disfarce) e ao chegar como uma serva juntamente aliada a Thor, ele mais uma vez, convence o gigante sobre os comportamentos glutões masculinizados da noiva de que são coisas que toda a noiva vivencia na ânsia da plenitude do matrimônio deixando o gigante extremamente convicto de que realmente a deusa Freyja iria casar com ele. “Tão ansiosa estava Freyja em chegar em Jotunheim que nada comeu por oito noites.” Nessa estrofe da narrativa fica notório seu poder de convencimento e persuasão com o gigante pois em nenhum momento ele faz qualquer tipo de objeção a resposta dada pela serva, deixando claro que ele estava piamente convencido pela justificativa.

No *Gylfaginning*: [27-34], [43-4, 44-5] e [49]. São prescrutados elementos na definição sua figura relacionada ao convencimento. “Loki é agradável e bonito na aparência, mal no caráter e muito caprichoso no comportamento.” Seu poder de convencimento chega até o gigante Utgard-Loki em uma viagem feita por Thor, Tjálfi e Loki a caminho de Útgard. O rei gigante os desafia: Loki é o primeiro a passar pela prova: Ele faz uma aposta onde não haveria “ninguém no qual pudesse comer mais do que ele.” Convencendo o gigante a iniciar uma competição entre ele e Logi (chama). Sendo narrado na seção: “Loki sentou-se em uma trincheira e então comeu toda a carne e os ossos.” Nessa narrativa, Loki só perdeu devido ao feitiço feito pelo gigante Utgard-Loki caso não houvesse tido o feitiço, ele seria vencedor assim como Thor e Tjálfi. Nesse trecho, Loki apresenta comportamento e apetite glutão sendo características encontradas na comunidade guerreira, pois quem come muito é considerado forte e influente, além de existir elementos persuasivos na aposta porque ele admite ao

gigante que ninguém pode vencê-lo estimando a aposta de convencimento para que assim a competição se inicie.

Outro ponto importante se refere a morte do deus Balder e seu poder de convencimento ao se aproveitar da fragilidade de Hod para mirar e matar o seu próprio irmão. Loki com seu poder de induzir consegue fazer com que Hod atire assim como os outros e faz com que Hod sintasse-se integrado e útil, mesmo havendo perdas inestimáveis para os deuses. Sobretudo, Loki não está preocupando com isso, exprimindo suas palavras de aconselhamento: “Siga o exemplo das outras pessoas e honre Balder como elas.” “Vou direcioná-lo e você vai atirar.” Ele apenas se incomoda com a imortalidade do deus, além de ficar inquieto com a forma na qual os deuses lidam testando a “vida infinita” de Balder apreciando de forma irresponsável ou impensável. Não sabemos até que ponto seja a justificativa do seu incomodo com o modo como os deuses lidavam com a vida do deus Balder, mas pressupomos que Loki seja o único que pode utilizar essas artimanhas de testar e brincar com os outros de forma insequente, portanto, os deuses expressarem ações parecidas com a sua figura, estivessem de alguma forma apagando, diminuindo e gerando revolta e vingança. Um outro ponto de análise no qual podemos pensar sobre o infortúnio da morte de Balder é sua expressão sobre como os deuses encaram a imortalidade estando ela em confronto com a efemeridade: as coisas possuem um fim e por isso é gerada a fragilidade e choque da realidade não aceita pelos Aesir ao tentarem trazer o deus de volta a vida.

Portanto, Loki cria sua realidade da maneira que deseja visualizá-la, nenhuma força, autoridade externa ou misteriosa controla o seu destino, a interrupção da ressurreição de Balder por Loki, mostra que ele escolhe criar a realidade como ele julga que deveria ser. Ele vislumbra o equilíbrio temporal entre os deuses, humanos e a natureza. Não havendo ressurreição nos eventos misteriosos dos deuses. Com o Ragnarök, todos os deuses sofrem as consequências, causando a queda de figuras autoritárias. Loki interrompe o sistema como deseja, essa é a realidade que ele traz à tona. Às vezes é intimidado pelos deuses, principalmente por Thor, mas essas intimidações impossibilitam a divindade de perder o seu controle nas circunstâncias das coisas. (HOWARD, 2016, p. 2-12).

E complementando sua relação à morte de Baldr, então, seu comportamento pode ser interpretado como um ato de vingança no qual ele aplica suas capacidades únicas para trabalhar a seu favor: sua eloquência, sua astúcia e sua capacidade de mudar de forma. Em segundo lugar, se, por outro lado, alguém adotasse como ponto de partida a noção do papel de Loki como intermediário, torná-lo-ia um expoente da morte do mundo. (SCHNURBEIN, 2015, p. 104-124).

No *Skáldskarpamál* encontramos alguns elementos relacionados ao poder de convencimento e persuasão nas seções: [56-7], [34-5] e [35-6]. Suas capacidades de indução ocorrem quando ele após receber uma proposta do gigante Thjazi decide levar Idunna para uma determinada floresta e

utilizar a sua qualidade de convencimento sobre “as maçãs soberanas”. Idunna de imediato confia em Loki indo para a floresta sem temer as mínimas consequências que tal ato poderia trazer aos deuses, todavia, é importante afirmar a existência de um limiar de vaidade imbuído na deusa Idunna levando-a aceitar, pois Loki utiliza do seu induzimento pelas maçãs para persuadi-la sobre a possível existência hipotética de maçãs melhores sem que realmente houvessem apenas por seu puro desdém, nesse recorte é visto Loki por sua forma negativa em prejudicar e minar o poder dos deuses.

Outro ponto a ser mencionado Wolf (2020, p. 106-113), repercute pelo nome de “invisibilidade estrutural” para algumas figuras liminares eles “podem ser disfarçados”, sendo vistos em uma alteração de suas aparências de uma forma ou de outra. Na *Edda em Prosa*, Loki ajuda no roubo de Idunna e seu poder na juventude dos deuses, comprometendo a estabilidade e vitalidade destes. Loki é repreendido pelos Aesir e é enviado para corrigir seu crime: “Quando Loki se apoderou da forma do falcão, ele voou para o norte, para a Terra dos Gigantes...” Loki transformou Idunna na forma de uma noz e, segurando-a em suas garras, ele voou o mais rápido que pôde. "Loki não apenas altera seu próprio físico, mas também altera a forma de outro ser. (Wolf, 2020, p. 107).

Mas, será apenas maldade ou existiria descuido? Loki sobrepõem aos deuses riscos de perdas substanciais; no roubo de Idunna, seu comportamento de fato leva os deuses à beira da “falsa reciprocidade” identificada como tabu. Com a perda da deusa e de suas maçãs da eterna juventude - objetos identificados como símbolos do poder e a vivificante união sexual - a própria honra masculina e o domínio dos deuses estão ameaçados, ao mesmo tempo, Loki é sempre aquele que desvia o perigo. (SCHNURBEIN, 2015, p. 117-118).

Outro recorte a sua persuasão faz inferência ao corte do cabelo da deusa Sif, pois Loki convence Thor de que conseguiria um cabelo de ouro ainda melhor do que o cortado porque iria crescer tanto quanto, portanto, percebemos seu convencimento a não ser punido por Thor. Mesmo em meio ao medo de ter seus ossos quebrados há um grande teor de persuasão advindos de sua capacidade de saber lidar bem com conflitos e solucioná-los de forma repentina.

Tendo como último apontamento importante, detalhamos sua capacidade de convencimento na jornada com os filhos de Ivaldi, deixando a perceber de forma audaciosa sua demonstração aos valores dos objetos preciosos que ele desenvolveu como uma forma de ganhar a aposta dos anões e uma compensação aos deuses pela perda do cabelo de Sif, mesmo não havendo sucesso na tentativa, ele também propõe que os deuses se convençam sobre seus objetos na tentativa de sair ileso da aposta. Nesse recorte sua compenetração ocorre pela necessidade de ganhar dos anões em possuir os melhores presentes ofertados, mesmo sendo derrotado na criação dos presentes, ele utiliza do seu recurso de persuasão para com os deuses.

No que tange sua persuasão entre as *Eddas* fica notório uma prevalência maior na *Edda Poética* e um pouco menor na *Edda em Prosa*. Demarcando suas principais ações de genialidade, induzimento e convicção nas narrativas mais antigas, entretanto é percebida na prosa também, mas não tanto quanto na *Edda Poética*.

3.10. Alimentação

Quando se fala em alimentação na Era viking encontramos algumas particularidades e formas diferentes de preparação dos alimentos a carne assada tinha no imaginário dos povos nórdicos um símbolo de poder e força, esse tipo de alimento era algo preferencial para alguns deles dentro do contexto onde esses povos residiam. Os povos nórdicos que moravam no campo possuíam uma predileção a comer as carnes cozidas em água ou cerveja, eliminando assim a força a qual eles acreditavam existir na carne. Enquanto isso, os guerreiros apreciavam a carne assada em grelhas ou em espetos diretamente ao fogo, porque elas estariam mais conservadas em sabor e mais cruas, obtendo assim, um pouco de sangue delas ocasionando um teor prevalente de nutrientes para eles possibilitando o manutenção da força. (CAMPOS, 2018, p. 30).

Essas maneiras diferentes eram baseadas de acordo com cada grupo social porque os camponeses, por exemplo, precisavam trabalhar muito tempo, então eles escolhiam preparar a própria comida optando pelo método do cozimento, permitindo que eles pudessem trabalhar enquanto a comida cozinhava, não havia a necessidade de alguém ficar vigiando a comida enquanto eles trabalhavam. (deixavam pedaços grandes e duros com legumes e verduras cozinhando na água por horas a fio em grossos pesados caldeirões de ferro, não havendo um cuidado cauteloso em seu preparo). Outro elemento importante era o caldo, pois ele servia como acompanhamento ao pão, pois mesmo velho ou duro, amolecia permitindo que a refeição ficasse substancial e mais gustativa. (CAMPOS, 2018, p. 31).

As carnes assadas possuíam uma predileção dos nobres, sendo preparada em grelhas ou espetos, exigindo mais cautela na hora do seu preparo. O fogo devia ser controlado porque poderia queimar a carne, um fogo mais brando deixaria a carne dura e com uma textura pouco apreciada. Entretanto, a carne assada não reflete apenas em um gosto propriamente dito de provar um alimento: ela indica que os grupos sociais com maior influência, além de possuírem acesso a carnes mais nobres, podiam contar com os serviços para prepará-la, preocupando-se apenas com a degustação. (CAMPOS, 2018, p. 31).

Tendo como pressuposto a alimentação na Era Viking e os seus contextos sociais, indicaremos algumas aparições nas narrativas míticas sobre alimentação nas histórias contadas com a presença de Loki, encontramos na *Edda Poética, Thrymskvida*: [24] e [25]. Nessa narrativa é descrito Thor transvestido de noiva indo a terra dos gigantes em busca do seu martelo que estava sob a posse do gigante Thrym. Ao chegar para os festejos do “casamento” entre o gigante e “Freyja” (Thor transvestido) encontramos grande rigor na alimentação excessiva de Thor nesses festejos, possivelmente teria relação com a raiva do gigante ou pelo simples objetivo de ficar mais forte ao alimentar-se com o foco de destruir o gigante e pegar seu martelo. Vale ressaltar que não só sua alimentação ficou excedida como a bebida nessa narrativa. Nesse mito é percebida a astúcia de Loki ao defender os comportamentos vorazes e glutões de Thor ao serem percebidos pelo gigante na alimentação da “noiva” dizendo que ela estava sem comer há alguns dias e essa seria uma forma de enganar mais uma vez o gigante, obtendo mais confiança do mesmo. Nesse poema não é relatado como Loki se comporta em detrimento de sua alimentação, traremos mais adiante alguns trechos onde é percebida sua maneira compulsiva no que tange a alimentação.

Um dos recortes mais elementares de Loki correspondentes a alimentação encontra-se no *Gylfaginning*: [43-4] e [44-5] iniciado em uma aventura Thor e Loki viajando com os bodes a casa de um camponês. Entretanto, ao chegarem lá, Thor abate suas cabras esfolando e colocando as cabras na panela (nesse caso percebemos que a refeição é um cozido alimento mais utilizado na alimentação dos camponeses) Loki e Thor fazem a refeição juntamente com todos que residiam com o camponês (Tjálfí e Roskva) quando terminassem de comer eles deveriam jogar os ossos sob a pele dos bodes que se encontrava ao lado fogo, mas no fim, o filho do camponês percebeu que um dos ossos estava lesionado. Com esse desfecho, Thor acaba ficando bastante enfurecido e levando os filhos do camponês pelo desastre que ocorreu com uma de suas cabras trazendo-os com Loki em meio as suas aventuras e viagens para a terra dos gigantes. Supomos sobre a forma como é preparada a carne devido a estarem na casa de um camponês, portanto eles à sua maneira preparavam a carne como um cozido.

Dando seguimento a alimentação é vista as aventuras a viagem de Loki e sua competição em Útgard. O gigante Utgard-Loki era lembrado como um ser extremamente traiçoeiro e envolvido na magia, mas, ao perceber a chegada de Thor, Loki e Tjálfí chegam em Útgard e decidem propor a participação deles nas suas competições para testar os quão espertos e ávidos eles poderiam ser. Loki em meio as suas astúcias e audácias propõem o desafio de que não existiria ninguém que pudesse comer mais do que ele, fazendo com que o gigante chamasse Logi para competir com ele. Nessa narrativa é percebido que eles se alimentam no chão e comem copiosamente sem parar as carnes e até os ossos: uma bandeja é trazida ao chão cheia de carne onde eles se encontram no meio de uma trincheira provavelmente o lugar onde não havia mais carne diante da comilança deliberada. No fim,

Loki perde a competição para Logi por meio da magia de Utgard-Loki, porque ele assumiu no final da competição ao deus Thor, fazendo com que seja compreendido que Loki possuía um teor de influência na alimentação, pois ele competiu e comeu como um guerreiro come, ou seja, de forma compulsiva indicando sua influência preponderante entre os deuses.

Um adendo importante sobre o contexto social no que tange a alimentação para o povo nórdico se baseia em como a carne era servida: gigantes preparavam e serviam a carne, dando a entender que os gigantes possuíam uma condição mais abastada, pois eles não precisavam manipular seu alimento tendo pessoas que podiam prepará-los além de que esse público social possuía as melhores carnes e a preocupação central seria apenas com a degustação, nesse caso eles apenas deveriam comer e competir entre eles. Nesse recorte evidenciamos o comportamento guloso de Loki ao comer intensamente rápido dando a entender suas aproximações ao deus Thor no qual é conhecido por demonstrar atitudes de comilança, pois ele é considerado um guerreiro influente e forte. Essas características segundo a sociedade nórdica, trazem conexões principalmente com o tipo de alimento preparado (carne assada) sendo esses elementos dignos de força, resistência e influencia entre os guerreiros.

No *Skáldskarpamál*: [56-7] e [17-18] e [18] complementa ainda sobre alimentação descrevendo mais uma aventura de Loki com os deuses: Odin e Hoenir. Nesse relato, é visto a fome evidenciada entre eles porque parecem andarilhos pelas florestas em busca de alimento e caminham sem direção lembrando um comportamento de nômades. Eles encontram um vale e lá vislumbram bois, ao chegar lá, eles fazem um fogo e tentam assar um desses animais. Percebe-se que o tipo de carne era um assado, estando conectada ao tipo de alimentação na qual os guerreiros costumeiramente tinham como predileção obtendo delas o teor de força e quantidade de fibras necessárias pelas próprias sobrevivências em regiões remotas como é descrito na prosa. Nesse relato uma águia (gigante disfarçado) não deixa o boi assar comprometendo o fogo e impedindo o cozimento do boi e ainda manipula-os dizendo que o fogo só ligaria caso ele tivesse sua parte do boi. Como consequência disso, ocorre uma briga entre o gigante e Loki ocorrendo uma possível queda de Loki, permitindo através da persuasão do gigante outro teor de dívida para Loki: Thjazi pouparia sua vida se ele levasse Idunna para Asgard. Com isso, é possível afirmar a ação de Loki ao levar Idunna para Asgard tem muito mais relação com se manter a salvo do que pura malignidade ou teor egoísta. Na realidade, ele não pensa em prejudicar os deuses, mas arrumar uma maneira de sobreviver de tamanha altura depois da briga pelo boi, cabe refletirmos sobre qual foi o teor de ação e objetivo dele nessa empreitada.

Loki também passa por um tipo de privação (punição) na alimentação no *Skáldskarpamál* [18] ao ir as cortes de Geirrod, Loki em forma de pássaro é perseguido por um dos servos de Geirrod e ao ser pego depois de muito trabalho é aprisionado e passa três meses sem comer (não se sabe até que

ponto os deuses podem ficar sem se alimentar, mas Loki ficou três meses). Após isso, ele assume para Geirrod quem ele é em meio ao desespero por medo de perder sua vida. Garante trazer Thor as cortes do gigante sem a presença dos seus instrumentos poderosos: o martelo e as luvas. Thor ao falar com a gigante Grid descobre o quanto o gigante é um ser complexo e vai até lá com os objetos cedidos por ela (cinto e as luvas) e salva Loki nessa passagem. Nesse outro ponto, percebemos o quão forte e frágil pode parecer Loki pela sua privação ao passar tanto tempo sem se alimentar e por outro sem conseguir mais aguentar e pelo temor de ser eliminado, cede aos desejos do poderoso Geirrod: não que ele queira prejudicar Thor, mas pelo seu extinto de sobrevivência (autopreservação) ele decide comprometer a vida do Aesir para se safar da situação, no final dessa história, Thor salva Loki nas posses do gigante e os dois voltam para Asgard.

No que tange a alimentação, é visto alguns pontos onde Loki apresenta características de um ser glutton ligado a comunidade guerreira, mesmo que seja apenas pelo teor de competição onde sua aspiração se volta ao ganho de influência e notoriedade dos gigantes e até mesmo dos deuses. Entretanto, como seu foco principal é conseguir superar os desafios impostos, é desenvolvida sua capacidade de alimentação para adquirir tal referência, sem contar com seu teor de resistência a privação pelo alimento, sendo outro elemento superado através da sua autopreservação porque quando ele se sente prejudicado ou ameaçado em qualquer circunstância ele simplesmente se esquiva e tenta sair ileso.

Os elementos qualitativos concernentes a alimentação na análise comparativa estão mais aguçados na *Edda* em prosa à poética. No *Gylfaginning*: [43-4] e [44-5] e *Skáldskapamál*: [56-7] e [17-18] e [18]. A alimentação se envolve em diversos recortes, mas especialmente nas viagens entre Loki e Thor se alimentando de carne cozida na casa de camponeses, logo depois, eles saem em viagem e também comem carne assada na companhia de Odin e Hoenir e em outros momentos nas competições de Loki com Logi indicando a alimentação da carne assada como predileção dos deuses e gigantes.

3.10. Vingança

A vingança aparece nas mais variadas literaturas mitológicas e heroicas, assim como a honra (ambas concatenadas pelos processos de justiça). A *Volsunga saga*, como exemplo, exprime histórias contendo conteúdos importantes sobre esses elementos. Portanto, com a chegada da cristianização as sociedades não tinham uma unificação de normas ou leis e por isso a forma de organizar a sociedade

era feita pelo modo da violência em cada indivíduo por um determinado grupo influente do povo. A violência estava muito mais imersa na cultura do povo nórdico em comparação a outros países que eram cristãos, por isso, eles já estavam acostumados um pouco mais com grande teor de violência ou vingança. Se formos pensar nas incursões dos povos nórdicos pela vingança podemos captar o quanto eles estavam adaptados a esses contextos porque faziam parte da vida cotidiana deles. (PALAMIN, 2015, p. 42-46).

Portanto, um sistema social que utiliza de vingança para normatizar as normas e regras poderia contar com a troca de dádivas em que as lanças são jogadas contra uma pessoa são “presentes” que devem ser retribuídos, assim como os insultos ou ossos quebrados. Na Escandinávia a vingança de sangue (*blood feud*) era um princípio de regra bastante utilizado quando as pessoas não conseguiam entrar em um acordo de paz, ocasionando pelo rei reconciliá-los através da luta pela espada, aquele que sair vivo é considerado o que está com a razão e esta é a decisão final do rei. A honra também é um elemento moral de extremo valor para o povo nórdico pois está envolvido com uma cultura onde a coragem, lealdade e força estão intimamente conectados ao seu povo. A reputação é algo na imagem social nórdica extremamente relevante. (PALAMIN, 2015, p. 45).

Retornando as *Eddas*, encontramos grande conteúdo correspondente a vingança nas narrativas envolvendo Loki nas suas ações, consequências importantes de vingança e até como os deuses e gigantes costumam tratá-lo. Em seu início nas seções *Edda Poética, Voluspá*: [34] e [49]. Existem dois versos em que a vingança é unilateral: no primeiro verso está relacionada ao castigo de Loki ao está prostrado debaixo de um arvoredos e Sigyn está lá sentada ao seu lado. No segundo verso, envolve a vingança de Loki contra os deuses, pois é descrito que ele pilota um barco que vem do Leste (os filhos de Múspell) e as hostes pelo mar juntamente com ele, indicando que Loki está ao lado dos gigantes delimitando sua posição ao enfrentá-los e indicando vingança de sua parte para com os deuses.

No *Lokasenna* versos: [31], [39], [41], [43], [49], [57], [61] e [63]. Em destilações verbais de ofensas no salão de Aegir, Loki é da mesma maneira encurralado ao ser extremamente ameaçado pelos deuses. Bragi ameaça-o dizendo que vai arrancar a cabeça dele. Frigg ameaça-o. Freyr lembra do que irá acontecer com ele no Ragnarök. O próprio servo com o nome de Byggeir diz que se pudesse o esmagaria e o mutilaria. Skadi lembra a Loki do seu castigo com as entranhas do seu filho (Nari) e que o seu humor irá desfalecer. E por fim e a única coisa que o paralisa: o deus Thor. Ele encurrala Loki e promete vingança caso ele não parasse de agir de forma irresponsável no salão com todos os deuses.

Na *Edda em Prosa*, nas seções do *Gylfaginning*: [34], [42] [42-3], [49,51]. Encontramos nuances de Loki associadas a vinganças principalmente do que vem dos deuses para com ele. Diante

dessas vinganças a primeira está associada a serpente (Jormungand) onde Odin joga a serpente do mar e Jormungand envolve o mundo, além de colocar Hel no submundo para cuidar daqueles que ali estão alojados. Nessa narrativa percebe-se que Odin como forma de punição, executando o banimento imediato dos seus filhos exprimindo uma possível vingança a ele ao perceber que os seus filhos poderiam ocasionar algum tipo de malignidade e caos aos deuses de Asgard.

Ainda nas seções do *Gylfaginning* na construção dos muros de Asgard, percebemos que há uma vingança sobre o construtor advinda do deus Thor. É notório que existe uma autoridade suprema para com os deuses e sua insatisfação com os gigantes, levando a considerar um elemento de vingança ao construtor, mas também é notado nesse recorte, a conexão a Loki, pois ele sofre represálias dos deuses em detrimento da desconfiança temida por eles a respeito do seu caráter. Outros elementos correspondentes a vingança, pode ser percebido na morte de Balder onde Loki foge mais uma vez e constrói uma casa com quatro lados, mas é descoberto e foge para uma cachoeira e transforma-se em um salmão. Entretanto, os deuses o capturam pois ele é pego por Thor. Elementos de vingança correspondentes ao Ragnarok estão contidos na libertação do lobo Fenrir pois é lembrado que todos os grilhões e amarras se romperão. Inclusive o próprio Loki será liberto das amarras que compõem o seu castigo. E que haverá vingança pois Heimdall lutará com Loki no final e cada um deles será a morte do outro.

No *Skáldskarpamál*: [34-5] [35-6] [37-9] e [39-40]. Encontramos a vingança nas narrativas de Loki quando é pego pelo gigante Geirrod e aprisionado. Thor ameaça Loki de quebrar seus ossos caso Sif não tenha seu cabelo intacto novamente. Os anões também pedem por vingança na aposta dos presentes aos deuses, pois Loki havia perdido o desafio. Querem a cabeça dele a qualquer custo. Nesse caso sua boca é costurada como forma de reparar a vingança porque ela não saiu como planejada. Em todo o momento Loki se esquivava das vinganças ocasionadas pelo próprio desafio proposto por ele, não aceitando e resistindo encarar suas próprias consequências.

Cabe lembrarmos sobre o elemento de vingança sobre a costura de sua boca pelos anões como punição elementar. Seria uma possibilidade de bloqueio do seu alter ego. Este sopraria as brasas para estimular o fogo sendo considerado entre os deuses o mais ativo do público medieval. (HEIDE, 2011, p. 63-106).

No episódio do pagamento pela lontra (a morte do filho de Hreidmar) é visto grande teor de vingança quando os anões fazem Odin, Loki e Hoenir de prisioneiros amarrando-os até que seja feita justiça pela morte do seu filho Otter. Loki nessa narrativa é um facilitador da vingança porque foi mandado por Odin ao mundo dos elfos negros com o objetivo de conseguir livrá-los do castigo após trazer o ouro (recompensa) e logo depois os filhos ficam com o ouro como vingança ao seu próprio pai devido a maldição do anel Andvaranaut.

Portanto, as análises qualitativas demonstram que a *Edda Poética* possui o maior conteúdo relacionado a vingança se comparada à *Edda em Prosa*, provavelmente Snorri pretendia diminuir esses contextos de negativos sobre vingança e rivalidade entre as audiências cristãs no objetivo de uma melhor aceitação e entendimento dos mitos antigos no período da cristianização, mesmo sabendo que para os povos nórdicos esse tipo de justiça social era costumeiro, entretanto a sociedade estava em pleno teor de mudança e precisaria de novos elementos para se adaptar ao novo cotidiano.

3.14. Castigo

Um último elemento extremamente importante nas passagens de Loki nas *Eddas* corresponde aos castigos sofridos nas suas narrativas. Esses conteúdos de punição nos levam a entender que a figura de Loki trapaceia, faz piada, desafia, rouba, causa sentimentos de raiva, vingança, desordena os deuses, organiza depois e como consequência a todas essas ações advém as retaliações: elemento iminente e crucial nas suas empreitadas nas narrativas vislumbradas.

Portanto, o castigo é contemplado muitas das vezes como forma dos deuses ou anões fazerem justiça sobre determinada atuação particular de sua figura gerada por uma consequência incitada. As punições levam Loki a obter um pouco de consciência ou freio pela sua intemperividade detalhada e como forma de justiça. Sobretudo, mesmo havendo punições que apresentem encarceramento, boca costurada, ser amarrado, passar fome, entre outros. Loki é até onde sabemos, completamente insaciável nas suas façanhas, incessante nas artimanhas e sem limites de decisões.

Na *Edda Poética, Volúspá*: [34] encontramos a primeira aparição de Loki e seu castigo. Loki encontra-se prostrado embaixo de uma árvore. Na *Edda em Prosa* as suas aparições repercutem nas seções: [42], [42-3] e [49-51] ao apresentarem sua fuga ao se transformar em salmão, cabe ressaltar que essa é uma maneira na tentativa crucial ao se esquivar do seu castigo, no entanto, é percebido que diante de todas as punições ofertadas a Loki, essa é a única na qual ele não consegue escapar verdadeiramente após sua captura em detrimento da morte de Balder, ele mereceria uma morte maligna e sem piedade. Um pouco adiante, Loki teria sido capturado para uma caverna onde estaria sendo castigado. Enquanto na *Edda Poética* é descrito que seu castigo seria debaixo de um arvoredo, na prosa Loki estaria em uma caverna. Essa informação principalmente na *Edda Poética* fica subentendida. Mas o que conecta as duas referências entre as duas leituras fazem menção que ocorre o castigo em ambas, deixando essa característica muito bem definida.

No *Skáldskarpamál* em suas respectivas seções: [8-16], [17-18], [18], [34-5], [35-6], [37-9], [39-40] e [56-7]. Elencam recortes sobre como poderia ser o seu castigo. Uma das formas de ter seu nome como o “amarrado” devido ao castigo. Em outra aparição o gigante Geirrod trancou ele em um baú onde ele fica preso em torno de três meses na terra dos gigantes. “Como castigo Loki teve seus lábios costurados e rasgou as bordas. Foi também utilizada a correia por Brokk para cortar a boca de Loki chamada Vartari, essa punição só pode ser concretizada porque Thor entrevistou e conteve Loki, além de ser relatado que a boca de Loki era difícil de ser furada e por isso usaram a correia e um furador para a resolução da punição.

Outro ponto onde encontramos elementos de castigo delimita-se na prisão de Loki, Odin e Hoenir pelos anões como pagamento pelo aprisionamento, Odin propõem a ida de Loki à terra dos anões, chegando lá, Loki vai para pedir o ouro pela lontra como compensação (filho de Hreidmar morto por Loki). O anão o qual estava na forma de um peixe, ameaça-o e afirma que se ele levar o anel todo o castigo e destruição mortal de vingança irão acontecer com quem possuir o anel, mas mesmo assim, ele desafia o anão e leva o anel para Odin sem nenhum medo do possível castigo. Vale ressaltar nesse ponto o direcionamento da maldição do anel a Loki pois ele é o responsável por capturá-lo do anão e por esse motivo ele mais uma vez seria castigado.

Em outro momento, Thjazi ao descobrir que Idunna não está em casa descobre que Loki levou-a para Asgard e a partir disso, ele voa e tenta capturar Idunna e obter a vingança pela trapaça de Loki, mas ao chegar lá, os deuses não permitem a sua entrada fazendo uma fogueira e queimando as penas da águia, depois disso, mataram Thjazi assim que ele caiu ao chão. Mesmo Loki possibilitando a ajuda aos deuses ele sofreu consequências pelo sequestro de Idunna “Loki foi preso e levado à assembleia e foi ameaçado de morte e tortura.” Nesse ponto seu castigo está ligado a prisão deixando a entender que devido ao sequestro da deusa mesmo ele ajudando com o regaste dela haveria algum tipo de penalização.

Por conseguinte, notamos a presença tanto na *Edda em Prosa* como na *Edda Poética* a respeito dos elementos relacionados ao castigo, portanto em todos eles há alguma ação negativa que é seguida de vingança até o castigo, sendo o produto final das inferências. O castigo funciona assim como a categoria social nórdica de penalização requerendo justiça por um ato considerado inaceitável. Dentre esses fatores que causam falta de honra encontramos: a traição ao seu povo ou comunidade, trapaça (enganar a alguém), morte (matar alguém que pertence ao seu convívio social sem que seja por justiça), roubar algo não pertencente ou destruir algo, entre outras coisas não aceita pelos deuses, elfos e gigantes. Todos esses fatores estão dentro dos fatores sociais sendo refletidos nos mitos.

Sobretudo, parece que Loki não costuma se importar com a honra gerada no imaginário dos deuses simplesmente agindo com características que se baseiam em sua autossatisfação e

compensação em momentos chave para ele. Finalizamos acreditando que Loki não aceita as regras criadas como um meio de organizar e manter uma sociedade, como conseguimos viver sem regras? Entretanto, Loki quebra ou altera as regras criando seu próprio modo de regular a realidade mesmo em meio as ilações sofridas dentro dos mitos onde ele é encontrado.

Portanto o castigo na *Edda em Prosa* é mais contundente se compararmos à *Edda Poética*. Se pensarmos na cristianização nórdica podemos entender que a obra de Snorri trazia um Loki muito mais castigado por seus atos caóticos, sexuais, amorais e impulsivos se formos compará-lo à *Edda Poética*, porque ele também é castigado, entretanto, o teor qualitativo do castigo é bem menor. Provavelmente poderia ter sido uma tentativa de Snorri ao tratar o Loki pré-cristão com conteúdo de punição e castigo mais excessivo pelo novo contexto social que estava se formado entre povos nórdicos porque ele mesmo tinha grande influência entre a sociedade nórdica naquele no período da cristianização.

4. Considerações finais

Mediante ao exposto, objetivamos elucidar as considerações desse trabalho, resgatando hastear o problema de pesquisa onde perguntamos se Loki ou o gigante da mitologia nórdica, apresenta legitimamente aspectos ou traços de um trickster ou quais seriam as características associadas a sua figura, portanto, chegamos à conclusão de que além das características de mudança de forma, astúcia, irreverência, manipulação e potencialidade de possibilitar a ordem X caos, propomos a cessação de que essas não são as únicas aproximações simbólicas dentro das narrativas encontradas dentro do método comparativo proposto por Shojdth.

Sobretudo, Loki também é visto como um ser com diversas características além das que estão imbrincadas ao trapaceiro cultural. Dentro das análises, foram percebidas suas funções como dominador central do diálogo entre os deuses (nas passagens onde é vislumbrado), mestre da linguagem, controlador da ordem social como forma de perceber a realidade das coisas 'a finitude não aceita pelos deuses em alusão a morte do deus Balde, ser sarcástico nas aparições fortemente vislumbradas na sua querela com os deuses, seu caráter cômico ao utilizar do humor para cessar a vingança da gigante Skadi, o caráter comportamental ligado a alimentação e trazendo à tona seu caráter competitivo além de ligá-lo a comunidade guerreira, os seus traços ligados a sexualidade

intimamente conectando Loki a uma figura fluida e criadora de seres sobrenaturais legitimando seu poder e influência como sujeito mitológico entre outras descobertas no método comparativo.

Nas tradições finlandesas como as do *Noaidi* do povo Sámi, ele estaria associado ao voo xamânico e associado ao vento. Além das comparações relacionadas a sexualidade onde a forma como ele pariu o Sleipnir estar associada a um xamã que deu à luz a um cavalo em sua comunidade. Essas associações se remetem ao episódio de Thjazi e sua inaptidão ao acender o fogo e o sequestro da deusa Idunna, comprometendo a vitalidade e potencialidade dos deuses em Asgard, estando, portanto, com o controle de situações emblemáticas e conflituosas. Loki não se mantém em um caráter totalmente ambivalente, pois em algumas narrativas ele compõe traços mais positivos enquanto em outras ele mantém padrões mais negativos.

Em outras associações, Loki estaria ligado a um ser intermediário, liminar, fluido, estando entre as bordas “não podendo segurá-lo, pois ele escorre em suas ações”. Ele também muda de forma em sua transformação em uma égua e oscila entre o gênero feminino e masculino, sendo características potenciais do trickster, mas não apenas por isso. Sobretudo também, ele é responsável por possuir objetos valiosos e obter a centralização da astúcia e poder em cena no seu comportamento, possui também o poder da linguagem eloquente para persuadir, Loki detém o humor irreverente, mesmo quando sofre consequências consideradas punitivas, como no episódio de Skadi. Além de possuir centralização de notoriedade, tem potencial criativo de argumentação com os deuses, sendo vivenciado no conflito no Lokasenna, em que é reprimido apenas pelo deus Thor que parece ser o único que expressa a sugestão “freio social” ao qual Loki consegue perceber.

Portanto, sabemos que Loki ocasionou diversos problemas entre os deuses, entretanto, ele recuperou a ordem, os objetos valiosos, construiu ou possibilitou ideias de objetos e lugares, desempenhou diversas empreitadas e solucionou diversas situações preocupantes. Sua figura não precisa expressar ou sucintamente significar um único viés ou elemento simbólico de causa crucial. Percebemos nessa análise comparativa que a *Edda* de Snorri trouxe padrões mais negativos de sua figura, seja para diminuir suas influências míticas na sociedade que já estava cristianizada ou para ganhar mais adeptos cristãos. Não sabemos até que ponto Snorri utilizou do seu material literário para ensinar sobre os mitos antigos porque em muitas dessas comparações, esses traços perversos foram intensificados, seja em um tom de sua obra ser possivelmente conhecida em locais da Escandinávia ou para catequizar novas pessoas que estavam se adaptando ao novo estilo de vida religiosa da época.

Alguns dos resultados encontrados na análise dos dados em uma forma mais sucinta e compreensiva se baseiam em um Loki previamente trapaceiro na *Edda* em Prosa, enquanto, sua forma mais sarcástica encontra-se em sua maioria nas narrativas da *Edda* Poética, sua fluidez de gênero e, ou mudança de forma, encontram-se com maior teor na *Edda* em Prosa, sua ordem permanece

equiparada em ambas as narrativas. Contudo, o caos é previamente relevante na *Edda* em Prosa, sua astúcia e amoralidade são percebidas bem delimitadas na *Edda* Poética, enquanto os elementos de culpa, castigo e vingança estão em sua grande maioria na *Edda* em Prosa. A alimentação também se mostrou crucial entre as narrativas estudadas tendo destaque primordial as narrativas da *Edda* em Prosa.

Em síntese, Loki continuará a ser uma divindade cheia de imprecisões e exprimirá o enigma ao contexto dos povos pré-cristãos. Entretanto, ao vislumbrá-lo dentro da sociedade do século XIII, percebemos um caráter previamente negativo em seus aspectos estudados e apresentados, todavia, o ás continuará possibilitando questionamentos e respostas as suas características essenciais enquanto ser pertencente a mitologia pré-cristã antiga e sumamente valiosa para os nórdicos.

6. REFERENCIAS

Fontes

LARRINGTON, Caroline. *The Poetic Edda* – Translated with an introduction and notes by Caroline Larrington. Oxford University Press: United Kingdom. 2014, p. 4-12, 80-92, 93-97.

FAULKES, Anthony. *Edda Snorri Sturluson*. translated and Edited by Anthony Faulkes. University of Birmingham. Library: Everyman. 1995, p. 1-164

Bibliografia

ABRAM, Christopher. Mitos do norte pagão. Os deuses nórdicos. Rio de Janeiro. Editora: Vozes, 2019. Pp. 15-263.

ANDREASSON, Frida. *Entregando as rédeas para o trickster*. Uma análise narratológica da construção de confiabilidade em o evangelho de Loki, de Joanne M. Harris. Instituição para idiomas e literatura: Universidade de Gotemburgo. 2016.

AYOUB, Munir. Lutfé. Cristianização na Escandinávia. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História das religiões na Antiguidade e Medievo*. Rio de Janeiro: Editora: Vozes. 2020. p. 103-108.

AYOUB, Munir Lutfé. *Dicionário de História das religiões na Antiguidade e Medievo*. Cristianização na Escandinávia. Rio de Janeiro. Editora: Vozes, 2020, p. 103-108.

AYOUB, Munir Lutfé. Toponímia Escandinava. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 522-523.

BELLOTTI, Karina Kosicki. História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 55, 2011, p. 13-43.

BOYD, Brian. *On the origins of stories: Evolution, Cognition and Fiction*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009.

BRITO, Ênio José da Costa. *Introdução à parte IV; Compêndio de Ciência da religião*. USARSKI, Frank, PASSOS, Décio. J.[org.] São Paulo: Ed. Paulinas, 2013. p. 439-441.

CAMPOS, Luciana de. Alimentação. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking* São Paulo: Editora. Hedra. 2018. p. 30-34.

CAMPOS, Luciana de. Literatura e Mito na Escandinávia Medieval. Aspectos da Mulher Guerreira na Saga de Hervör. 2018. Tese de doutorado. Letras. UFPB. João Pessoa. 05/04/2018. p.35-39.

CAMPOS, Luciana de. Aparências e costumes. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking* São Paulo: Editora. Hedra. 2018. p. 51-53.

CHRISTIANSEN, Eric. *The Norseman in the Viking Age – The People of Europe*. Oxford. Blackwell. 2006. p. 125-131.

DAVIDSON, Hilda Ellis. *The Lost Beliefs of Northern Europe*. London/New York: Routledge, 1993.

DEACON, Terrence W. *The Symbolic Species, the Co-evolution of Language and the Brain*. New York: Norton, 1997.

FERNANDES, Cordeiro Lucas José. Canuto, o grande. *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. Org. Johnni Langer. São Paulo: Editora. Hedra. 2018, p. 143-145.

FROG. Mythic Discourse Analysis: from formal principles to social alignments and interactions. SAMPAIO, Victor Hugo. Alves. *A análise do discurso mítico: dos princípios formais aos alinhamentos sociais e interação*. Tradução Scandia: medieval norse Studies, n. 4, 2021, p. 346-435.

HEIDE, Eldar. *Loki, the Vätte, and the Ash Lad: A Study Combining Old Scandinavian and Late Material*. Revista: Viking and Medieval Scandinavia, v.7, 2011, p. 63–106.

HYNES, William J. & DOTY, William G. *Mythical Trickster Figures contours, contexts and criticisms*. Tuscaloosa, University of Alabama press, 1933, p. 1-66.

HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 439-441.

HOWARD, Arianne Marie. *The Loki model: transcending the trickster*. Florida state university college of arts and sciences. ed: Proquest, 2016, p. 2-12.

LANGER, Johnni. Edda em Prosa. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015a, p. 143.

LANGER, Johnni. Eclipses e mitos nórdicos. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015b, p. 143-145.

LANGER, Johnni. Escaldos. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015c, p. 166.

LANGER, Johnni. Era Viking. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015d, p. 165-167.

LANGER, Johnni. Sif. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015e, p. 459-460.

LANGER, Johnni. Thor. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015f, p. 495-496.

LANGER, Johnni. Mjöllnir. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015g, p. 301.

LANGER, Johnni. Gunnlod. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015h, p. 226-229.

LANGER, Johnni. Hákonarmál. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015i, p. 229-230.

LANGER, Johnni. Hel. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015j, p. 342.

LANGER, Johnni. Hyrrokkin. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015k, p. 262-263.

LANGER, Johnni. Loki. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015l, p. 281-287.

LANGER, Johnni. Niflheimr e Niflhel. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015m, p. 331-332.

LANGER, Johnni. Ragnarök. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015n, p. 391-395.

LANGER, Johnni. Sagas Islandesas. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015o, p. 441-442.

LANGER, Johnni. Sagas Lendárias. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015p, p. 443-444.

LANGER, Johnni. Seidr. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015q, p. 451-453.

LANGER, Johnni. Valhalla. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015r, p. 532-536.

LANGER, Johnni. Voluspá. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015s, p. 555-556.

LANGER, Johnni. *Contestação de uma historiografia dos estudos nórdicos brasileiros: Resenha: Um ensaio historiográfico sobre a Escandinavística brasileira de Lukas Grzybowski e Renan Marques Birro*. Scandia Journal of Medieval Norse Studies n. 2, 2019, p. 510-521.

LANGER, Johnni. Escandinávia. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018a, p. 226-229.

LANGER, Johnni. Sexo e Sexualidade. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018b, p. 631-638.

LANGER, Johnni. *Teorias e métodos para o estudo da mitologia nórdica*. Rever, n. 1, p. 235-270, 2018a.

LANGER, Johnni. Cultura e Religiosidade. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História das religiões na Antiguidade e Medievo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2020, p. 145-149.

LANGER, Johnni. *As religiões nórdicas da Era Viking – símbolos, ritos e deuses*. Rio de Janeiro: Vozes, 2023, p. 125-131.

LARRINGTON, Caroline. *Os mitos nórdicos – um guia para os deuses e heróis*. Tradução Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2022.

LINDOW, John. *Norse Mythology – A guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs*. New York: Oxford University, 2001.

MARTTIE, Rodrigo Mourão. Templo de Uppsala. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 487-489.

MALTAURO, Marlon Ângelo. Balder. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015a, p. 53.

MALTAURO, Marlon Ângelo. Heimdallr. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015b, p. 238-240.

MENINI, Bianconi Vitor. Sámi, Fínicos e Nórdicos In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, p. 621-625.

MIRANDA, Pablo Gomes de. Sagas Reais. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015a, p. 445-447.

MIRANDA, Pablo Gomes de. Snorri Sturluson. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015b, p. 476-478.

MIRANDA, Pablo Gomes. Nórdicos da Era Viking. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História das religiões na Antiguidade e Medievo*. Rio de Janeiro: Editora: Vozes. 2020. p. 427-430.

MIRANDA, Pablo Gomes. *Völuspá, a profecia da vidente: notas e tradução*. Scandia: Journal of Medieval Norse Studies 1, pp.178-206, 2018.

MOOSBURGUER, Théo de Borba. *Sagas islandesas: Saga dos Volsungos*. São Paulo: Hedra, 2009.

NEVES, Leandro César Santana. Kiev. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, p. 453-455.

NOGUEIRA, Paulo Augusto. Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais. In: PASSOS, João Décio e USARSKI, Frank. (org.) *Compêndio de Ciência da religião*. São Paulo. Paulinas, 2013, p. 443-45.

OLIVEIRA, Leandro. Freyja. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História das religiões na Antiguidade e Medievo*. Rio de Janeiro: Editora: Vozes. 2020a. p. 210-213.

OLIVEIRA, Leandro. Religião. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História das religiões na Antiguidade e Medievo*. Rio de Janeiro: Editora: Vozes. 2020b. p. 476-482.

OLIVEIRA, Leandro. Lindisfarne. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking* São Paulo: Editora. Hedra. 2018. p. 476-478.

PALAMIN, Flávio Guadagnucci. Idunna. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015a, p. 264-267.

PALAMIN, Flávio Guadagnucci. Skadi. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015b, p. 470-471.

PALAMIN, Flávio. Guadagnucci. *Loki como representação do caos e da ordem na mitologia Viking*. Congresso Nacional de História, Universidade Estadual do Maringá, 2015, p. 1-12.

PALAMIN, Flávio. Guadagnucci. *Representações de Honra e Vingança na mitologia nórdica*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, ano. VIII, n. 23. 2015 p.42-46.

POILVEZ, Marion. Lokasenna. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015a, p. 278-280.

POILVEZ, Marion. Skadi. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015b, p. 470-471.

PRICE, Neil S. *The Viking Way: Religion in late iron age Scandinavia*. Sweden: University Uppsala, 2002.

QUEIROZ, José J. Mito e suas Regras. In: PASSOS, João Décio e USARSKI, Frank. (org.) *Compêndio de Ciência da religião*. São Paulo. Paulinas, 2013, p. 449-507.

RADIN, Paul. *The Trickster – A study in American Indian Mithology*. London: Routledge and Kegan Paul, 1956.

ROCHA, Carlos Oswaldo. Aegir. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2018, p. 18-19.

ROCHA, Carlos Oswaldo. Sleipnir. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 474-475.

ROSS, Margaret Clunies. *The Old Norse-Icelandic Saga – The Cambridge introduction to*. Cambridge. New York. University press, 2010. p. 37-38

SCHJØDT, Jens Peters; HERMANN; P. MITCHELL, S. *Religions of the North and the Need for Comparativism: Reflections on Why and with What We Can compare*. The Milman Parry Collection of oral Literature. Cambridge: Brepols Publishers, University Aarhus. v.3, 2016, p. 64-185.

SCHJØDT, Jens Peters. *The Reintroduction of Comparative Studies as a Tool for Reconstructing Old Norse Religion*. Turnhout: Brepols, 2017, p. 51–64.

SCHNURBEIN, Stefanie v. *The Function of Loki in Snorri Sturluson*. History of Religions Press Journals. By: The University of Chicago Press. v.40, No. 2. 2000.

TURVILLE-PETRE, Edward Oswald Gabriel. *Myth and Religion. the Religion of Ancient Scandinavia*. Greenwood Press, 1975.

VENÂNCIO, Yuri Fabri. A canção de Thrym. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 510-518.

VILAR, Leandro Oliveira. *Dramatização no Lokasenna*. Mundo Antigo. Ano IV, V. 4, Nº 07, 2015, p. 103-120.

VRIES, Jan de. *The Problem of Loki*. Helsinki: Folklore Fellow Communications 110, 1933.

WOLF, Allison. The Liminality of Loki. *Scandinavian-canadian studies*. v. 27, 2020, p. 106-113.

